

# Grammatica Portugueza

2.º ANNO

PARA USO DO

*Curso médio e do Curso superior*

JULIO PIRES FERREIRA

Doutor em sciencias juridicas e sociaes  
Lente de Portuguez e de Literatura da Escola Normal de Pernambuco

*Obra premiada pelo Governo do Estado e adoptada no Gymnasio Pernambucano e Escola Normal Official, no Collegio Prytaneu, S. Margarida e Escola Propagadora, equiparados á Escola Official, no Gymnasio Ayres Gama, Salesiano, Archidiocesano, Gymnasio do Recife, Collegio Americano Evangelico, Collegio dos Maristas e em outros estabelecimentos de ensino deste e de alguns Estados*

6.<sup>a</sup> edição, refundida



EDITORES

RAMIRO M. COSTA & FILHOS — RECIFE

1921

APMAG

24

EST. 13D

Grammatica

1 LEXEOLOGIA  
(Palavras)

1 Fonologia  
(sons)

Fonetica — sons isolados.  
Prosodia — sons reunidos.  
Ortografia — sons escritos.

2 Morfologia  
(formas)

Taxinomia — classificaçao.  
Camponomia — flexão.  
Etimologia — origem.

2 SINTAXE  
(Orações)

3 Lexica  
(palavras na oração)

4 Logica  
(orações no periodo)



Handwritten numbers: 209, 223, 225, 230, 233, 236, 240, 259, 261, 270, 272.

# NOÇÕES GERAES

## GRAMMATICA PORTUGUEZA

### Suas divisões

**Grammatica**, em geral, é a exposição metódica dos factos da linguagem.

**Grammatica portugueza** é o conjunto das regras pelas quaes é falada, ou escrita, correctamente a Lingua portugueza.

A grammatica se divide em duas partes geraes. *Lexeologia* e *Sintaxe*.

- **Lexeologia** é a parte da grammatica que estuda os sons e as fórmulas das palavras.

Subdivide-se em *Fonologia* e *Morfologia*.

- A **Fonologia** estuda os sons das palavras de tres modos:

Estuda os sons isoladamente: *Fonetica*.

Estuda os sons constituindo palavras: *Prosodia*.

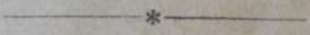
Estuda os sons graficamente: *Ortografia*.

A **Morfologia** estuda as fórmãs das palavras de tres modos :

- Estuda a classificação das palavras : *Taxinomia.*
- Estuda as flexões das palavras : *Camponomia.*
- Estuda a origem das palavras : *Etimologia.*

A **Sintaxe** estuda as relações das palavras umas com as outras na oração, e estuda as relações das orações umas com as outras no periodo.

Subdivide-se em *sintaxe lexica* e *sintaxe logica.*



A sintaxe de uma lingua é tam importante que hoje se julga conituir ella uma parte distinta da grammatica. E' a parte da grammata mais sujeita a influencias individuaes.

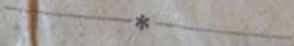
Foram os sabios da Alexandria e os da escola de Pergamo, que estudam o grego de um modo critico, analisando a Lingua, distribuindo em categorias, distinguindo as differentes partes do discurso. Inventam os termos proprios para as diversas funções das palavras, levados a isto pela necessidade de criticar e interpretar os antigos poetas a Grecia.

Appareu depois o sabio Diogenes da Tracia que publicou uma grammatica grega pratica, e a quem se seguiram Varro Flacco, Quintiliano, Pollonio Discolo e outros.

Em Portueuz a precedencia cabe a Fernão d'Oliveira (1536) — *Grammatica da Lingua Portugueza.*

Depois dell se emmeram : João de Barros (1540) — *Grammatica da Lingua Portugueza*; Duarte Nunes Leão (1606) — *Origem da Lingua Portugueza.*

Indicam-se mis : Anaro de Reboredo em 1619 com o *Methodo Grammatical para toda as linguas*; Alvaro Ferreira da Véra em 1631 com a *Orthographiae modo para escrever certo a lingua portugueza.*



**Linguagen**, propriamente dita, é a representação dos nossos pensamentos por meio da palavra.

**Palavra** é a representação de uma ideia.

**Ideia** é a representação de qualquer coisa no espirito.

**Oração**, é o enunciado de um juizo por meio de uma ou mais palavras.

A linguagem póde ser *gesticulada* ou *mimica*, *falada* ou *glotica*, e *escrita* ou *grafica*.

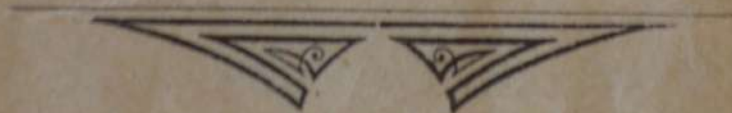
**Gesticulada** é a formada por meio de acenos ou gestos e movimentos do corpo.

**Falada** é a formada por meio de sons articulados, de palavras pronunciadas.

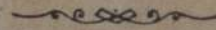
**Escrita** é a formada por meio de caractéres alfabeticos, de palavras escritas.



A linguagem é privilegio exclusivo do homem.  
Embora os animaes vertebrados, que respiram pelos pulmões, possam emitir sons, elles não os podem combinar. Este poder só pertence ao homem.



# FONOLOGIA



**Fonetica:** estuda os sons isoladamente.

**Prosodia:** estuda os sons reunidos formando palavras.

**Ortografia:** estuda os sons graficamente.

transitivo activo  $\pm$  directo

" relativo  $\pm$  indirecto

" activo e relativo  $\pm$  quanto  
(2 objectos)

intransitivo  $\pm$  quanto  
mas tem objecto

Letras: vogaes e consoantes; acentos

Tudo o que ouvimos, ou, melhor, tudo o que é percebido pelo ouvido, é um som.

**Som** é a sensação produzida por uma vibração rapida e periodica do ar.

**Ruido** é a sensação produzida por vibrações irregulares.

Os sons e os ruidos são representados por letras e por simbolos.

+ **Letras** são signaes que representam os sons das palavras ou os ruidos, na escrita.

+ **Alfabeto** é o conjunto das letras empregadas na escrita.

As letras são 26 : a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.

As letras se dividem em vogaes e consoantes.

Os vocabulos — *vogal* e *consõante* — pódem ser tomados em duplo sentido: como letras, signaes que representam os sons ou ruidos, ou como esses mesmos sons ou ruidos. Neste segundo sentido têm a designação especial de — *vozes* e *articulações* ou *consonancias* e pódem ficar abrangidos sob a denominação geral de *fonemas*.

+ **Vogaes** são sons que se pronunciam por si sós, São simples modificações da voz resultantes da fôrma que toma a boca.

As vogaes são: *a, e, i, o, u, w* (no inglez), *y*.

Os sons das vogaes pódem ser *simples, livres, puros* ou *oraes*, como: *a, e, i, o, u*, e pódem ser *nasaes* ou *compostos* como: *an, en, in, on, un*.

**Som simples**, oral, livre ou puro é o que sai simplesmente pela boca.

**Som nasal** ou composto é o que sai pela boca e juntamente sai pelo nariz.

Não há necessidade que o ar saia realmente pelo nariz, pois todo som oral se pôde tornar nasal desde que o véu do palato abaixando-se permitta vibrar em as narinas o ar expirado.

Abrindo-se moderadamente a boca, ficando a lingua em repouso, o som saído da garganta é *a*. E' um som primario, o mais simples e claro.

Si a boca fôrma um estreitamento longitudinal, afastando-se os cantos dos labios, o som é *i*.

Si os cantos da boca se aproximam, formando uma especie de bico, o som é *u*.

Os sons *e, o*, são intermedios: o 1.<sup>o</sup> entre *a, i*, e o 2.<sup>o</sup> entre *a, u*.

O aparelho sonico consta de: pulmões, bronquios, traquéa-arteria, laringe, faringe, cavidade bucal e fossas nasaes.

Funciona da seguinte maneira: o ar expirado pelos pulmões entra em vibrações nos estreitamentos do laringe onde se formam os fonemas sonoros (vogaes), e atravessa a boca onde se formam os fonemas insonoros (consoantes).

Os musculos do laringe modificam os primeiros; os musculos do palato, das faces, dos labios e da lingua modificam os segundos.

**Simbolo** é um signal proprio que indica um som ou uma palavra. Taes são os algarismos, os signaes algebricos, etc.

Os sons das letras pódem ser modificados pelos acentos ou notações.

**Acentos** ou **notações** são signaes que indicam a



variedade dos sons das letras; modificam, assim, a pronuncia das palavras.

São os seguintes:

*Acento agudo* que indica o som aberto: *café*.

*Acento circunflexo* que indica o som fechado: *dôr*.

*Til* que indica o som nasal das vogaes *a, o*: *mão, paixões*.

*Cedilha* que indica o som brando do *c* antes de *a, o, u*: *caça, moço, açúcar*.

E' de utilidade a adopção do *acento grave* para marcar o valor das vogaes abertas, que não são acentuadas em palavras que têm um acento secundario: *môlhinho, pêzinho, sômente*.

Assim a palavra *prègar* (fazer predicás) distinguir-se-ia de *pregar* (meter pregos).

Os sons das vogaes são os seguintes:

1.º — *Som aberto* que é o mais forte. E' representado geralmente pelo acento agudo: *pé, avó*.

2.º — *Som fechado* que é o menos forte. E' representado geralmente pelo acento circunflexo: *avô*.

3.º — *Som mudo* que é ainda menos forte. Não é representado por nenhum acento: *face*.

4.º — *Som nasal* que sai pela boca e pelo nariz. E' representado pelo til e pelas letras *m* ou *n*: *irmã, tempo, tinta*.

As vogaes têm varios sons:

### A

Som aberto ou agudo: *gato, jucá*.

— fechado ou circunflexo: *sejâmos, lama*.

— mudo ou grave: *cera, lona*.

— nasal: *santo, irmã*.

### E

Som aberto ou agudo: *até, fera*.

— fechado ou circunflexo: *carêta, sello*.

— mudo ou grave: *ponte, carne*.

— nasal: *engenho, virgem*.

## I

- Som aberto ou agudo: *missa, javali*.  
— mudo ou grave: *quasi, util*.  
— nasal: *lindo, sim*.

## O

- Som aberto ou agudo: *nota, pó*.  
— fechado ou circunflexo: *poça, avô*.  
— mudo ou grave: *santo, lenço*.  
— nasal: *ponta, som*.

## U

- Som aberto ou agudo: *tatú, luva*.  
— mudo ou grave: *tumulo, tribu*.  
— nasal: *junto, anum*.

## Y

Esta vogal que tem o som da vogal **I**, é só empregada nos vocabulos derivados de palavras estrangeiras e nas terminações dos nomes tupis. Já vai hoje desapparecendo da escrita.

+ **Consoantes** são ruidos que modificam as vozes.  
As consoantes são: *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w* (no allemão), *x, z*.  
Os sons das consoantes ou as consonancias se dividem em *explosivos* e *fricativos*.

**Explosivos**, que tambem se denominam *explodidos*, *momentaneos* ou *mudos*, são aquelles que, depois de produzidos, cessam repentinamente.

A corrente expiratoria saí numa especie de explosão.  
São representados pelas consoantes: *q, g* (antes de *a, o, u*), *c* (antes de *a, o, u*); *t, d*; *p, b*.

**Fricativos** que tambem se denominam *constritos*, *aspirantes* ou *continuos*, são aquelles que se produzem simplesmente por uma contracção no tubo vocal.

A corrente expiratoria sai apertada ou constrangida.

São representados pelas consoantes: *g* (antes de *e, i*), *x, j; l, r, rr; c* (antes de *e, i*), *ç, s, n, z; f, v, m*.

As consoantes *l, r* são tambem chamadas *liquidas* ou *flutuantes*, porque se podem ligar a outras consoantes formando um grupo: *br, bl, cr, cl, gr, gl, pr, pl*, etc.

Alguns grammaticos, attendendo á influencia que possuem ter na pronuncia dos sons das consoantes a garganta, o palato, a lingua, os dentes e os labios, dividem os sons em: *guturales, palataes, linguaes, dentaes e labiaes*.

SONS CONSONANTÁES	<i>Explosivos</i> ou <i>Explodidos</i> ou <i>Momentaneos</i> ou <i>Mudos</i>	<i>Fricativos</i> ou <i>Constritos</i> ou <i>Aspirantes</i> ou <i>Continuos</i>
Guturales .....	kê, guê, nhê	—
Palataes .....	—	gê, xê
Linguaes .....	lhê	lê, rê, rrê
Dentaes .....	tê, dê	cê, zê, nê
Labiaes .....	pê, bê	fê, vê, mê

Os sons das consoantes são, pela ortografia commum, representados da seguinte maneira:

**Bê; Dê; Lê; Mê; Nê; Pê;**

Pelas consoantes respectivas: *bordo; dedo; leme; camisa; navio; prego.*

**Cê**

Por *c* antes de *e, i*: *cento, cinto.*

*ç*: antes de *a, o, u*: *roça, moço, açude.*

*s*: *santo, sapo.*

*x*: *auxilio, syntaxe.*

*z*: *nariz, matriz.*

*ps*: *psalmo.*

*sc*: *sciencia, scena.*

*ss* (entre vogaes): *cassa, massa.*

**Fê**

Por *f*: *ferias, faca.*

*ph* nos derivados gregos: *phisica.*

**Gê**

Por *g* antes de *e, i*: *geito, região.*

*j*: *Julio, jantar.*

**Ghê**

Por *g* antes de *a, o, u*: *gato, gorro, gume.*

*gu* antes de *e, i*: *guelra, guia.*

**Kê**

Por *k*: *kermesse, kágado.*

*c* antes de *a, o, u*: *casa, coco, cujo.*

*ch* nos derivados gregos: *parochia, chimica.*

*qu*: *quedo, quinze, quatorze.*

### Rê (fraco)

Por *r* (entre vogaes): *cara, muro.*

### Rrê (forte)

Por *r* no principio das palavras: *raio.*

*r* no meio de vogaes das palavras compostas: *de-rogar, proromper, prerogativa, abrogar.*

*rr*: *terra, carro.*

*rh, rrh* nos derivados gregos: *rhetorica, arrhas.*

### Tê

Por *t*: *rato, sitio.*

*th* nos derivados gregos: *thema, methodo.*

### Vê

Por *v*: *voto, livro.*

*w* nos derivados allemães: *Wurtemberg.*

### Xê

Por *x*: *caixa, peixe.*

*ch*: *cheiro, cacho.*

### Zê

Por *z*: *zinco, azul.*

*s* (entre vogaes): *casa*, excepto nas palavras compostas em que sôa *cê*: *proseguir, resaltar, presuppôr, sobresalto, desecar, resoar.* Em algumas palavras compostas conserva o som de *zê*: *presumir, resumir.*

*s*: em algumas palavras formadas com o prefixo—*ob, per, sub*: *obsequio, presistir, subsistir*, excepto: *observar, persignar, subsidio, etc.*  
*x*: *exacto, exemplo.*

Candido de Figueirêdo aconselha que se escrevam com dois *ss* as palavras em que esta consoante, apesar de figurar entre vogaes, tem o som de *cê*: *prosseguir, ressoar.*

Assim, diz elle, desaparece o erro possível da pronuncia dessas palavras, ou qualquer confusão, como por exemplo nas palavras: *presente e presente* (do verbo *pre-sentir*).

A letra **H** é um simples signal etimologico, ou é empregada para indicar a aspiração de uma vogal.

E' usada em certas palavras para marcar a separação das vozes, evitando, assim, o ditongo: *bahia, sahia*.

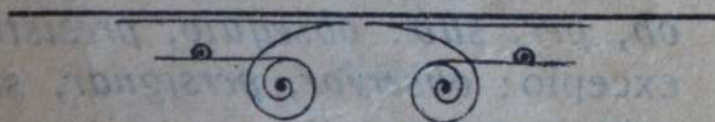
Muitos escritores a substituem, com razão, pelo acento agudo: *saía*, ou pelo trema: *saïa*.

Antigamente se escrevia: *atahude, alahude*, e hoje: *ataúde, alaúde*.

Sobre esta letra fazemos nossas as observações do filologo brasileiro João Ribeiro, expostas em sua excellente *Selecta Classica*:

«Já o mais antigo dos nossos grammaticos, Fernão d'Oliveira, «pedia a suppressão do *h*, letra abstracta e sem som que lhe correspondia. Pouco a pouco melhor estudadas, foram desaparecendo as «graphias: *author, theor, contheudo*, etc. O estudo mais considerado do grego dissipou os erros grosseiros: *systhema, cathegoria, «authomato*; a conveniencia da prosodia evitou que se adoptasse «*anhemia* e outros equivalentes; a propria etymologia bem estudada «já desterrou o *h* de *ontem, ombro, postumo, exuberante*, em vez «de erros tradicionaes *hontem, hombro, posthumo* (com *h* por erro «no mesmo latim), *exhuberante*; nomes próprios melhor estudados «já não o contêm: *Tereza* e não *Thereza* (influxo do francez), «*Theodulfo* e não *Theodolpho*, etc.

«Hoje excellentemente aconselha Gonçalvez Viana a suppressão do *h* em varios casos — quer entre vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c, l, n* para designar-lhes o «valor de consoantes palatinas e provisoriamente quando inicial por «qualificada etimologia. —»



## Grupos vocaes e grupos consonantae

+ **Ditongo** é a união de duas vogaes em uma só sílaba, pronunciadas de uma só vez: *pai, máu*.

+ **Tritongo** é a união de tres vogaes em uma só sílaba, pronunciadas de uma só vez: *aio, iguaes, quão*.

+ **Hiato** é a união de duas vogaes, pronunciadas separadamente: *luar, saude*.

E' bom notar que em algumas palavras como *rio, frio, tio*, a formação do ditongo, ou do hiato depende do modo de pronuncia-las.

Assim para os habitantes do Sul do Brazil ha nestas palavras um ditongo: elles pronunciam *friu, tiu*; para os habitantes do Norte ha nellas um hiato; pronunciam a vogal *i* separadamente da vogal *o*. No 1.º caso a palavra tem uma só sillaba, no 2.º tem duas.

Os ditongos se dividem em oraes e nasaes.

**Oral** é o ditongo que contém sómente vozes oraes: *aula, boi*.

**Nasal** é o ditongo cuja primeira voz é nasal: *mão, lições*.

Os ditongos oraes são os seguintes :

ai, ae : naípe, pai, ani-  
maes

au, ao : nauta, mão ou  
máu

ei : lei, papéis, foreis

eu, eo : Europa, céo ou  
céu

iu : sentiú

oi, oe : noite, heróe ou  
herói

ui : ruivo

São considerados semi-ditongos ou ditongos imperfeitos:

ea : nivea

eo : aureo

ia : gloria

ie : serie, hierarquia

io : vário

oa : páscoa

ua : agua, quadro

ue : guela, equestre

uo : arduo, aquoso

Os ditongos nasaes são:

ãi ãe : mãi ou mãe

ão : pão

õe : lições

uan : quando

uen : eloquente

uin : quinquevirato

A primeira das duas letras do ditongo chama-se *prepositiva*; a segunda chama-se *pospositiva* ou *subjuntiva*.

Fazemos observar que nas palavras *mui* e *muito* ha para os Portuguezes um ditongo oral. E' assim que Camões rimou *muito* com *fruito*. Para os Brasileiros ha nestas palavras um ditongo nasal, pois que as pronunciam como si ellas fossem escritas *muin*, *muinto*.

Quando as duas vogaes formarem ditongo deve-se escrever as pospositivas *i*, *u*, em logar de *e*, *o*.

Os grupos de vogaes são representados conforme a pronuncia.



Devemos notar, porém, a irregularidade que ha na representação de alguns grupos de vogaes, divergindo entre si quer os grammaticos quer os escritores mais notaveis.

A divergencia surge quando a subjuntiva do ditongo è *i, u, e, o*. Parece-nos ser de melhor ortografia o emprego de *i, u, e* assim escrever: *pai* e não *pae*; *páu* e não *páo*; *cêu* e não *céo*; *partiu* e não *partio*; *Deus* e não *Deos*.

No ditongo *eu* quando o som *e* fôr aberto não ha razão para mudar a grafia escrevendo *eu* e *éo*: basta, conservando a fôrma *eu*, acentuar a primeira vogal: *cêu* e *seu*.

Assim o fazemos em: *rêis* e *reis*; *herói*, *combóio* e *boi*, *foi*. Haveria maior uniformidade na escrita.

E' necessario que alguma cousa se firme neste sehtido. E' incoerencia escrever *mais*, *amais* e *vogaes*. Si a grande divergencia se nota nas sillabas finaes das palavras, parece-nos que o criterio do ditongo ou hiato póde resolver as dúvidas, isto é, escrever *i, u* quando estas letras formarem ditongo com outra vogal e escrever *e, o* quando formarem hiato.

Comtudo é *uso geral* empregar *aes, ues*, no plural dos nomes terminados em *al, ul*.

**Grupo consonantal** ou **consoante compôsta** é a reunião de consoantes differentes: *globo*.

**Consoante dobrada** ou **geminada** é a reunião de duas consoantes iguaes, consecutivas: *somma, forro*.

A escritura, na accepção mais geral, é um sistema de figuras com o fim de dar ao pensamento uma fôrma permanente.

A escritura é ideografica, quando exprime as proprias ideias; fonetica, quando representa os sons que compõem as palavras.

A' primeira fôrma da escrita pertencem os *hieróglifos* dos Egipcios.

Na ordem immediata a esta fôrma de escrita, vem a *escritura sillabica*, até que, decompondo-se as sillabas em sons simples, foi inventado o *alfabeto*, palavra originada das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alpha* e *beta*.

Introduzido na Grecia pelo seu inventor o fenicio Cadmo — as letras eram chamadas *cadméas* —, em breve foi levado á Italia e daí espalhado por todo o mundo.

O alfabeto fenicio não possuia vogaes; foram os gregos que as criaram transformando nellas algumas consoantes aspiradas de que não usavam. Por isso as vogaes em nosso alfabeto são collocadas sem ordem.

Os romanos ao receberem dos gregos o alfabeto, não aceitaram

quatro consoantes aspiradas de que o alfabeto latino não precisava: *theta* (th), *phi* (ph), *psi* (ps), *chi* (ch forte).

Tinha a principio sómente 16 letras.

As letras *i*, *u*, até ao seculo 17, representavam o duplo papel de vogaes e consoantes; mais tarde cederam o valor de consoante ao *j*, *v*.

O *z* e o *y* foram usados no tempo de Cicero sómente em vocabulos de origem grega. Depois se tornaram de uso vulgar.

O imperador C. Cesar inventou tres letras que representavam a vogal *y* com o som de *i*, a vogal *u*, e as articulações *v* e *ps*. Este acrescimo só durou o tempo de seu reinado.

«Foi Ennio quem introduziu o uso de escrever duplas as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até a época dos Gracchos se escrevia indifferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas, prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante.»

O nosso alfabeto é ainda hoje summamente defeituoso, não só porque possui diversas letras para o mesmo som: *c*, *ç*, *s*, *x*, *ss* para o som *cê*; como também porque possui a mesma letra para diversos sons: *x* tem o som *xê*, *zê*, *cê*, *csê*, etc.

### Algumas regras ortograficas

Além das regras que se pódem deduzir dos diversos sons que têm as letras, devemos observar as seguintes:

X a) Antes de *b*, *m*, *p*, usa-se *m* e não *n*: *ambos*, *commum*, *campo*.

Ha quem exceptue as palavras compóstas: *circumstancia*, *circumflexo*, etc.

X b) Nenhuma palavra começa ou termina por consoante dobrada.

X c) Não se dobram as vogaes. Dado o caso que, pela transformação dos sons, se encontrem duas vogaes, é costume representar por uma só com um acento agudo ou circumflexo: *mala*, *maa*, *má*; *dolor*, *door*, *dôr*.

d) As palavras portuguezas não terminam em: *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *h*, *j*, *k*, *p*, *q*, *t*, *v*, *x*. Exceptuam-se: *sob*, *calix* e poucas mais.

x e) Com excepção de *j, k, q, v, x, z*, todas as mais consoantes pódem vir dobradas, notando-se que se dobram entre vogaes.

f) E' tendencia geral a eliminação das consoantes dobradas, a não ser que tenham valor na pronuncia da palavra, como *rr, ss*, etc.

x g) Ao se partirem os vocabulos em fim de linha, deve-se observar de preferencia as sillabas foneticas pela soletração e não pela separação dos elementos de derivação.

Assim: Concorrendo duas consoantes semelhantes, ficam separadas em sillabas distintas: *pas-sar, car-ro*.

Concorrendo uma consoante seguida de uma liquida — *l, r* —, pertencem ambas á vogal seguinte: *am-plo, co-bre, qua-dro, in-flu-ir*.

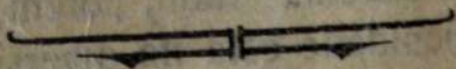
Os demais grupos de consoantes se devem dividir pela ultima das consoantes, ficando as mais pertencendo á sillaba anterior: *di-rec-tor, a dop-ção, abs-tra-ir, trans-cre-ver*.

Não se devem separar os vocabulos compostos pelos seus elementos de composição, visto, em muitos casos, não haver conhecimento desses elementos por parte de quem fala, como até adquirirem os vocabulos uma fórmula diferente e esquisita.

Exemplo de divisão tendo por base a derivação: *con-star, con-spi-rar, arc-an-jo, de-scre-ver, e pi-sco-pal, in-spi-rar, a-lu-mno, me-smo, re-spei-to, bi-spo*.

Assim é preferivel separar: *subs-cre-ver, bi-sa-vô, de-su-nir, res-pec-ti-vo, a-lum-no, mes-mo, es-pe-lho, ins-pi-rar*, etc.

Como diz Gonçalvez Viana: «A divisão etimologica á latina ou á ingleza (ainda mais artificial e exajerada) é pouco natural porque parte sillabas foneticas, cujos elementos são inseparaveis, sem vantagem para a clareza e em contrario da tradição que tanto respeitava o principio de a lingua escrita ser a imagem da falada.»



### III

## Sistemas ortograficos

Tres são os sistemas ortograficos: *etimologico* ou *de derivação*, *fonetico*, *misto* ou *usual*.

O *sistema etimologico* baseia-se na origem, derivação ou etimologia da palavra.

Por este sistema devemos escrever *thio*, *phthisica*. Escrevem-se as palavras com as mesmas letras com que são representadas na lingua donde provieram.

Grandes são os defeitos deste sistema: 1.º o desconhecimento da origem de todas as palavras; 2.º a origem do maior numero de palavras só póde ser conhecida pelos doutos; 3.º a completa differença entre a palavra escrita segundo a etimologia e a palavra pronunciada; 4.º a divergencia de opiniões sobre a origem de algumas palavras, fazendo com que varie o modo de grafá-las.

O *sistema fonetico* baseia-se na pronuncia dos vocabulos.

Por este sistema devemos, por exemplo, escrever *omem* (*homem*). Cada letra tem um unico valor.

Diversas têm sido as reformas apresentadas para o completo dominio deste sistema: tudo, porém, tem sido em vão.

A grande difficuldade está na diversidade entre os varios modos de se pronunciarem os vocabulos nos differentes lugares em que é a Lingua falada.

Como diz José de Castilho:  
«O accento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brazil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O portuguez de Lisbôa differe na pronuncia de muitos vocabulos do portuguez de Coimbra, do do Porto, do de Tras os Montes, do do Algarve.»

O mesmo podemos dizer do portuguez falado no Brazil.

Emquanto no sul os brazileiros abrem as vogaes pronunciando, por exemplo, *dépressa*, no norte as fecham e dizem, por exemplo:

*Lá vem a CANUA carregada de CUCUS de PUPA a PRUA.*

O sistema misto ou usual é o geralmente preferido, embora tenha tambem defeitos.

Este sistema estabelece um meio termo entre os dois outros; baseia-se na origem e na pronuncia das palavras.

Dado o caso que sejam completamente diversas a origem e a pronuncia, querem uns que se observe de preferencia esta, outros, aquella.

Por isso há a duplicidade de grafia nas palavras seguintes: *idade* e *idade*; *logar* e *lugar*; *escripta* e *escrita*; *sancto* e *santo*; *commigo* e *comigo*; *charidade* e *caridade*; *se* e *si*, etc.

A tendencia moderna é para despojar as palavras dos elementos superfluos; o principio é: letra que não sôa, deve desaparecer. Convem, pois, no caso de duvida preferir a pronuncia.

E' assim que vão sendo aceitos como factos:

A eliminção do *h* quer entre vogaes quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n*, porque lhes dá outro valor, ou quando é letra inicial por justificada etimologia: *charuto*, *malha*, *manhã*, *homem*.

Redução das consoantes dobradas a uma só, com excepção de *mm*, *nn*, *rr*, *ss*: *emmalar*, *ennastrar*, *carro*, *cassa*.

Supressão das consoantes que não soam na pronuncia: *escrito*, *dito*, *sete*, a não ser que influam na vogal

antecedente, tornando-a bem aberta: *directão, secção, contracção, adoptar.*

A Academia Brasileira de Letras, em Abril de 1907, apresentou um projecto de simplificação da ortografia portugueza que foi approvedo sob as seguintes bases:

Regra 1.<sup>a</sup> — Sempre que se encontrem diversas grafias autorizadas da mesma palavra, escolher-se-á a que melhor se aproxime da boa pronuncia.

Assim preferir *au, ai, eu, iu*, a *ao, ae, eo, io* quando constituirem ditongo. Preferir a inicial *i* nas palavras que alguns autores escrevem com *e*.

Regra 2.<sup>a</sup> — Eliminar-se-á, por completo, o uzo das letras *k, y, w* em todas as palavras portuguezas.

Em vez de *k* escrever *c* antes de *a, o, u*, ou escrever *qu* antes de *e, i*.

Em vez de *w* escrever *u* ou *v*, conforme o som que tiverem.

Regra 3.<sup>a</sup> — Eliminar-se-á o uzo do *h*, salvo nos grupos *ch, lh* e *nh* soando como consoantes palatinas, ou quando se tratar de palavra que seja composta de outra que tenha o *h* inicial.

Nunca se escreverá *ch* com o som duro de *c*. Deverá ser substituido por *c* antes de *a, o, u*, ou por *qu* antes de *e, i*.

Nunca se escreverá *ph* com o som de *f*.

Regra 4.<sup>a</sup> — Eliminar-se-á o uzo do *g* com o som de *j* no meio das palavras.

Regra 5.<sup>a</sup> — Eliminar-se-á o uzo do *s* com o som de *z*.

Regra 6.<sup>a</sup> — Salvos os casos em que se empregam os *ss* e os *rr* dobrados, os pronomes pessoaes *elle, ella* e seus derivados, *aquelle, aquella, aquillo*, suprimir-se-ão todas as consoantes geminadas, quando o som de uma dellas não se distinga na pronuncia.

Regra 7.<sup>a</sup> — Nenhuma palavra se escreverá empregando consoante que não tenha nella valor. Assim suprima-se no grupo *sc* a letra *s*, etc.

Regra 8.<sup>a</sup> — Nunca se começará palavra alguma com *ç*.

Regra 9.<sup>a</sup> — Nos casos em que os dicionarios admitam a mesma palavra ora com *s*, ora com *c*, a grafia com *s* deve ser preferida.

Regra 10.<sup>a</sup> — Os substantivos e adjectivos cuja terminação tónica seja no singular em *az, ez, iz, oz, uz*, devem escrever-se com *z* final. O som forte *ás, és, is, ós, us* de substantivos e adjectivos só se escreve com *s* quando a palavra estiver no plural.

Regra 11.<sup>a</sup> — As palavras terminadas no som *ão* ou *ã* longo, empregam a vogal *a* com o til; as terminadas nos mesmos sons com a pronuncia breve terão a vogal *a* seguida de *m* ou *n*.

Assim *manhã, pagã, orfam, amam*, etc.

Regra 12.<sup>a</sup> — Não se empregará o signal de sinalefa nas con-

trações deste, desta, disto, neste, nesta, nisto, daquella, nelle, nella, daquella, daquillo, destoutro, daquelloutro.

Em sessão de 1.º de Julho de 1911 a mesma Academia, depois de larga discussão, votou as seguintes modificações :

Supressão da regra 5.<sup>a</sup>

A regra 6.<sup>a</sup> ficou assim redigida: «as consoantes geminadas passam a ser simples, com exceção de *rr*, *ss*, *mm*, *nn*, quando acusarem diferença de pronuncia.»

A 24 de Novembro de 1919 a Academia revogou todas as deliberações concernentes á reforma ortografica, ficando mantido o *statu quo* anterior, até que fosse melhor estudado e definitivamente resolvido o problema da simplificação ortografica no Brazil.

Em Portugal as modificações ortograficas que inda hoje estão em vigor, deram-se da seguinte maneira :

Em 5 de Maio de 1900, a *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, convidou o Sr. A. R. Gonçalves Viana a lêr um seu questionario ortografico, há annos elaborado, o que feito foi no dia 10.

Depois de todos os pontos discutidos foi publicado o trabalho desse douto filologo: *Vocabulario alfabetico e remissivo da Lingua portuguesa*, organizado segundo a ortografia official.

O primeiro trabalho de Gonçalves Viana tinha o titulo de *Ortografia Nacional* e o segundo *Vocabulario ortografico e ortoepico da lingua portuguesa*.

Pelo *Vocabulario alfabetico e remissivo* são as seguintes as regras da reforma ortografica portugueza :

1.<sup>a</sup> São proscritas as letras — *k*, *w*, *y*, substituidas por — *qu* ou — *c* — ; por — *u* — ou — *v* — ; por — *i*.

2.<sup>a</sup> É eliminada a letra — *h* — a não ser em — *ch*, *lh*, *nh*, ou como inicial por etimologia.

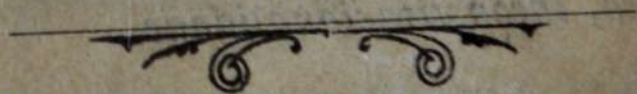
3.<sup>a</sup> Nenhuma consoante se duplica a não ser *rr*, *ss*, *mm*, *nn*, quando exigidas pela pronuncia.

4.<sup>a</sup> São supprimidas as consoantes mudas quando não influem na vogal precedente.

5.<sup>a</sup> O emprego de — *ce*, *ci* — e — *se*, *si* ; *ç* — e — *ss* ; *ch* — e — *x*, depende da origem dos vocabulos.

6.<sup>a</sup> A grafia dos ditongos oraes é — *ai*, *êi*, *ei*, *ôi*, *oi*, *ui*, *au*, *êu*, *eu*, *iu*, *ou* ; a dos nasaes é : *ãe*, *em*, *õe*, *ão*.

São essas as regras mais interessantes ; outras há mais dependentes da pronunciação dos portugueses, um pouco diversa da dos brasileiros em certos vocabulos.



#### IV

### Sillabas — Acentuação

+ **Sillaba** é a letra ou o grupo de letras pronunciadas de uma só vez.

Quando estas sillabas formam uma ideia temos a *palavra*.

Uma sillaba póde ter de uma até cinco letras: *a, de, par, gras, trans*.

Conforme o numero de sillabas as palavras podem ser:

+ **Monossillabo**, aquella palavra que tem uma unica sillaba: *dôr, pai*.

+ **Dissillabo**, aquella que tem duas sillabas: *tivro, branco*.

+ **Trissillabo**, aquella que tem tres sillabas: *tinteiro, caneta*.

+ **Polissillabo**, aquella que tem mais de tres sillabas: *grammatica, inconstitucionalidade*.

+ **Acento** é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que póde ter a sillaba duma palavra.



O acento é considerado, na frase de Diomedes, a alma da palavra, ou, na opinião de Humboldt, a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o medeador entre o pensamento e a forma. (*Apud. Pacheco e Lameira. — Gr. Portuguesa.*)

E' o centro de gravidade da palavra, affirma F. Diez.

A palavra acento vem do Latim *accentus* que correspondia a *tonos* do Grego, *tom, tenro*, da tensão das cordas da lira.

A adopção destes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o acento latino tinha, como o acento grego, um valor musical.

A anecdotica conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador Caio Graccho com o instrumento chamado *tonarion*, confirma as informações fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (*Guardia e Wierzeyski.*)

**Quantidade** da sillaba é o tempo empregado em pronunciar-la.

Conforme a quantidade os sons das palavras podem ser *longos* ou *breves*.

**Longo** é o som que tem mais duração.

**Breve** é o som que tem menos duração.

Conforme a intensidade a voz é *tonica* ou *atona*.

**Tonica** ou **predominante** é a voz acentuada.

**Atona** é a voz não acentuada.

Conforme a sillaba tonica, ou predominante a palavra é:

**Oxitona** ou **aguda**, aquella cuja sillaba predominante é a ultima: *missal, amor*.

**Paroxitona** ou **grave**, aquella cuja sillaba predominante é a penultima: *tinteiro, caneta*.

**Proparoxitona**, **esdruxula**, ou **datilica**, aquella cuja sillaba predominante é a ante-penultima: *humida, câmara, péssigo*.

As duas ultimas denominações se pódem reunir sob o nome de **baritonas**.

E' bom notar que em algumas palavras apparece mais de um acento; há como que um ritmo que se não póde transgredir: *MODESTAMENTE, CIVILIDADE*.

Há certas palavras tambem que não têm acentuação propria, sujeitam-se á acentuação de outras palavras a que se ligam; taes são: *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as*.

Neste caso póde a acentuação cair na sillaba anterior á ante-penultima: *annuncia-se-lhes, commovera-se-lhe, louvamo-vo-lo*.

Muitas palavras não têm conservado a acentuação primitiva: *patena, miope, figado, oceano, enciclopedia, nivel*, que se deviam pronunciar: *pátena, miópe, figádo, océano, enciclopedia, nivél*.

São communs as pronuncias viciósas: *púdico, ciclope, erúdito, decano, simúlacro, invólucro, pégada, escápula, amalgâma*.

E' bom não confundir acento ortografico com acento prosodico. Aquelle é um signal que modifica as vozes: *acento agudo, circumflexo*, etc. Este exprime a elevação maior ou menor da voz.

E' assim que a voz póde ser acentuada, isto é, ser pronunciada com maior força e entretanto não levar nenhum signal ortografico: na palavra *caridade* a sillaba *da* é a acentuada, entretanto não está indicada por signal algum, por nenhum acento.



## Alteração de sons: figuras de dição

As palavras soffrem diversas modificações nos sons por adição, subtracção, transposição e absorpção de sons.

Estas modificações têm o nome de *figuras de dição* ou *metaplasmos*.

São figuras de adição:

X **Protese** é o augmento de sons no começo do vocabulo: *alevantar* por *levantar*; *acostumado* por *costumado*.

X **Epentese** é o augmento de sons no meio do vocabulo: *despois* por *depois*.

X **Paragoge** é o augmento de sons no fim do vocabulo: *martire* por *martir*.

São figuras de subtracção:

X **Aférese** é a diminuição de sons no começo do vocabulo: *postema* por *apostema*; *té* por *até*; *maginação* por *imaginação*.

**Sincope** é a diminuição de sons no meio do vocabulo: *mór* por *maior*; *malina* por *maligna*; *inigo* por *inimigo*.

**Apócope** é a diminuição de sons no fim do vocabulo: *carcer* por *carcere*; *assi* por *assim*; *gran* por *grande*; *produz* por *produze*.

São figuras de transposição:

**Metatese** é a mudança indeterminada do lugar dos sons do vocabulo: *frol* por *flôr*; *vigairo* por *vigario*.

**Tmese** é a mudança das palavras enclíticas para o meio das fórmãs de certas palavras: *dir-te ei* por *direi-te*; *amar-te ia* por *amaria-te*.

São figuras de absorpção:

**Sinalefa** é a absorpção da vogal final de um vocabulo quando o vocabulo seguinte começa por vogal: *d'est'arte* por *de esta arte*; *do* por *de o*.

**Eclipse** é a absorpção da consoante nasal *m* no fim de um vocabulo: *co'os* por *com os*.

E' figura muito usada no verso, principalmente para diminuir o numero de sillabas por necessidade de metrificacão.

**Crase** é a absorpção de um som quando se encontra com outro igual; reune dois sons iguaes num só: *á* por *a a*; *áquelle* por *a aquelle* e antigamente *ó* por *a o*.

Contracção que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o* — *do* — *de o* é a contracção *no*, *numa* e em geral as contracções com a palavra *em*, que commumente se escrevem *n'uma*, — *em uma*; *n'aquelle* — *em aquelle*, etc. Este modo de grafar é errado. Sómente pela presteza da escrita e para maior facilidade, se escreve

do em lugar de *d'o*, usado em gallego; como se escrever *n'uma* por *em uma* quando não ha letra a supprimir entre a palavra *em* e *uma*?

Podia-se collocar o apstrofo, signal de suppressão da letra, no começo da palavra *'numa* como se faz em *'té* por *até*. Mas mesmo assim havia uma incorrecção pois que a letra *n* que ahi apparece, não vem do vocabulo *em*.

Brilhantemente explica Leite de Vasconcellos, da seguinte maneira, as transformações soffridas por esta palavra:

«Quando tinha de se dizer *em o chão*, *em a casa*, etc., dizia-se nas epochas antigas *em lo chão*, *em la casa*, pois que não havia outra fórma do artigo.

Uma nasal, porém, em contacto intimo com uma consoante, dá, ás vezes, a esta o character de nasal, e assim de *em lo*, *em la* fez-se *em no*, *em na*.

Os exemplos destas fórmas são numerosissimos até o seculo 15.<sup>o</sup>, apparecendo ainda alguns no seculo 16.<sup>o</sup>

Depois as nasaes foram absorvidas pela consoante nasal seguinte e *em no*, *em na* se tornaram respectivamente *en — o*, *eu — a*; *eno*, *eua*.

E como o *e* inicial em portuguez está sujeito em certas circumstancias á apherese ou quéda, facilmente o *e* de *eno* antes de outra palavra a cujo acento se subordina, foi supprimido na pronuncia e d'isto resultou a fórma moderna *no* com suas flexões *na*, *nos*, *nas*.

Resumindo vê-se que a evolução historica de *no* foi a seguinte: *em — lo em no — e no — eno — no*.

Por analogia o mesmo fenomeno foi transportado para as outras contracções em que entrava o elemento *em*, e escreve-se: *neste*, *naquelle*, *numa*, etc., e não *n'este*, *n'aquelle*, *n'uma*.



# MORFOLOGIA

---

**Taxinomia:** estuda a classificação das palavras.

**Camponomia:** estuda a flexão das palavras.

**Etimologia:** estuda a origem das palavras.

# MORFOLOGIA

**Morfologia** é a parte da grammatica em que se estudam as fórmãs das palavras.

A morfologia se divide em tres partes: *Taxinomia*, *Campenomia* e *Etimologia*.

## I

### Taxinomia

**Taxinomia** é a parte da morfologia em que se estuda a classificação das palayras.

Conforme as variações que as palavras soffrem, estas se dividem em *variaveis* e *invariaveis*.

**Variaveis** são aquellas que soffrem modificações para exprimirem genero, numero, gráu, modo, tempo, etc.

**Invariaveis** são aquellas que não soffrem modificações.

Estas modificações se chamam *flexões*.

O caracter da flexão não é bastante determinado. Palavras incluídas no grupo das *invariáveis* soffrem algumas variações: *certamente* varia em *certissimamente*, *bem* varia em *melhor*; também outras incluídas no grupo das *variáveis* não mudam de fôrma: *quem*, *que*, *simples*, etc.

Consideradas historicamente as palavras se pódem dividir em *primitivas* e *derivadas*.

**Primitivas** são as que não se originam de outras, dentro da Lingua: *arvore*, *mar*.

**Derivadas** são as que se originam das primitivas: *arvoredo*, *marujo*.

Comparados uns com os outros os vocabulos são: *sinonimos*, *antonimos*, *homonimos* e *paronimos*.

As duas primeiras classes são consideradas fazendo parte da familia ideologica; as duas ultimas, da familia fonica.

As primeiras representam idéas semelhantes ou completamente oppostas. As segundas confundem os sons.

**Sinonimos** são os vocabulos que têm significação semelhante: *amor*, *amisade*, *estima*; *vêr*, *enxergar*, *olhar*; *jaminto*, *esfaimado*, *esfomeado*, *famulento*.

Não póle haver sinonimos perfeitos senão quando um delles está em desuso; si ambos são usados esta sinonimia perfeita não póde durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarregará de uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um delles. (*Darmesteter*).

São diversas as causas da variedade dos sinonimos.

Entre as principaes contamos:

1.<sup>a</sup> — Fórmias divergentes produzidas por palavras de fundo popular: *mancha*, e de fundo erudito: *macula*, ou produzidas pela origem do nominativo *ladro* e do acusativo *ladrão*.

2.<sup>a</sup> — Tecnologia scientifica: *odontalgia*, *dôr de dentes*; *bexigas*, *variola*.

3.<sup>a</sup> — Diferenças locaes: *doce*, *bolos*; *pacova*, *banana*.

Na infancia das Linguas era extraordinario o numero dos sinonimos que tinha uma palavra.



+ **Antonimos** são os vocabulos que têm significados oppostos: *frio, calor; noite, dia.*

+ **Homonimos** são os vocabulos que, embora escritos ou pronunciados de modo semelhante, têm diverso significado: *fato, roupa e facto, acontecimento; cirio, grande vela, sirio, estrella, Syrio, natural da Syria; manga, fruto, manga, grupo, ajuntamento, manga, tromba d'agua, manga, redoma, manga, parte do vestido.*

Os homonimos se dividem em *homofonos* e *homografos*.

**Homofonos** são os vocabulos que têm o mesmo som, embora escritos de modo differente: *sexta, a sexta parte e cesta, vaso feito de varas; nós, pessoa e noz, amendoa, acento, signal ortografico e assento, lugar de descanso.*

**Homografos** são os vocabulos que têm a mesma escrita e, portanto, o mesmo som: *bóta, calçado e bóta, variação da palavra botar (collocar), livre, solto e livre solte, tire da prisão, (do vocábulo — *tyrar*).*

A homonimía dá nascimento aos trocadilhos a que os francezes chamam *calembourgs*.

Entre os latinos citamos: *Malam malam malam*. Preferirei uma maçã (face) desagradavel.

*Nisi non nisi nisi in aliis*. Os gaviões não se estribam sinão nas azas.

*Quid facies Veneris cum veneris ante? Ne sedias sed eas, ne pereas per eas*. Que farás quando chegares ante as faces de Venus? Não pares porém segue, sinão morrerás por ellas.

Entre as causas da homonimía se pódem enumerar:

Contractão de palavras:

*grão* (contraido de *grande*) significando tamanho, e *grão* significando caroço;

*cem* (contraido de *centum*) indicando numero, e *sem* indicando exclusão.

Corrupção fonetica: a não pronuncia de todas as letras: *fato e facto; retrato e retrácto* (do verbo *retractar*).

**Paronimos** são os vocabulos que têm quasi identica pronuncia. Têm sentido diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmas: *descrição* e *discrição*; *suar* e *soar*; *detrair* e *distrair*; *despensa* e *dispensa*.

Attendendo-se á significação dos vocabulos, elles se dividem em: *substantivo*, *adjectivo*, *pronome*, *verbo*, *adverbio*, *preposição* e *conjunção* ou mais resumidamente em: *nome*, *verbo*, *particulas*.

Alguns grammaticos juntam a estas classes a *interjeição*, que é antes um grito para exprimir paixões, que propriamente uma palavra.

O adverbio, a preposição e a conjunção são palavras invariaveis; as outras são variaveis.



## II

### Substantivo

**Substantivo** é a palavra que designa o nome de animal, cousa, actos ou qualidades em abstracto: *Pedro, gato, livro, viagem, candura.*

Divide-se em *proprio* e *appellativo*.

**Proprio** é o substantivo que indica individualmente um animal ou cousa, distinguindo-o dos outros: *João, Pernambuco.*

**Appellativo** é o que indica a idéa de diversos animaes, cousas, actos ou qualidades, pertencentes a uma classe commum: *pedra, menino, gato.*

O appellativo é também chamado *commum*.

Os substantivos propios se tornam appellativos quando são empregados para indicar um grupo, uma classe: *Os Andradas.*

Nos substantivos propios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o chamado *nome de baptismo*, e o *cognome* ou *appellido*, chamado *nome de familia*.

Assim em *Joaquim Nunes Machado*, *Joaquim* é o *pre-nome* e *Nunes Machado* é o *cognome*.

Os cognomes tirados dos prenomes têm a denominação especial de *patronimicos*: *Alvares*, filho de *Alvaro*; *Fernandes*, filho de *Fernando*; *Henriques*, filho de *Henrique*; *Bernardes*, filho de *Bernardo*.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circumstancia notavel em sua vida.

Assim: *Aristides* era o melhor; *Job*, que geme; *Archimedes*, eminente maquinista ou pensador; *Abrahão*, pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra vivo nas tribus indigenas do Brazil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

E', pois, opinião corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epitetos.

Os substantivos appellativos se dividem em *abstractos*, *concretos*, *collectivos* e *verbaes*.

**Abstracto** é o substantivo que indica actos, qualidades, que só existem na nossa imaginação, isto é, não têm existencia real: *viagem*, *virtude*, *bondade*.

**Concreto** é o substantivo que indica seres que têm existencia real: *homem*, *banco*.

**Collectivo** é o substantivo que, estando no singular, indica pluralidade, indica multidão, reunião de seres da mesma especie: *povo*, *exercito*, *rebanho*.

E' principal caracteristico destes substantivos o exprimirem pluralidade estando no singular.

Estes substantivos pôdem, porém, ser usados no plural.

E' assim que, si o substantivo exprime uma collecção (singular), se pôde imaginar a existencia de mais de uma collecção (plural): *um rebanho*, *dois rebanhos*.

O collectivo pôde ser *geral* e *partitivo*.

**Geral** é o que indica a totalidade da collecção: *tropa*.

**Partitivo** é o que indica uma parte da collecção: *batalhão*.

O partitivo pôde ser *determinado* e *indeterminado*.

**Determinado** é o que indica um numero certo, positivo: *duzia*.

**Indeterminado** é o que indica um numero incerto, uma quantidade indeterminada: *chusma*.

Ha certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que se podem chamar *especies*, porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra.

Entre outros enumeramos:

<i>Alcateia</i> de lobos	<i>Jolda</i> ou <i>choldra</i> de assassinos
<i>Armento</i> de bois	<i>Malta</i> de capoeiras
<i>Bando</i> de { aves	<i>Manada</i> de bois
{ ciganos	<i>Matilha</i> de cães
{ salteadores	<i>Manga</i> de arcabuzeiros
<i>Cáfila</i> de camellos	<i>Nuvem</i> de moscas
<i>Cardume</i> de peixes	<i>Ponta</i> de mulas
<i>Chusma</i> de criados	<i>Quadrilha</i> de ladrões
{ bebedos	<i>Rebanho</i> de ovelhas
<i>Corja</i> de { ladrões	<i>Rancho</i> de soldados
{ tratantes	<i>Rédua</i> de cavalgadas
{ vadios	<i>Roda</i> de homens
<i>Enxame</i> de abelhas	<i>Sucia</i> de velhacos
<i>Fato</i> de cabras	<i>Vara</i> de pórcos

**Substantivo verbal** é a parte do verbo empregada como substantivo: *o RAIAR da lua; um TOMA e dois te DAREI; este ESPERA e REESPERA desespera; o não POSSO dos negligentes e o NÃO QUERO dos contumazes.*

Como o verbo, qualquer palavra ou mesmo uma frase inteira póde-se tornar substantivo. A estas palavras dá-se o nome de *substantivo improprio*: *o PORQUÊ dos factos; o COMO, o ONDE, o QUANDO as cousas se fazem.*

**Locução substantiva** é um grupo de palavras com função de substantivo: *guarda-roupa, bem-te-vi, Pedro Ivo.*

III

Adjectivo

**Adjectivo** é a palavra que exprime um atributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

Seu principal característico é vir sempre com o substantivo claro a que modifica; quando está este occulto o adjectivo toma a denominação de *pronome*.

«Quási todos os gramáticos modernos, seguindo a escola alemã, admitem só uma classe de adjectivos — os *qualificativos*. Os determinativos sam incluídos na classe dos pronomes, que dividem em *personais, demonstrativos, possessivos, relativos* ou *conjuntivos e indefinidos*; alguns dos quais podem desempenhar as funções de substantivos (*pronomes substantivos*) ou de adjectivos (*pronomes adjectivos*). Dos numerais fazem uma classe áparte.» (Cortezão).

O adjectivo se divide em *qualificativo* e *determinativo*.

**Qualificativo** é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa, coisa ou acto expresso pelo substantivo: *bom* livro, *casa grande*, virtude *celeste*.

**Determinativo** é o que limita, distingue ou designa a pessoa, coisa ou acto expresso pelo substantivo: *meu* livro, *esta* casa, *a* soberba.

O adjectivo qualificativo se divide em *explicativo e restrictivo*.

**Explicativo** é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo: homem *bipede*, agua *molle*.

**Restrictivo** é o que mostra uma qualidade accidental, accessoria, que póde pertencer ou não ao substantivo: homem *branco*, rosa *encarnada*.

Praticamente para se distinguir o adjectivo restrictivo do explicativo basta se collocar antes do substantivo a palavra *todo* e, si o sentido ficar completo e logico, o adjectivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Essa distincção é baseada mais na significação do substantivo do que na propriedade do adjectivo. Assim é que um mesmo adjectivo póde ser explicativo ou restrictivo, conforme o substantivo com que concordar: gelo *frio*, *frio* é adjectivo explicativo; tempo *frio*, *frio* é adjectivo restrictivo.

**Locução adjectiva qualificativa** é um grupo de palavras com função de adjectivo qualificativo: mesa *de marmore*, isto é, mesa *marmorea*; raio *da terra*, isto é, raio *terrestre*.

Os adjectivos determinativos se dividem em:

Determina- tivos . . .	}	Possessivos	}	Numeraes	} Cardinaes.
		Demonstrativos			
		Relativos		Indefinidos	
		Quantitativos			
Articulares					

**Possessivo** é o que exprime idéa de posse em referencia ás pessoas grammaticaes.

As palavras que representam as pessoas grammaticaes são:

*Eu, nós* (1.<sup>a</sup> pessoa), *tu, vós* (2.<sup>a</sup> pessoa), *elle, ella, elles, ellas* (3.<sup>a</sup> pessoa).

Os adjectivos são:

Masculino: *meu, teu, seu.*

Feminino: *minha, tua, sua.*

referindo-se a uma só pessoa e correspondentes a: *de mim, de ti, d'elle, della,* etc.

Masculino: *nosso, vosso.*

Feminino: *nossa, vossa.*

referindo-se a mais de uma pessoa e correspondentes a: *de nós, de vós,* etc.

As fórmãs do plural são: *meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas.*

**Demonstrativo** é o que indica a posição das pessoas e dos objectos.

São *simples* e *compósitos*.

**Simplees:**

*Este, esta, estes, estas, isto; esse, essa, esses, essas, isso; aquelle, aquella, aquelles, aquellas, aquillo; o, a, os, as* (antes de *que*).

**Compósitos:**

*Est'outro, est'outra, est'outros, est'outras, ist'outro.*

*Ess'outro, ess'outra, ess'outros, ess'outras, iss'outro.*



*Aquell'outro, aquell'outra, aquell'outros, aquell'outras, aquill'outro.*

As fórmãs: *isto, isso, aquillo*, e seus compóstos *ist'outro, iss'outro* e *aquill'outro, o, a, os, as* são considerados sempre como *pronomes*.

Os elementos *est, ess, aquell, ist, iss, aquill*, se conservam invariaveis.

*Este* e suas variações referem-se á pessôa ou ao objecto que está proximo á pessôa que fala (1.<sup>a</sup> pessôa).

*Esse* e suas variações referem-se á pessôa ou ao objecto que está proximo á pessôa com quem se fala (2.<sup>a</sup> pessôa).

*Aquelle* e suas variações referem-se á pessôa ou objecto que está distante de ambos (3.<sup>a</sup> pessôa).

**Relativo** é o que lembra uma pessôa ou cousa e liga orações. E', por isto, chamado *conjuntivo*.

São *o qual, a qual, os quaes, as quaes; que; quem; cujo, cuja, cujos, cujas; onde*.

Estas palavras devem antes ser incluidas na classe dos pronomes, pois que, com excepção de *cujo*, não trazem substantivo junto com que concordem.

**Quantitativo** é o que indica um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Quando exprime uma quantidade certa, chama-se **numeral**.

Quando exprime um numero, uma quantidade incerta, indeterminada, chama-se **indefinido**.

Os numerães se dividem em *cardinaes* e *ordinaes*.

**Cardinal** é o que exprime simplesmente a ideia numerica: *cinco, cem*.

**Ordinal** é o que indica numero com ideia de ordem, de collocação: *quinto, centesimo*.

Os adjectivos numeraes ordinaes são os seguintes:

Primeiro	Quadragesimo
Segundo	Quinquagesimo
Terceiro	Sexagesimo
Quarto	Septuagesimo
Quinto	Octogesimo
Sexto	Nonagesimo
Setimo	Centesimo
Oitavo	Ducentesimo
Nono	Tricentesimo
Decimo	Quadragesimo
Decimo primeiro ou undecimo	Quingentesimo
Decimo segundo ou duodecimo	Sexcentesimo
Decimo terceiro, etc.	Septingentesimo
Vigesimo	Octingentesimo
Trigesimo	Nonagesimo
	Millesimo
	Millionesimo

Pódem ser incluídos na classe dos numeraes os *multiplicativos*: *simples*, *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, etc. assim como *corja* que antigamente significava um numero de 20 peças da mesma especie, *ponche*, bebida compósta de cinco ingredientes, *arroba*, palavra arabe que significa a quarta parte, *hecatombe*, que traz ideia de 100.

Da mesma fórma as palavras *dizimo*, *grosa* (doze duzias), *par* (dois), *novena*, *vintena*, *quarentena*, os numeraes italianos *duo*, *trio*, etc., e os nomes formados com os termos latinos *deci*, *centi*, *milli*, e com os termos gregos *deca*, *hecto*, *kilo*, *miria*, usadas estas duas classes ultimas em arithmetica.

Entretanto todas estas palavras são consideradas como substantivos, o mesmo acontecendo a *biennio*, *triennio*, *centenario*, etc. e os formados com o termo *ávos*: *onz'ávos*, *doz'ávos*, etc.

**Indefinido** é o que indica numero incerto, quantidade não determinada.

Podemos enumerar os seguintes:

*Algum*, *alguma*, *alguns*, *algumas*, *alguem*; *ambos*, *ambas*; *cada*; *cada um*, *cada qual*; *certo*, *a*, *os*, *as*; *de-*

*mais; diverso, a, os, as; mesmo, a, os, as; mais; menos; muito, a, os, as; nada; nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhuma, ninguém; outro, a, os, as, outrem; pouco, a, os, as; qual, quaes (repetido); qualquer, qualquizer (forma arcaica); quaesquer; quanto, a, os, as; que (significando qual, quaes, quanto, que cousa); quem; só, sós; tal, taes; tanto, a, os, as; todo, a, os, as, tudo; um, uma, uns, umas; varios, as.*

Entre os *indefinidos* podem ser incluídos: *Fulano*, e por analogia — *sicrano, beltrano* e o termo — *gente*.

**Adjectivo articular** ou **artigo** é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado, particular.

O artigo portuguez é unicamente com suas variações: *o, a, os, as*, antigamente — *lo, la, los, las*.

O artigo contrai-se e combina-se, em geral, com os termos *a, de, em* e *per* da maneira seguinte:

*ao* — a o

*á* — a a

*aos* — a os

*ás* — a as

*do* — de o

*da* — de a

*dos* — de os

*das* — de as

*no* — em o

*na* — em a

*nos* — em os

*nas* — em as

*pelo* — per lo

*pela* — per la

*pelos* — per los

*pelas* — per las

Além do artigo *o* e suas variações, a Língua portugueza conserva o artigo *el*, arcaico, usado na fórmula *el-rei*.

Já vimos que podem os adjectivos determinativos ser usados sem substantivo claro, e que tomam, quando exercem esta função, a denominação de pronome.

Alguns grammaticos, porém, só dão a denominação de pronome aos pessoaes.

**Pronome pessoal** é o que lembra um nome em referencia ás pessôas.

As pessôas são tres: aquella que fala, aquella com quem se fala, e aquella de quem se fala.

Os pronomes pessoaes são tres:

1.<sup>a</sup> pessôa: *eu, nós.*

2.<sup>a</sup> pessôa: *tu, vós.*

3.<sup>a</sup> pessôa: *elle, ella, elles, ellas.*

As variações da 1.<sup>a</sup> pessôa são:  
*me, mim, comigo.*

*nós, comnosco.*

As variações da 2.<sup>a</sup> pessôa são:  
*te, ti, contigo.*

*vós, comvosco.*

As variações da 3.<sup>a</sup> pessôa são:  
*lhe, lhes.*

*o, a, os, as.*

*se, si, consigo* (fórmãs reflexas).



#### IV

### Verbo

**Verbo** é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes chamam aos verbos *palavras vivas* em contraposição aos nomes — *palavras mortas*.

Para que um facto se dê, para que uma acção se realize, é necessario um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre que a acção recaia.

Si se attender ao sujeito que levou a effeito esta acção, o verbo adquire *vozes*.

**Vozes** são as diversas maneiras de ser do sujeito.

As vozes são duas: *activa* e *passiva*.

**Activa** é aquella em que o sujeito pratica a acção:  
*temo.*

**Passiva** é aquella em que o sujeito recebe a acção:  
*sou temido.*

Existe tambem uma outra voz chamada *media* ou *reflexa*, em que a acção é feita e recebida ao mesmo tempo pelo sujeito: *tu te queimaste.*

E' preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma fôrma especial.

Si se attender ao objecto sobre que a acção recai, os verbos se dividem em *transitivos* e *intransitivos*.

**Transitivo** é o verbo que exprime uma acção empregada directa e immediatamente sobre uma pessoa ou um objecto: *amo meus pais; quero os livros.* 20X

**Intransitivo** é o verbo que exprime uma acção empregada indirectamente sobre uma pessoa ou objecto, ou exprime simplesmente uma acção completa: *falei com José; venho do Recife; cairei.* X

Os verbos transitivos se pódem tornar intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos: — *lemos romances* — o verbo *lêr* está empregado na fôrma transitiva; mas si dissermos — *lemos sempre* — este verbo é considerado como intransitivo.

Quando dizemos: — *dormiste bem* — *dormiste* é um verbo de acção intransitiva; si dissermos — *dormiste um somno reparador* — *dormiste* é um verbo transitivo.

Julio Ribeiro affirma: ... «quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo.»

Os verbos se dividem ainda em:

**Pronominal** é o verbo cuja acção se transmite ao sujeito sem que elle seja seu objecto: *eu me arrependo*. Os verbos pronominaes são conjugados com dois pronomes da mesma pessoa e póde ter a fôrma reflexa: *elle se feriu*, ou a fôrma reciproca: *elles se feriram*.

**Perifrastico** é o verbo formado com os verbos *haver, ter, estar, ir, vir, andar, viver, poder, dever, querer, saber* (ter aptidão), etc. *Hei de estudar; tenho de comer; estou lendo; ir caindo; vir a comer; andar saltando; viver escrevendo; posso cantar; devo trabalhar; quero brincar; sei estudar.*

Estes verbos, conforme a ideia que exprimem, ou a significação que têm, apresentam-se sob fôrma simples ou compôsta, e se dividem em: *promissivo*, quando indicam uma promessa: *havemos de estudar*; *obligatorio*, si mostram uma obrigação: *tens de trabalhar*; *frequentativo*, *reiterativo*, *continuativo*, *iterativo*, quando exprime um fenomeno repetido: *vir caindo*, *anda brincando*, *saltitar*, *esbofetear*, *tornar a lêr*, *revêr*, *recaír*; *nicotativo*, quando indica o começo do fenomeno: *alvorecer*, *começar a lêr*.

**Defectivo** é o verbo a que faltam algumas linguagens: *querer*, *jazer*.

A Lingua portugueza poucos verbos defectivos possui, e o uso muito concorre para sua completa extinção.

**Unipessoal** é o verbo que só se conjuga na 3.<sup>a</sup> pessoa: *trovejar*, *chover*, *ocorrer*, *constar*, *acontecer*.

Como exprimem factos que não são referidos a pessoas ou cousas determinadas, os verbos *unipessoaes* também se denominam de *impessoaes*.

Os verbos *impessoaes* se podem tornar *pessoaes*, em sentido figurado.

Os verbos ainda pôdem ser *substantivo* e *atributivo* ou *adjectivo*.

**Verbo substantivo** é o que exprime a affirmação de conveniencia ou desconveniencia entre duas idéias.

*Ser* é o unico verbo substantivo. É também denominado *verbo abstracto*.

Às vezes o verbo *estar* assemelha-se na sua função ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a affirmação, exprime também a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em lugar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

Ao verbo substantivo *ser* não cabe nenhuma das divisões até aqui apontadas; sómente fôrma a voz passiva no character de *auxiliar*.

Ha grande distincão entre os verbos *ser* e *estar*.

*Ser* exprime um estado permanente, habitual, indica uma qualidade inerente ao sujeito: *Pedro é doente*.

*Estar* exprime um estado, uma situação passageira transitoria, indica uma qualidade accidental: *Pedro está doente*.

**Verbo attributivo** ou **adjectivo** é o que exprime affirmacão com idéia de modo ou qualidade: *amar, partir*.

Tambem póde o verbo *adjectivo* ser denominado *concreto*, contendo em si o verbo *ser* acompanhado de um attributo: *crêr, ser crente; dever, ser devedor; estudar, ser estudante*.





5.  
Did you call me?  
Yes, I will you.

V

### Palavras invariáveis

Ha certo acordo entre as grammaticas em considerarem como palavras invariáveis o *adverbio*, a *preposição* e a *conjunção*.

A estas se póde juntar a *interjeição*, que não é propriamente palavra.

Estas quatro classes têm o nome de *particulas*.

I

**Adverbio** é a palavra que exprime uma circunstancia.

O papel do adverbio é modificar o sentido do adjectivo qualificativo, do verbo e de outro adverbio.

As circumstancias expressas pelo adverbio são de:

**Tempo:** *agora*, *ainda*, *hoje*, *amanhã*, *antes*, *cedo*, *tarde*, *já*, *logo*, *nunca*, *depois*, *jamais*, *sempre*, *ontem*, *atrás*, *então*.

**Lugar:** *cá*, *ali*, *lá*, *acolá*, *fóra*, *dentro*, *perto*, *aqui*, *aquem*, *além*, *avante*, *onde*, *atrás*, *longe*, *eis*. Leoni chama

aos advérbios — *aqui, ali, acolá* — *este, esse, elle, elle, elle*, porque correspondem aos pronomes — *este, esse, elle, elle, elle*.

**Ordem:** *antes, primeiramente, depois, ultimamente.*

**Quantidade:** *muito, pouco, assás, tam. tanto, mais, menos, quam, quanto, quasi, só, sómente, apenas unicamente.*

**Affirmação:** *sim, certamente, verdadeiramente.*

**Negação:** *não, nunca, jámais.*

**Duvida:** *talvez, acaso, quiçá, provavelmente.*

**Exclusão:** *só, sómente, apenas, siquer.*

**Modo:** *bem, mal, assim, e em geral os advérbios terminados em mente.*

**Locução adverbial** é um grupo de palavras com função de advérbio: *às carreiras, donde, até ali, de fóra, em baixo, ante ontem, de repente, sem duvida, em vão, a pouco e pouco, eis aqui, etc.*

II

**Preposição:** é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre dois vocabulos.

**Locução prepositiva** é um grupo de palavras com função de preposição: *em cima de; conformê a; por de sobre.*

As preposições mais communs são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, per ou por, para, sem, sob, sobre.* São chamadas *preposições essenciaes.*

Há, além destas, certos adjectivos derivados de verbos que têm valor de preposição, como: *durante, salvo, excepto,*

*consoante, segundo, conforme, mediante, etc.* que se denominam *preposições accidentaes*.

As preposições classificam-se pelas relações que exprimem.

A preposição *A* exprime:

- **Medida:** *Vender a metros.*
- **Direcção:** *Ir a Olinda.*
- **Tempo:** *A 10 de Junho.*
- **Modo:** *Andar a cavallo.*
- **Posição:** *Ao longe.*
- **Distancia:** *A duas leguas.*
- **Instrumento:** *Bater-se a espada.*
- **Materia:** *Pintura a óleo.*
- **Lugar onde:** *Estar á janella.*
- **Conformidade:** *A meu juizo.*
- **Fim:** *Trabalhar a bem da patria.*
- **Meio:** *Matou-o a fome.*
- **Preço:** *A 10\$000 o metro.*

A preposição *Ante* exprime:

- **Posição fronteira:** *Apresentou-se ante o tribunal.*
- **Antecedencia:** *Pé ante pé.*

A preposição *Até* exprime:

- **Termo de lugar, de tempo, de quantidade ou de acção:** *Até a cidade, até a tarde, até cem mil réis, até morrer.*

A preposição *Após* exprime:

- **Situação posterior, de lugar ou de tempo:** *Após tantas ruas; após a chuva.*

A preposição *Com* exprime:

- **Companhia:** *Vou com meu filho.*
- **Conteúdo:** *Um copo com agua.*

*Certo*

**Qualidade** : *Um moço com carácter.*

**Preço** : *Pagou tudo com mil réis.*

**Opposição** : *Lutou com elle.*

**Modo** : *Com boas maneiras, com lealdade.*

**Meio** : *Com zombaria.*

**Causa** : *Caiu com o tiro.*

**Instrumento** : *Com ferro em braza.*

**Proximidade, junção** : *Coser-se com a terra.*

A preposição *Contra* exprime :

**Opposição** : *Trabalhou contra elle.*

**Situação fronteira** : *Turma contra turma.*

**Posto immediato** : *Contra mestre.*

A preposição *De* exprime :

**Lugar, ponto de partida** : *Vir de Olinda.*

**Posse** : *Livro de João.*

**Materia** : *Copo de ouro.*

**Direcção** : *Andar de porta em porta.*

**Tempo** : *De madrugada.*

**Extensão** : *Viagem de 20 leguas.*

**Idade** : *Moço de 20 annos.*

**Separação** : *Tirar os filhos de casa.*

**Motivo** : *Morrer de vergonha.*

**Meio** : *Cobrir de areia.*

**Origem** : *Descendente de nobres.*

**Medida** : *Rua de 50 metros.*

**Quantidade** : *Força de 100 cavallos.*

**Modo** : *Estar de maré.*

**Instrumento** : *Tiro de espingarda.*

A preposição *Desde* exprime :

**Ponto de partida** : *Desde Pernambuco.*

**Tempo** : *Desde minha infancia.*

A preposição *Em* exprime :

**Lugar onde, interior :** *No Recife, no bolso.*

**Tempo :** *Em 1904.*

**Mudança de estado ou de fôrma :** *Cair em pobreza; feito em pedaços.*

**Destino, fim :** *Ir em socorro; ficou em refem.*

**Valor :** *Estimado em 100\$000; ter-se em conta de gente.*

**Divisão :** *Comedia em dois actos.*

**Modo :** *Escrever em verso.*

**Assunto :** *Cuidar em trabalhar.*

**Qualidade :** *Ouro em pó; ferro em braza.*

A preposição *Entre* exprime :

**Posição média :** *Entre Scylla e Carybides.*

**Reciprocidade :** *Têm relação entre si.*

**Lugar interior :** *Dizendo entre si.*

A preposição *Para* exprime :

**Lugar para onde :** *Vou para o Recife.*

**Fim :** *Estudo para aprender.*

**Tempo :** *Para a semana proxima.*

**Lugar onde :** *Móra lá para as bandas de Olinda.*

**Proporcionalidade :** *Tres está para quatro, como cinco está para seis.*

A preposição *Por* exprime :

**Lugar por onde :** *Por montes e valles.*

**Causa :** *Agiu por interesse inconfessável.*

**Duração :** *Privilegio por 10 annos.*

**Modo :** *Falar por alto.*

**A favor :** *Intercedeu por mim.*

**Preço :** *Comprou por 20\$000.*

**Troca :** *Deixou o certo pelo duvidoso.*

**Supposição :** *Tinha a batalha por ganha.*

**Falta:** *Estava o livro por acabar.*

**Lugar onde:** *Derramado pelo chão.*

**Meio:** *Subiu por intrigas.*

**Instrumento:** *Atravessado por um golpe de espada.*

**Tempo:** *Chegará por esses dias.*

A preposição *Sem* exprime:

**Falta:** *Alcançar fama sem proveito.*

A preposição *Sob* exprime:

**Posição inferior:** *Sob o cristalino céu.*

**Espaço de tempo:** *Sob os Imperadores romanos.*

**Meio:** *Sob juramento.*

A preposição *Sobre* exprime:

**Posição superior:** *Vive sobre a terra.*

**Proximidade:** *Sobre a noute.*

**Direcção:** *Foi sobre o inimigo.*

**Excesso:** *Bebeu sobre posse.*

**Assunto:** *Deu parecer sobre o projecto.*

### III

**Conjunção** é a palavra que indica a relação entre dois juízos, entre duas idéias ou entre duas orações.

**Locução conjuntiva** é um grupo de palavras com função de conjunção: *ainda que, isto é, por exemplo.*

As conjunções se dividem em *coordenativas* e *subordinativas*.

**Coordenativa** é a conjunção que estabelece relação entre orações independentes, da mesma natureza e que têm a mesma função da frase.

**Subordinativa** é a conjunção que estabelece relação entre orações dependentes, de natureza diversa, das quaes uma completa a outra.

As coordenativas são:

**Copulativa:** e, também, nem, outrosim.

**Adversativa:** mas, porém, contudo, todavia, entretanto, não obstante.

**Conclusiva:** logo, pois, portanto, por conseguinte.

**Disjuntiva:** nem, ou, já, quer, ora.

As subordinativas são:

**Condicional:** si, sinão, contanto que, a menos que.

**Concessiva:** quer, embora, posto que, ainda que.

**Temporal:** quando, antes que, enquanto, apenas.

**Causal:** porque, por isso, que, já que, visto como.

**Integrante:** que, si, como.

**Comparativa:** como, assim como, que, quanto.

**Final:** para que, afim de que, de modo que.

**Explicativa:** como, a saber, isto é, por exemplo.

quanto IV causal

**Interjeição** é um som articulado que exprime um sentimento subito: *ah! eh! ui!*

«As interjeições não podem caracterizar o genio de nenhuma lingua porque pertencem geralmente a todas.

«São gritos naturaes, indicativos de dôr ou de alegria, que geralmente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga-se que taes gritos não devem ser reputados partes da oração.»

As interjeições são gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

Gritos naturaes e espontaneos em geral, existem, entretanto, algumas interjeições convencionaes mas que de tam usadas e communs que são, já se empregam insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

Das interjeições naturaes, ou propriamente ditas, a mais commum, que serve para reforçar o vocativo, é: *ó, oh!*

As interjeições indicam:

**Appello:** *olá! aqui d'el-rei!*

**Dôr:** *ai! ui! apre! guai!*

**Admiração** : *ha! ah! oh!*

**Mando** ou **exortação** : *eia! sus!*

**Repugnancia** ou **aversão** : *apage! irra! fóra!*

**Alegria** : *ah! oh! eh!*

**Silencio** : *chiton! psiu!*

As interjeições convencionaes *coragem! misericordia! diabo! safá! adeus!* etc., representam fórmulas abreviadas.

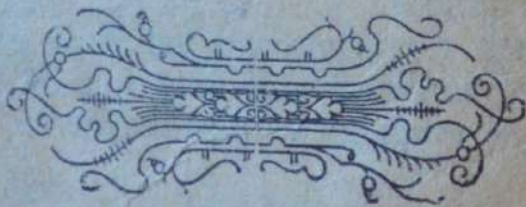
Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeiras: *apage! eia! sus! bravo! hip! hurrah! caramba! oxalá!*

**Locução interjectiva** é um grupo de palavras com função de interjeição: *Ai de mim! Deus nos acuda! Hom'essa! Aqui d'el-rei! Ave Maria!*

Na classe das interjeições se pódem incluir as *onomatopéas*, que são sons imitativos: *bum-bum, glu-glu, cri-cri, tique-taque.*

Por meio das *onomatopéas* pinta-se o objecto pelo som ou pelo ruido que elle produz.

As *interjeições*, exprimindo os varios estados da alma, são internas, subjectivas; as *onomatopéas*, indicando os sons dos objectos, são externas, objectivas.





## Camponomia

**Camponomia** é a parte da morfologia em que se estudam as flexões das palavras.

**Flexões** são as variações morfológicas que os vocabulos soffrem em sua terminação.

As flexões se dividem em *nominaes* e *verbaes*.

**Flexões nominaes** são as modificações que os nomes soffrem: de *genero*, *numero* e *gráu*.

**Flexões verbaes** são as modificações que os verbaes soffrem: de *modo*, *tempo*, *pessôa*, etc. X

Ha diversas teorias para explicar a origem destas mudanças de fórmãs nas terminações.

A escola moderna provou que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distincta, eram, por assim dizer, pronomes, participios, etc., que se soldaram á raiz.

Este fenomeno acha-se palpitante nas fórmãs do futuro e do condicional das linguas romanicas.

Em Portuguez: *amarei* — *amar-hei*; *amaria* — *amar* — *havia* — *amar-hia*.

O Latim fórma os perfectos por meio de composição, como *amavi* em que *vi* está por *fui*.

O Francez tem as fórmãs analíticas *j'ai aimé* e o futuro *aimerai* por *j'ai à aimer*.  
O Inglez tem a terminação *d* ou *ed* que é o preterito *did*.

\* A simples analyse de uma palavra nos mostra que existem nella dois elementos: *radical* ou *tema* e *terminação*.

**Radical** é a parte que indica a idéia principal da palavra e é geralmente invariavel.

**Terminação** é o elemento secundario, menos importante, geralmente variavel.

Ao radical se pódem juntar os *affixos*, que se dividem em: *prefixos*, *suffixos* e *infixos*.

**Prefixos** são os elementos que se collocam antes do radical: *HEMI-sferio*.

**Suffixos** são os elementos que se collocam depois do radical: *fac-ADA*.

**Infixos** são os elementos que se collocam no meio do vocabulo: *amar-TE-ei*; *animal-Z-inho*. \*

As palavras são compóstas de orgams que têm um sentido; na palavra *padeiros*, distinguimos o radical *pad*, a raiz *pa*, que indicam a idéia principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

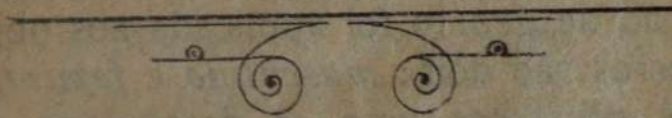
Costuma-se muitas vezes na pratica confundir raiz e radical, o que convém distinguir.

*Raiz* é o elemento mais simples, irreductivel, que encerra a idéia originaria, a idéia donde etimologicamente decorre um grupo de palavras; *radical* ou *tema* é o vocabulo sem a desinencia ou terminação. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *des*, a terminação *ar*, o radical *desanim* e a raiz *an* que significa *respirar*, *viver*.

Da raiz *mod* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos: *modo*, *modulo*, *medico*, *medicina*, *moderador*, *immoderado*, *commodo*, *incommodo*, *acommodar*, *medio*, em que se vê que o radical é *mod*, *medic*, *moder*, *comod*, etc., e a raiz é *mad* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) possuímos em Portuguez as palavras: *respeitar, respeito, respeitavel, bispo, respectivo, respeitosa-mente, respectivamente, despeito, suspeitar, suspeita, circunspecto, inspector, inspecção, aspecto, prospecto, perspicacia, perspectiva, expectativa, auspicio, especular, especulador, espia, especie, espe- cial, especifico, espelho, etc.* (Deduzido de Max Muller).

Entretanto, despojando estas palavras de suas terminações, as fórmãs que restam se distinguem fundamentalmente, não se assemelham de maneira alguma.



## Substantivo

## FLEXÃO DE GENERO

**Genero** é a distinção do sexo dos animaes. Por extensão a noção de genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dois: *masculino* e *feminino*.  
Ha tres processos para se determinar o genero dos substantivos: a *significação*, a *terminação* e a *accepção*.

São **masculinos** pela *significação*: os nomes de animaes machos: *João, cavallo*; os nomes de deuses: *Satanaz, Baccho*; os nomes de officios, profissões e titulos proprios de homem: *lavrador, pintor, bispo, professor, deputado*; os nomes dos pontos cardeaes e ventos: *norte, sul, Zefiro*; os nomes de rios, montes, mares: *Beberibe, Alpes, Caspio*; os nomes de mezes: *Janeiro*; as notas de musica e os nomes de numeros: *dó, ré, mi; dez, cem*; as fórmulas dos verbos tomadas como substantivo: *o AMAR; um TOMA e dois TE DAREI*.

São **femininos** pela *significação*: os nomes de animaes femeas: *Maria, leôa*; os nomes de deusas e divindades

des: *Venus, Justiça*; os nomes de profissões, officios, etc., proprios de mulher: *costureira, lavadeira, professora, duqueza*; os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias: *America, Creta, Roma*; os nomes dos dias da semana, com excepção do *sabbado* e *domingo*; os nomes de sciencias, artes e letras, com excepção do *desenho*; os substantivos abstractos: *sêde, embriaguez*.

São **masculinos** pela *terminação* :

1.º os terminados em *á*, como: *cajá*; exceptua-se: *pá*;

2.º os terminados em *e*, como: *pente*; exceptuam-se: *arvore, ave, carne, cidade, fonte, ponte, rêde, serie*, etc., e os substantivos abstractos;

3.º os terminados em *é*, como: *café*; exceptuam-se: *chaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*;

4.º os terminados em *i*, como: *jaboti*; exceptua-se: *juriti*;

5.º os terminados em *o*, como: *tinteiro*; exceptua-se: *virago*;

6.º os terminados em *ó*, como: *cipó*; exceptuam-se: *avó, eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró*;

7.º os terminados em *u*, como: *cajú*; exceptua-se: *tribu*;

8.º os terminados em *ai, au, eu*, como: *pai, pau, chapéu*; exceptua-se: *náu*;

9.º os terminados em *al, el, il, ol, ul*, como: *animal, cordel, funil, anzol, paul*; exceptuam-se: *cal, cathedral, decretal, pastoral, moral, vestal, capital* (cidade principal);

10.º os terminados em *am, an, em, en, im, in, om, on, um*, como: *orgam, iman, homem, himen, serafim, gruín, som, colôn, jejum*; exceptuam-se: *adem, nuvem, ordem*, e os terminados em *gem*, como: *imagem, personagem, vertigem, ferrugem*;

11.º os terminados em *ar, er, ir, or, ur*, como: *altar, prazer, porvir, calor, catur*; exceptuam-se: *colher, mulher, côr, dôr, flôr*;

12.º os terminados em *az*, como: *ananaz*; exceptuam-se: *tenaz, paz*; os terminados em *ez*, como: *mez*; excep-

tuam-se: *fez* (só usado no plural *fêzes*), *rez*, *tez*, *torque*  
*vez*; os terminados em *iz*, como: *juiz*; exceptuam-se: *aboi*  
*cerviz*, *cicatriz*, *codorniz*, *matriz*, *perdiz*, *raiz*, *sobrepele*  
*variz*; os terminados em *oz*, como: *calabroz*; exceptuam-se  
*foz*, *noz*, *pioz*, *voz*; os terminados em *uz*, como: *arcabuz*  
exceptuam-se: *cruz*, *luz*;

13.º os terminados em *is* e *us*, como: *oasis*, *pús*; ex  
ceptuam-se: *bilis*, *cutis*, *phenis*;

14.º os terminados em *ão*, como: *coração*, e os augmen  
tativos: *caixão*, etc., ainda que sejam femininos os positi  
vos: *portão*.

Outros, porém, derivados do feminino latino conservam  
este genero em Portuguez: *ocasião*, *multidão*. †

São **femininos** pela *terminação* :

1.º os acabados em *a*, como: *caneta*, *lira*; exceptuam  
se: *dia* e em geral os nomes gregos em *a*, como: *planeta*

2.º os terminados em *ã* e *ê*, como: *irmã*, *lã*, *mercã*  
Exceptuam-se: *talismã* e *iman*. Os terminados em *ã* s  
confundem com os terminados em *an*.

3.º os terminados em *ade*, como: *saudade*; excep  
tuam-se: *alvaiade*, *alcaide*, *abbade*, *frade*.

Pela *accepção* temos:

*Capital*, fundo monetario, é masculino.

*Capital*, cidade principal, é feminino.

*Cabeça*, chefe principal, é masculino.

*Cabeça*, parte do corpo, é feminino.

*Cura*, sacerdote, é masculino.

*Cura*, curativo, é feminino.

*Lente*, professor, é masculino.

*Lente*, vidro de augmento, é feminino.

*Corneta*, homem que toca o instrumento, é masculino.

*Corneta*, instrumento, é feminino.

*Champanha*, *Madeira*, nomes geograficos, são feminino.

*Champanha*, *Madeira*, vinhos ahi fabricados, são ma  
culinos.

Há incerteza do genero de certos substantivos por par

dos escritores: *personagem, trama, fantasma, colera* (doença), *aneurisma, faringe, laringe, crisma*, etc.

Poucas são as regras para a formação do feminino dos substantivos:

1.<sup>a</sup> os que acabam em consoante soffrem o augmento da letra *a*: *autor, autora; portuguez, portugueza*;

2.<sup>a</sup> os que acabam em vogal soffrem a troca dessa letra para *a*: *filho, filha; infante, infanta*.

3.<sup>a</sup> os que acabam em *ão*, mudam estas letras para *ôa*, ou para *ona*, ou para *ã*: *leão, leôa; folgazão, folgazona; irmão, irmã*.

Muitos são os substantivos que formam o feminino irregularmente.

Taes são:

abbade — abbadessa  
actor — actriz  
alcaide — alcaidessa  
autocrata — autocratiz  
avô — avó  
barão — baroneza  
bode — cabra  
boi — vaca  
cão — cadella  
carneiro — ovelha  
cavallo — egua  
cervo — corça  
compadre — comadre  
conde — condessa  
consul — consuleza  
czar — czarina  
diacono — diaconiza  
dom — dona  
duque — duqueza  
embaixador — embaixatriz

frade — freira  
frei — soror  
gallo — gallinha  
gamo — corça  
genro — nora  
herói — heroína  
homem — mulher  
ilhéu — ilhôa  
ladrão — ladra  
macho — femea  
macho — besta  
marido — mulher  
monge — monja  
mu — mula  
padrasto — madrasta  
padre — madre  
padrinho — madrinha  
pai — mãe  
papa — papiza  
paldal — pardoca

perdigão — perdiz  
perú — perúia  
poeta — poetiza  
príncipe — princeza  
prior — prioreza  
profeta — profetiza  
rapaz — rapariga  
rei — rainha

réu — ré  
sacerdote — sacerdotiza  
sandeu — sandia  
sultão — sultana  
tecelão — tecedeira  
tabaréu — tabarôa ou tabarés  
veado — cerva  
zangão — abelha

Alguns substantivos admittindo flexão de genero indicam augmento de volume ou de capacidade: *jarro, jarra, vallo, valla; tacho, tacha.*

Outros cujo masculino indica unidade ou generalidade e o feminino collecção: *fruto, fruta; ramo, rama; bago, bago; marujo, maruja; lenho, lenha; grito, grita.* O feminino abrange, comprehende o masculino.

Outros, finalmente, cuja flexão feminina dá ao substantivo uma significação completamente differente da fórma masculina:

*barro* — argila  
*cachaço* — pescoço  
*tino* — juizo, instinto

*barra* — entrada do porto  
*cachaça* — aguardente  
*tina* — vasilha

Ha substantivos que, debaixo de uma só fórma, designam ambos os sexos: são os **epicenos**.

Para distingui-los juntam-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea*.

Assim, por exemplo, quando ha necessidade de differenciar os sexos dos substantivos epicenos *tigre, sabiá, cegonha*, diz-se: *o tigre macho, o tigre femea*, ou, então, *o macho do tigre, a femea do tigre; a sabiá macho, o macho da sabiá*, etc.

Outros substantivos têm o genero determinado pelo adjectivo que modifica o seu sentido: *o martir*, masculino; *a martir*, feminino; *este hypocrita*, masculino; *esta hypocrita*, feminino.



Estes substantivos são conhecidos pelo nome de **communis a dois**.  
Alguns grammaticos dão aos substantivos epicenos e communis a dois o nome de *uniformes*; aos outros chamam *biformes*.

Em Portuguez, como vimos, os generos são dois: *masculino* e *feminino*; entretanto a Lingua latina, donde se originou a nossa, tem mais um que é *neutro*.

E' bom notar que os romanos cêdo perderam tambem o sentido do emprego do neutro, genero a que, com muita razão, chamam os grammaticos indianos *kliva*, isto é, *eunuco*.

Apesar de só terem passado para o Portuguez os generos masculino e feminino, acha João de Barros que pôdem ser classificados como neutros: os nomes das letras do alfabeto, os substantivos verbales: *o querer*, *o amar*, etc., e o artigo *al*.

Soares Barbosa considera neutras as terceiras terminações de alguns dos adjectivos de tres fórmãs, a primeira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivamente ou para modificarem orações inteiras.

Temos as fórmãs: *este* (masc.), *esta* (fem.), *isto* (neutro); *esse* (masc.), *essa* (fem.), *isso* (neutro); *aquelle* (masc.), *aquella* (fem.), *aquillo* (neutro); *todo* (masc.), *toda* (fem.), *tudo* (neutro); *algun* (masc.), *alguma* (fem.), *algo* (neutro); *elle* (masc.), *ella* (fem.), *ello* — antigo — (neutro); *outro* (masc.), *outra* (fem.), *outrem* (neutro).

Como affirma Theophilo Braga em sua *Grammatica*, ha alguns adjectivos de uma só fórmula para o *masculino* e *feminino* que tambem affectam esta fórmula neutra:

<i>Rude</i> .....	m. e f.	<i>Rudo</i> , neutro
<i>Acre</i> .....	m. e f.	<i>Agro</i> , neutro
<i>Cem</i> .....	m. e f.	<i>Cento</i> , neutro
<i>Abundante</i>	m. e f.	<i>Avondo</i> (antigo), neutro

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo*, *algo*, *outrem*, *isso*, etc., preencherem funções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma frase inteira, devem ser considerados como do genero neutro.

Bergmann é de opinião que as fórmãs substantivas: *o verdadeiro*, *o bello*, *o bom*, são verdadeiros tipos do neutro.

Além destes, possuímos termos latinos que, por serem do genero neutro nessa Lingua, pôdem ser considerados do mesmo genero em Portuguez onde são empregados: *memorandum*, *ultimatum*, *fas*, *nefas*, *agenda*, *mare magnum*, *Corpus Christi*.

Os nomes neutros em Latim se tornaram masculinos ou femininos em Portuguez. Em Latim mesmo se encontra a confusão dos generos a ponto de serem masculinas palavras que eram do genero neutro. Os nomes neutros no plural em — *a* — se confundem com os nomes da primeira declinação.

Estudando-se os varios periodos da Lingua Portugueza, verifica-se a mudança do genero de algumas palavras.

Assim: *mar* era feminino, como ainda hoje se vê nas palavras *preia-mar* e *baixa-mar*.

*Fantasma* e *fenix* eram masculinos e femininos.

Vieira empregou, no feminino: *uma fantasma medonha*.

*Tribu* era masculino, e assim usou Antonio Vieira: *De TODOS OS dez TRIBUS. OS DOZE TRIBUS DE ISRAEL.*

*Cometa*, *diadema*, *estratagema*, *theoremata*, *mappa*, *problema*, eram femininos.

*Linhagem*, *origem*, *base*, *piramide*, eram masculinos.

Camões empregou: A PLANETA APRESSADA.

Vieira disse: *Si Christo tirára A DIADEMA. Vistes O TORRENTE formado da tempestade. AQUELLE CATASTROFE admiravel.*

Christovam Falcão: *Ao pé de UM ARVORE estava.*

João de Barros usou de A CLIMA.

Bluteau quer que seja feminino o substantivo *grude* e masculinos *sege*, *tribu*, *anecdotos* (anecdotas).

*Foca*, feminino em Latim e em Portuguez moderno, era antigamente masculino, como em Felinto: *Mataram UM grande FOCA*; e Camões: *Que só dos FEIOS FOCAS se navega.*

*Fim* era feminino, como se vê no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende: *Por seu nojo e MINHA FIM*; em João de Barros: *Dizem que A FIM do mundo ha de ser per fogo*, e em Gil Vicente: *Os mais têm FINS DESASTRADAS*; no *Leal Conselheiro*: *Para trazer a DEVIDA FIM qualquer boa e grande obra.*

Garrett diz: O povo, á maneira de nossos antigos escritores, ainda hoje faz *fim* ora masculino ora feminino, mas não indifferentemente, nem a tôa. *Fim*, como alvo, objecto, é sempre masculino; como termo, acabamento de vida, sempre feminino, para elles.

aldeãos; de  
ou ermitã  
lão fã  
truã

II

## FLEXÃO DE NUMERO

**Numero** é a propriedade que têm os substantivos de mostrar a unidade e a pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dois: *singular* e *plural*, que, existentes em Latim, passaram para Portuguez.

Algumas palavras fazem lembrar o *dual* da lingua grega; taes são: *dois*, *ambos*, *nós*, *vós*, etc.

A regra geral para os substantivos formarem o plural é acrescentar a letra *s* ao singular.

X Esta letra é a terminação do accusativo plural das declinações no Latim, com excepção dos nomes neutros.

Destes nomes neutros, cujo accusativo termina em *a*, possui o Portuguez, indicando idéia de plural, palavras, como *alimaria* (os animaes), *moda* (os modos).

## REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO PLURAL

Os substantivos que terminam em vogal, oral ou nasal, soffrem o acrescimo da letra *s*, seguindo a regra geral: *livro*, *livros*; *maçã*, *maçãs*; *orgam*, *orgams*. Exceptuam-se: *ademan* e *canon* que fazem *ademanes* e *canones*.

Fazem tambem o plural regular os substantivos originados de linguas estrangeiras: *almanach*, *almanachs*; *bond*, *bonds*; *deficit*, *deficits*.

Outros, porém, conservam o plural originario: *memorandum*, *memoranda*; *erratum*, *errata*; *diletante*, *diletanti*; *confetto*, *confetti*.

Os que no singular já terminam em *s*, não soffrem alteração passando para o plural: *pires*.

Exceptua-se *Deus* que, significando os do <sup>linos ou femi-</sup> ou os falsos, faz *Deuses*; *simples* (drogas, ingredient<sup>afusão dos</sup> faz *simplices* e antigamente *ourives* e *alferes* que faziam <sup>genero</sup> *ourivezes* e *alferезes* com

Garcia de Rezende escreveu: *OURIVEZES e escultores. E assy como os OURIVEZES.*

O singular era *ourivez* e o plural *ourivezes*.

Camões usou *ALFEREZES* no verso: *Alferезes volteiam as bandeiras.*

A forma *simples* no plural é já bastante antiga.

Garcia d'Orta intitulou um seu famoso e apreciado livro de *Dialogo dos SIMPLES e Drogas da India.*

Todavia Duarte Nunes Leão ainda emprega: *outros infinitos os quaes são SIMPLEZES e não compóstos.*

Os substantivos terminados em *ão* formam o plural de tres modos:

Uns seguem a regra geral, isto é, soffrem o acrescimo da letra *s*: *mão, mãos; ancião, anciãos; cidadão, cidadãos.*

Outros mudam a terminação *ão* para *ões*: *coração, corações.*

Outros mudam a terminação *ão* para *ães*: *capitão capitães*

Geralmente a forma da palavra do Latim determina o plural em Portuguez.

Assim si os substantivos fizerem o acusativo plural em *anos*, em Portuguez o plural é *ãos*: *granos, grãos; germanos, irmãos.*

Si fizerem o acusativo plural em *ones*, o plural portuguez é *ões*: *leones, leões; actiones, acções.*

Si fizerem o acusativo plural em *anes*, o plural portuguez é *ães*: *panes, pães; canes, cães.*

Outros autores, como Vera e Duarte Nunes Leão, sujeitam estas regras á derivação castelhana:

Si o nome castelhano terminar em *an*, o plural é *ães*: *sacristan, sacristães*; si terminar em *ano*, o plural é *ãos*: *ciudadano, cidadãos*; se terminar em *on*, o plural é *ões*: *coraçon, corações.*

Os que não tiverem origem latina ou castelhana fórmam o plural em *ões*.

Ha certos nomes terminados em *ão*, cujo plural não está bem determinado: *aldeão* faz *aldeões*, ou *aldeães*, ou

*aldeãos*; *deão* faz *deões*, ou *deães*; *ermitão* faz *ermitões*, ou *ermitães*; *guardião* faz *guardiões*, ou *guardiães*; *villão* faz *villões*, ou *villãos* ou *villães*; *truão* faz *truões* ou *truães*.

Os que terminam em *em*, *im*, *om*, *um*, mudam o *m* em *ns*: *homem*, *homens*; *serafim*, *serafins*; *som*, *sons*; *atum*, *atuns*.

Os que terminam em *al*, *ol*, *ul*, mudam o *l* em *es*: *animal*, *animaes*; *lençol*, *lenções*; *paúl*, *paúes*.

Exceptuam-se: *cal*, *mal*, *real*, *curul*, *consul* e seus compostos que fazem *cales* ou *calces*, *males*, *réis*, *curules* e *consules*.

Os que terminam em *el* mudam o *l* em *is*: *papel*, *papeis*. *Mel* faz *meles* ou *méis*, ou não se usa no plural.

Os que terminam em *il* não acentuado, mudam o *il* em *eis*: *réptil*, *répteis*; *projéctil*, *projécteis*.

Os que terminam em *il* acentuado, mudam o *l* em *s*: *barril*, *barris*.

Os que terminam em *r* ou *z* acrescentam *es*: *amor*, *amores*; *juiz*, *juizes*. Note-se que o substantivo *carácter* forma o plural *caractéres*; *sóror* (freira confessa) faz o plural *soróres*, havendo mudança da sillaba acentuada.

Os que terminam em *ex* ou *ix* mudam estas letras para *ice* e acrescentam *s*: *index*, *indices*; *calix*, *calices*. Em Portuguez poucos são os nomes desta terminação e apresentam elles duas fórmulas no singular: *index*, *indice*; *calix*, *calice*.

OBSERVAÇÃO. — Os substantivos masculinos terminados em *o*, cujo penultimo *o* fôr fechado ou circumflexo, estão subordinados ás seguintes regras prosodicas que se sujeitam ainda a dúvidas.

1.<sup>a</sup> Si no feminino a letra *o* fôr fechada, será tambem fechada no plural: *môço*, *môça*, *môços*, *môças*.

2.<sup>a</sup> Si no feminino a letra *o* não fôr fechada, tambem não o será no plural: *porco*, *pórca*, *pórcos*, *pórcas*. Exceptua-se *sogro*, no feminino *sógra* e no plural *sôgros*, *sógras*.

3.<sup>a</sup> Si o substantivo não tiver feminino, a letra *o* será aberta no plural: *goso*, *gósos*; *corpo*, *córpas*.

Estas regras são as apresentadas geralmente pelos grammaticos. Parece-nos, porém, que as seguintes, deduzidas de um artigo do Dr. Castro Lopes, resolvem a questão, tendo sómente o defeito de serem muito extensas:

Quando o *o* fechado no singular é seguido das letras *b, c, f, d, f, gr, j, l, lh, m, n, p, rd, rm, ro, rr, rs, rt, rv, st, t, x*, ou *ch*, com o som de *x*, e *z*, conserva-se no plural fechada a dita vogal, como: *globo, globos; soco, socos; almoço, almoços; lodo, lodos; fofo, fofos; sogro, sogros; nojo, nojos; bolso, bolsos; piolho, piolhos; temo, tomos; dono, donos; escopo, escopos; acordo, acordos; mormo, mormos; choro, choros; morro, morros; dorso, dorsos; conforto, confortos; sorvo, sorvos; encosto, encostos; gafanhoto, gafanhotos; roxo, roxos; mocho, mochos; rapozo, rapozos.*

Exceptuam-se: 1.<sup>o</sup> quando o *c* é seguido de *o* mas precedido de *tr*, abre-se no plural: *troco, trócos*; 2.<sup>o</sup> quando o *o* é seguido de *c*, mas precedido de *p*, ou *tr*, fica aberto no plural: *poço, poços; destroço, destróços*; 3.<sup>o</sup> *miolo* e *tijolo* fazem no plural — *miólos* e *tijólos* — porque não têm consoante alguma que preceda immediatamente o *o*. Pela mesma razão: — *olho* faz *ólhos*.

4.<sup>o</sup> Exceptuam-se também — *côro* e *fôro* que fazem *córos* e *fóros*; *socorro* e *forro* que fazem — *socórros* e *fórros*.

5.<sup>o</sup> *Porto* — faz no plural — *pórtos*.

6.<sup>o</sup> *Composto, imposto* e *preposto* — fazem: *compóstos, impóstos* e *prepóstos*; — e como estes, todos os formados do verbo *pôr*.

Quando a vogal *o* fechada vem antes de *g, rn, rp, so, ss, v*, no plural transforma-se em *ó* aberto.

Antes de *g*: — *fogo, fógos*; — exceptuam-se: — *desafogo* e *pedagogo*.

Antes de *rn*: — *adorno, adórnos*.

Antes de *rp*: — *corpo, córpos*.

Antes de *so*: — *goso, amoroso, gósos, amorósos* e todos os terminados em *oso*.

Antes de *ss*: — *osso, óssos* — exceptuam-se: — *endosso, en-sosso*; porque — *endosso* — é composto do vocabulo — *dorso* (*o* antes de *rs*), e — *ensosso*, — é composto de *in* e *salsus* que mudando *a* em *o*, *l* em *s* produz as sillabas — *sosso* — as quaes não vêm do substantivo — *osso*.

Antes de *v*: — *ovo, óvos; povo, póvos*.

Alguns substantivos não são usados no singular: *alvi-çaras, atgemas, matinas, nupcias, trevas, cocegas, ocu-los*, etc.

Outros não se usam no plural:

1.<sup>o</sup> os nomes proprios.

Exceptua-se o caso em que são empregados figuradamente, indicando uma classe, ou se applicando a dois ou mais individuos da mesma familia.

Fr. Luiz de Sousa: *Logo mal escreveram os JERONYMOS, os AMBROSIOS, os AGOSTINHOS.*

Luiz de Camões:

*Dá a terra lusitana SCIPIÕES,  
CESARES, ALEXANDRES, dá AUGUSTOS.*

Vieira: *Onde estão os PEDROS, onde estão os ANDRÉS, onde estão os JACOBOS, onde estão os FELIPPES e os BARTHOLOMEUS?*

2.º os nomes de sciencias, artes, virtudes, vicios e ventos empregados abstractamente: *filologia, pintura, caridade, embriaguez, norte.*

3.º os nomes de metaes e substancias inorganicas: *ouro, hidrogenio.*

4.º os nomes de productos animaes e vegetaes: *leite, azeite, cera, borracha.*

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Muitos desses substantivos que não soffrem flexão de plural, são usados no plural por escritores de nota:

*Quanto se deve a homens que padecem FOMES, SÊDES, FRIOS, CALMAS ardentissimas.* (Jeronymo Osorio).

*Assim como eram dois os calices, assim eram tambem duas as SÊDES.* (P. Antonio Vieira).

*Tirarão os calices e vasos sagrados e applica-los-ão a suas nefandas EMBRIAGUEZES.* (Idem).

*Entre as POBREZAS e DESEMPAROS, entre os ASCOS e as MISERIAS.* (Idem).

*Sendo homem de duas FÊS.* (Idem).

*E Deus que nunca soffreu ALTIVEZAS.* (Idem).

*Das FOMES, dos perigos grandes.* (Camões).

Ha substantivos que, soffrendo a flexão de plural, mudam de significação: *Bem* (amisade) e *bens* (fortuna); *honra* (qualidade do homem puro) e *honras* (dignidades); *liber-*

*dade* (qualidade do ser livre) e *liberdades* (atrevimento); *letra* (signal alfabetico) e *letras* (literatura, sciencia); *avô* (pai do pai ou da mãe) e *avós* (antepassados).

*Alguns ministros de sua majestade não vêm cá buscar nosso BEM, vêm cá buscar nossos BENS.* (A. Vieira.)

*Deixando as armas e as armaduras, a LIBERDADE e as LIBERDADES da vida, se vestiu de um habito religioso.* (Idem).

Os substantivos compósitos — separados na escrita por um traço de união — fórmam o plural de um modo especial, conforme os elementos de composição.

Os compósitos de substantivos, de adjectivos, ou de um substantivo e um adjectivo, ambos tomam a fôrma do plural: *mestre escola, mestres-escolas; gentil-homem, gentis-homens; capitão-mór, capitães-móres; lusco-fusco, luscos-fuscos.* Exceptua-se o caso de já haver desaparecido o traço de união que os liga, porque farão o plural como substantivos simples: *madresilva, varapáu, aguapé, vangloria,* que fazem: *madresilvas, varapáus, aguapés, vanglorias;* ou quando o segundo elemento encerra idéia de finalidade, porque sómente o primeiro termo tomará a flexão de plural: *café concerto, cafés-concerto* (para concerto).

*Padre-nosso* faz *Padre-nossos* ou *Padres-nossos; salvo-conducto* faz *salvo conductos* ou *salvos-conductos.*

Nos compósitos de verbo e substantivo ou de palavra invariavel e substantivo ou adjectivo, sómente o ultimo termo toma a fôrma do plural: *guarda-vestido, guarda-vestidos; sobre-mesa, sobre-mesas; mal-dito, mal-ditos; todo-poderoso, todo-poderóso.*

Os compósitos terminados em verbo tomam a flexão de plural como si fossem substantivos simples: *vai-vem, vai-vens; mal-me-quer, mal-me-queres; bem-te-vi, bem-te-vis; sangue suga, sangue sugas.*

Os compostos de dois substantivos ligados pela preposição *de*, recebem a flexão no primeiro elemento de composição: *cabo-de-esquadra, cabos-de-esquadra; pão de ló, pães de ló.*



Nos compósitos em que o primeiro termo é uma palavra contracta, esta fica invariavel: *fisico-matematica, fisico-matematicas; anglo-allemão, anglo-allemães.*

III

FLEXÃO DE GRÁU

Os substantivos, além da flexão de genero e de numero, podem tambem mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos.

Dá-se a essa flexão o nome de *gradativa*.

**Gráu** é a maior ou menor intensidade que póde ter a significação das palavras.

A noção de gráu se applica a qualquer classe de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

Deste modo quem negará que nos sinonimos se observa este fenomeno?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa*?

O mesmo podemos dizer si observarmos a etimologia de certas preposições como: *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus*; *ex*, comparativo *extra*, superlativo *extremus*; *sub*, *super*, *supremus*, etc.

Nos pronomes as fórmas do gráu comparativo ariano *ter* são indiscutíveis: *nos*, comparativo *noster*; *vos*, comparativo *voster*.

Os verbos, por sua vez, podem ser susceptiveis de gráu. Assim, exprimindo a frequencia ou reiteração de um acto, diremos: *saltitar, palpitar* e *tutucar* originados de *saltar, palpar* e *tocar*.

Este processo é usado pelos indigenas; *muré*, flauta, *muré-muré*, flauta-grande.

Muitas vezes encontramos as fórmas do gerundio assumindo flexão diminutiva como para dar mais expressão á frase, o que tambem acontece no Gallego e Espanhol: *Estar dormindinho*.

Da mesma maneira os adverbios aceitam uma mudança na terminação para tomar fórmula diminutiva: *cedinho, devagarinho, depressinha*.

No estilo familiar é uso repetir a mesma palavra para augmentar a força da expressão: Estou  *muito muito* satisfeito.

Os gráus são dois: *augmentativo e diminutivo*.  
O estado normal da palavra se chama *positivo*.

**Augmentativo** é o que exprime o exagero, a maior intensidade da significação do substantivo: *caixão*.

**Diminutivo** é o que exprime a atenuação, a menor intensidade da significação do substantivo: *caixinha*.

O gráu augmentativo e o diminutivo pódem ser *analítico e sintético*.

**Analítico** é o representado por duas palavras.

N'este caso as palavras empregadas são: *grande* para o augmentativo, e *pequeno* para o diminutivo: *casa grande, casa pequena*.

**Sintético** é o formado por meio de suffixos.

E' este o caso mais usual na Lingua.

Para formar o *augmentativo sintético*, devemos observar:

1.º Os nomes que terminam em vogal, perdem esta vogal e soffrem o accrescimo dos suffixos: *ÃO, AÇO, AZ, AZIO, ALHA, ASTRO, ORIO: casaco, casacão; mestre, mestraço; ladrão, ladravaz; copo, copazio; muro, muralha; poeta, poetastro; sabido, sabidorio*.

2.º Os que terminam em consoante soffrem, sem mais alteração, o acrescimo do suffixo: *mulher, mulherão ou mulheraça, etc.*

Muitos substantivos fórmam o augmentativo de um modo irregular.

Assim de *amigo* o augmentativo é *amigalhão*; de *boca*, *boqueirão*; de *espada*, *espadagão*; de *cão*, *canzarrão*; de *nariz*, *narigão*; de *tolo*, *toleirão*; de *santo*, *santarrão*; de *homem*, *homemzarrão*.

A Lingua Portugueza possúe certas palavras que exprimem augmento, representadas por palavras no positivo: *cansaço, comilão, dizidor, estirão, fujão.*

Para formar o *diminutivo sintetico* devemos observar:

1.º Si o nome terminar em vogal perde a vogal e sofre o augmento do suffixo diminutivo; ou depois de acrescentar a letra z, junta-se, sem alteração alguma, esse suffixo: *filho, filhinho; cão, cãozinho.*

2.º Si terminar por consoante junta-se o suffixo, ou se acrescenta primeiro a letra z e junta-se depois o suffixo: *colhér, colherinha, colhérzinha.*

3.º Si o nome estiver no plural, perde a letra — s — final antes de acrescentar o suffixo diminutivo: *grão, grãozito, grãos, grãozitos; mãe, mãezinha, mães, mãezinhas; arvore, arvorezinha, arvores, arvorezinhas; cão, cãozinho, cães, cãezinhos.*

Os suffixos diminutivos são:

**acho:** rio, riacho; **culo:** animal, animalculo; **eco:** livro, livreco; **ejo:** lugar, lugarejo; **el:** corda, cordel; **elha:** aza, azelha; **ela:** via, viela; **ete:** sabão, sabonete; **eto:** côro, côreto; **ica:** flôr, florica; **ico:** abano, abanico; **ilha:** manta, mantilha; **im:** flauta, flautim; **inho:** bolo, bolinho; **isco:** chuva, chuvisco; **ito:** pé, pezito; **ola:** saco, sacola; **olo:** bolo, bolinholo; **ote:** rapaz, rapazote; **ucho:** papel, papelucho; **ulo:** globo, globulo.

Os augmentativos são muitas vezes tomados em máu sentido, á má parte, são empregados por ironia, exprimindo desprezo: *sabichão*, indica homem ignorante; *valentão*, homem medroso.

Este gráu tem o nome particular de **pejorativo**.

Alguns diminutivos exprimem, em certos casos, carinho, amor: *paizinho, mulherzinha.*

O diminutivo tambem póde ser formado pela repetição de uma sillaba do substantivo: *Zézé*, formado de *José*; *Lotota*, de *Carlota*; *Lulú*, de *Luiz*.

Esses diminutivos são chamados *hipocorísticos*.

O suffixo augmentativo — *ão* — exprime ás vezes idéia de diminuição: *cordão*, augmentativo de *corda*, exprime objecto de menores dimensões; o mesmo se observa entre *limão* e *lima*; *calção* não é *calça grande*, mas *calça pequena* que vai até ao joelho. O suffixo — *inho* — é sempre do mesmo genero que seu primitivo: *casa*, *casinha*; *bolo*, *bolinho*; o suffixo — *ão* —, entretanto, é de genero diferente: *casa*, *casarão*; *mulher*, *mulherão*.

São de grande interesse as seguintes observações de João Ribeiro :

1.<sup>a</sup> Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga*; o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*.

2.<sup>a</sup> O genero do augmentativo dos femininos póde ser masculino: *um mulherão*; *um carão*: mesmo póde succeder aos diminutivos: *um espadim*, *um flautim*.

3.<sup>a</sup> Os diminutivos dos nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias fases da vida do animal: *pinto*, *frango*, *gallo*; *bezerro*, *boi*; *novilha*, *vitella*, *vaca*; *leitão*, *porco*; *borrego*, *ovelha*; *poldro*, *sendeiro*, *cavallo*; *borracho* é diminutivo de ave de ninco; *cachorro* diminutivo de animaes quadrupedes.



### III

## Adjectivo

### I

#### FLEXÕES DE GENERO E DE NUMERO

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos, se applicam, com poucas excepções ou ampliações aos adjectivos.

Os adjectivos não têm genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados *uniformes*, em contraposição aos outros que são *biformes*, isto é, têm duas fórmulas.

Dentre as regras para a formação generica do adjectivo destacamos:

Os adjectivos que terminam em *o*, mudam-no para *a*: *justo, justa, cujo, cuja*. Os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o*: *novo, nóva; generoso, generósa*. Só é uniforme. O adjectivo *parvo*, significando *pequeno*, segue a regra geral: *parva*, significando *tolo, palerma, nescio*, faz o feminino *parvoa*. Alguma PARVOA tenção, escreveu Camões. As eloquencias PARVOAS e semsabores, disse Her- culano.

Os que terminam em *u* acrescentam *a* quando aquella letra é precedida de consoante: *cru, crua*. Quando faz parte do ditongo *eu* muda-se este ditongo em *éa*: *européu, euro-péa; plebeu, plebéa; atheu, athéa*. Exceptuam-se: *meu, minha; teu, tua; seu, sua; judeu, judia; sandeu, sandia; ilhéu, ilhóa; tabaréu, tabaróa*.

Os que terminam em *ez, or, ol* e *um* acrescentam *a*: *portuguez, portugueza; conhecedor, conhecedora; espanhol, espanhola; um, uma; algum, alguma*. Exceptuam-se: *cortez, montez, pedrez, soez; bicolor, incolor, multicolor, sem-sabor, tricolor*, e os comparativos em *or*: *superior, exterior, etc.; reinol; cabrum, commum, ovelhum, vacuum*, que são uniformes. *Commum* antigamente fazia *commua*.

É preciso notar que os nomes terminados em *or*, têm tres fórmulas para o feminino: *director, directora; enredador, enredadeira; gerador, geratriz*.

Geralmente são considerados como substantivos.

Os terminados em *ão* mudam esta terminação para *ã*, ou para *ona*: *cristão, cristã, valentão, valentona*. *Beirão* faz *beiróa*.

Afastam-se destas regras: *bom, bóa; dois, duas; máu, má*.

São uniformes:

1.º Os acabados em *a* e *e*: *janota, idiota, pobre, prudente*. Exceptuam-se: *este, esta; esse, essa; aquelle, aquella*.

2.º Os acabados em *al*: *leal*; em *el*: *cruel, amavel*; em *il*: *util, subtil*; em *ul*: *azul*; em *ar*: *singular*; em *er*: *esmoler*; em *az*: *capaz*; em *iz*: *feliz*; em *oz*: *veloz*; em *m*: *ruim, jovem*; em *s*: *simplex*.

Antigamente não tinham terminação feminina os adjectivos e substantivos terminados em *or*: *Huma fremeosa pastor. Senhor fremeosa (Canc. de D. Diniz). ARTE IMITADOR da natureza. Princeza, filha de David, DIVINA CAÇADOR. (Arrais) Quanto mais que sou A DEVEDOR. (Jorge de Albuquerque). MARIA, MORADOR em Lis-*

bôa. (Fernão Lopes). NICOSTRATA, *madre de Evandro, foi INVENTOR de 17 letras do abecedario*. VARA de disciplina, DESTRUIDOR dos males, DEFENSOR da pureza. LETRAS CONSERVADORES de todas as bôas obras. (João de Barros).

Até o seculo 16.<sup>o</sup>, os adjectivos terminados em *ol* eram uniformes: LETRAS HESPANHÔES. (Duarte Nunes Leão). O mesmo acontecia com os terminados em *ez* e *iz*: SENHORA, *pois de tão longe vos acolhemos por* JUIZ. (Francisco de Moraes). *Acabou-se o confissionario em* LINGUAGEM PORTUGUEZ. (Garcia de Rezende). MOEDAS FRANCEZES. (Ineditos da historia portugueza). *Capitão de* GENTE PORTUGUEZ. (Sá de Miranda). *Livro de orações em* LINGUAGEM PORTUGUEZ. (João de Barros). *A nossa* PORTUGUEZ *casta* LINGUAGEM. (Diniz).

Os adjectivos fórmam o plural da mesma maneira que os substantivos.

Apenas se nota que os adjectivos contraídos, por apócope, como *são*, contraído de *santo*; *grão* ou *gran* contraído de *grande*, não têm fórma de plural nem de feminino.

A fórma contraída *são* se emprega antes dos nomes que começam por consoante: *São José*, com excepção de *Santo Deus*, *Santo Tirso*, *Santo Christo*, *Santo Thomaz*. A fórma completa *Santo* se usa antes dos nomes que começam por vogal: *Santo Antonio*.

*Qualquer* só tem flexão de numero no seu primeiro termo componente: *quaesquer*.

11

FLEXÃO DE GRÁU

Herdamos do Latim os dois *graus* de significação<sup>a</sup> que estão sujeitos os adjectivos qualificativos.

Os *graus* são: **comparativo** e **superlativo**.

O **positivo** exprime só e simplesmente a qualidade:  
*Maria é bella.*

O **gráu comparativo** exprime uma qualidade em igual, maior ou menor gráu relativamente á qualidade de outro substantivo.

Os comparativos são tres:

De **igualdade**: O mar é TAM BELLO como o céu.

De **superioridade**: O mar é MAIS BELLO que o céu.

De **inferioridade**: O mar é MENOS BELLO que o céu.

O **gráu superlativo** exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente á qualidade de outro substantivo. É o **superlativo relativo**: O MAIS RICO dos homens não é o MAIS FELIZ. O orgulhoso é o MENOS FELIZ na sociedade.

O **gráu superlativo** exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade. É o **superlativo absoluto**: Homem MUITO ALTO, ou ALTISSIMO.

O gráu comparativo se subdivide em comparativo de *igualdade*, de *superioridade* e de *inferioridade*, e o superlativo se subdivide em *absoluto* e *relativo*.

Póde-se formar o *comparativo* de dois modos:

1.º *Analiticamente*, juntando-se ao positivo os adverbios *tam*, *tanto* (igualdade), *mais* (superioridade), *menos* (inferioridade).

A *tam* e *tanto* correspondem as fórmulas *como* e *quanto*:  
A luz é TAM PRECIOSA COMO ou QUANTO a agua.

A *mais* e *menos* corresponde *que* ou *do que*:  
Outra pedra MAIS CLARA QUE ou DO QUE o diamante.

A *rosa* é MENOS BELLA QUE ou DO QUE a *violeta*.

2.º *Sinteticamente*, por meio do suffixo *or*.

Só possuímos em Portuguez os seguintes comparativos sinteticos: *bom*, comp. *melhor*; *máu*, comp. *peor*; *grande*,



comp. maior; pequeno, comp. menor; alto, comp. superior; baixo, comp. inferior.

*Junior, senior, major, prior, exterior, posterior, anterior,* embora pela sua origem possam ser incluídos nesta classe, são considerados como substantivos ou adjectivos positivos.

O Portuguez possui também fórmulas de comparativo sintético exprimindo idéias de superioridade ou inferioridade mas representadas por adjectivo positivo: *maiusculo* que corresponde no Latim a *grandiusculos* e *minusculo*, dos quaes formamos também — *maiorzinho* e *menorzinho* — e o substantivo — *mindinho*.

O superlativo póde ser *absoluto* e *relativo*.

Si fôr expresso por uma só palavra é *sintetico*: *justissimo*; si fôr expresso por mais de uma, é *analitico*: *muito justo*.

O *superlativo absoluto sintetico* se fórmula da seguinte maneira:

1.º Si o adjectivo terminar em consoante, soffre o acrescimo da terminação *imo* ou *issimo*: *facil, facilimo* ou *facilissimo*.

2.º Si o adjectivo terminar em vogal, perde esta vogal antes de soffrer o acrescimo da terminação: *excellente, excellentissimo*; *bello, bellissimo*.

Alguns adjectivos soffrem modificações antes de aceitar esse acrescimo.

Os que terminam em *vel*, mudam esta terminação para *bil*, sua antiga terminação: *agradavel, agradabilissimo*; *notavel, notabilissimo*.

Os que terminam em *ão* ou *m* mudam-na para *n*: *chão, chanissimo*; *commum, communissimo*.

Os que terminam em *z*, mudam-na para *c*: *feroz, ferocissimo*.

Os que terminam em *co*, mudam-na para *qu*: *rico, riquissimo*; ou deixam cair a vogal: *parco, parcissimo*.

Os que terminam em *go* mudam esta terminação para *gu*: *vago*, *vaguissimo*.

Possue a Lingua portugueza superlativos absolutos sinteticos formados irregularmente.

Estão em primeiro lugar:

<i>Bom</i> ,	comp. <i>melhor</i> ,	sup. <i>optimo</i> .
<i>Máu</i> ,	» <i>peor</i> ,	» <i>pessimo</i> .
<i>Grande</i> ,	» <i>maior</i> ,	» <i>maximo</i> .
<i>Pequeno</i> ,	» <i>menor</i> ,	» <i>minimo</i> .
<i>Alto</i> ,	» <i>superior</i> ,	» <i>summo</i> ou <i>supremo</i> .
<i>Baixo</i> ,	» <i>inferior</i> ,	» <i>infimo</i> .

Ha, entretanto, algumas fórmulas regulares, usadas pelo povo: *bonissimo*, *malissimo*, *grandessissimo*, *pequenissimo*.

Em segundo lugar:

<i>acre</i>	sup. <i>acerrimo</i>	<i>livre</i>	sup. <i>liberrimo</i>
<i>amigo</i>	» <i>amicissimo</i>	<i>magnifico</i>	» <i>magnificen-</i> <i>tissimo</i>
<i>antigo</i>	» <i>antiquissimo</i>	<i>misero</i>	» <i>miserrimo</i>
<i>aspero</i>	» <i>asperrimo</i>	<i>nobre</i>	» <i>nobilissimo</i>
<i>celebre</i>	» <i>celeberrimo</i>	<i>pobre</i>	» <i>pauperrimo</i>
<i>christão</i>	» <i>christianissimo</i>	<i>sabio</i>	» <i>sapientissi-</i> <i>mo</i>
<i>cruel</i>	» <i>crudelissimo</i>	<i>sagrado</i>	» <i>sacratissimo</i>
<i>doce</i>	» <i>dulcissimo</i>	<i>salubre</i>	» <i>saluberrimo</i>
<i>fiel</i>	» <i>fidelissimo</i>	<i>similhante</i>	» <i>similimo</i>
<i>frio</i>	» <i>frigidissimo</i>	<i>simples</i>	» <i>simplissimo</i>
<i>geral</i>	» <i>generalissimo</i>		
<i>humilde</i>	» <i>humilimo</i>		
<i>integro</i>	» <i>integerrimo</i>		

Muitos destes superlativos têm, além desta fórmula, uma outra regular: *pobrissimo* e *pauperrimo*; *cruelissimo* e *crudelissimo*; *friissimo* e *frigidissimo*; *integrissimo* e *integer-*

*rimo*; *asperissimo* e *asperrimo*; *bonissimo* e *optimo*; *pequeni-  
simo* e *minimo*.  
Os primeiros são superlativos populares e os segundos  
*eruditos*.

*Miseravelissimo* foi usado por Fr. Luiz de Sousa; *pobrissimo*  
por M. Bernardes; *grandessissimo* por A. Herculano; *facilissimo*  
por Amador Arrais; *difficilissimo* por Heitor Pinto.

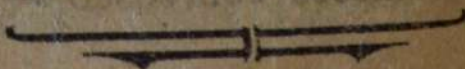
Ha tambem superlativos cujos positivos não se empre-  
gam: *minacissimo*, positivo *minaz*; *belacismo*, positivo *be-  
laz*; *uberrimo*, positivo *ubere*.

O superlativo *absoluto analitico* se fórma antepondo-  
se ao adjectivo positivo os adverbios *mui*, *muito* ou *nada*,  
ou os adverbios em *mente*, ou os adverbios *assaz* e *dema-  
siado*: João é MUI, MUITO, ASSAZ, GRANDEMENTE, NADA  
*sabio*.

O superlativo *relativo sintetico* se fórma com os com-  
parativos sinteticos precedidos do artigo e seguidos da pre-  
posição *de*: O MELHOR DOS *agouros* é *combater pela patria*.

O superlativo *relativo analitico* se fórma antepondo-se  
as palavras *o mais* ou *o menos* e suas variações ao posi-  
tivo: A *caridade* é A MAIS NOBRE *das virtudes*. O ar é O  
MENOS PESADO *dos elementos*.

Alguns adjectivos qualificativos não têm gráu: *jovem*  
*longinquo*, *adolescente*, *immortal*, *repentino*, *angular*, *re-  
dondo*, *principal*, etc.



IV

Pronomes pessoaes

Além das flexões de genero e de numero que têm os pronomes pessoaes como qualquer adjectivo, apresentam mais a

DECLINAÇÃO

Singular

	1. <sup>a</sup> pessoa	2. <sup>a</sup> pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa (reflexa)
Nominativo . . . . .	eu	tu	elle, ella	. . . . .
Dativo . . . . .	mim	ti	lhe	si
Acusativo . . . . .	me	te	o, a	se
Ablativo . . . . .	comigo	contigo	. . . . .	comsigo

Plural

Nominativo . . . . .	nós	vós	elles, ellas	. . . . .
Dativo . . . . .	nos	vos	lhes	si
Acusativo . . . . .	nos	yos	os, as	se
Ablativo . . . . .	comnosco	comvosco	. . . . .	comsigo

Além destes há as fórmãs de tratamento que representam pronomes de 3.<sup>a</sup> pessoa: *vossê, vosmessê, V. S., V. Excia, V. Rev., S. Majestade*, etc. e as fórmãs populares: *fulano, sicrano, beltrano, a gente*, etc.

*Sepulchro*

V

Verbo

O verbo admite variações de pessoa, numero, tempo e modo.

**Pessoa e numero** do verbo são as fórmãs que elle toma para indicar a pessoa e numero do sujeito.

As pessoas são três, representadas pelos pronomes: *eu, tu, elle* ou *ella* para o numero *singular*; *nós, vós, elles* ou *ellas* para o numero *plural*.

As pessoas podem tambem ser conhecidas pelas terminações das fórmãs verbaes, com exclusão dos pronomes pessoais.

**Tempo** é a fórmula que o verbo toma para indicar a epoca do que vai ser enunciado.

Os tempos são tres: **presente, preterito** ou **passado e futuro**.

O **presente** indica que a acção é actual: *amo*.

O **preterito** indica indeterminadamente que a acção foi realisada: *amei*.

Este tempo é chamado tambem **auristo**.

O **futuro** indica que a acção ainda se vai realizar:  
*amarei.*

Além destes ha mais :

O **preterito imperfeito** que indica a acção passada contemporanea de outra passada: *ESTUDAVA quando chegaste.*

O **preterito perfeito composto** ou simplesmente **preterito perfeito** que indica que acção passada é repetida, ainda continúa: *tenho amado.*

O **preterito mais que perfeito** que indica que a acção é passada relativamente a uma outra já passada: *amára ou tinha amado.*

O **futuro anterior** que indica que a acção há de realizar-se relativamente a um outro tempo: *terei amado.*

Os tempos pódem ser:

**Simples**, os expressos por um só verbo: *amo.*

**Compóstos**, os expressos por mais de um verbo: *terei amado.*

**Auxiliar** é o verbo que com outro formam os tempos compóstos, como: *ser, ter e haver.*

O verbo *ser* fórma a voz passiva com o participio passado dos verbos: *sou amado.*

Os verbos *ter* e *haver* fórmam dois tempos: *preterito e futuro.*

O *preterito perfeito* é formado com estes verbos no tempo presente e o participio passado do verbo auxiliado: *hei amado; tenho amado.*

O *preterito mais que perfeito* é formado com estes verbos no imperfeito ou no mais que perfeito simples e o participio passado do verbo auxiliado: *tinha ou tivéra amado.*

O *futuro* é formado com esses verbos conjugados com o verbo auxiliado no infinitivo impessoal, regido da preposição *de*: *tenho de amar, hei de amar*, ou com o futuro simples do auxiliar e o particípio passado do verbo auxiliado: *terei amado, haverei amado*.

**Modo** é a fôrma que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres: **indicativo, imperativo e subjuntivo**, chamados *finitivos*.

O **indicativo** enuncia, indica um facto positivo: *amo*.

O **imperativo** enuncia um facto pedido ou ordenado: *amai, estudai*.

O **subjuntivo** enuncia um facto dependente de uma contingencia para que se realize: *amasse*.

O *subjuntivo* toma o nome de *optativo*, quando exprime um desejo, uma permissão: *QUEIRA Deus que tal aconteça. A felicidade te ACOMPANHE. QUIZESSEM os céus me ajudar!*

Alguns grammaticos acrescentam a estes o **condicional** e o **infinitivo**.

Porém o **condicional** indica apenas um tempo futuro dependente de uma condição. E', como diz Adolpho Coelho, um *imperfeito* formado por derivação impropria ou um *futuro passado*, na expressão de Meyer-Lubke. Há quem o denomine tambem de *futuro relativo*.

O **infinitivo** é um verdadeiro nome substantivo ou adjectivo, é uma simples fôrma nominal. Indica o facto de uma maneira vaga e geral.

O **participio presente** tem o valor de um adjectivo.

tivo e termina em *te*. Muitos delles têm hoje o valor de substantivos: *levante* (*levar*); *tenente* (*ter*); *poente* (*poer*). Não pertence mais á conjugação.

Há alguns verbos que não possuem participios presentes: *vestir*, *dar*, etc.

O **participio passado** é tambem um derivado verbal que equivale a um adjectivo.

Termina, menos no verbo *pôr*, em *do*, serve para formar as linguagens compóostas e exprime a acção terminada, o acto realizado: *amado*.

O **participio do futuro** é simples adjectivo ou substantivo e termina em *ouro*: *casadouro*; em *undo*: *furibundo*; em *endo*: *reverendo*; em *ando*: *doutorando*; *verendo*.

Desappareceu completamente da conjugação portugueza e só existe com as funções de nome.

O **gerundio** termina em *ando*, *endo*, *indo*, *ondo*; *amando*, *lendo*, *vestindo*, *pondo*.

### QUADRO DOS TEMPOS

MODO INDICATIVO	<i>Tempos compóostos</i>
<i>Tempos simples</i>	
Presente — <i>Amo.</i>	Preterito perfeito — <i>Tenho amado.</i>
Pret. imperf. — <i>Amava.</i>	Pret. mais que perfeito — <i>Tinha amado.</i>
Pret. aoristo — <i>Amei.</i>	Futuro — <i>Terei amado</i>
Pret. mais que perfeito — <i>Amára.</i>	Condicional — <i>Teria amado.</i>
Futuro — <i>Amarei.</i>	
Condicional — <i>Amaria.</i>	
	MODO IMPERATIVO
	Presente ou Futuro — <i>Ama tu.</i>



MODO SUBJUNTIVO

*Tempos simples*

Presente — *Ame.*  
Pret. imperfeito — *Amasse.*  
Futuro — *Amar.*

*Tempos compósitos*

Pret. perfeito — *Tenha amado.*  
Pret. mais que perfeito — *Ti-  
vesse amado.*  
Futuro — *Tiver amado.*

INFINITIVO

*Tempos simples*

Pres. impessoal — *Amar.*  
Pres. pessoal — *Amar eu.*  
Gerundio — *Amando.*

*Tempos compósitos*

Pret. impes. — *Ter amado.*  
Pret. pessoal — *Ter eu amado.*  
Gerundio — *Tendo amado.*

**Conjugar** um verbo é fazel o passar por todas as fórmãs que modificam a idéia contida no tema, relativamente á existencia, ao sujeito, á acção, ao tempo. (*Guardia e Wierzeyski*).

**Conjugação** é o conjunto de todas as flexões do verbo.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do presente impessoal do infinitivo.

A 1.<sup>a</sup> conjugação termina em *ar*; a 2.<sup>a</sup> em *er*; a 3.<sup>a</sup> em *ir*; a 4.<sup>a</sup> em *or*.

A 4.<sup>a</sup> conjugação é de uso pratico; é fórmula contracta da 2.<sup>a</sup> conjugação. A ella pertence o verbo *pôr* (*voer*) e seus compósitos.

Conforme a conjugação, os verbos se dividem em *regulares* e *irregulares*.

**Regular** é o verbo que segue a norma da conjugação a que pertence: *amar*.

**Irregular** é o verbo que se afasta da norma da conjugação a que pertence: *pedir*.

# TERMINAÇÕES DOS VERBOS

## TEMPOS SIMPLES

1.<sup>a</sup> conj.

2.<sup>a</sup> conj.

3.<sup>a</sup> conj.

### Indicativo

*Presente*

o  
as  
a  
amos  
ais  
am

o  
es  
e  
emos  
eis  
em

o  
es  
e  
imos  
is  
em

*Imperfeito*

ava  
avas  
ava  
ávamos  
aveis  
avam

ia  
ias  
ia  
íamos  
ieis  
iam

ia  
ias  
ia  
íamos  
ieis  
iam

*Aoristo*

ei  
aste  
ou  
ámos  
astes  
aram

i  
este  
eu  
emos  
estes  
eram

i  
iste  
iu  
imos  
istes  
iram

<i>Mais que perfeito</i>	{	ára	{	êra	{	ira
		áras		êras		iras
		ára		êra		ira
		áramos		êramos		íramos
		áreis		êreis		íreis
	áram		êram		íram	
<i>Futuro (*)</i>	{	ei	{	ei	{	ei
		ás		ás		ás
		á		á		á
		emos		emos		emos
		eis		eis		eis
	ão		ão		ão	
<i>Condicional</i>	{	ia	{	ia	{	ia
		ias		ias		ias
		ia		ia		ia
		íamos		íamos		íamos
		ieis		ieis		ieis
	iam		iam		iam	

### Imperativo

<i>Presente</i>	{	a <i>tu</i>	{	e <i>tu</i>	{	e
		ai <i>vós</i>		ei <i>vós</i>		i

### Subjuntivo

<i>Presente</i>	{	e	{	a	{	a
		es		as		as
		e		a		a
		emos		âmos		âmos
		eis		ais		ais
	em		am		am	
<i>Preterito im- perfeito</i>	{	asse	{	esse	{	isse
		asses		esses		isses
		asse		esse		isse
		ássemos		essemos		issemos
		ásseis		esseis		isseis
	assem		essem		issem	

(\*) O futuro e o condicional formam-se juntando-se estas terminações ao infinitivo presente impessoal.

*Futuro*

ar  
ares  
ar  
armos  
ardes  
arem

er  
eres  
er  
ermos  
erdes  
erem

ir  
ires  
ir  
irmos  
irdes  
irem

### Infinitivo

*Presente im-  
pessoal*

ar

er

ir

*Presente pes-  
soal*

ar  
ares  
ar  
armos  
ardes  
arem

er  
eres  
er  
ermos  
erdes  
erem

ir  
ires  
ir  
irmos  
irdes  
irem

*Gerundio*

ando

endo

indo

*F. passado*

ado

ido

ido

## CONJUGAÇÃO REGULAR

### TEMPOS SIMPLES

*1.ª conj.*

*2.ª conj.*

*3.ª conj.*

### Modo indicativo

*Presente*

Amor  
Eu amo  
Tu amas  
Elle ama  
Nós amamos  
Vós amais  
Elles amam

Comer  
Como  
Comes  
Come  
Comemos  
Comeis  
Comem

Partir  
Parto  
Partes  
Parte  
Partimos  
Partis  
Partem

*Preterito imperfeito*

Eu amava	Comia	Partia
Tu amavas	Comias	Partias
Elle amava	Comia	Partia
Nós amávamos	Comíamos	Partíamos
Vos amaveis	Comieis	Partieis
Elles amavam	Comiam	Partiam

*Preterito aoristo*

Eu amei	Comi	Parti
Tu amaste	Comeste	Partiste
Elle amou	Comeu	Partiu
Nós amámos	Comemos	Partimos
Vós amaste	Comestes	Partistes
Elles amaram	Comeram	Partiram

*Preterito mais que perfeito*

Eu amára	Comêra	Partira
Tu amáras	Comêras	Partiras
Elle amára	Comêra	Partira
Nós amáramos	Comêramos	Partíramos
Vós amáreis	Comêreis	Partíreis
Elles amáram	Comêram	Partíram

*Futuro*

Eu amarei	Comerei	Partirei
Tu amarás	Comerás	Partirás
Elle amará	Comerá	Partirá
Nós amaremos	Comeremos	Partiremos
Vós amareis	Comereis	Partireis
Elles amarão	Comerão	Partirão

*Condicional*

Eu amaria	Comeria	Partiria
Tu amarias	Comerias	Partirias
Elle amaria	Comeria	Partiria
Nós amariamos	Comeríamos	Partiriamos
Vós amarieis	Comerieis	Partirieis
Elles amariam	Comeriam	Partiriam

## Modo imperativo

Ama tu  
Amai vós

Come tu  
Comei vós

Parte tu  
Parti vós

## Modo subjuntivo

### *Presente*

Eu ame  
Tu ames  
Elle ame  
Nós amemos  
Vós ameis  
Elles amem

Coma  
Comas  
Coma  
Comâmos  
Comais  
Comam

Parta  
Partas  
Parta  
Partâmos  
Partais  
Partam

### *Preterito imperfeito*

Eu amasse  
Tu amasses  
Elle amasse  
Nós amassemos  
Vós amasseis  
Elles amassem

Comesse  
Comesses  
Comesse  
Comessemos  
Comesseis  
Comessem

Partisse  
Partisses  
Partisse  
Partissemos  
Partisseyis  
Partissem

### *Futuro*

Eu amar  
Tu amares  
Elle amar  
Nós amarmos  
Vós amardes  
Elles amarem

Comer  
Comeres  
Comer  
Comermos  
Comerdes  
Comerem

Partir  
Partires  
Partir  
Partirmos  
Partirdes  
Partirem

## Infinitivo

### *Presente impessoal*

Amar

Comer

Partir

### *Presente pessoal*

Amar eu  
Amares tu  
Amar elle  
Amarmos nós  
Amardes vós  
Amarem elles

Comer  
Comeres  
Comer  
Comermos  
Comerdes  
Comerem

Partir  
Partires  
Partir  
Partirmos  
Partirdes  
Partirem

*Gerundio*

Amando	Comendo	Partindo
	<i>Participio passado</i>	
Amado	Comido	Partido

# 4.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

## PÔR

### Modo indicativo

<i>Presente</i>	<i>Preterito imperfeito</i>	<i>Aoristo</i>
Eu ponho	Punha	Puz
Tu pões	Punhas	Puzeste
Elle põe	Punha	Pôz
Nós pomos	Púnhamos	Pozemos
Vós ponde	Punheis	Pozéste
Elles põem	Punham	Pozéram
<i>Mais que perfeito</i>	<i>Futuro</i>	<i>Condicional</i>
Eu puzera	Porei	Poria
Tu puzeras	Porás	Porias
Elle puzera	Porá	Poria
Nós puzéramos	Poremos	Poríamos
Vós puzereis	Poreis	Porieis
Elles puzeram	Porão	Poriam

### Modo imperativo

Põe tu	Ponde vós
--------	-----------

### Modo subjuntivo

<i>Presente</i>	<i>Preterito imperfeito</i>	<i>Futuro</i>
Eu ponha	Puzesse	Puzér
Tu ponhas	Puzesses	Puzéres
Elle ponha	Puzesse	Puzér
Nós ponhâmos	Puzéssemos	Puzérmos
Vós ponhais	Puzésseis	Puzérdes
Elles ponham	Puzéssem	Puzérem

*imperativo*

### Infinitivo

*Presente pessoal*  
 Pôr eu  
 Pôres tu  
 Pôr elle  
 Pôrmos nós  
 Pôrdes vós  
 Pôrem elles

*Presente impessoal*  
 Pôr  
 Gerundio  
 Pondo  
*P. passado*  
 Pôsto

## CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

TER

HAVER

SER

### Modo indicativo

#### *Presente*

Eu tenho  
 Tu tens  
 Elle tem  
 Nós temos  
 Vós tendes  
 Elles têm

Hei  
 Has  
 Há  
 Havemos  
 Haveis  
 Hão

Sou  
 E's  
 E'  
 Somos  
 Sois  
 São

#### *Preterito imperfeito*

Eu tinha  
 Tu tinhas  
 Elle tinha  
 Nós tínhamos  
 Vós tinheis  
 Elles tinham

Havia  
 Havias  
 Havia  
 Havíamos  
 Havieis  
 Haviam

Era  
 Eras  
 Era  
 Eramos  
 Ereis  
 Eram

#### *Preterito aoristo*

Eu tive  
 Tu tiveste  
 Elle teve  
 Nós tivemos  
 Vós tivestes  
 Elles tiveram

Houve  
 Houveste  
 Houve  
 Houvemos  
 Houvestes  
 Houveram

Fui  
 Foste  
 Foi  
 Fomos  
 Fostes  
 Foram



*Mais que perfeito*

Eu tivera	Houvera	Fôra
Tu tiveras	Houveras	Fôras
Elle tivera	Houvera	Fôra
Nós tivéramos	Houvéramos	Fôramos
Vós tivereis	Houvereis	Fôreis
Elles tiveram	Houveram	Fôram

*Futuro*

Eu terei	Haverei	Serei
Tu terás	Haverás	Serás
Elle terá	Haverá	Será
Nós teremos	Haveremos	Seremos
Vos tereis	Havereis	Sereis
Elles terão	Haverão	Serão

*Condicional*

Eu teria	Haveria	Seria
Tu terias	Haverias	Serias
Elle teria	Haveria	Seria
Nós teríamos	Haveríamos	Seríamos
Vós terieis	Haverieis	Serieis
Elles teriam	Haveriam	Seriam

**Modo imperativo**

Tem tu	Há	Sê
Tende vós	Havei	Sêde

**Modo subjuntivo**

*Presente*

Eu tenha	Haja	Seja
Tu tenhas	Hajas	Sejas
Elle tenha	Haja	Seja
Nós tenhamos	Hajâmos	Sejâmos
Vós tenhaish	Hajais	Sejais
Elles tenham	Hajam	Sejam

*Preterito imperfeito*

Eu tivesse  
Tu tivesses  
Elle tivesse  
Nós tivéssemos  
Vós tivésseis  
Elles tivessem

Houvesse  
Houvesse  
Houvesse  
Houvéssemos  
Houvesseis  
Houvessem

Fôsse  
Fôsses  
Fôsse  
Fôssemos  
Fôsseis  
Fôssem

*Futuro*

Eu tiver  
Tu tiveres  
Elle tiver  
Nós tivermos  
Vós tiverdes  
Elles tiverem

Houver  
Houveres  
Houver  
Houvermos  
Houverdes  
Houverem

Fôr  
Fôres  
Fôr  
Fôrmos  
Fordes  
Fôrem

**Infinitivo**

*Presente impessoal*

Ter

Haver

Ser

*Presente pessoal*

Ter eu  
Teres tu  
Ter elle  
Termos nós  
Terdes vós  
Terem elles

Haver  
Haveres  
Haver  
Havermos  
Haverdes  
Haverem

Ser *eu*  
Seres  
Ser  
Sermos  
Serdes  
Serem

*Gerundio*

Tendo

Havendo

Sendo

*Participio passado*

Tido

Havido

Sido

# CONJUGAÇÃO COMPLETA

(AUXILIAR TER)

## ESTUDAR

### Modo indicativo

*Presente*

Eu estudo  
Tu estudas  
Elle estuda  
Nós estudamos  
Vós estudais  
Elles estudam

*Preterito imperfeito*

Eu estudava  
Tu estudavas  
Elle estudava  
Nós estudávamos  
Vós estudaveis  
Elles estudavam

*Pret. aoristo*

Eu estudei  
Tu estudaste  
Elle estudou  
Nós estudámos  
Vós estudastes  
Elles estudaram

*Pret. perfeito*

Eu tenho estudado  
Tu tens estudado  
Elle tem estudado  
Nós temos estudado  
Vós tendes estudado  
Elles têm estudado

*Preterito mais que perfeito*

Eu estudára  
Tu estudáras  
Elle estudára  
Nós estudáramos  
Vós estudáreis  
Elles estudáram

Eu tinha ou tivera estudado  
Tu tinhas ou tiveras estudado  
Elle tinha ou tivera estudado  
Nós tínhamos ou tiveramos estudado  
Vós tinheis ou tivereis estudado  
Elles tinham ou tiveram estudado

*Futuro*

Eu estudarei  
Tu estudarás  
Elle estudará  
Nós estudaremos  
Vós estudareis  
Elles estudarão

Eu terei estudado  
Tu terás estudado  
Elle terá estudado  
Nós teremos estudado  
Vós tereis estudado  
Elles terão estudado

*Condicional*

Eu estudaria  
Tu estudarias  
Elle estudaria  
Nós estudariamos  
Vós estudarieis  
Elles estudariam

Eu teria estudado  
Tu terias estudado  
Elle teria estudado  
Nós teriamos estudado  
Vós terieis estudado  
Elles teriam estudado

**Modo imperativo**

Estuda tu  
Estudai vós

**Subjuntivo**

*Presente*

Eu estude  
Tu estudes  
Elle estude  
Nós estudemos  
Vós estudeis  
Elles estudem

*Preterito imperfeito*

Eu estudasse  
Tu estudasses  
Elle estudasse  
Nós estudássemos  
Vós estudásseis  
Elles estudassem

*Preterito perfeito*

Eu tenha estudado  
Tu tenhas estudado  
Elle tenha estudado  
Nós tenhamos estudado  
Vós tenhais estudado  
Elles tenham estudado

*Pret. mais que perfeito*

Eu tivesse estudado  
Tu tivesses estudado  
Elle tivesse estudado  
Nós tivéssemos estudado  
Vós tivésseis estudado  
Elles tivessem estudado

*Futuro*

Eu estudar  
Tu estudares  
Elle estudar  
Nós estudarmos  
Vós estudardes  
Elles estudarem

Eu tiver estudado  
Tu tiveres estudado  
Elle tiver estudado  
Nós tivermos estudado  
Vós tiverdes estudado  
Elles tiverem estudado

## Infinitivo

<i>Pres. impessoal</i>	<i>Pret. impessoal</i>
Estudar	Ter estudado
<i>Pres. pessoal</i>	<i>Pret. pessoal</i>
Estudar eu	Ter eu estudado
Estudares tu	Teres tu estudado
Estudar elle	Ter elle estudado
Estudarmos nós	Termos nós estudado
Estudardes vós	Terdes vós estudado
Estudarem elles	Terem elles estudado
<i>Gerundio</i>	
Estudando	Tendo estudado
<i>Participio passado</i>	
Estudado	

## CONJUGAÇÃO DO VERBO PERIFRÁSTICO

### IR CORRENDO

#### TEMPOS SIMPLES

#### Modo indicativo

<i>Presente</i>	<i>Imperfeito</i>
Eu vou correndo	Eu ia correndo
Tu vais correndo	Tu ias correndo
Elle vai correndo	Elle ia correndo
Nós vamos correndo	Nós iamos correndo
Vós ides correndo	Vós ieis correndo
Elles vão correndo	Elles iam correndo
<i>Pret. aoristo</i>	<i>Mais que perfeito</i>
Eu fui correndo	Eu fôra correndo
Tu foste correndo	Tu fôras correndo
Elle foi correndo	Elle fôra correndo
Nós fomos correndo	Nós fôramos correndo
Vós fostes correndo	Vós fôreis correndo
Elles fôram correndo	Elles fôram correndo

*Futuro*

Eu irei correndo  
Tu irás correndo  
Elle irá correndo  
Nós iremos correndo  
Vós ireis correndo  
Elles irão correndo

*Condicional*

Eu iria correndo  
Tu irias correndo  
Elle iria correndo  
Nós iríamos correndo  
Vós iríeis correndo  
Elles iriam correndo

**Modo imperativo**

Vai tu correndo  
Ide vós correndo

**Modo subjuntivo**

*Presente*

Eu vá correndo  
Tu vás correndo  
Elle vá correndo  
Nós vamos correndo  
Vós vades correndo  
Elles vão correndo

*Preterito imperfeito*

Eu fosse correndo  
Tu fosses correndo  
Elle fosse correndo  
Nós fossemos correndo  
Vós fosseis correndo  
Elles fossem correndo

*Futuro*

Eu fôr correndo  
Tu fôres correndo  
Elle fôr correndo  
Nós fôrmos correndo  
Vós fôrdes correndo  
Elles fôrem correndo

**Infinitivo**

*Pres. impessoal*

Ir correndo

*Gerundio*

Indo correndo

*P. passado*

Ido correndo

*Pres. pessoal*

Ir eu correndo  
Ires tu correndo  
Ir elle correndo  
Irmos nós correndo  
Irdes vós correndo  
Irem elles correndo

# CONJUGAÇÃO (Voz passiva) SER AMADO

## Modo indicativo

### Presente

Eu sou	}	amado, a
Tu és		
Elle, ella é		
Nós somos	}	amados, as
Vós sois		
Elles, ellas são		

### Pret. imperfeito

Eu era	}	amado, a
Tu eras		
Elle, ella era		
Nós eramos	}	amados, as
Vós ereis		
Elles, ellas eram		

### Aoristo

Eu fui	}	amado, a
Tu foste		
Elle, ella foi		
Nós fomos	}	amados, as
Vós fostes		
Elles, ellas foram		

### Mais que perfeito

Eu fôra	}	amado, a
Tu fôras		
Elle, ella fôra		
Nós foramos	}	amados, as
Vós foreis		
Elles, ellas foram		

### Futuro

Eu serei	}	amado, a
Tu serás		
Elle, ella será		
Nós seremos	}	amados, as
Vós sereis		
Elles, ellas serão		

### Condicional

Eu seria	}	amado, a
Tu serias		
Elle, ella seria		
Nós seríamos	}	amados, as
Vós serieis		
Elles, ellas seriam		

## Modo imperativo

Sê tu amado ou amada  
Sêde vós amados ou amadas

## Modo subjuntivo

### Presente

Eu seja	}	amado, a
Tu sejas		
Elle, ella seja		
Nós sejâmos	}	amados, as
Vós sejais		
Elles, ellas sejam		

### Pret. imperfeito

Eu fosse	}	amado, a
Tu fosses		
Elle, ella fosse		
Nós fossemos	}	amados, as
Vós fosseis		
Elles, ellas fossem		

*Futuro*

Eu fôr	}	amado, a
Tu fôres		
Elle, ella fôr	}	amados, as
Nós fôrmos		
Vós fôrdes		
Elles, ellas fôrem		

**Infinitivo**

*Presente impessoal*

Ser amado, a

*Pres. pessoal*

Ser eu	}	amado, a
Seres tu		
Ser elle, ella	}	amados, as
Sermos nós		
Serdes vós		
Serem elles, ellas		

*Gerundio*

Sendo amado, a, os, as

*P. passado*

Amado  
Amados  
Amada  
Amadas

NOTA. — Os tempos compósitos são formados á similhaça do verbo *estudar*: *tenho sido amado, terei sido amado, tiver sido amado, etc.*

Basta empregar o verbo *ser* em sua *conjugação completa* juntando-lhe o particípio passado do verbo principal.

**CONJUGAÇÃO DO VERBO PRONOMINAL**

**LEMBRAR-SE**

**TEMPOS SIMPLES**

**Modo indicativo**

*Presente*

Eu *me* lembro  
Tu *te* lembrás  
Elle *se* lembra  
Nós *nos* lembramos  
Vós *vos* lembrais  
Elles *se* lembram

*P. aoristo*

Eu *me* lembrei  
Tu *te* lembraste  
Elle *se* lembrou  
Nós *nos* lembrámos  
Vós *vos* lembrastes  
Elles *se* lembraram



*Imperfeito*

Eu *me* lembrava  
Tu *te* lembravas  
Elle *se* lembrava  
Nós *nos* lembrávamos  
Vós *vos* lembraveis  
Elles *se* lembravam

*Mais que perfeito*

Eu *me* lembrára  
Tu *te* lembráras  
Elle *se* lembrára  
Nós *nos* lembráramos  
Vós *vos* lembráreis  
Elles *se* lembráram

*Futuro*

Eu *me* lembrarei  
Tu *te* lembrarás  
Elle *se* lembrará  
Nós *nos* lembraremos  
Vós *vos* lembrareis  
Elles *se* lembrarão

*Condicional*

Eu *me* lembraria  
Tu *te* lembrarias  
Elle *se* lembraria  
Nós *nos* lembraríamos  
Vós *vos* lembraríeis  
Elles *se* lembrariam

**Modo imperativo**

Lembra-*te* tu  
Lembra*i-vos* vós

**Modo subjuntivo**

*Presente*

Eu *me* lembre  
Tu *te* lembres  
Elle *se* lembre  
Nós *nos* lembremos  
Vós *vos* lembreis  
Elles *se* lembrem

*Pret. imperfeito*

Eu *me* lembrasse  
Tu *te* lembrasses  
Elle *se* lembrasse  
Nós *nos* lembrássemos  
Vós *vos* lembrásseis  
Elles *se* lembrassem

*Futuro*

Eu *me* lembrar  
Tu *te* lembrares  
Elle *se* lembrar  
Nós *nos* lembrarmos  
Vós *vos* lembrardes  
Elles *se* lembrarem

**Infinitivo**

*Presente pessoal*

Lembrar-se

*Presente pessoal*

Lembrar-me eu  
Lembrares-te tu  
Lembrar-se elle  
Lembrarmos-nos nós  
Lembrardes-vos vós  
Lembrarem-se elles

*Gerundio*

Lembrando-se

*P. passado*

Lembrado

**CONJUGAÇÃO DO VERBO IMPESSOAL**

**(CHOVER)**

**Modo indicativo**

*Presente*

Chove

*Mais que perfeito*

Chovêra

*Pret. imperfeito*

Chovia

*Futuro*

Choverá

*Aoristo*

Choveu

*Condicional*

Choveria

**Modo subjuntivo**

*Presente*

Chova

*Imperfeito*

Chovesse

*Futuro*

Chover

**Infinitivo**

*Presente*

Chover

*Gerundio*

Chovendo

*Passado*

Chovido

## OBSERVAÇÕES

### VERBOS REGULARES

Os verbos terminados em:

**car** — mudam o *c* em *qu* antes de *e*: *calcar, calque*;

**çar** — perdem a cedilha antes de *e*: *caçar, cacei*;

**cer** — tomam a cedilha antes de *a, o*; *carecer, careça, careço*;

**ear** — mudam o *e* em *ei* no presente da indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: *clarear, clareio, clareie*;

Há a intercalação de um — *i* — eufónico, desde que se desloca a acentuação da palavra.

**X iar** — uns mudam o *i* em *ei* eufónico no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural: *agenciar, agremiar, ansiar, basofiar, cadenciar, commerciar, diligenciar, estanciar, evidenciar, filosofiar, incendiar, indulgenciar, licenciare, mediar, negociar, obsequiar, odiar, premiar, presenciare, providenciar, penitenciar, remediar, reverenciar, sentenciar, victoriar*.

Outras conservam o *i* sem alteração: *acariciar, adiar, afiar, agoniar, aliar, alumiar, ampliar, apreciar, assobiar, atiar, avaliar, aviar, balbuciar, contrariar, confiar, copiar,*

*criar, deliciar, enfiar, esfriar, espiar, fiar, gloriar, injuriar, miar, piar, saciar, tosquiar, radiar, variar.* X

Nota-se que os verbos dissillabos em — *iar* — não sofrem alteração.

**gar** — mudam o *g* em *gu* antes de *e*: *pagar, pague*.  
O verbo *resfolegar* faz *resfólego*;

**ger, gir** — mudam o *g* em *j* antes de *a, o*: *eleger, eleja, elejo*; *corrigir, corrija, corrijo*;

**guer, guir** — mudam o *gu* em *g* antes de *a, o*: *erguer, erga, ergo*; *distinguir, distinga, distingo*. Exceptua-se *arguir*, que faz *argúo, argúam, etc.*, e *redarguir* que faz *redargúo, redargúam, etc.*

**oar** — mudam o *o* em *ô* no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural dos mesmos tempos: *coroar, corôo*; *abençoar, abençôo*.

**uzir** — perdem o *e* na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente: *luzir, luz (luze)*; *reduzir, reduz (reduze)*; *produzir, produz (produze)*.

Antigamente se não dava esta apocope. X



# VERBOS IRREGULARES

## 1.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

### Dar

**Ind. presente:** Dou, das, dá, damos, dais, dão.  
**aoristo:** Dei, deste, deu, demos, destes, deram.  
**m. q. perf.:** Déra, déras, déra, etc.  
**Subj. pres.:** Dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem.  
**imperf.:** Dêsse, dêsses, dêsse, dêssemos, etc.  
**fut.:** Dêr, dêres, dêr, dêrmos, etc. *derdes derem*

O composto — *circundar* — é regular.

### Estar

**Ind. pres.:** Estou, estás, está, estamos, etc. *estais estáis*  
**aoristo:** Estive, estiveste, estive, estivemos, etc. *estiverdes estiverem*  
**m. q. perf.:** Estivêra, estivêras, estivêra, etc.  
**Subj. pres.:** Esteja, esteja, esteja, estejamos, etc.  
**imperf.:** Estivesse, estivesse, estivesse, etc.  
**fut.:** Estiver, estiveres, estiver, etc.

**OBSERVAÇÃO** — Os compostos *constar* (impessoal), *obstar*, *prestar*, *restar* e *sustar* são regulares.

**OBSERVAÇÃO** — Não será mencionado o imperativo porque as pessoas que elle tem (a 2.<sup>a</sup> de cada numero) se formam das correspondentes do presente do indicativo com a perda da letra *s* final. Exceptua-se o verbo *ser*.

As outras pessoas que o imperativo não possui — a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> — são suppridas pelas do subjuntivo; ex.: *Ame eu, ama tu, ame elle, amemos nós, amai vós, amem elles.*

Si a conjugação fôr negativa, as pessoas do imperativo são todas substituidas pelas do subjuntivo; ex.: *Não ame eu, não ames tu, não ame elle, não amemos nós, não ameis vós, não amem elles.*

Assim se diz que em Portuguez não ha propriamente imperativo negativo.

## 2.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

### Caber

- Ind. pres.:** Caibo, cabes, cabe, cabemos, etc.  
**auristo:** Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.  
**m. q. perf.:** Coubéra, coubéras, coubéra, coubéramos, etc.  
**Subj. pres.:** Caiba, caibas, caiba, caibâmos, etc.  
**imperf.:** Coubesse, coubesses, coubesse, etc.  
**fut.:** Coubér, coubéres, coubér, coubérmos, etc.

### Crêr

- Ind. pres.:** Creio, crês, crê, crêmos, crêdes, crêem.  
**Subj. pres.:** Creia, creias, creia, creiâmos, etc.

Da mesma fôrma se conjuga o verbo *lêr*.

### Dizer

- Ind. pres.:** Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.  
**auristo:** Disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, etc.  
**m. q. perf.:** Disséra, disséras, disséra, disséramos, etc.  
**fut.:** Direi, dirás, dirá, diremos, direis, etc.  
**cond.:** Diria, dirias, diria, diriamos, etc.  
**Subj. pres.:** Diga, digas, diga, digâmos, digais, digam.  
**imperf.:** Dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, etc.  
**fut.:** Dissér, disséres, dissér, dissérmos, dissérdes, etc.  
**Inf. p. passado:** Dito.

## Fazer

- Ind. pres.:** Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.  
*aoristo:* Fiz, fizéste, fez, fizemos, fizéstes, fizéram.  
*m. q. perf.:* Fizéera, fizéras, fizéera, fizéramos, etc.  
*fut.:* Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.  
*cond.:* Faria, farias, faria, fariamos, etc.  
**Subj. pres.:** Faça, façás, faça, façâmos, façais, etc.  
*imperf.:* Fizésse, fizésses, fizésse, fizéssemos, etc.  
*fut.:* Fizér, fizéres, fizér, fizérmos, etc.  
**Inf. p. passado:** Feito.

## Perder

- Ind. pres.:** Perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.  
**Subj. pres.:** Perca, percas, perca, percâmos, percais, etc.

## Poder

- Ind. pres.:** Posso, pôdes, pôde, podêmos, podeis, pôdem.  
*aoristo:* Pude, pudeste, pôde, pudemos, etc.  
**Subj. pres.:** Possa, possas, possa, possâmos, etc.  
*imperf.:* Pudésse, pudésses, pudésse, pudéssemos, etc.  
*fut.:* Pudér, pudéres, pudér, pudérmos, etc.

*Não se usa no imperativo.* Vieira empregou-o: *Si quereis ser omnipotente PODEI sómente o justo e o licito.*

## Prazer (impessoal)

- Ind. pres.:** Praz.  
*aoristo:* Prouve.  
*m. q. perf.:* Prouvéra.  
**Subj. pret. imperf.:** Prouvesse.  
*fut.:* Prouvér.

**OBSERVAÇÃO.** — *Comprazer* é pessoal, tem conjugação completa e só é irregular na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo. E' mais usado pronominalmente: *comprazer-se*.

## Querer

- Ind. pres.:** Quero, queres, quer, queremos, quereis, etc.  
*aoristo:* Quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, etc.  
*m. q. perf.:* Quiséra, quiséras, quiséera, quiséramos, etc.

**Subj. pres.:** Queira, queiras, queira, queirâmos, etc.  
*imperf.:* Quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, etc.  
*fut.:* Quiser, quiséres, quiser, quisérmos, etc.

Não se usa no **imperativo**. Vieira empregou-o: QUEREI só o que podeis. QUEREI-me só pelo que vos quero, não me faleis em dinheiro. (Adagio).

Os literatos portuguezes empregam — *quere* — por — *quer* —, como é de uso no Brazil.

Só usamos — *quere* — quando se seguem as variações pronominaes — *o, as, os, as*: *quere-o*. Entretanto A. Herculano supprimiu o — *r* — e escreveu: *Os teus vassallos o querem, QUÊ-LO o teu povo.*

## Requerer

**Ind. pres.:** Requeiro, requéres, requér, requeremos, etc.  
**Subj. pres.:** Requeira, queiras, requeira, queirâmos, etc.

Antigamente dizia-se na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente *requere*: *O Gama lhe requere* (Camões). Ainda hoje quando se lhe seguem os pronomes *o, a, os, as*, assim se emprega: *requere-o, requere-a.*

## Saber

**Ind. pres.:** Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.  
*auristo:* Soube, soubeste, soube, soubemos, etc.  
**Subj. pres.:** Saiba, saibas, saiba, saibâmos, etc.  
*imperf.:* Soubesse, soubesses, soubesse, etc.  
*fut.:* Soubér, soubéres, soubér, etc.

## Trazer

**Ind. pres.:** Trago, trazes, traz, trazemos, etc.  
*auristo:* Trouxe, trouxeste, trouxe, etc.  
*m. q. perf.:* Trouxera, trouxeras, trouxera, etc.  
*fut.:* Trarei, trará, trará, traremos, etc.  
*cond.:* Traria, trarias, traria, etc.  
**Subj. pres.:** Traga, tragas, traga, tragâmos, etc.  
*imperf.:* Trouxesse, trouxesses, trouxesse, etc.  
*fut.:* Trouxer, trouxéres, trazer, etc.



## Valer

**Ind. pres.:** Valho, vales, vale ou val, valemos, etc.

**Subj. pres.:** Valha, valhas, valha, valhâmos, etc.

## Vêr

**Ind. pres.:** Vejo, vês, vê, vêmos, vêdes, vêem.

*aoristo:* Vi, viste, viu, vimos, vistas, viram.

*m. q. perf.:* Vira, víras, vira, víramos, víreis, etc.

**Subj. pres.:** Veja, veja, veja, vejâmos, vejais, etc.

*imperf.:* Visse, visses, visse, vissemos, visseis, etc.

*fut.:* Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

**Inf. p. passado:** Visto.

O seu derivado **Prover** afasta-seno:

**Ind. p. aoristo:** Provi, provestê, proveu, provêmos, etc.

*m. q. perf.:* Provêra, provêras, etc.

**Subj. p. imperf.:** Provêsse, provêsses, provêsse, etc.

*fut.:* Provêr, provêres, provêr, etc.

**Inf. p. passado:** Provido.

Como — *provêr* — conjuga-se o verbo — *revêr* — quando significa — *transudar*. Não se usa, porém, na 1.<sup>a</sup> pessoa do Indicativo presente nem no Subjuntivo presente.

## 3.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

### Aderir

**Ind. pres.:** Adiro, adêres, adêre, aderimos, aderis, adêrem.

**Subj. pres.:** Adira, adiras, adira, adirâmos, etc.

Por este verbo se conjugam: *advertir, aferir, comedir, compelir, competir, conseguir, deferir, despir, discernir, digerir, divergir, divertir, enxerir, expelir, ferir, impelir, mentir, preterir, reflectir, repelir, repetir, seguir, sentir, servir, vestir*, etc.

## Acudir

**Ind. pres.:** Acudo, acódes, acóde, acudimos, acudís, acódem.  
**Subj. pres.:** Acuda, acudas, acuda, acudâmos, etc.

Antigamente este verbo era regular: conservava o *u* em toda a conjugação: *ACUDE e corre pai.* (Camões).

O mesmo se observa relativamente a *fugir, instruir e consumir*, empregados pelo mesmo poeta.

Por este verbo se conjugam: *bulir, construir, consumir, cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir, tussir*, etc.

## Agredir

**Ind. pres.:** Agrido, agrides, agride, agredimos, agredís, agridem.  
**Subj. pres.:** Agrida, agridas, agrida, etc.

Por este verbo se conjugam: *prevenir, transgredir*, etc.

## Cobrir

**Ind. pres.:** Cubro, cúbres, cúbre, cobrimos, cobrís, cúbrem.  
**Subj. pres.:** Cubra, cubras, cubra, etc.  
**Inf. p. pres.:** Coberto.

Por este verbo se conjugam: *dormir, ordir, polir, poir*.

## Cortir

**Ind. pres.:** Curto, curtes, curte, curtimos, curtís, curtem.  
**Subj. pres.:** Curta, curtas, curta, etc.

Por este verbo se conjuga: *sortir*.

## Frigir

**Ind. pres.:** Frijo, fréges, frége, frigimos, frigís, frégem.  
**Inf. p. pass.:** Frito ou Frigido.

## Ir

**Ind. pres.:** Vou, vais, vai, vamos ou imos, ides, vão.  
**aoristo:** Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.  
**m. q. perf.:** Fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, fôram.

**Subj. pres.:** Vá, vás, vá vâmos, vades, vão.  
**imperf.:** Fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem.  
**fut.:** Fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem.

## Medir

**Ind. pres.:** Meço, medes, mede, medimos, medís, medem.

**Subj. pres.:** Meça, meças, meça, meçâmos, etc.

Por este verbo se conjugam: *ouvir, pedir, despedir, impedir*, etc.

NOTA. — Os verbos *despedir* e *impedir* só têm relativamente a *pedir* a similhaça de fôrma; não têm nem a mesma origem, nem aproximada significação.

A essa similhaça se deve o facto de serem considerados irregulares quando deviam ser conjugados regularmente no indicativo presente e no subjunctivo: *despido, impido, despida, impida*, etc.

Os exemplos nos escritores antigos são sem conta:

Francisco José Freire confirma que alguns escritores não querem fazer irregular este verbo, como hoje diz a maior parte dos modernos.

Duarte Nunes Leão empregou: *DESPIDA-me*.

Vieira: *Eia, meu príncipe DESPIDA-se V. A. dos livros. Com esta ultima advertencia vos DESPIDO, ou me DESPIDO de vós. Porque lh'o não IMPIDAM.*

Camões: *Não me IMPIDAS o gosto da tornada. Desta subita vinda os não IMPIDA.*

Castilho: *IMPIDAM de seguir.*

Bernardes: *E, si não as póde concordar, DESPIDA-se e diga com S. Gregorio...*

Ruy Barbosa: *O que me magôa o sentimento de equidade e até o de artista, é que este triste vocabulo seja o derradeiro com que se DESPIDA o leitor.*

## Rir

**Ind. pres.:** Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

**Subj. pres.:** Ria, rias, ria, riâmos, riais, riam.

## Vir

**Ind. pres.:** Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem.

**imperf.:** Vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, etc.

**aoristo:** Vim, vieste, veiu, viemos viestes, viéram.

*m. q. perf.*: Viêra, viêras, viêra, viêramos, viêreis, etc.  
**Subj. pres.**: Venha, venhas, venha, venhâmos, etc.  
*imperf.*: Viesse, viesse, viesse, viessemos, etc.  
*fut.*: Viêr, viêres, viêr, viêrmos, etc.  
**Inf. p. pass.**: Vindo.

Por este verbo se conjugam: *avir, desavir, convir.*

## Defectivos

Ha alguns verbos que se não conjugam em certas pessoas.

São considerados defectivos aquelles a cujo radical se seguem as letras *a* ou *o*: *brandir, carpir, discernir, explodir, feder, ganir, inherir, latir*; aquelles a cujo radical se seguem as letras *a, o, e*: *abolir, adir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, empedernir, exaurir, extorquir, falir, florir, munir, polir, renhir, retorquir.*

*Precaver, rehaver* não se usam nas tres pessoas do singular e na 3.<sup>a</sup> do plural do indicativo, na 2.<sup>a</sup> do singular do imperativo e no subjuntivo presente.

*Soer* só se usa em *sóe, sóes, sóem, soía.*

O uso de certas fórmãs dos verbos defectivos pelos escriptores, vai restringindo a lista desses verbos.

Vemos, assim, empregados: *bane, extórque, extórquam, colorem, déle, abóle, demulem, pule* (pulir).

## Participio passado

Muitos verbos têm duas fórmãs no participio passado: uma fórmula regular e outra irregular.

A 1.<sup>a</sup> é empregada geralmente com os verbos *ter* e *haver*; a 2.<sup>a</sup>, simples adjectivo verbal, é mais usada com os verbos, *ser, estar, parecer, ficar*, etc.

Alguns participios passados regulares não são mais usados: *pagado, descrevido, dizido*, etc.

Alguns participios passados irregulares não são também mais empregados: *extremo, rejeito, concesso, coito, teudo, manteudo, tolheito, volto*.

Outros perderam sua função de participios: *excepto* é hoje preposição; *conteúdo* é substantivo.

1.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Aceitado	<i>Aceito ou acei- te</i>	Excusado	<i>Excuso</i>
Afeiçoado	<i>Affecto</i>	Expressado	<i>Expresso</i>
Agradado	<i>Grato</i>	Expulsado	<i>Expulso</i>
Annexado	<i>Annexo</i>	Faltado	<i>Falto</i>
Aprontado	<i>Pronto</i>	Fartado	<i>Farto</i>
Assentado	<i>Assente</i>	Findado	<i>Findo</i>
Bemquistado	<i>Bemquisto</i>	Fixado	<i>Fixo</i>
Captivado	<i>Captivo</i>	Gastado	<i>Gasto</i>
Cegado	<i>Cégo</i>	Ganhado	<i>Ganho</i>
Circundado	<i>Circunciso</i>	Ignorado	<i>Ignoto</i>
Completado	<i>Completo</i>	Infeccionado	<i>Infecto</i>
Concretado	<i>Concreto</i>	Infestado	<i>Infesto</i>
Confessado	<i>Confesso</i>	Inquietado	<i>Inquieto</i>
Cultivado	<i>Culto</i>	Isentado	<i>Isento</i>
Curvado	<i>Curvo</i>	Juntado	<i>Junto</i>
Densado	<i>Denso</i>	Lesado	<i>Leso</i>
Descalçado	<i>Descalço</i>	Libertado	<i>Liberto</i>
Despertado	<i>Desperto</i>	Limpado	<i>Limpo</i>
Dispersado	<i>Disperso</i>	Livrado	<i>Livre</i>
Entregado	<i>Entregue</i>	Matado	<i>Morto</i>
Enxugado	<i>Enxuto</i>	Manifestado	<i>Manifesto</i>
Estreitado	<i>Estreito</i>	Misturado	<i>Misto</i>
Exceptuado	<i>Excepto</i>	Molestado	<i>Molesto</i>
		Murchado	<i>Murcho</i>

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Occultado	<i>Occulto</i>	Secado	<i>Sêco</i>
Pagado	<i>Pago</i>	Segurado	<i>Seguro</i>
Pegado	<i>Pêgo</i>	Sepultado	<i>Sepulto</i>
Professado	<i>Professo</i>	Situado	<i>Sito</i>
Quedado	<i>Quedo</i>	Soltado	<i>Solto</i>
Quietado	<i>Quieto</i>	Sujeitado	<i>Sujeito</i>
Quitado	<i>Quite</i>	Suspeitado	<i>Suspeito</i>
Revoltado	<i>Revolto</i>	Vagado	<i>Vago</i>
Salvado	<i>Salvo</i>		

2.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

Absolvido	<i>Absolto</i>	Escurecido	<i>Escuro</i>
Absorvido	<i>Absorto</i>	Extendido	<i>Extenso</i>
Acendido	<i>Aceso</i>	Incorrido	<i>Incurso</i>
Agradecido	<i>Grato</i>	Invertido	<i>Inverso</i>
Attendido	<i>Attento</i>	Morrido	<i>Morto</i>
Bemquerido	<i>Bemquisto</i>	Nascido	<i>Nado, nato</i>
Benzido	<i>Bento</i>	Pervertido	<i>Perverso</i>
Conhecido	<i>Cognito</i>	Prendido	<i>Preso</i>
Convencido	<i>Convicto</i>	Pretendido	<i>Pretenso</i>
Convertido	<i>Converso</i>	Propendido	<i>Propenso</i>
Corrompido	<i>Corrupto</i>	Refrangido	<i>Refracto</i>
Cozido	<i>Coíto</i>	Removido	<i>Remóto</i>
Defendido	<i>Defeso</i>	Resolvido	<i>Resoluto</i>
Desenvolvido	<i>Desenvolto</i>	Revolvido	<i>Revôlto</i>
Devolvido	<i>Devoluto</i>	Rompido	<i>Roto</i>
Dissolvido	<i>Dissoluto</i>	Solvido	<i>Soluto</i>
Elegido	<i>Eleito</i>	Submettido	<i>Submisso</i>
Enchido	<i>Cheio</i>	Surpreendido	<i>Surpreso</i>
Envolvido	<i>Envolto</i>	Suspendido	<i>Suspenso</i>
Escondido	<i>Escuso</i> ou <i>es-</i> <i>conso</i>	Tendido	<i>Tenso</i>
		Torcido	<i>Torto</i>



3.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

<i>Part. Pass. Reg.</i> ✓	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Abstraido	<i>Abstracto</i>	Excluido	<i>Excluso</i>
Adquirido	<i>Acquisto</i>	Expellido	<i>Expulso</i>
Affligido	<i>Afflicto</i>	Expressido	<i>Expresso</i>
Aspergido	<i>Asperso</i>	Extinguido	<i>Extinto</i>
Circumduzido	<i>Circumduto</i>	Frigido	<i>Frito</i>
Coagido	<i>Coacto</i>	Illudido	<i>Illuso</i>
Comprimido	<i>Compresso</i>	Immergido	<i>Immerso</i>
Concluido	<i>Concluso</i>	Imprimido	<i>Impresso</i>
Confundido	<i>Confuso</i>	Incluido	<i>Incluso</i> ✓
Contraido	<i>Contracto</i>	Infundido	<i>Infuso</i>
Contundido	<i>Contuso</i>	Inserido	<i>Inserto</i>
Corrigido	<i>Correcto</i>	Insurgido	<i>Insurto</i>
Difundido	<i>Difuso</i>	Obtundido	<i>Obtuso</i>
Digirido	<i>Digesto</i>	Omittido	<i>Omisso</i>
Dirigido	<i>Directo</i>	Opprimido	<i>Oppresso</i>
Distinguido	<i>Distinto</i>	Possuido	<i>Possesso</i>
Distraido	<i>Distracto</i>	Restringido	<i>Restricto</i>
Dividido	<i>Diviso</i>	Submergido	<i>Submerso</i>
Erigido	<i>Erecto</i>	Suprimido	<i>Supresso</i>
Espargido	<i>Esparsa</i>	Surgido	<i>Surto</i>
Estendido	<i>Estenso</i>	Tingido	<i>Tinto</i>
Exaurido	<i>Exausto</i>		



## Etimologia

**Etimologia** é a parte da morfologia em que se estuda a origem ou a derivação das palavras.

Há que tenha proposto o termo — *lexiogenia* — para substituir com razão, o vocabulo — *etimologia* — que significa propriamente — verdadeiro discurso, verdadeiro tratado, verdadeira sciencia — correspondendo ao Latim — *veriloquium*, que Cicero formou. Aquelle vocabulo, infelizmente, não criou raizes.

As palavras de lingua portugueza se derivam, em sua maior parte, da lingua latina, considerada a *lingua-mã*.

A evolução do Latim, dando nascimento ás linguas *romanicas* ou *novo-latinas*, tornou patentes certas leis determinantes da transformação dos sons, que se não realizaram ao mesmo tempo, mas em epochas differentes, umas leis substituidas por outras.

Estas leis pódem ser resumidas nas dez seguintes:

1.<sup>a</sup> **PERSISTENCIA DO ACENTO TONICO**: *amare*, amar; *hominem*, homem.

Este principio foi o grande factor que determinou a origem latina da Lingua portugueza.

É uma lei que se observa em todas as Linguas romanicas.



Ha algumas excepções produzidas :

a) por analogia : *amávamos* modelado em *amáva*, derivado de *amabámus*.

b) a conjugação latina em *ere* breve originou verbos em *ere* longo : *cúrrere*, correr.

2.<sup>a</sup> QUEDA DA VOZ NÃO ACENTUADA, quer no principio : *episcopus*, bispo; quer no meio : *malitatem*, maldade; quer no fim : *misturare*, misturar.

Muitas vezes, quando a vogal — *e* — não acentuada não cáí, nasaliza-se : *exsuctum*, enxuto.

A par com a tendencia da quêda da vogal, há o fenomeno opposto do augmento de um — *a* — no começo do vocabulo : *vultur*, abutre.

3.<sup>a</sup> CONVERSÃO DAS VOZES ACENTUADAS OU NÃO : *famem*, fome; *catus*, gato.

Segundo diz Meyer-Lübke, as modificações das vogaes são devidas em primeiro lugar ao acento. As tónicas, por causa do esforço maior com que são articuladas, alongam-se, redobram-se, ditongam-se; as átonas são sujeitas a se enfraquecer em sons incolores e a desaparecer.

São as seguintes as mais importantes conversões vocaes :

*a* em *e* : *alacrem*, alegre; *Tagum*, Tejo.

*a* » *i* : *Agnes*, Ignez.

*a* » *o* : *famem*, fome.

*a* » *ei* : *basium*, beijo; *primarius*, primeiro.

*a* » *ou* : *saltum*, souto; *falcem*, fouce.

*e* » *a* : *reginam*, rainha; *ebenum*, ebano.

*e* » *i* : *mecum*, migo; *decima*, dizima.

*e* » *o* : *per*, por; *serum*, soro.

*e* » *ei* : *cremare*, queimar.

*i* » *a* : *bilancem*, balança; *cubitum*, covado.

*i* » *e* : *trifolium*, trevo; *ingenium*, engenho; *cito*, cedo.

*o* » *a* : *dominam*, dama.

*o* » *e* : *obscurum*, escuro; *frontem*, frente.

*o* » *u* : *totum*, tudo; *complere*, cumprir.

*u* » *e* : *umbelicum*, embigo.

*u* » *o* : *urticam*, ortiga; *lupum*, lobo.

*u* » *oi*, *ou* : *lavatorium*, lavadouro; *venturus*, vindouro.

*y* » *a* : *symphonia*, sanfone.

*y* » *e* : *gypsum*, gesso.

y em o : *byrsum*, bolsa.  
y » u : *cryptam*, gruta.  
ae (ditongo) em e : *ceram*, era.  
au » » o : *pauper*, pobre; pôde se conservar : *caudam*,  
cauda; muda-se também para ou e oi : *aurum*, ouro e oiro; para a :  
*augustus*, agosto; *augurium*, agouro, e para o : *auriculam*, orelha.  
oe (ditongo) em e : *cælum*, céu.

4.<sup>a</sup> QUEDA OU PERDA DA CONSOANTE ENTRE VOGAES :  
*comedere*, comer; *malum*, máu; e perda ou transformação  
da consoante final ou tornada final pela queda da vogal  
subsequente : *ad*, a; *sic*, sim.

Exceptuam-se as consoantes — *l*, *r*, *n* (nos monosilla-  
bos, e a consoante — *s* — que persistem : *solem*, *sole*, sol;  
*marem*, *mare*, mar; *in*, em; *magis*, mais.

Sendo as vogaes mais sonoras que as consoantes, estas tendem  
sempre a cair mais facilmente.

Desde que uma consoante, pela sua posição ou formação, é  
pouco percebida, não servindo de caracter distintivo ao grupo fonico,  
é facil desaparecer.

5.<sup>a</sup> PERSISTENCIA DA CONSOANTE INICIAL: *casam*, casa.

E' no principio das palavras que as consoantes apresentam  
maior força de resistencia.

6.<sup>a</sup> ABRANDAMENTO, isto é, TROCA DE CONSOANTES  
QUE TÊM O MESMO ORGAM SONORO : *herbam*, herva; *latus*,  
lado.

As consoantes fortes se mudam por outras homorganicas doces.  
Os principaes casos de mudança de consoantes na passagem do  
Latim para o Portuguez, são :

b em f : *bubalum*, bufalo.

b » m : *morbo*, mormo; *cannabis*, canhamo.

b » v : *debere*, dever; *amabilis*, amavel.

c » g : *caveolan*, gaiola; *focus*, fogo.

c » ch : *murcidus*, murcho; *capellum*, chapéu, por influen-  
cia do Francez.

c » q : *cremare*, queimar.

c » z : *crucem*, cruz; *facere*, fazer.

- c* às vezes se vocaliza: *octo*, oito; *doctorem*, doutor; ou se nasaliza: *nec*, nem.
- d* em *g*: *delphinum*, golfinho.
- d* » *l*: *judicare*, julgar.
- d* » *r*: *cicadulam*, cigarra (permuta única, diz João Ribeiro).
- f* » *b*: *africanum*, abrego.
- f* » *h*: *fetibundus*, hediondo, por influencia do Espanhol.
- f* » *p*: *sufflare*, soprar.
- f* » *v*: *aurificem*, ourives; *trifolium*, trevo.
- g* » *z*: *spargere*, esparzir.
- g* » *j*: *gesiminum*, jasmim. A's vezes se vocaliza: *integrum*, inteiro.
- l* » *r*: *lilium*, lírio; *pallidum*, pardo. A's vezes se vocaliza: *falcem*, foice; *dulcis*, doce.
- l* » *j*: *lolium*, joio.
- l* » *n*: *libellum*, nível.
- m* » *l*: *memorare*, lembrar.
- m* » *n*: *comitem*, conde.
- n* » *l*: *animam*, alma.
- n* » *m*: *finem*, fim; *bonum*, bom.
- n* » *r*: *sanare*, sarar.
- p* » *b*: *lupum*, lobo; *caput*, cabo.
- p* » *f*: *caput*, chefe, por influencia franceza.
- p* » *v*: *populum*, povo.
- p* » *m*: *calupniam*, calúnia.
- q* » *c*: *quinque*, cinco.
- q* » *g*: *aquam*, agua; *aquilam*, aguia.
- r* » *l*: *papyrus*, papel; *parabolam*, palavra.
- s* » *z*: *mensem*, mez.
- t* » *d*: *rotam*, roda; *digitum*, dedo.
- t* » *ç, z*: *gratiam*, graça; *avaritiam*, avareza.
- v* » *b*: *vultur*, abutre; *vesicam*, bexiga.
- v* » *f*: *paraveredum*, palafrem; *salvum*, safo.
- v* » *g*: *vastare*, gastar, pela influencia do *w* germanico, pronunciado *gu*: *werra*, guerra; *Wilhelm*, Guilherme; *wisa*, guisa.
- x* » *s* ou *x*: *sex*, seis; *axe*, eixo. Houve tambem a produção de um *i*: Como *x* tem dois elementos *c, s*, em alguns casos *c* não se vocaliza, mas assimila-se ao *s*: *dixi*, disse.
- x* » *c*: *texere*, tecer.
- z* » *g*: *zinziber*, gengibre (attracção).
- z* » *c*: *zelum*, cio (zeloso, cioso).

7.<sup>a</sup> REFORÇO, que é uma excepção, um phenomeno opposto ao abrandamento e um facto muito raro: *passionem*, paixão.

8.<sup>a</sup> ASSIMILAÇÃO, lei de eufonia, em virtude da qual um som se modifica por influencia de outro som, a este ficando igual, assimilando-se.

A assimilação póde ser *progressiva e regressiva*.

E' *progressiva*, quando o som modificado está depois: *amam-o, amam-no; nostrum, nosso*.

E' *regressiva*, quando o som modificado está antes: *in-mortal, immortal; trazer lo, trazel-lo, traze-lo*. E' o caso mais commum na Lingua Portugueza.

9.<sup>a</sup> DISSIMILAÇÃO, isto é, reacção ou repulsão que um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido: *lilium*, lirio; *fratrem*, frade. O suffixo *al* se junta a radical que contenha *r*, e o suffixo *ar* a radical que contenha *l*: *austral, rural* ao lado de *popular, secular*.

A's vezes a dissimilação faz que uma das consoantes cáia: *aratrum*, arado.

Esta lei tambem existe em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corssen, que dizem que ha um principio pelo qual essa Lingua se esforça por não repetir o mesmo som na palavra.

Assim, havendo dois suffixos quasi identicos *ali* e *ari*, formam-se em Latim: *austr-alis, rur-alis, reg-alis, mor-alis, mort-alis*, ao lado de *vulg-aris, popul-aris, epul-aris*, isto é, o suffixo *ari* não se junta em regra a um tema ou raiz que contenha já outro *r*, nem o suffixo *ali* a um tema ou raiz que contenha já um *l*.

Pott é da mesma opinião e diz: Si o corpo da palavra encerra um *l*, os romanos preferem a desinencia *aris*: *secularis, regularis*, com as duas unicas excepções: 1.<sup>a</sup> que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l*: *pluralis, lateralis*; 2.<sup>a</sup> quando o *l* fazia parte de uma consoante composta, como em *fluvialis, glacialis*.

10.<sup>a</sup> CONVERSÃO dos grupos *cl, fl, pl, tl*, em *ch*: *clavem*, chave; *flammam*, chamma; *plorare*, chorar; *tolutare* (*plutare*), choutar.

CONVERSÃO de *ct* em *ch* ou *ut* ou *it*: *cactum*, cacho; *actum*, auto; *lectum*, leito; *octum*, oito, outo (arcaico).

CONVERSÃO de *bl, cl, dl, gl, pl, sl, tl*, em *lh*: *tribulare, tribl'are*, trilhar; *articulum, artic'lum*, artelho; *radu-*

*lare, rad'lare*, ralhar; *tegulam, teg'lam*, telha; *scopulum*, escolho; *insulam, ins'lam* ilha (unico exemplo, diz Julio Ribeiro); *rotulam, rot'lam*, rolha.

CONVERSÃO de *gn* em *nh*: *lignum*, lenho; *cognatum*, cunhado.

Observe-se que em:

*M'r, m'l* intercala-se um *b*: *umerum, um'rum*, ombro; *cumulum, cum'lum*, combro.

*Bl, gl* perdem, ás vezes, a inicial: *blastimare*, lastimar; *glande*, lande.

*Pt*, assimila-se: *nepta* (netta), neta. A's vezes cái: *ptisanam*, tisana, ou vocaliza-se: *acceptum*, aceito.

*Ps, rs* assimilam-se em *ss*: *ipse*, esse; *persona*, pessoa; *persicum*, pêssogo (escrito vulgarmente *pêcego*); *ersam*, essa (escrito vulgarmente *eça*).

*Sc* reduz-se a — *c* — quando seguidas de — *e* — ou de — *i* ; em alguns casos permanece inalterado: *cognoscere*, conhecer; *roscivum*, rocio; *muscam*, mosca; ou se muda para — *x* : *piscem*, peixe.

São estas as leis mais importantes, reconhecidas por todas as grammaticas, para a transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las; entretanto, há dois grandes principios, que juntos á influencia do meio, pôdem ser considerados como os de maior importancia.

O primeiro principio é a lei do menor esforço, ou de menor acção, que Sweet e Palessy chamam *principio de economia*.

O segundo é o *principio de enfase*, largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiram-se dai duas leis:

1.<sup>a</sup> A linguagem tende constantemente a se desembaraçar do que é superfluo.

2.<sup>a</sup> A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessario.

E' da primeira que se deriva a fraca acentuação das sillabas pouco importantes, a assimilação mais ou menos completa de dois sons consecutivos, a abreviação das sillabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor de uma lingua.

O inglez, de todas as linguas indo-européas, é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, não é prova de fraqueza, e sim de bom senso.

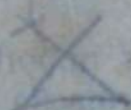
E' a lei de economia universal que a natureza e o espirito seguem por toda a parte e sempre, no emprego de suas forças. A riqueza não é mais que a força economizada.

O instinto do bello, o sentimento da harmonia e do ritmo, a necessidade da simplicidade, as necessidades superiores da clareza logica, o espirito, emfim, eis os grandes autores dessas permutas que têm por fim os fins intellectuaes da palavra: supprimir ou diminuir a pouco e pouco nas articulações tudo o que exige um esforço violento e inutil, todos os sons que incommodam aos ouvidos, que fazem abrir desagradavelmente a boca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que se aproximam dos berros, dos mugidos, dos sibilos, dos miados e dos uivos dos animaes.

A segunda lei, embora menos conhecida, não deixa, por isto, de ser verdadeira e é, por certo, uma consequencia logica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse sósinho, tornar-se-lam as Linguas, depois de um certo tempo, desconhecidas e, por consequencia, seriam improprias para servir de meio de communição.

E' justamente o que se observa no emprego dos arcaismos e neologismos, cuja luta é um dos factos mais interessantes a estudar na vida litteraria de uma Lingua.



## II

### Formação por meio de composição

As palavras compósta se fórmam de tres modos, por :  
*Juxtaposição*, em que os elementos componentes se acham ligados, conservando a mesma grafia, sem alteração e com as mesmas sillabas tonicas: *beira-mar*, *ponta-pé*, *mal-me-quer*.

*Aglutinação*, em que os elementos componentes se fundem, formando um unico todo, e modificando sua grafia, só tendo uma sillaba tonica: *fidalgo* (filho de algo); *planalto* (plano alto).

*Prefixação*, em que o primeiro elemento é um prefixo que se junta a uma palavra simples: *infiel*, *desfazer*.

### JUXTAPOSIÇÃO

As palavras juxtapostas se compõem de:

Substantivo e substantivo: *arco-iris*, *couve-flôr*.

Substantivo e adjectivo: *redea-falsa*, *amor perfeito*.

Adjectivo e substantivo: *gentil homem*, *livre-pensador*.

Adjectivo e adjectivo: *surdo-mudo*, *luso brasileiro*.

Verbo e substantivo: *guarda-vestido*, *porta voz*.

Particula e substantivo: *entre-casco*.

Particula e adjectivo: *mal-dito*.

Verbo e verbo: *vai vem, ruge-ruge*.

Palavras diversas: *bem te vi, mal-me quer*.

A formação de palavras compósta dá lugar ao *hibridismo*.

**Hibridismo** é a formação de palavras com elementos de linguas diversas.

*Sociologia*: latim e grego.

*Monoculo*: grego e latim.

*Automovel*: grego e latim.

*Zincografia*: allemão e grego.

*Linguistica*: latim e grego.

*Velodromo*: latim e grego.

*Cipóchumbo*: tupi e latim.

*Alcoolmetro*: arabe e grego.

*Burocracia*: francez e grego.

O hibridismo é aceitavel quando um dos elementos componentes não existe na Lingua ou quando o vocabulo está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer algumas observações:

1.º Ha casos em que a aglutinação é tam intensa que só uma analyse rigorosa chega a conhecer a composição:

*Morcego, murem-coecum*, rato cego.

*Naufragio, navis-fragium*, quebramento da nau.

*Marmota, murem-montis*, rato montez.

*Acabrunhar, caput-pronare*, vergar a cabeça.

*Kermesse, kerk-misse* (hollandez), igreja missa.

2.º A's vezes a junção do prefixo produz um som desagradavel. Para evita-lo, supprime-se a letra final: *emigrar*, de *exmigrare*; *intrinseco*, de *intra-secus*; ou, então, a consoante final assimila-se á inicial da palavra seguinte: *acclamar*, *ad-clamare*, etc.

Estas modificações na opinião de Darmsteter, já eram usuaes no Latim e são communs ás Linguas novo-latinas.

3.º Muitos compóstos latinos, pelo desaparecimento do signal externo da composição, foram considerados palavras simples: *colher*, de *co-ligere*.

As raizes dividem-se em *atributivas*, que exprimem noção de



ações e demonstrativas, que designam os seres e suas modificações.

As raízes são sempre monossilábicas e, na impossibilidade de chegar até à sua forma mais simples, Max-Müller apresenta as seguintes modificações:

- 1.<sup>a</sup> vogal: *i* — *ir*.
- 2.<sup>a</sup> vogal + consoante: *ad* — *comer*.
- 3.<sup>a</sup> consoante + vogal: *da* — *dar*.
- 4.<sup>a</sup> consoante + vogal + consoante: *cad* — *cahir*.
- 5.<sup>a</sup> vogal + grupo de consoantes: *arc* — *ajustar*.
- 6.<sup>a</sup> grupo de duas consoantes + vogal: *plu* — *correr*.
- 7.<sup>a</sup> grupo de duas cons. + vog. + cons.: *spec* — *ver*.
- 8.<sup>a</sup> cons. + vog. + grupo de duas cons.: *vert* — *girar*.
- 9.<sup>a</sup> grupo de duas cons. + vog. + grupo de duas consoantes: *sparg* — *espalhar*.

## PREFIXOS

Os prefixos em Portuguez são de origem vernacula, latina e grega.

**Vernaculos** são os prefixos que se originam da moza própria Lingua.

Os mais conhecidos são:

- *a* — proximidade — *alinhar*.
- *ante* — precedência — *ante ontem*.
- *bem* — bondade — *bemdizer*.
- *com* — união — *compôr*. Toma, por assimilação, as fórmaz: *col* — *collaborar*; *cor* — *corresponder*, ou perde o *m*: *cooperar*.
- *contra* — opposição — *contradizer*.
- *em, en* — lugar — *embarcar, engarrafar*.
- *entre* — collocação em meio — *entrelaçar, entreabrir*.
- *mal* — máo exito — *malquerer*.
- *sem* — exclusão — *semsabor*.
- *sob* — inferioridade — *sobpôr*. Toma as fórmaz: *so* — *soerguer, sopapo*; *sota* — *sotapiloto*; *soto* — *sotopôr*.
- *sobre* — em cima, excesso — *sobrenome, sobresair*.

**Latinos** são os prefixos que se originam da Língua latina.

Os mais conhecidos são:

*a, ab, abs* — separação — *aversão, abnegação, abstenção, ausente (ab sente).*

*a, ad* — lugar onde, direcção, tendencia — *abordagem, adjunto.* Toma, por assimilação, as fórmias: *ac* — *acceder*; *af* — *affirmar*; *ag* — *aggravar*; *al* — *allumiar*; *an* — *annunciar*; *ap* — *apparecer*; *ar* — *arrogar*; *as* — *assentar*; *at* — *attendere.*

*ambi* — ambos — *ambidextro.*

*bene* — bem — *beneficio.*

*bis, bi* — duas vezes — *bisneto, bipede.*

*circum* — ao redor — *circunferencia, circuito.*

*cis* — aquem — *cisalpino, citerior.*

*de* — principio, origem — *decorrer.*

*des* — negação, effeito contrario, intensidade — *desventura, desdizer, deshoras.* Na linguagem popular indica especialmente intensidade: *desinfeliz, desinquietao, desabulado.*

*dis* — negação, augmento — *discordancia, disforme.*

*e, es, ex* — fóra — *emergir, enorme, emigrar, escorrer, espalmar, extracção.*

*extra* — além — *extraordinario.*

*in* — negação (com adjectivos); lugar onde (com verbos) — *infiel, inscrever.* Toma, por assimilação, as fórmias: *il* — *illegal*; *im* — *immortal*; *ir* — *irregular.*

*inter* — no meio — *interpôr.*

*intro* — para dentro — *intrometter.*

*juxta* — junto — *juxtaposição.*

*male* — mal — *maleficio.*

*ob* — situação fronteira, opposição — *objecto, obstar.*

Toma varias fórmias por assimilação: *oc* — *ocasião*; *of* — *offensa*; *op* — *opposição.* A's vezes perde o *b* —: *omittir, pene* — quasi — *peninsula.*

*per* — atravez, por meio de — *pendurar, percorrer, perverter.*

*post, pos* — depois — *postdata, pospôr.*

*pre* — antecedencia, superioridade — *prevêr, preferir.*

*preter* — além — *peterição.*

*pro* — antes, a favor — *proclamar, prologo, promoção.*

*re* — repetição, para trás — *relêr, refugiar.* Este prefixo tem, ás vezes, por excepção, um sentido opposto ao indicado pelo radical: *reprovar, revelar, renunciar, rehabilitar.*

*recem* — de novo — *recemnacido.*

*retro* — para trás — *retrogradar, retaguarda.*

*satis* — bastante — *satisfazer.*

*semi* — metade, quasi — *semicirculo, semivivo.*

*sine* — sem — *sinecura, simples.*

*sub* — inferioridade — *subchefe.* Por assimilação toma varias fórmãs: *suc* — *successo*; *suf* — *sufficiente*; *sug* — *suggerir*; *sup* — *suppôr*; *sur* — *surrir*; *sus* — *susceptibilidade*; ou perde o *b*: *sujeitar.*

*subter* — inferioridade — *subterfugio.*

*super* — superioridade — *superficie, superfino, superpôr.*

*supra* — em cima, além de — *supramencionado, supranumerario.*

*trans* — além — *transmittir, transpôr.* Tem as fórmãs: *tras* — *trasladação*; *tres* — *tresnoitar, tresvario*; *tra* — *tradução, tramontano, trajecto.*

*tris, tri* — tres vezes — *trisavô, triangulo.*

*ultra* — além — *ultramontano, ultramar.*

*un, uni* — uma vez — *unanime, unicornio.*

*vice* — substituição, em lugar de — *vice-rei.* Tem a fórmula *vis*: *visconde.*

**Gregos** são os prefixos que se originam da Lingua grega.

Os mais conhecidos são:

*a, an* — negação, privações — *ateu, acesfalo, anonimo, analfabeto.*

O prefixo *a* usa-se antes de consoante; *an* antes de vogal, por eufonia.

*amphi* — ambos — *anfíbio.*

*ana* — reduplicação, elevação, afastamento — *anabaptista*, *analise*, *anacronico*.

*anti* — opposição — *antipatia*, *antartico*.

*apo* — longe — *apogeu*, *afelio*.

*archi* — supremacia — *arcanjo*, *arquiduque*, *arcebispo*, *arcipreste*.

*cata* — para baixo, ordem — *catastrofe*, *catalogo*.

*dia* — lugar intermedio — *diametro*.

*dys* — mal — *dispepsia*.

*em*, *en* — tendencia para dentro — *embrião*, *encefalo*.

*ex* — separação — *exodo*, *eclipse*.

*epi* — sobre — *epilogo*, *epitafio*.

*eu* — bem — *eufonia*, *evangelho*.

*hemi* — metade — *hemisferio*, *hemicirculo*.

*hyper* — excesso — *hiperbole*.

*hypo* — debaixo — *hipotese*, *hipogastro*.

*meta* — mudança — *metatese*, *metamorfose*.

*mega* — grande — *megaterio*.

*micro* — pequeno — *microscopio*.

*neo* — novo — *neologismo*.

*pan*, *pantos* — tudo — *panorama*, *panteista*.

*para* — ao lado — *paragrafo*.

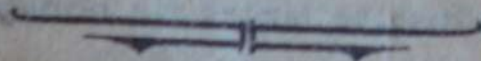
*peri* — ao redor — *perimetro*, *perifraxe*.

*pro* — anteposição — *protese*, *programma*.

*sym* — juntamente — *simpatia*, *sintaxe*, *sillogismo*, *sistema*.

Pódem-se incluir nesta lista os nomes dos numeros gregos: *mono*, *dis*, *tri*, *tetra*, *penta*, *hex*, *hepta*, *octo*, *ennea*, *deca*, *endeca*, *icos*, *kilo*, *myria*, *deuto*, etc.

Além destes elementos, ha o prefixo arabe *al* que deu origem a muitas palavras portuguezas: *albergue*, *açucar*, *azulejo*, etc.



Carunda

III

Formação por meio de derivação

As palavras derivadas se formam geralmente por meio de suffixos que se juntam á palavra primitiva, ou ao radical, modificando-lhe a significação.

Póde-se tambem formar a derivação sem auxilio de suffixos, como: *offerta*, de *offertar*; *castigo*, de *castigar*; *resgate*, de *resgatar*. São substantivos que alguns grammaticos chamam *postverbaes*, por serem formados do radical do verbo, com o acrescimo da terminação *a*, *o*, *e*.

SUFFIXOS

Os suffixos da Lingua portugueza são, em grande parte, originados do Latim ou formados no proprio seio da Lingua.

Temos, assim, suffixos que juntos a substantivos formam substantivos; outros que juntos a adjectivos formam substantivos, etc.

*Substantivos derivados de substantivos:*  
— *aça*, *aço* — quantidade, augmento — *fumaça*, *vidraça*, *espinhaço*.

*ada* — golpe, porção, tempo — *facada, rapazeada, at-  
vorada.*

— *ade* — *irmandade.*

*ado, ato* — profissão, dignidade — *professorado, duca-  
do, baronato, generalato.*

— *agem* — collecção, estado — *folhagem, aprendizagem.*

*al* — extensão, quantidade — *areal, laranjal.*

— *alha* — extensão — *muralha.* Tem sentido pejorativo:  
*gentalha.*

*ame* — conjunto — *cordame, correane.*

— *ama* — collecção — *dinheirama.*

*ano* — origem, seita — *bahiano, republicano.*

*aria* — collecção, lugar — *livraria, cavallaria, escadaria.*

*ario, eiro, eira* — profissão, officio, lugar onde, patria

— *boticario, porteiro, costureira, relicario, gallinheiro, bra-  
zileiro.* Os dois ultimos suffixos fórmam nomes de arvores  
frutíferas: *limoeiro, mangueira.*

*astro* — *poetastro, madrasta,* com sentido pejorativo.

— *cida* — matador — *regicida, insecticida.*

*cola* — o que cultiva ou habita — *vinicola, agricola,  
selvicola.*

*edo* — porção — *passaredo, arvoredos.*

*ela* — acção, reunião — *corruptela, parentela,* com sen-  
tido pejorativo.

*ense* — indica patria — *braziliense.*

— *esca* — reunião — *soldadesca.*

*iça, iço* — diminuição ou depreciação — *caliça, canniço.*

*ta* — emprego, lugar em que elle é exercido — *prela-  
zia, moralomia.*

*io* — conjunto — *mulherio.*

— *ismo* — doutrina, seita — *cristianismo, abolicionismo.*

— *ista* — emprego, agente — *oculista, jornalista, capita-  
lista.* E' de grande uso e fórma tambem palavras signifi-  
cando seita: *monarquista, socialista.*

*lento* — *somnolento.*

— *ol* — patria — *espanhol.*

*orio* — augmento — *foguetorio*, *vivorio*, com sentido pejorativo.

*oto* — patria — *minhoto*.

*ugem* — acção, quantidade — *ferrugem*, *pennugem*.

*ulho* — reunião — *pedregulho*.

*voro* — comedor — *herbivoro*, *insectivoro*.

Além destes, há os suffixos que indicam augmento, como: *ão*, *az*, etc., e outros que indicam diminuição: *inho*, *elha*, *ela*, etc.

— *Substantivos derivados de adjectivos* (exprimem qualidade, estado, condição):

*aria* — *enfermaria*.

*eima* — *toleima*, *guloseima*.

*ença*, *encia* — *convalescença*, *corpulencia*.

*ena* — *novena*.

*ez*, *eza* — *altivez*, *nobreza*.

*ia* — *alegria*, *cortezia*.

*iça*, *icia* — *justiça*, *malícia*.

*ice* — *tolice*, *velhice*.

*idão* — *escuridão*, *gratidão*.

*idade* — *fidelidade*, *salubridade*. Há grande numero de palavras formadas com este suffixo e com a forma *dade*: *maldade*, *igualdade*. Concorre com os substantivos em *ão*: *solidade*, *solidão*; *variedade*, *variação*.

*ismo* — *radicalismo*, *purismo*.

*mento* — *atreuimento*.

*or* — *verdor*, *amargor*.

*orio* — *finorio*.

*tude* — *amplitude*, *juventude*.

*ura* — *brandura*, *alvura*.

— *Substantivos derivados de verbos* (exprimem acção, feito, resultado, lugar):

*aço* — *cansaço*.

*agem* — *lavagem*, *passagem*.

*alho* — *espantalho*.

ança, ença, ancia, encia — lembrança, crença, ignorância, resistência.

anda, enda — propaganda, vivenda.

ão — rasgão, comparação.

ela — olhadela, com sentido pejorativo.

ia — correria.

ido — bramido, vestido.

ilho — andarilho.

ivo — curativo, cooperativo.

iz — chamariz, geratriz.

mento — fallecimento, testamento. Concorre com os substantivos em ção: fundamento, fundação; fragmento, fracção.

or — caçador, professor.

orio — oratorio, conservatorio.

oura, ouro — mangedoura, matadouro, sumidouro.

ura — pintura, assadura.

— Adjectivos derivados de substantivos:

aco — demoniaco.

aceo — liliaceo, crustaceo.

al, il — imperial, febril.

aneo — contemporaneo.

ano — romano, pernambucano.

ão — comarcão.

ar — familiar, ocular.

ario, eiro — imaginario, interesseiro.

atico — lunatico, asiatico.

ejo — sertanejo.

enho — ferrenho.

ente — paciente.

ento — nojento, somnolento.

eo — marmoreo.

esco — fradesco, dantesco.

estre — campestre

este — celeste.

ez — camponez.



*fero* — frutífero, aurífero.

*fico* — prolífico.

*forme* — fusiforme, uniforme.

*fugo* — centrifugo, vermífugo.

*gero* — lanífero.

*ico* — diabólico.

*iço, icio* — enfermício, vitalício.

*imo* — marítimo.

*inho* — marinho.

*ino* — diamantino, leonino.

*onho* — medonho.

*orio* — tormentorio.

*oso* — nervoso, rendoso. Suffixo de grande emprego.

*udo* — tinguarudo, cabeçudo.

*undo* — iracundo.

*voro* — carnívoro, omnívoro.

*Adjectivos derivados de adjectivos :*

*al* — maternal, angelical.

*ardo* — felizardo.

*el* — cruel, novél.

*ento* — pardacento.

*ete* — triguerete.

*este* — agreste.

*onho* — tristonho.

*orio* — finório, simplório.

*ote* — velhote.

*oso* — verdoso.

*Adjectivos derivados de verbos :*

*ado, ido* — amado, temido.

*ando, endo* — venerando, tremendo.

*ante, ente, inte* — amante, crente, pedinte.

*ão* — folgazão.

*iço* — espantadiço, alagadiço.

*io* — luzidio, fugidio.

*ivo* — fugitivo.

*or* — *abridor*.

*orio* — *inflammatorio*.

*osto* — *posto*.

*ouro* — *duradouro, ancoradouro*.

*undo* — *moribundo, vagabundo*.

*vel* — *amavel, visivel, movel, soluvel*. A forma *avel* concorre com *ante* e *oso*: *amavel, amante, amoroso*. A forma *ivel* concorre com *ivo*: *sensivel, sensitivo*. Há a forma *bre*: *nobre*. A forma *vel* tinha no Portuguez antigo a forma *bil*, que ainda hoje se emprega no superlativo absoluto: *amavel, amabil, amabilissimo; invisivel, invisibil, invisibilissimo, etc.*

*Derivação de verbos:*

*ar, er, ir* — *ajoelhar, emmagrecer, cuspir*.

*ear* — *barbear, baratear*.

*ecer, escer* — *anoitecer, adormecer, florescer*.

*ejar* — *doudejar, forcejar, voejar*.

*entar* — *avelhentar, amamentar*.

*ficar* — *amplificar, purificar*.

*icar* — *fabricar, adocicar*.

*ilhar* — *fervilhar*.

*inhar* — *escrevinhar, espezinhar*.

*iscar* — *lambiscar*.

*itar* — *dormitar, saltitar*.

*izar* — *arborizar, fertilizar*.

A lista dos elementos gregos que formam termos portuguezes, pôde ser augmentada com os elementos — verdadeiras palavras — que ora figuram de prefixos, ora de suffixos e muitas vezes constituem todo o radical.

São principaes os seguintes:

*acro*, extremidade, sumidade, *acróbata*, *acróstico*,

*aer*, ar, *aeronave*.

*agogo*, guia, *demagogo*.

*algia*, dôr, *odontalgia*.

*anemo*, vento, *anemometro*.

*antho*, flôr, *anthlogia*, *helianto*.

- antropos*, homem, *antropofago*, *filantropia*.  
*aristos*, melhor, *aristocracia*.  
*auto*, por si mesmo, *autonomia*, *autobiografia*.  
*archo*, governo, *monarquia*, *anarquia*.  
*archaios*, antigo, *arcaismo*.  
*arithmos*, numero, *aritmética*.  
*arthro*, articulação, *artralgia*.  
*atmas*, ar, *atmosfera*.  
*baro*, peso, *barometro*.  
*bato*, andar, *hiperbato*, *acróbata*.  
*biblio*, livro, *bibliografia*, *bíblia*.  
*bio*, vida, *biografia*, *anfíbio*.  
*bola*, *bolo*, *bole*, lançar, *parabola*, *discobolo*, *hiperbole*.  
*brachy*, breve, curto, *braquicefalo*.  
*caco*, máu, *cacofonia*, *cacografia*.  
*calli*, bello, *calligrafia*, *caleidoscopio*.  
*cele*, tumor, *gastrócele*, *hidrocele*.  
*cephalo*, cabeça, *cefalgia*, *microcefalo*.  
*cero*, chifre, *rinoceronte*.  
*choles*, bilis, *melancolia*.  
*christo*, unguido, *christão*, *antichristo*.  
*chiro*, mão, *quirografia*.  
*chrono*, tempo, *cronica*, *isocrono*.  
*crisia*, juízo, *hipocrisia*.  
*crasia*, constituição, *discrasia*.  
*cromo*, côr, *cromolitografia*.  
*crypho*, segredo, *ocultação*, *apócrifo*.  
*crypto*, oculto, *criptografia*.  
*chryso*, ouro, *crisalida*, *Crisostomo*.  
*cosmo*, mundo, *cosmografia*, *microcosmo*.  
*cracia*, poder, força, *autocracia*, *democrata*.  
*cyano*, azul, *ciangênio*.  
*cyclo*, circulo, *cicloptero*, *bicicleta*.  
*cyno*, cão, *cinocefalo*.  
*demo*, povo, *democracia*, *epidemia*.  
*doto*, dado, *antídoto*.  
*dromos*, carreira, *hipódromo*, *dromedario*.  
*dynamis*, força, *dinamite*.  
*edro*, face, *diedro*.  
*electron*, electricidade, *electrometro*.  
*eidos*, fôrma, *caleidoscopio*.  
*endo*, dentro, *endocarpo*, *endogeno*.  
*entomo*, insecto, *entomologia*.  
*ethos*, usos, *ética*, *etografia*.  
*ethnos*, povo, *etnografia*.  
*exo*, fôra, *exogeno*, *exoterico*.

*gameo*, casamento, *bigamia*, *poligamo*.  
*gastro*, estomago, *gastronomo*, *epigastro*.  
*geneo*, especie, *homogeneo*.  
*genio*, gerado, *hidrogenio*.  
*geo*, terra, *geografia*, *apogeu*.  
*glypho*, eugravo, *hieroglifo*.  
*gnose*, conhecimento, *geognosia*.  
*gono*, raça, prole, *epigono*.  
*gono*, angulo, *poligono*.  
*gonia*, produção, geração, *teogonia*, *cosmogonia*.  
*gramma*, letra, *grammatica*, *monogramma*.  
*grapho*, que escreve, *tipografo*, *grafico*, *grafosone*.  
*gymno*, nú, *gimnastica*.  
*gyn*, *gyneco*, mulher, *gineceu*, *ginecocracia*.  
*heli*, sol, *heliografia*, *afelio*.  
*hemero*, dia, *esemeride*, *Decameron*.  
*hema*, *hemato*, sangue, *hemorragia*, *hematocele*.  
*hetero*, diverso, *heterogeneo*.  
*hiero*, sagrado, *hieroglifo*.  
*hippos*, cavallo, *hipodromo*.  
*hodos*, caminho, *exodo*.  
*homeo*, igual, *homeopatia*.  
*homo*, igual, *homofono*, *homonimo*.  
*hydro*, agua, *hidrobio*, *hidrografia*.  
*hygro*, humido, *higrometro*.  
*idios*, proprio, *idioma*, *idiopatia*.  
*ichtyo*, peixe, *ictiologia*.  
*icono*, imagem, *iconoclasta*.  
*ismo*, sistema, imitação, *dogmatismo*, *christianismo*.  
*iso*, igual, *isosceles*.  
*ite*, inflamação, *hepatite*, *gastrite*.  
*latria*, adoração, *idolatria*.  
*lexi*, palavra, *lexiologia*.  
*litho*, pedra, *litografia*, *aerolito*.  
*logos*, palavra, tratado, *analogia*, *mitologia*, *apologo*.  
*macro*, grande, longo, *macrocosmo*, *macrobio*.  
*machia*, combate, *tauromaquia*.  
*mancia*, adivinhação, *cartomancia*.  
*mania*, loucura, *monomania*, *maniaco*.  
*mato*, o que se move, *automato*.  
*mega*, *megalo*, grande, *megalerio*, *megalomania*.  
*meso*, meio, *mesocarpa*, *mesoclise*.  
*melo*, canto, *melodrama*.  
*metron*, medida, *metrologia*, *perimetro*.  
*metro*, mãe, *metropole*.  
*micro*, pequeno, *microcosmo*, *microbio*.

*mis*, odio, *misanthropo*.  
*mimo*, imitador, *pantomima*, *mimologia*.  
*morpho*, fôrma, *morfologia*, *amorfo*.  
*mytho*, fabula, *mitologia*.  
*nau*, navio, *nauta*, *aeronauta*.  
*necro*, morto, *necrologia*, *necroterio*.  
*neo*, novo, *neologismo*, *neofito*.  
*neso*, ilha, *Polinesia*, *nesografia*.  
*neuro*, nervo, *neuralgia*.  
*nomo*, lei, *astronomia*, *agronomo*.  
*noso*, doença, *nosografia*.  
*odo*, caminho, *periodo*, *exodo*.  
*onoma*, nome, *anonimo*, *onomatopéa*.  
*odonto*, dente, *odontologia*.  
*oide*, fôrma, *metaloide*, *esferoide*.  
*onto*, ente, *ontologia*.  
*ophi*, serpente, *ofidio*, *ofiofago*.  
*ophtalmo*, olho, *oftalmia*.  
*orama*, vista, *diorama*, *cosmorama*.  
*ornitho*, passaro, *ornitologia*.  
*ortho*, direito, *ortografia*.  
*osteo*, osso, *osteologia*.  
*oxy*, acido, *oxigenio*.  
*paleo*, *paleon*, antigo, *paleografia*, *paleontologia*.  
*patho*, sentimento, *paixão*, *molestia*, *simpatia*, *patologia*.  
*phago*, comer, *antropofagia*.  
*phanos*, brilhante, *diafano*.  
*philo*, amigo, *bibliofilo*, *filologia*.  
*phito*, planta, *neofito*, *zooftito*.  
*phlebo*, veia, *flebotomia*.  
*phobo*, temor, *hidrofobia*, *xenofobia*.  
*phone*, som, *fonografo*, *eufonia*.  
*phonos*, matança, *taurofôno*, *xenofôno*.  
*photo*, *phos*, luz, *fotografo*, *fosforo*.  
*phora*, *phoro*, que leva, *fosforo*, *metafora*.  
*pneuma*, ar, *pneumatico*.  
*podos*, pé, *antipoda*, *polipo*.  
*poleo*, eu vendo, *monopolio*.  
*polis*, cidade, *metropole*, *Petropolis*.  
*potamo*, rio, *potamografia*, *hipopotamo*.  
*phisis*, natureza, *fisiologia*.  
*poly*, muito, *polissillabo*.  
*proto*, primeiro, *protomedico*.  
*pseudo*, falso, *pseudonimo*.  
*psycho*, alma, *psicologia*, *melempsicose*.  
*ptero*, aza, *aptero*.

*pyro*, fogo, *pirotecnia*, *pirilampo*.  
*phren*, cerebro, *frenologia*.  
*rhino*, nariz, *rinoceronte*.  
*scopo*, vista, *microscopio*, *horóscopo*.  
*sophia*, sabedoria, *filosofia*.  
*stata*, levantar, *aerostato*.  
*steno*, breve, *estenografia*.  
*stereo*, solido, *estereometria*.  
*stoma*, boca, *exostoma*.  
*strate*, exercito, *estrategia*.  
*strophe*, volta, *catastrophie*.  
*sthenia*, força, *neurastenia*.  
*stilo*, columna, *peristilo*.  
*taphos*, tumulto, *epitafio*.  
*teche*, arte, *politecnica*, *tecnologia*.  
*tele*, ao longe, *telefonio*, *telescopio*.  
*theo*, Deus, *teologia*, *ateu*.  
*thermo*, calor, *termometro*.  
*these*, posição, *prótese*, *antilese*.  
*therapia*, tratamento medico, *hidroterapia*.  
*thermo*, calor, *termometro*.  
*tomo*, córte, *anatomia*, *atomo* subentende-se, neste ultimo exemplo, o vocabulo — *meris* — parte.  
*tono*, som, *monotonia*, *tonico*.  
*topo*, lugar, *topografia*.  
*trophia*, nutrição, *atrofia*.  
*typo*, modelo, *tipografia*, *prototipo*.  
*urgia*, trabalho, *metalurgia*.  
*zoon*, animal, *zoologia*, *epizootia*.



O nominativo e os demais casos de que se compõe a oração latina são todos casos de declinação. A declinação latina é a mesma que a grega, e a mesma que a latina. A declinação latina é a mesma que a grega, e a mesma que a latina.

#### IV

### Declinação

Na *Sciência da Linguagem* diz Max Müller sobre *casos*:

Na linguagem filosofica dos estoicos, *ptosis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *quêda*, isto é, a relação de uma idéia com outra e o acto pelo qual uma palavra cái e se apoia sobre outra.

Longas e vivas discussões appareceram sobre a questão de se saber si o termo *ptosis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os grammaticos stoicos, o sujeito ou nominativo não cái nem sobre cousa alguma, se apoia, mas sim serve de ponto de apoio ás outras palavras da oração.

Ed. Chaignet explica a razão da denominação de *caso recto*, dizendo:

A palavra em si é sempre o signal de uma acção, porque não percebemos senão movimentos e acções; a substancia immovel que os produz, se occulta e desaparece.

Porém, como não existe ella só para isto, mas é tambem o fundamento necessario de toda a actividade, o principio immovel de todo o movimento, collocamo-la, suppomo-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

Daí a fôrma que toma o sujeito de todo o verbo, este *caso recto* que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em si e por si.

Os outros casos não são nomes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina soffreram sinão completo desaparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria Lingua latina.

A diminuição e depois o desaparecimento nas Linguas romanas da declinação, tem causas foneticas e sintaticas. Sem remontar além do Latim classico que nos offerece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m final*.

Na 1.<sup>a</sup> declinação ficando confundidos o nominativo e o acusativo, resultou a vinda das preposições para reger o acusativo.

O desaparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do sistema preposicional que tambem se encontra no Latim popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas novo-latinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distinção do artigo *li* nominativo, de *le* acusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação se encontra em todas as Linguas modernas.

Em Portuguez existem alguns vestigios da declinação latina.

Do **nominativo** temos principalmente os nomes proprios: *Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, Deus, Jesus, etc.*; *calix, simples, demo, elle, ladro* (de que prevaleceu o feminino *ladra* em lugar de *ladrona*), *leopardo, serpe, vinagre*.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma addição posterior á declinação nominal. Tudo parece indicar que o acusativo é a fôrma primitiva do nome.

Do **genitivo** poucos vestigios se encontram em Portuguez e isto é facil de explicar, porque desde o periodo classico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

Assim mesmo encontramos: *aqueducto, jurisconsulto, legislação, petroleo, plebiscito, terremoto, agricola*.



Do **dativo**, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Possuimos os pronomes: *mim, ti, si, lhe; crucifixo, devoto, fideicommisso.*

Foi o **acusativo** um dos poucos casos da declinação latina que na passagem para o Portuguez conservou toda a força sintactica.

E' occasião de, sucintamente, tratarmos da questão de saber qual seja o caso donde etimologicamente derivou o maior numero das palavras portuguezas: do acusativo, ou do ablativo?

Dizem os que sustentam ser o *ablativo* o caso originario, que, por exemplo, a palavra *servo* em Portuguez não póde vir de *servum* (ac.) e sim deve vir de *servo* (abl.).

Este grande argumento cái por terra desde que attendamos a que o suffixo *m*, resto da fórma ariana *ma*, se perdeu, o que já é observado nos antigos documentos da lingua.

Segundo Diez, o *m* final tinha um som surdo particular, e era muitas vezes suppresso, sobretudo nas inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se: *viro, urbe*, por *virum, urbem*.

Diz Corssen: E' difficil de dizer quando as consoantes *s* e *m*, cujo som na boca do povo desde os tempos mais antigos era surdo e fraco, cessaram de ressoar e desapareceram.

Desde o começo do seculo 4.<sup>o</sup> a queda completa do *m* e *s* finaes era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tam natural como a do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos, assim, no Latim barbaro: *illo* por *illum*, *Antonio* ou *Antoniu* por *Antonius*.

Para provarmos ainda mais ser o acusativo o caso originario, basta se observarem as palavras imparissillabas neutras:

<i>tempo</i>	— ac.	<i>tempus</i> ,	abl.	<i>tempore</i> .
<i>corpo</i>	— »	<i>corpus</i> ,	»	<i>corpore</i> .
<i>peito</i>	— »	<i>pectus</i> ,	»	<i>pectore</i> .
<i>lado</i>	— »	<i>latus</i> ,	»	<i>latere</i> .

Donde se vê, a se originarem do ablativo, estas palavras deviam ser em Portuguez: *tempre, corpre, latre*, etc., como succede com os nomes que não são neutros.

*arvore* — ac. arborem, abl. arbore.

*lebre* — » leporem, » lepore.

Ainda mais. Como lembra Leite de Vasconcellos, no Latim vulgar o uso dos casos era restrito, e as preposições regiam frequentemente o acusativo.

Cita o douto filologo varios exemplos de acusativos regidos de preposição, quando o caso a empregar era o ablativo: *a census, cum filios suos, ex castra nova*, etc.

Encontram-se vestigios do acusativo nos pronomes: *te, se, nos, vos*, nos termos *o, a* (*illum, illam*, acusativos de *ille, illa*).

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se signaes do acusativo: *marmota, morcego, homem, virgem, quem, leão, serpente, valor*.

O **vocativo**, por ser, em regra, uma repetição do nominativo, sómente deu em Portuguez a palavra: *Ave-Maria*.

Em Portuguez, para empregarmos este caso precedemo-lo de alguma interjeição.

O **ablativo**, segundo Bréal, tornou-se, pela perda do locativo e do instrumental, o representante de um grande numero de relações, vindo, então, em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar *Da Analogia* faz crêr que é talvez a elle a quem se deva o termo *ablativo*.

Este nome não se encontra em escritor algum anterior.

Em Portuguez possuímos algumas palavras que nos indicam vestigios deste caso: *amanuense, agora, cedo, como*, as fórmãs *migo, tigo, sigo*, que passaram aglutinadas com

as preposições para o Portuguez, Italiano e Espanhol, e todos os adverbios em *mente* (ablativo de *mens, mentis*).

Na linguagem popular encontramos fórmãs com esta origem, taes como: *cum quibus* (dinheiro), *qui-pro-quo* (engano, descuido), *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da frase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal: Todos sabem que um dos principaes caractéres que distinguem as Linguas romanas do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntarmos d'onde vem essa mudança, a observação externa nos revela duas cousas: a pronunciação e o acento tonico.

Corssen demonstrou que para o fim do imperio romano *o, u* acabaram de confundir-se; que da mesma maneira os sons *e, i* se tinham aproximado tanto que se tornou difficil distingui-los.

Não precisa maior prova para se demonstrar o desapparecimento da declinação em Portuguez.



as preposições para o Português, Italiano e Espanhol, e to-  
dos os advérbios em geral (ablativo de manus, manus).  
Na linguagem popular encontramos fórmulas com esta  
origem, tais como: em quibus (dinheiro), qui pro qua (en-  
gano, desconfiança), bustis, derivado segundo o Dr. Castro  
Lopes da frase in diebus illis.

V

### Etimologia do substantivo

Difficil é determinar com precisão a origem dos substantivos.  
Emquanto se póde dizer que os determinativos são de origem  
latina, que os advérbios também o são; póde-se dizer, entretanto,  
que todas as linguas estrangeiras deram substantivos á lingua por-  
tugueza.

Os substantivos proprios se derivam, não só do Latim,  
como também do Hebraico, Grego e Germanico, ou são  
formados de palavras vernaculas. *Placido, Flora, Benigno.*

Do Latim: *Mario, Deodato, Cicero, Antonio, Bento.*

Do Hebraico: *David, Moysés, Adão, Simão, Sara.*

Do Grego: *Theocrito, Felipe, Diogenes, Jeronymo.*

Do Germanico: *Carlos, Eduardo, Isabel, Alberto.*

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para  
caracterizar os individuos por qualquer facto ou circunstan-  
cia notavel em sua vida.

Viamos assim que: *Aristides*, era o melhor; *Job*, que  
geme; *Archimedes*, eminente maquinista ou pensador; *Car-  
los*, forte, habil; *Leopoldo*, ornado, valente; *Julio*, que tem  
o primeiro pelo; *Abrahão*, pai da multidão; *Agar*, estran-  
geira.

Este costume se encontra muito vivo nas tribus in-  
digenas do Brazil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, ca-  
marão.

E' opinião corrente que todos os nomes próprios de homens são antigos epitetos, isto é, antigos adjectivos.

Em certos nomes próprios encontram-se, ás vezes, os elementos gotico e arabe fundidos, como em *Venegas* (Viégas), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para se explicar a formação dos substantivos *patronimicos*, isto é, dos substantivos próprios que indicam filiação.

Theophilo Braga diz: Nas inscrições hispano-latinas o nome da familia prevalece sempre ao da tribu. A fórma *ez* peculiar dos patronimicos: *Alvarez*, filho de *Alvaro*, *Fernandez*, filho de *Fernando*, *Mendez*, filho de *Mendo*, que subsiste no euskariano *ez*, *iz*, apparece no cantabrico e asturiano na fórma *ves*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ives*, pronome iberico.

João Ribeiro apresenta a opinião do padre Larramendi que no *El imposible vencido* julga que o suffixo dos patronimicos é originado da posposição do artigo vascuense ou biscainho *ez*: *Perez* de *Pero*, *Garcez* de *Garcia*.

Frederico Diez julga ser originado do genitivo gotico em *is*: *Rodrigues*, *Roderiguiz*: Gotico *Hrothareikis*; *Fernandes*, *Ferdinandiz*: Gotico *Ferthananthis*.

Knapps diz: A noção do patronimico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se, assim, do Latim: *Paes* de *Pelagiis*. Sendo a flexão do plural vemos o Italiano em *i*: *Galileo*, *Galilei*.

Os appellativos são, em geral, derivados do Latim em que o acento tonico denota o caso de origem; os nomes scientificos vêm do grego, e os de tecnologia artistica, em sua maior parte, do italiano, principalmente os que se referem á musica e á pintura, ou são tomados das linguas modernas.

(Este estudo será melhor desenvolvido na parte relativa á formação do lexico portuguez).

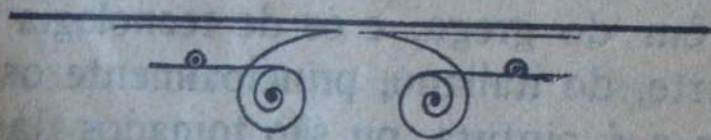
Como já vimos no Capitulo relativo á *Declinação latina*, varios são os casos latinos sobre que se formaram os substantivos portuguezes, sendo que o caso mais commum foi o *acusativo*.

A's vezes os dois casos — *nominativo e acusativo* — dão origem á mesma palavra, cuja derivação é indicada pelo acento tonico.

<i>drago</i>	nominativo	latim	<i>drago</i>
<i>dragão</i>	acusativo	»	<i>dragão</i>
<i>dó</i>	nom.	»	<i>dolor</i>
<i>dôr</i>	ac.	»	<i>dolorem</i>
<i>erro</i>	nom.	»	<i>erro</i>
<i>error</i>	ac.	»	<i>errorem</i>
<i>ladro</i>	nom.	»	<i>latro</i>
<i>ladrão</i>	ac.	»	<i>latronem</i>
<i>leo</i>	nom.	»	<i>leo</i>
<i>leão</i>	ac.	»	<i>leonem</i>
<i>saibo</i>	nom.	»	<i>sapor</i>
<i>sabor</i>	ac.	»	<i>saporem</i>
<i>tredo</i>	nom.	»	<i>tradito</i>
<i>traidor</i>	ac.	»	<i>traditorem</i>
<i>virgo</i>	nom.	»	<i>virgo</i>
<i>virgem</i>	ac.	»	<i>virginem</i>

O mesmo se encontra em Francez: *Pâtre, pasteur; sire, seigneur; chantre, chanteur.*

E' o que constitue as fórmãs divergentes.



VI

Adjectivos

Os adjectivos são considerados, por alguns filólogos, como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E' assim que o *sol* é o *brilhante*, o *rapido*.

Parece, á primeira vista, que o que mais devia ferir os olhos do observador eram as qualidades exteriores, os attributos.

Sayce, nos *Principes de Philologie Comparée*, com melhores razões, é de opinião que o vocabulo primitivo tinha o sentido de uma frase, e diz que a linguagem pertence á sociedade e não ao homem, devia, pois, começar com a frase e não com a palavra.

Segundo Rousseau, as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espirito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas Linguas já constituidas, e que elles ignorando a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram, a principio, a cada palavra o sentido de uma proposição inteira.

Esta opinião, na actualidade defendida pelo celebre filologo Schleicher, se tornou de aceitação geral.

ARTIGO

*Artigo*, segundo affirma Max Müller, é a tradução literal do nome grego *arthron*, no latim *artus*, que significa a articulação, ou junta dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados como articulações ou artigos de discurso.

Foi Zenodoto quem primeiro imaginou a distinção entre os pronomes pessoaes e os simples artigos, a que se deu então, o nome de *arthra*.

A existencia do artigo data do 6.º seculo e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *ille* exercendo esta função.

Affirma Diez que exemplos aos centos desse emprego fôram apresentados pelo sabio Raynouard e muitos outros.

Sobre a origem do artigo em Portuguez divergem as opiniões dos linguistas.

Uns são de opinião que o artigo se origina do grego, como Constancio e Alexandre Passos.

Esta theoria não tem base alguma scientifica.

Bem se sabe que o Grego popular nada innovou no Latim, apenas criou grande numero de palavras usadas nas sciencias, as quaes só se fizeram notar depois da constituição da Lingua.

O uso do artigo data do 6.º seculo, e é de verdadeiro emprego popular.

Além disto devemos considerar que, si apesar da grande influencia que os Gregos exerceram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursarem nessa lingua, o Latim não possue artigo, como poderia aquelle povo introduzir tal palavra na peninsula Iberica, em Portugal, onde a sua influencia foi sómente sobre os usos e costumes?

Além disso o plural do artigo no Grego é muito differente do nosso: *hoi*, nominativo e *toús*, acusativo.

A segunda opinião, sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo *hoc, hac*, e no plural o acusativo *hos, has*, do demonstrativo *hic, hæc, hoc*.

Diz este ultimo grammatico: «O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.º seculo da era christã, entendia que o pronome *hic, hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Egger affirma que nas escolas do imperio do Occi-



dente usavam os grammaticos romanos de *hic, hæc, hoc* para designar os generos dos nomes.»

O que parece robustecer a opinião de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga fórma de escrever: *ho, ha*.

Devemos notar, porém, em 1.º lugar que o *h* latino já tinha desaparecido do falar do povo nos fins da Republica Romana não ficando vestigios delle nas Linguas derivadas do Latim.

Ainda mais: o *c* de *hoc, hac* é uma letra que em caso algum se elimina completamente; póde abrandar-se: *caveo-lam*, gaiola; *amicum*, amigo; outras vezes e principalmente nos monossillabos nasala-se: *nec*, nem; *sic*, sim; *pectinem*, pente, ou dá-se o alargamento da voz anterior: *noctem*, noite.

Para explicar a letra *h* da fórma arcaica *ho, ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escritas com *h* no seculo 15.º: *hinsidias, husofructo, he, hum*, actualmente *insidias, usufruto, é, um*.

A terceira opinião, a nosso vêr a verdadeira, diz que o artigo se origina do acusativo *illum, illam* (singular), *illos, illas* (plural), por aferese da primeira sillaba.

Os latinos não possuindo artigo, empregavam o demonstrativo *ille*.

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do acusativo de *ille, illa, illud*.

O Espanhol tem *el, la, los, las*; o Francez *el, il, lo, li, le, la, les*; o Valaquio *le, a, i*; o Provençal *lo, la, il, li, las*; o Italiano *il, la, lo, gli*; por que razão só o Portuguez, que tem as fórmãs antigas *el, lo, ho* e as modernas *o, a, os, as*, havia de se afastar desta regra, sem um motivo plausivel?

E' o proprio Julio Ribeiro que diz que se não póde negar ter havido no Portuguez e no Gallego luta pela existencia entre as fórmãs *lo, la, los, las*, e as fórmãs *o, a, os, as*, encontrando-se exemplos classicos dumas e doutras.

Maria de Jesus

POSSESSIVOS

Os adjectivos possessivos vieram do Latim, sendo que as fórmulas do plural são da propria Lingua portugueza.

Fórmulas masculinas:

Meu — *meum*

Teu — *tuum*

Seu — *suum*

Nosso — *nostrum*

Vosso — *vostrum*

Seu — *suum*

As fórmulas *teu* e *seu* parece que se formaram por analogia da fórmula *meu*.

Fórmulas femininas:

Minha — *meam*

Tua — *tuam*

Sua — *suam*

Nossa — *nostram*

Vossa — *vostram*

Sua — *suam*

Devemos notar o feminino *minha* ao lado de *tua* e *sua*.

A fórmula primitiva, porém, era *mia*, *miam*, até o século 12.º; pelo prolongamento da nasal *m*, ficou *minha*. Facto identico se verifica em *mui* pronunciado *muin*, em *muito* (*muinto*) e em *mancha* (lat. *macula*).

Encontra-se a fórmula *mia* no Cancioneiro Inedito: *Mia morte; com mia mulher* (Diez).

A par de *nosso* havia *nostro*, usado na expressão *nostro senhor*, por influencia da igreja.

III

DEMONSTRATIVOS

São originados do Latim:

<i>Este, esta</i>	lat. <i>iste, ista</i>
<i>Esse, essa</i>	» <i>ipse, ipsa</i>
<i>Aquelle, aquella</i>	» <i>ecce ille (ecc'ille), ecce illa (ecc'illa)</i>

O mesmo se dá com as fórmãs compóstas:

<i>Est'outro, est'outra</i>	lat. <i>ist'alterum, a</i>
<i>Ess'outro, ess'outra</i>	» <i>ips'alterum, a</i>
<i>Aquell'outro, aquell'outra.</i>	» <i>ecc'illum alterum, a</i>

Os demonstrativos apresentam vestígios do genero neutro nas fórmãs: *isto (istud)*; *isso (ipsud)*; *aquillo (ecc'illud)*.

A Lingua arcaica possuía mais: *aquesto, aquesse, aquisto, esto, esso, aquelo, elo.*

IV  
RELATIVOS

Os relativos têm suas etimologias no Latim:

<i>Que</i>	lat.	<i>qui</i>
<i>Qual</i>	»	<i>qualis</i>
<i>Quem</i>	»	<i>quem</i>
<i>Cujo</i>	»	<i>cujus</i>
<i>Onde</i>	»	<i>unde</i>

Assim, pois, da declinação latina do pronome *qui*, o Portuguez herdou o nominativo *que*, o accusativo *quem*, e o genitivo *cujo*.

A Lingua arcaica possuía mais o pronome — *quejendo* — (*quid genitum*) que se transformou no actual — *quejando*.

V

NUMERAES

Os numeraes portuguezes só se distinguem dos latinos pela fonetica:

Um — *unum*

Dois — *duos*

Tres — *tres*

Quatro — *quatuor*

Cinco — *quinque*

Seis — *sex*

Sete — *septem*

Oito — *octo*

Nove — *novem*

Dez — *decem*

«De 11 a 15, dizem Pacheco e Lameira, os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*.

«De 16 a 19, abandonando as fórmulas syntheticas, seguiu o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia *por ser mais claro*, segundo refere Prisciano, e em toda a numeração d'elle não mais se apartou.»

Onze — *undecim*

Doze — *duodecim*

Treze — *tredecim*

Quatorze — *quatuordecim*

Quinze — *quindecim*

Dezeseis — *decem et sex*

Dezesete — *decem et septem*

Dezoito — *decem et octo*

Dezenove — *decem et novem*

De 20 a 90 há somente o atrofiamiento do numera latino:

Vinte — <i>viginti</i>	Sessenta — <i>sexaginta</i>
Trinta — <i>triginta</i>	Setenta — <i>septuaginta</i>
Quarenta — <i>quadraginta</i>	Oitenta — <i>octoginta</i>
Cincoenta — <i>quinquaginta</i>	Noventa — <i>nonaginta</i>

Cem vem de *centum*.

De 200 a 900 dá-se a transformação *genti* em centos.

Duzentos — *ducenti*.

Trezentos — *trecenti*, etc.

Os outros numeraes, como *mil* e seus multiplos, correspondem ás fórmãs latinas, sendo que *milhão*, *bilhão* e seus compósitos são de criação portugueza.

Os ordinaes vêm directamente do Latim:

Primo ou primeiro ou primario — *primum*, *primarium*.

Segundo — *secundum*.

Tercio ou terceiro ou terciario — *tercium*, *tertiarium*.

Quarto — *quartum*, etc.

## VI

### INDEFINIDOS

Alguem — *aliqu'unus*. A fórmula *alguem* se origina de *aliquem*; *algo*, de *aliquod*.

Ambos — *ambos*.

Cada — *quisque*, ou melhor da preposição grega *cata*. O composto *cada um* tem no Latim a fórmula *quisque ad unum*. *Cada um*, *cada qual* são compósitos vernaculos.

Certo — *certum*. No Latim classico a fórmula é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brazil, para designar um individuo indeterminado e sem valor social.

Demais — E' de formação portugueza.

Diverso — *diversum*.

Mesmo — *metipsissimum*, contraído em *metipsimum*, *metips'mum*, *medessmo*, *medesmo*, *meesmo*, *mesmo*.

Mais — *magis*.

Menos — *minus*.

Muito — *multum*.

Nada — *(res) nata*.

Nenhum — *nec'unum*; é propriamente de formação portugueza. A fórmula *ninguem* vem de *nequem* ou *nec-hem* — *nem homem*.

Outro — *alterum*. A fórmula *outrem* é, para muitos, originada de *outro hem* — *outro homem*, ou por analogia com *alguem*, *ninguem*.

Pouco — *paucum*.

Qual — *qualem*. E' empregado na fórmula *qualquer*, de origem vernacula, com a fórmula arcaica *qualquizer*.

Quanto — *quantum*.

Que — *qui*.

Quem — *quem*.

Só — *solum*.

Tal — *talis*.

Tanto — *tantum*.

Todo — *totus*. Tem a fórmula neutra: tudo — *totum*.

Um — *unum*.

Varios — *varios*.

O indefinido *fulano* se origina do arabe *folano*.

Pensa Julio Ribeiro ser incerta a sua origem. A attracção da rima talvez criasse os termos *beltrano*, *sicrano*, si é que *beltrano* não é o substantivo proprio *Beltrão*, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam, para fim identico, os substantivos proprios *Sancho* e *Martinho*.

— 100 —

ALBATIVO

miso — misis; nosco — nobiscum.  
tuo — tuum; vobis — vobiscum.

FORMA REFLEXA, 2.ª PESSOA

Dativo: ei — tibi.  
Acrativo: se — se.  
Alativo: sibi — sibi.

VII

## Pronomes pessoais

OBSERVACOES

Os *pronomes pessoais* apresentam vestígios da declinação latina:

### NOMINATIVO

eu — *ego*, latim vulgar *eo*; nós — *nos*.

tu — *tu*; vós — *vos*.

elle — *ille*.

ella — *illa*.

elles, ellas, formados do singular, por analogia com os nomes que fazem o plural em *s*.

### DATIVO

mim — *mi*, *mihi*; nós — *nobis*.

ti — *tibi*; vós — *vobis*.

lhe — *illi*; lhes — *illis*.

### ACUSATIVO

me — *me*; nós — *nos*.

te — *te*; vós — *vos*.

o, a — *illum*, *illam*; os, as — *illos*, *illas*.

## ABLATIVO

migo — *mecum*; nosco — *nobiscum*.  
tigo — *tecum*; vosco — *vobiscum*.

### FÓRMA REFLEXA, 3.ª PESSÔA

*Dativo*: si — *sibi*.

*Acusativo*: se — *se*.

*Ablativo*: — sigo — *secum*.

### OBSERVAÇÕES

*Eu*, teve no seculo 12.º as fórmulas *ei*, *ieu*.

*Tu*, *te*, *me*, *se*, *nós*, *nos*, *vós*, *vos*, vieram sem alteração e directamente do Latim.

*Elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, têm as fórmulas arcaicas *el*, *ello*, *ille*.

*Mim*, é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento commum da nasal, como *muito* pronunciado *muinto*.

Em Portuguez ha varias palavras duplas, nasaladas ou não: *assi*, *assim*; *si*, *sim*.

*Lhe*, *lhes*, têm as fórmulas primitivas *lhi*, *lhis*, e as intermedia-rias *lí*, *illi*, *lhi*, plural *les*, *lhis*.

*O*, *a*, *os*, *as*, substituem, desde o seculo 16.º, o pronome *elle* e suas variações; têm as fórmulas antigas *lo*, *la*, *los*, *las*; *amá-lo*, *quere-las*.

*Ti* e *si* derivam-se de *tibi* e *sibi* pela quêda do *b* e contracção do *i*.

*Migo*, *tigo*, *sigo*, usados em Portuguez sempre com a preposição *com*, vêm das fórmulas latinas compôstas *mecum*, *tecum*, *secum*, em que os pronomes *me*, *te*, *se*, já trazem a preposição *cum*. Dá-se em Portuguez uma repetição: *comigo*, *cummecum*.

O mesmo se observa a respeito de *nosco* e *vosco* derivados, por meio de contracção, de *nobiscum* e *vobiscum*.



estudo da grammatica e dos elementos da lingua portugueza... A ordem dos elementos do verbo e tema temporal mais des-... Por exemplo: no verbo amar, o radical e a 3.ª pessoa do sin-... Os temas temporais são simples, como em amar, sair, sur-... e compostos, como amar e sair, e temas de pratica...

### VIII

## Etimologia verbal: Pessoas, Modos. Temas simples

### I

E' um facto aceito por grande numero de filologos que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronome pessoal a um tema adjectivo ou substantivo!

E' esta a parte mais importante e difficil que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principal a *Grammatica Comparada das linguas indo-europeas* de Bopp, o sabio guia do illustrado glotologo portuguez Adolpho Coelho, é um manancial inesgotavel, manancial de que este escritor aproveitou as principais idéas sobre a theoria da conjugação latina.

Ha em Portuguez quatro conjugações:

A 1.ª em *ar* que corresponde á latina em *are*.

A 2.ª em *er* que corresponde ás latinas em *erē* (longo) e *ere* (breve).

A 3.ª em *ir* que corresponde a *ire*.

A 4.ª em *or* que fórma uma conjugação á parte: pertencia até ao seculo 15.º á segunda e corresponde á latina em *ere* (breve).

O estudo comparativo da conjugação latina com a portugueza é muito complexo e difficultoso.

Em nossa Lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assunto, que é o daquelle distinto glotologo, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*.

Será este livro o nosso farol na presente exposição.

Analizando primeiramente a formação dos verbos, diz que elles exprimem a acção e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas linguas indo-europeas compõe-se o verbo da raiz, que é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é: tema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo: no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, *sci* o presente (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os temas temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am*, suffixo *a*; e compostos, como *ama-vi*, tema *ama* e o tema de preterito *vi* — *fui*.

Desinencias pessoais:

A desinencia da primeira pessoa do singular é — *m* — do tema pronominal indo-europeu — *ma* — que conserva as seguintes fórmas:

1.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz italica *fu*, no latim *bam* por *fuam*: *amabam*.

2.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz latina *es*: *eram* por *esam*.

3.<sup>a</sup> do optativo e do subjuntivo: *siem*, *dicam*.

4.<sup>a</sup> do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inquam*, e da raiz *es*: *sum* por *esum*.

E' bom se notar que nas demais fórmulas da primeira pessoa do presente, assim como nas do preterito, essa desinencia deixou de ser pronunciada e escrita: *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom*, etc.

O mesmo se observa no acusativo latino: *amava*, *era*, *dizia*, *diga*.

A fórmula *inquam* não tem correspondente em nossa Língua e a fórmula *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (só) do Latim vulgar *so*, pronunciado como *do*, *sto*, portuguez: *dou*, *estou*.

A desinencia da primeira pessoa do plural em Latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amavimus*.

O Portuguez conserva essa desinencia e antigamente escrevia-se: *amamus* — *amamos*.

No Latim a desinencia da segunda pessoa do singular apresenta tres fórmulas:

1.<sup>a</sup> *ti* do tema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tibe*, *te*, etc.: no perfeito *dedisti*.

2.<sup>a</sup> *s* indo-germanico, fórmula secundaria de *s* de *si*. Este *si* é fórmula assibilada de *ti*, diz Schleicher.

Conserva-se em Latim: *amas*, *amabas*, excepta no perfeito: *amavisti*, *dedisti*.

O mesmo se dá no Portuguez, mudando-se sómente o *ti* em *te*: *amaste*, *dêste*.

3.<sup>a</sup> *to*, desinencia enfatica do imperativo, da fórmula do antigo latim *tot*.

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal: *ama*, *dê*.

A desinencia da *segunda pessoa do plural* em Latim é *tis*, que apparece em todos os tempos: *fertis, datis, dedistis*, etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e*: *ferte, date*.

Occorre em Latim uma fôrma enfática *tote*.

Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no preterito por causa do *s* que o precede: *amastes* — *amavistis*.

Fôra deste tempo abranda-se em *d*: *amatis*, antigo Portuguez — *amades* — ficando finalmente sincopado o *d* por estar entre vogaes, como em *fidelis*, Portuguez — *fiel*.

Em alguns verbos o *d* conserva-se, affirma Diez; porque se apoia sobre o *n*: *pondes, tendes*; ou sobre o *r*: *cantardes, amardes*.

Possue tambem a fôrma arcaica *sondes* — *sois*, usada no Archipelago Açoriano: *Sondes menina e moça vos tornareis a casar*. — *Sondes neto de Sant'Anna, filho da Virgem Maria*. — (Canto popular, recolhido por Theophilo Braga.)

Até ao seculo 15.<sup>o</sup> as fôrmas verbaes conservam o *d*, daí em diante encontram-se as duas fôrmas e na *Grammatica* de João de Barros (1540) aquella letra desaparece.

A desinencia da *terceira pessoa do singular* é em Latim *t*, fôrma secundaria de *ti*, abrandada de *ta*.

Esta ultima fôrma é pronome demonstrativo que só apparece em composição: *is-te, is-ta, is-tu-d*.

No imperativo *to* vem *tod*, no osco *tud*, no grego *to*.

Do 4.<sup>o</sup> seculo da éra cristã em diante o som do *t* foi sendo pronunciado surda e fracamente na lingua do povo e ás vezes supprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros *Cancioneiros* portuguezes ainda se encontra a fôrma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etimologico, só empregado para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a fôrma usual é, porém — *é* —

A desinencia, portanto, da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do Latim não deixou vestigios em Portuguez.

A desinencia da *terceira pessoa do plural* em Latim é *nti* por *nti* que só foi conservada em *trementi*.

Em Latim ha *sunt*.

No perfeito em *sunt* observa-se simplesmente a fôrma do presente da raiz *es*; *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*.

A desinencia da terceira pessoa, depois de reduzida a fôrma do Latim *nt*, passou por ultteriores modificações.

Em Portuguez o *t* apparece apocopado, o *n* tornado final fica reduzido a uma consonancia nasal ou, melhor, se funde com a vogal que o precede em uma vogal nasalada, representada por *til*, *nn* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *do* ou *em* facilmente explicada, ou, então, é *em* que ora provém do *e*, ora do *n* latino.

## Desinencias pessoais

PORTUGUEZ

LATIM

SING.

1. <sup>a</sup> pessoa.....	<i>m</i> .....	<i>s</i> .....	(desappareceu)
2. <sup>a</sup> pessoa.....	{	<i>s</i> .....	<i>te</i>
		<i>ti</i> (perfeito).....	(não tem)
3. <sup>a</sup> pessoa.....	{	<i>to</i> (imperativo).....	(desappareceu)
		<i>t</i> .....	(não tem)
		<i>to</i> (imperativo).....	(não tem)

PLURAL

1. <sup>a</sup> pessoa.....	<i>mus</i> .....	<i>mos</i>		
2. <sup>a</sup> pessoa.....	{	<i>tis</i> .....	<i>des</i> (ant.); <i>es, is</i>	
		<i>te</i> (imperativo).....	<i>de</i> (ant.); <i>e, i</i>	
		<i>iote</i> (imperativo) ..	(não tem)	
3. <sup>a</sup> pessoa.....	{	<i>unt</i> {	<i>e</i> .....	(não tem)
		<i>un, um</i> .....	<i>um, om, am</i> (ant.), <i>am, ão</i>	
		<i>nt, n</i> (lat. vulgar) ..	<i>em, ão</i>	

Sobre o titulo de suffixos *modaes* vamos comparar, ajudado pelo filologo A. Coelho, as alterações que a Lingua latina e a portuguez soffreram nos modos de seus verbos.

O *indicativo* não tem suffixo modal. Fôrma-se pela união do tema verbal ás desinencias pessôaes.

O *imperativo* só se distingue do indicativo porque as desinencias pessôaes adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas linguas indo-européas, o optativo e o conjuntivo que no Latim se fundiram no subjuntivo.

O lugar dos suffixos modaes é entre o tema verbal e a desinencia pessoal.

A fôrma primitiva do suffixo do optativo era *ja*.

No subjuntivo latino descobrem-se algumas fôrmas primitivamente do presente optativo.

Estas fôrmas passaram pelas seguintes modificações:

$$\left. \begin{array}{l} ja - ie \\ ja - ie \end{array} \right\} i - i$$

As duas fôrmas primitivas só fôram conservadas no ramo asiatico das linguas indo-européas; as outras temos no Latim com a raiz *es*.

<i>siem</i>	<i>sim</i>
<i>sies</i>	<i>sis</i>
<i>siet</i>	<i>sit</i>
<i>siemus</i> (fôrma hipotética)	<i>simus</i>
<i>sietis</i> ( » » )	<i>sitis</i>
<i>sient</i>	<i>sint</i>

Com as raizes *vel, ed, du (da)*; *velim* por *veliem*; *edimus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *dais* por *daies*.

Em Portuguez, como em Latim, a final do tema optativo da primeira conjugação, em *â* (unica que conservou a fôrma optativa) é constantemente *e*:

Lat. <i>amem</i>	Port. <i>ame</i>
<i>ames</i>	<i>ames</i>
<i>amet</i>	<i>ame</i>
<i>amemus, etc.</i>	<i>amemos, etc.</i>

As fôrmas do *subjuntivo* em Latim são as dos temas em *a* (3.<sup>a</sup> conjugação) e dos verbos em *é* (2.<sup>a</sup> conjugação) e *i* (4.<sup>a</sup> conjugação).

*Dicam, dicas, dicât* e posteriormente *dicat, etc.*

Nas fôrmas subjuntivas dos verbos em *é* e *i*, o suffixo *aja* que fôrma o tema verbal dessas conjugações e o suffixo *a* do subjuntivo passaram pelas seguintes modificações:

$$aja + a = aja \begin{cases} eja - eâ \\ ija - iâ \end{cases}$$

por ex.: *moneâmus* — *vestiâmus*.

O subjuntivo presente dos verbos primarios, em *a*, foi conservado, e o dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Portuguez pelos em *e* e *i*.

VERBO PRIMITIVO

Lat. <i>Dicam</i>	Port. <i>Diga</i>
<i>Dicas, etc.</i>	<i>Digas</i>

VERBO DERIVADO EM E

Lat. <i>Debeam</i>	Port. <i>Deva</i>
<i>Debeas, etc.</i>	<i>Devas</i>

VERBO DERIVADO EM I

Lat. *Vestiam*  
*Vestias*

Port. *Vista*  
*Vistas*

II

*Temas temporaes.*

Sobre os temas do presente distinguimos :

1.º *Temas constituídos pela raiz sem suffixos.*

Nesta classe a raiz se apresenta ou na fôrma simples ou na reforçada.

*Raizes com vogal não reforçada, simples.*

O Latim offerece poucos casos :

a) presente da raiz latina *es* (ser) como : *sum* por *esum* de *esum* (u vogal eufonica ou ligativa) ; *sumus* por *esumus* de *esumus*.

b) algumas fôrmas do presente da raiz latina *vol* (querer) : *volumus* por *volumus* (u ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer) : *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar) : *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as fôrmas do presente da raiz latina *da* (pôr) : *do, dis, dit, dimus, ditis, dunt*, que apparecem nos compósitos *ab-dit, cre-dit*, etc.

*Raizes com vogal reforçada.*

A esta classe pertence o tema do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente apparecia com as fôrmas : *eitur, eis, eit*, onde o ditongo se contraiu em *i* longo.

Parece pertencerem a esta classe *fló, flás, flát*, etc. ; *for, faris*, etc. (ant. lat.) que occorre em *fabula*, etc. : *dó, dás, dát* onde a vogal só é reforçada no singular e *nó, ná, nát*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é ; *sou, és, é, somos, sois, são*.

Só ha a notar que a 3.ª pessôa do singular seja *é* por *és* que foi usada para distingui-la da 2.ª do singular.

O *s* desta pessôa é signal côstante da 2.ª pessôa, emquanto que na 3.ª não tinha significação.

Quanto aos temas *vál, ná, flá, fá*, perderam-se em nossa Lingua ; os compósitos de *do* seguem analogicamente os temas em *a* ; as fôrmas do presente de *dó* e *stó* seguem as latinas e temos : *dou, dás, dá*, etc. ; *estou, está, estamos*, etc.

Quanto aos temas *ed, fer*, pertencem ao caso :

2.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo A.*

No Latim, em virtude da fonologia e diferenciação das fôrmas pessoais, o suffixo toma as fôrmas:

1.º singular.....	o
1.º pl. 2.º sing. e pl. 3.º sing..	i
3.º plural.....	u

As fôrmas paralelas entre essas duas linguas mostram que o *o* da 1.ª pessoa provem de um *á* primitivo.

No plural em que esta letra não é reforçada, temos *ferimus* e não *feromus*.

3.º *Temas constituídos pela raiz reduplicada.*

O numero destes temas é muito pequeno em Latim.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o suffixo *a*, quando termina em vogal esta é considerada como si fosse aquelle suffixo.

4.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo N A.*

Neste caso ou o tema conserva o valor da letra *n* do suffixo: *liniit* raiz *li*; *cernit* raiz *cer*; ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons: *vincit*, *victum*, *vici*; *fundit*, *fudi*, *fusum*; *frangit*, *fregi*, *fractum*.

5.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo S K A.*

A esta classe pertencem: *gnascor*, raiz *gna*: *gnoscit*, raiz *gno*; *pascit*, raiz *pa*; *gliscit*; *sciscit*; *discit*; *crescit*; e poucos mais.

Este suffixo *ska* constitue fôrmas conhecidas ordinariamente como incoativas.

Elle existe tambem no verbo *miscere*, onde se fundiu intimamente com a raiz de modo que percorre todas as fôrmas do verbo e apparece nos derivados: *miscui*, *mixtus*.

6.º *Temas constituídos pela raiz com o suffixo T A.*

Este suffixo vem sempre depois de raizes terminadas por guttural: *pectit*, *flectit*.

Em Portuguez as desinencias destes cinco ultimos casos ou se conformam com as dos temas em *e* e soam:

1.ª singular:	o: — devo
2.ª »	e: — deves
3.ª »	e: — deve

1.ª plural:	é: — devemos
2.ª »	é: — deveis
3.ª »	e: — devem

ou se conformam com as dos temas dos verbos derivados em *i* e soam:

1.ª singular:	o: — visto
2.ª »	é: — véstes
3.ª »	e: — veste

1.ª plural:	i: — vestimos
2.ª »	i: — vestis
3.ª »	e: — véstem

Devemos observar que depois do *x* (a lat.) e *r*, cal o *e* final da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular que não é protegido pela desinencia pessoal: — *diz*, *induz*, *quer*; entretanto no imperativo, temos: — *dize*, *induze*, etc.

7.<sup>o</sup> Temas constituídos pela raiz com o suffixo *J A*.  
A vogal *a* soffre em Latim as mesmas modificações que o suffixo *A* (2.<sup>o</sup> caso).

Assim do primitivo *ja* apparece em Latim *io* (*jo*); de *ja* das outras pessoas vem *ji* onde o *j* cal, e *iu* (*ju*); *cipio* por *capoim*, de *capjomi*; *capis* por *capjis*, de *capjasi* que fazem *cepi* e *captum*.

Da mesma fórma: *fugio*, *fugi*, *fugitum*; *facio*, *feci*, *factum*.  
Em Portuguez não se encontram vestígios d'elle na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural: de *fugiunt* vem — *fogem*; de *faciunt* vem — *fazem*.

Na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, ora sincopa o *j* depois de ter elle influído sobre a consoante precedente, ora arrasta a semi-vogal *j*, por metatese, para o interior da raiz. Assim temos, ora — *jazo* — de *facio*, — *fujo* — de *fugio*, — *faço* — de *facio*, — ora — *caibo* — de *cipio*, — *paio* — de *pario*.

Em — *sei* — de *sapio*, o *i* final representa o *j* do suffixo: de *sapio* veiu — *saibo* — donde, por sincope do *b* — *saio* e *seio*. A queda do *o* deu-se para evitar a homonímia com — *seio* de *sinus*.

Confessa, em todo o caso, com muita razão Adolpho Coelho que não confia nesta explicação. E' possível que a queda do *o* seja puramente mecânica.

Sobre os temas do *perfeito* temos:

Estes temas são simples, ou compósitos.

Simplees, como *fui*; compósitos, como *jacui* por *jac* — *fui*.

A explicação dos primeiros é, talvez, o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina.

Todavia podem ser explicados da seguinte maneira:

1.<sup>o</sup> Os temas ou têm raiz reduplicada ou não, e neste ultimo caso têm quasi sempre a vogal alongada.

Em Latim *cecidi*, *pupugi*, *momordi*, etc.

Quando o tema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente se torna longa no preterito: *lavi* de *lavo*; ou ao *a* do presente corresponde *e*: *feci* de *facio*; ou apparecem temas com vogal radical longa tendo ao lado fórmas do presente com vogal também longa: *sidi* ao lado de *sido*; ou temas com vogal longa que tem ao lado fórmas do presente com vogal da raiz seguida de nasal (a muda-se em *e*): *fregi* ao lado de *frango*; ou temas com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nasal: *fidi* ao lado de *fundo*; ou finalmente temas em que reapparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: *defendi*, *accendi*, etc.

Entretanto não há ainda uma explicação completa e satisfactoria destas fórmas sem reduplicação.



Julga Schleicher que todas as fórmulas latinas do preterito provêm da fórmula reduplicativa; numas houve simples queda da sílaba de reduplicação, noutras, contracção.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *fregi* ao lado de *frefigi*.

2.<sup>a</sup> Depois da raiz, um elemento *i* primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois as desinencias pessoas na 1.<sup>a</sup> singular e plural e 3.<sup>a</sup> singular.

Em Latim as terminações são: *i, isti, it, etc.*

Uns explicam estas fórmulas dizendo que este *i* é um elemento do quinto aoristo activo Sânscrito.

Outros, que deve ter origem no *a* breve formativo do perfeito Sânscrito e Grego.

A questão do perfeito latino é irresolúvel com os dados que até hoje se têm.

3.<sup>o</sup> Um *s* collocado depois do elemento *i* na 2.<sup>a</sup> pessoa singular e plural, e na 3.<sup>a</sup> plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas fórmulas verbaes das linguas indo-europeas.

Para o Portuguez, os unicos perfeitos simples que passaram do Latim, são:

a) da raiz *da*: — *dei* — de *dedi*; *dêste* — de *dedisti*; *deu* — de *dedit*, influenciado pelas fórmulas do perfeito composto dos derivados em *e*, como — *deveu*, etc.

b) perfeito da raiz *ven*: — *vim* — de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria — *viste* — que — *vieste*.

c) da raiz *fu*: — *fui* — de *fuî*; — *foste* — de *fuisti*, etc.

d) da raiz *vid*: — *vi* — de *vidi*; — *viu* — por analogia dos derivados em *i*, como *vestiu*, etc.

e) da raiz *fac*: — *fiz* — de *feci*, etc.

Nas fórmulas portuguezas é bom notar: 1.<sup>o</sup> que o *e* latino na 1.<sup>a</sup> pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.<sup>a</sup> pessoa que conserva o *e*; 2.<sup>o</sup> que nas síllabas não acentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.<sup>a</sup> pessoa; 3.<sup>o</sup> mudança da acentuação na 1.<sup>a</sup> pessoa plural por analogia das fórmulas dessa pessoa no perfeito portuguez em que ella é acentuada na penultima: *comemos*, *partimos*.

Sobre os temas simples do imperfeito, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

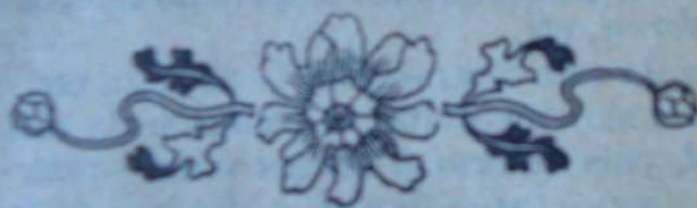
Em Latim só se encontram dois: o do imperfeito da raiz *es*: *era* por *esa*, e o do imperfeito da raiz *fu*: *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição: *monedam*.

Em Portuguez o imperfeito da raiz *es*, é: — *era*, *eras*, *era*, *éramos*, *éreis* (ant. *erades*), *eram*.

Houve mudança do acento no *a* formativo para a raiz, no plural.  
Como vimos, a raiz *fu* entra em nossa Língua somente em composição.

As fórmulas simples do *perfeito* parece provirem de uma época longínqua, o que torna difficilissima a sua analyse e bõa expliação.  
Dai procurar o Latim um outro processo para formação de novos preceitos.

E como succede no periodo da decadencia das Línguas, o meio posto em pratica foi o da composição, de que trataremos em seguida.



## IX

## Etimologia verbal: Temas compósitos. Voz passiva

## I

No dominio da etimologia verbal falta-nos analisar a formação dos temas compósitos em sua origem.

Começemos pelo *preterito perfeito*, também chamado *aoristo*.

Em Latim são dois os temas: em *si* e em *ni* ou *vi*.

A primeira forma *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *es*, pelo processo de formação de temas simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* donde *s-es-i*; depois, prevalecendo sempre a sílaba reduplicativa, se formou *si* que se juntou às raízes verbaes, apparecendo em regra depois de glutural, dental ou labial: *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lud-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só apparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *maneo*.

Quando as formas radicaes terminam em *m*, se intermedeia um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sum-p-si*, presente *sumo*, etc.

A conjugação portugueza só tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

dic-si  
dic-sisti  
dic-si-t

disse  
dissiste  
disse

O segundo tema composto do perfeito é *ni* ou *vi*.

Quando precede consoante se usa *ui*, quando vogal, *vi*: *crepuit*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse tema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo sem resultado para os estudantes.

Além disto, é o proprio Adolpho Coêlho que, á vista das diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweizer-Sidler e Bopp, diz que si algumas destas questões se acham resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das innumeradas provas que elle accumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o tema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e logica é a que apresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos affirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, dahi *potes*, *potest*, *potero*, etc., entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não ha esta grande variedade de fórmulas que tanto difficultam o Latim.

Nossa Lingua modifica foneticamente as fórmulas latinas limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.<sup>a</sup> Verbos em *a* (1.<sup>a</sup> conjugação):

amavi	<i>amei</i>
amavisti	<i>amaste</i>
amavit	<i>amou</i>
amavimus	<i>amâmos</i>
amavistis	<i>amastes</i>
amaverunt	<i>amaram</i>

A sincopa do *v* é facto que se observa no proprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (*primario* — metatese — de — *primario* — deu — *primeiro* —) é natural em Portuguez, assim como na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural o desaparecimento do *vi*, *ve*.

Em Portuguez a fórmula *vi*, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular se mudou em *u* (*nauta* ao lado de — *navita*; *naufragus* — por *navifragus*) da seguinte maneira: Houve sincopa do *i* ficando o *v* entre duas consoantes se mudou em *u*.

O *a* latino em *amavit* se transformou em *o* — *amou*, — o que tambem vemos em *aurus* — *ouro*; — *thesaurus*, — *tesouro*; e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular:

amavi	amai	<i>amei</i>
amavisti	amaisti	<i>amaste</i>
amavit	amaut	<i>amout, amou.</i>

2.º Verbos em *e* (2.ª conjugação):

debevi	debui	<i>devi</i>
debevisti	debuisti	<i>deveste</i>
debevit	debuit	<i>deveu</i>
debevimus	debuimus	<i>devemos</i>
debevistis	debuistis	<i>devestes</i>
debeverunt	debuerunt	<i>deveram</i>

Analisemos: Na 1.ª e na 2.ª pessoa do singular e do plural sincopou-se o *v* do *vi*, contraindo-se o *ei* em *i* na 1.ª pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.ª pessoa do singular se dá o mesmo fenomeno dos verbos da 1.ª conjugação: a forma *vi* é representada por *u*.

Na 3.ª pessoa do plural, houve síncope do *v* e os dois *ce* se contraíram num. Assim:

debevi	debei	debi		<i>devi</i>
debevimus	debeimus	debemus	devemus	<i>devemos</i>
debevit	debeut	debeu		<i>deveu</i>
debeverunt	debeerunt	deberunt	deverunt	<i>deveram</i>

3.º Verbos em *i* (3.ª conjugação):

vestivi	<i>vesti</i>
vestivisti	<i>vestiste</i>
vestivit	<i>vestiu</i>
vestivimus	<i>vestimos</i>
vestivistis	<i>vestistes</i>
vestiverunt	<i>vestiram</i>

O *v* da forma *vi* cái; é este um fenomeno muito natural no proprio Latim nos verbos em *i*.

Pela queda do *v* os dois *ii* se contraíram: a transformação do *v* em *u* já foi explicada:

<i>vestivi</i>	<i>vestii</i>	<i>vesti</i>
<i>vestivit, etc.</i>	<i>vestiut</i>	<i>vestiu, etc.</i>

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conservou sómente modificados foneticamente, são:

a) — perf. de *habere*:

— *houve* — por — *haube* — lat. *habui*.

— *houveste* — por — *haubeste* — lat. *habuisti*.

b) — de *capere*:

— *coube* — por — *caube* — lat. *capui*.

c) — de *sapere* :  
— *soube* — por — *saube* — lat. *sapui*.

d) — de *posse* :  
— *pude* — por — *poude* — lat. *potui*.

— *poude* — ou — *póde* — lat. *potuit*.

— *pudemos* — por — *poudemos* — lat. *potuimus*.

Sómente com o fim de distinguir a 3.<sup>a</sup> da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular o ditongo *ou* mudou-se em *u*.

e) — de *placere* :

— *prouve* — por — *proue* — lat. *placui*.

Nos antigos escritores encontram-se as fórmulas *plouge* e *plogue* ao mesmo tempo que *prouve*, em Fernão Lopes, por exemplo.

f) — de *jacere* :

— *jouve* (ant.) por — *jogue* — latim *jacui*.

Actualmente a fórmula é — *jazi*.

g) — de *ponere* :

— *pus* — por — *pous* — lat. *posui*.

— *poseste* — por — *pouseste* — lat. *posuisti*.

— *pôs* — por — *pous* — *posuit*.

h) — de *trahere*.

— *trouxe* — por *trauxe* — lat. vulgar *tracsui*.

— *trouxeste* — por — *trauxiste* — lat. v. *tracsuisti*.

O *x* tem o som de *s* e por isso, apparece mudado em *g* na fórmula antiga — *trouge* — e sincopado em — *trouve*, *trouveste* — onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consoante medial, como prova — *couve* — de *caue* — do latim *caule*.

A fórmula em *x* raramente se encontra nos escritores classicos.

Nas canções populares de Algarve e Beira encontra-se a fórmula em *v*.

i) — de *tenere* :

— *tive* — por — *teue* — lat. *tenui*.

— *tiveste* — por — *teuisti* — lat. *tenuisti*.

— *teve* — por — *teue* — lat. *tenuit*.

Observam-se as seguintes modificações: A síncope do *u*, a consonantização do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.<sup>a</sup> da 3.<sup>a</sup> pessoa no singular e por analogia da 1.<sup>a</sup> a mesma mudança na 2.<sup>a</sup> do singular e em todo o plural.

O perfeito do verbo — *ter* — formou em Português o perfeito da raiz *sta* : — *es-tive*, *es-tiveste* — e um antigo do verbo — *ser* : *seve*, *severom*, de que se encontram exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas Chronicas de Guiné, etc.

Analiseemos o futuro do indicativo.

Desapparecendo o futuro latino em *bo*, o Latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere* soldado aos infinitivos verbaes e formou as linguagens *dicere habeo*, *portare habeo*.

Esta construção, conhecida do Grego, é mais familiar á Lingua popular.

As Linguas novo-latinas fórman por este processo o seu futuro.

O Valaquo constróe por meio do verbo *velle*.

O Romanico obtem o futuro por meio de *venire*.

Em Sardo o auxiliar é collocado antes do infinito.

O Inglez fórma-o com *shall* e *will*; o Allemão com *werden*; o Grego com *theto*, etc,

No Portuguez temos: *amarei* — *amar* + *hei*. Empregando-se a figura tmesa disjuncta-se aquella e collocam-se os pronomes complementos: *Amar-te-ei*, *amar-te-hei*.

No Francez: *Aimerai* — *aimer* + *ai* por *j'ai à aimer*.

No Provençal: *Dir-vos-ai*, *donar-lo-us-ai*, que sempre apparecem disjunctadas por artigos ou pronomes.

No Espanhol: *Hacer-lo-he*, fórma anterior que *lo hare* correspondendo ao Latim: *Facere id habeo* — port. — *fa-lo-ei*.

No Italiano: *Cantero* — *cantar-ho*, etc.

Julga Max-Müller que quem primeiro explicou a origem do futuro romano foi Caltelvetro na sua *Correttione* (1577); entretanto já em 1492 o espanhol Antonio de Nebrissa tinha reconhecido esta composição.

Observamos que na aglutinação do futuro, os verbos como — *dizer*, *fazer*, *trazer*, e outros perdem o *z*: — *direi*, *farei*, *trarei*.

Exceptua-se deste caso o verbo — *jazer* — que faz — *jazerei* — e não — *jarei*.

O que dissémos sobre o futuro se observa no *condicional* com a differença de ser este composto com o imperfeito do verbo *haver* na fórma contraída: *amar* — *havia*, *amar-hia*, *amaria*.

O *futuro do subjuntivo* do Portuguez não existe no Latim e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro — *amar*, *amares* — etc., provém de *amazero*, pela sincope do *v* e desapparecimento da vogal atona substituida pela acentuada. Na 1.<sup>a</sup> pessôa do singular o *o* final cái precedido do *r*, provavelmente depois de se ter mudado em *e*.

Do *imperfeito do indicativo* já tratámos quando nos referimos aos temas simples.

Temos que falar agora dos temas compóstos deste tempo.

Fórma-se elle acrescentando ao tema do presente o tema *ba*, imperfeito da raiz *fu*; assim do tema *da* fórma-se *daba*, de *sta*, *staba*.

O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba*, *deve-ba*.

Na passagem para o Portuguez deram-se algumas modificações fónicas.

No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*: *amava* — latim — *amaba*.

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* se muda em *i*: *Devia* — latim — *deveba*.

No imperfeito em *ieba* o *b* é sincopado e o *ie* se contráe em *i*:  
*Vestia* — latim — *vestieba*.

Sobre os imperfeitos — *punha*, *tinha* e *vinha* — Diez suppõe que se retraiu o acento para firmar mais o *n* radical que, doutro modo, teria caído como no infinitivo; dizia-se — *pônia*, — para não fazer desaparecer o *n* em — *ponia* — e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do subjuntivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga, — encontrámos — *convenia* — por — *convinha*.

A terminação *sem* que fórma o imperfeito do subjuntivo, é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas fórmas se originam do mais que perfeito do optativo latino:

— *amasse* — Latim — *amavissem*; — *fosse* — Latim — *fuissem*.

Houve no primeiro caso simples sincopa de *vi*; as outras alterações são communs.

O mais que perfeito conserva-se em Portuguez sincopando-se o *ve*; por exemplo em *cantaram* — Latim — *cantaverunt*.

Soffre tambem deslocação do acento na 1.<sup>a</sup> e na 2.<sup>a</sup> pessôa do plural:

— *cantáramos* — Latim — *cantaverámus*.

— *cantáreis* — Latim — *cantaverátis*.

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações foneticas.

Falta-nos traçar as fórmas nominaes do verbo.

*Infinitivo presente.* O verbo latino se fórma pela junção do elemento *re* ao tema do presente: *ama-re*, *mone-re*, *vesti-re*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento formativo, mas sim vem de um *s*, como provam as fórmas *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*, *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desapareceu o *e* final e reuniram-se numa as fórmas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as fórmas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi o Portuguez a unica Lingua romanica que deu flexão pessoal ao Infinitivo.

*Participio presente.* Este participio é formado por meio do suffixo *ant* que perde a vogal *i* por ella termina o tema, e que ás vezes se transforma em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjectivo ou substantivo.

Encontram-se muitas fórmas participaes em *ant*.

Em Latim occorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não fala, de *fant* participio de *fari*.



Em Portuguez ao lado de — *oriente* — (de *orior, nascer*), *occidente* — (de *occido, morrer*), temos — *nascente, poente* — ; de *lente* participio de *lêgo* formamos — *lente* ; — *sargento* do antigo — *sergente* do Latim *serviente* modificado pelo Francez, e tambem — *tirante, caminhante, mercante*, etc.

*Gerundio*. Segundo Corssen, o suffixo *ondo, undo, endo, ado*, do gerundio, do participio do futuro passivo, é composto do suffixo *on* e *do*.

A fórma *undo* por *ondo* é arcaica; a fórma *endo* substituiu-a na linguagem classica; a fórma *ndo* se junta aos temas derivados em *a* e *e*: *ama-ndo, mone-ndo*.

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora, appareçam palavras constituidas pelo mesmo processo: — *gemebundo, segundo*.

Das fórmas do gerundio só permaneceu a do ablativo: — *amando, vivendo, vestindo*.

*Participio passado*. E' formado em Latim por meio do suffixo *to* junto a fórma radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos temas verbaes derivados: *ama-to*.

Em Portuguez conservou-se a fórma dos participios derivados em *a* e *i* (*ato, ito*) abrandando-se o *t* em *d*: — *amado* — Latim — *amato*; *vestido* — Latim — *vestito*, na 1.<sup>a</sup> e na 3.<sup>a</sup> conjugação.

Na 2.<sup>a</sup> conjugação o Portuguez, á semilhança das outras Linguas romanicas, adoptou o suffixo *uto*: *tributo, arguto*. O suffixo *udo*, ainda usado no seculo 16, foi substituido pelo participio *ido*: *zencido, comido*, etc.

Do tipo — *udo* — encontramos: *estabeleçudo, perduda, metudo, entendudo, respondudo, tenudo*, etc.

Modernamente, destas formas possuímos: *teúdo e manteúdo* usadas numa fórmula conhecida das Ordenações; — *sanhudo* e o substantivo *conteúdo*.

No seculo 16, appareceram muitas fórmas contraídas: *despezo, coito, escorreito, represso, tolheito, volto, comesto, colheito*, etc.

O *supino* latino desapareceu no Portuguez.

O *participio do futuro* não existe em nossa Lingua com força participial.

Possuímos algumas palavras como: *immorredouro, vindouro, casadouro*, etc., formadas com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *uro*, existem: *futuro, ventura, sepultura, zisura*, etc., considerados como substantivos em Latim.

II

Já sabemos que há em Portuguez duas vozes: a *activa* e a *passiva*.

Precisamos tratar agora da *passiva* que tem tambem o nome de *média passiva* ou *passiva reflexa*.

O Latim, ao contrario do Sânscrito e Grego, perdeu a primitiva voz média e procurou outro modo de formação.

Então recorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás fórmulas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao processo de construir o participio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *ama-mino-ss-um*. Fundindo-se depois estas duas fórmulas, usou-as o Latim promiscuamente, prevalecendo todavia a primeira.

O processo do Portuguez é differente.

Emquanto o Latim se exprime por desinencias, o Portuguez compõe uma fórmula com o verbo *ser* e o participio passado: *sou amado* — Latim — *amor*.

Nota-se, porém, que este processo já não existia em Latim no tempo de Cicero.

Tambem o Portuguez renóva o modo apassivador latino do *se* reflexivo, processo que se encontra tambem no Slavo, mas que aquella Lingua só usa nas terceiras pessoas.

Possuimos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latino:

<i>falar</i>	do lat.	<i>fabulari</i>
<i>morrer</i>	» »	<i>morior</i>
<i>querer</i>	» »	<i>queri</i>

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na fórmula activa e na fórmula deponente: — *adulor* e *adulo*; — *comperior* e *comperio*; — *imitor* e *imito*.

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Expliquemos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que sómente se acrescentam no presente imperfeito e futuro do indicativo, no imperativo e no presente e imperfeito do subjuntivo.

Nos outros tempos emprega-se o verbo *sum*, *es*, *fui*, *esse* e o participio passado em *tus*: *amatus sum*, *amatus fueram*, etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita:

1.<sup>a</sup> *pessoa sing. do pres. do indicativo.*

A' fôrma activa acrescenta-se um *r* que é originado de um pronome reflexivo *se*, que fica entre vogaes, vindo afinal a cair o *e*:

— *amo* — *amo-se* — *amo-re* — *amor*.

2.<sup>a</sup> *pessoa do singular.*

*Ligaris* ou *ligare*. Depois de juntar-se á fôrma activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r*.

— *ligas* — *ligas-se* — *ligas-ise* — *ligar-ise* — *ligar-is*.

3.<sup>a</sup> *pessoa do singular.*

*Monetur*. Depois de praticado o processo geral, introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.<sup>a</sup> *pessoa do plural.*

Com a fôrma activa *amamus* se constituiu a fôrma passiva, como as pessoas do singular — *amamus-u-se* — (*u* ligativo) e depois. — *amamur-u-r*; — e pelo principio de dissimilação que manda destruir os elementos foneticos iguaes numa palavra, ficou — *amamur*.

Explicam tambem assim: — em — *amamur-u-r* — cái o *u* e apparece — *amamur-r* — e como a lingua não consente dous *rr* na desinencia, ficou — *amamur*.

2.<sup>a</sup> *pessoa do plural.*

Emprega o Latim nesta pessoa o segundo processo de que falámos a principio: — *ama-mini* — em vez de, pela regra geral, fazer — *amateris*.

3.<sup>a</sup> *pessoa do plural.*

Nada apresenta de novo.

A fôrma — *monentur*, — por exemplo, é resultado do *u* ligativo: — *monent-u-se* — em que o *s* transformado em *r* e o *e* caíndo dá — *monentur*.

A mesma explicação se póde dar a respeito dos outros tempos do indicativo e do subjuntivo.



## Palavras invariáveis

As categorias de advérbio, preposição e conjunção se desenvolveram das categorias de nome e pronome; é, como diz A. Coelho, clara ainda em Portuguez a origem nominal e pronominal de varios advérbios, preposições e conjunções.

Assim, os advérbios em *mente* são representantes de expressões nominaes do ablativo latino: *bonamente* — *boamente*.

A conjunção adversativa *mas* saiu do advérbio *mais*, no Latim *magis*, comparativo da raiz *mag* que encontramos em *mag-nus*.

A negativa *non* (*não*) é o acusativo da raiz pronominal *na* que vemos em *na* — *m* — *que*, *nu* — *n* — *quam*.

*Como* representa o Latim *quo modo*, ablativo de um pronome e de um nome.

O antigo advérbio *car* vem de *qua re*.

## I

### ADVERBIOS

Os advérbios, como as palavras invariáveis, têm, em geral, sua etimologia na Lingua latina.

Derivam-se:

1.º de advérbios ou locuções adverbias da Lingua latina, mais ou menos correspondentes:

*Antes* — *ante*.

*Bem* — *bene*.

*Jú* — *jam*.

*Agora* — *hac hora*

*Hoje* — *hoc die*.

*Jamais* — *jam magis*.

2.º de adjectivos empregados invariavelmente na fôrma masculina :

*Caro* (comprou *caro*).

*Alto* (falei *alto*).

3.º de adjectivos na fôrma feminina a que se junta o suffixo *mente* :

*Bella* + *mente*.

*Clara* + *mente*.

4.º de locuções formadas na propria lingua :

*Outr'ora*.

*Ante-ontem*.

#### ADVERBIOS DE TEMPO

*Cedo* provem de *cito*.

*Ontem* » » *ad noctem*.

*Sempre* » » *semper*.

*Logo* » » *loco*.

*Nunca* » » *nunquam*.

*Então* » » *in tunc*.

De formação vernacula :

*D'ora em diante*.

*Depois de amanhã*, etc.

#### ADVERBIOS DE LUGAR

*Além* provem de *aliunde*.

*Alí* provem de *ad illic*.

*Aí* provem de *ad-hic*. Corresponde ao Francez y e apparece com esta função no Italiano, Provençal, Espanhol e no antigo Portuguez.

*Aqui* provem de *ecce hic* (*ecc'hic*) ou da fôrma pleonastica *hic hic*.

*Acolá* provem de *hac illa*.

*Eis* provem da fôrma *heis* — *haver* — ou do verbo *vêr*.

São interessantes as razões que João Ribeiro apresenta para demonstrar a origem deste adverbio :

«*Eis* não deriva de *ecce*, mas é um tempo do verbo *vêr* : *eis* (ou *heis* — *vês*) pôde ter complemento *eil-o*. Ha quem veja em *eis* uma fôrma de *heis*, *haveis* de *haver* ; creio, porém, que a fôrma *heis* contem a aspirada correspondente a *f* no hespanhol *hacer* — *fazer*, que por vezes passou ao portuguez (*hediondo* — *fetibundus*).

O castelhano antigo tinha a fôrma verbal *afe* por *ahe* em que *hê* — *fê* com identico sentido e uso.

Comquanto mais facilmente occorra derivar *eis* — de *heis* ou *haveis*, julgo que é uma segunda pessoa do singular *eis* — *heis* ou *hês* — *vês*. Nos escriptores mais antigos encontramos a orthographia *ex* por *es* ou *eis* (por exemplo, no Leal Conselheiro e ainda nos quinhentistas Lucena e outros); e tambem a fôrma *vês* e *veis* por *eis*, como em Sá de Miranda.

Tambem nota Madureira o uso de *vês* — *eis*, na sua *Orthographia*.»

*Cá* provem de *ecc'hac*.

*Dentro* » » *de intro*.

*Lá* » » *illac*.

*Longe* » » *longe*.

*Onde* » » *unde*.

#### ADVERBIOS DE QUANTIDADE

*Apenas* provem de *ad penæ*.

*Assaz* » » *ad satis*.

*Cerca* » » *circa*.

*Mais* » » *magis*.

*Quasi* » » *quasi*.

Em Latim existe o adverbio *plus*, que actualmente não tem correspondencia em Portuguez, com a fôrma antiga *chus* e que significa o mesmo que *magis* — mais.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.<sup>o</sup>

Do meiado deste seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, segundo Varnhagem, encontra-se a frase: — *Nunca chus algo fazer*.

#### ADVERBIOS DE AFFIRMAÇÃO

*Sim* provem de *sic*.

*Não* » » *non*.

O adverbio *quiçá* é de origem latina — *quid sapit*; *debalde* provem do arabe; *amen*, do hebraico.

#### ADVERBIOS DE MODO

A grande classe dos adverbios de modo se origina de adjectivos na fórmula feminina juntos ao suffixo *mente* que representa o ablativo latino de *mens*, *mentis* (espírito, mente).

Pertencem tambem a esta classe os adjectivos que ficaram invariaveis na fórmula masculina.

*Assim* provem de *ad sic*.

*Mal* » » *male*.

*Como* » » *quo modo*.

## II

#### PREPOSIÇÕES

As preposições se derivam:

1.<sup>o</sup> de preposições latinas: *a* que provem de *ad*; *ante* de *ante*; *com* de *cum*; *contra* de *contra*; *entre* de *inter*; *por* de *pro* e de *per*; *sem* de *sine*; *sobre* de *super*, etc.

2.º de duas preposições latinas reunidas: *após* que provem de *ad post*; *diante* de *de ante*; *depois* de *de post*; *desde* de *de ex de*; *atrás* de *ad trans*; *para* de *per ad*, etc.

3.º de palavras ou grupos de palavras da propria Lingua portugueza: *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante* (originadas de participios), *defronte*, *em frente*, etc.

Certas preposições latinas dão origem a palavras em Portuguez conservando a sua fórma: EXTRA-ordinario, SUPRA-mencionado; outras soffrem pequenas alterações: POS-pôr (*post-pôr*); TRAN montana (*trans montana*).

#### CONJUNÇÕES

As conjunções se derivam:

1.º de conjunções e de outras palavras latinas: *como* provem de *quo modo*; *e* de *et*; *logo* de *loco*; *nem* de *nec*; *ou* de *aut*; *pois* de *post*; *que* de *que*; *si* de *si*; *mas* de *magis*; *porém* de *pro inde*; *porque* de *per quod*, *ora* de *hora*.

2.º de palavras portuguezas, como em geral são as locuções conjuntivas: *ainda que*, *bem que*, *todavia*, *outrosim*, *comtudo*, etc.

#### IV

#### INTERJEIÇÕES

As interjeições naturaes *oh!* *ai!* etc., pelo facto de representarem um sentimento subito, não têm etimologia; o que acontece mesmo com as formadas por onomatopéia: *zumzum*, *trás-zás*, etc.

As convencionaes têm sua origem em substantivos,



adjectivos, verbos, etc., e por isso vêm da Lingua donde estes se originaram.

Podemos notar, vindas do :

Latim : *apage, eia, sus.*

Italiano : *bravo, presto.*

Inglez : *hip, hurrah.*

Francez : *vlan, bruhaha, chiton.*

Espanhol : *caspite, caramba.*

Arabe : *oxalá.*

A interjeição *aqui d'el rei* é de formação portugueza, representação da frase : *Aqui justiça d'El-rei*, segundo Th. Braga.

Muitos escrevem *ak d'el-rei*, dando-lhe origem celtica.



192 - 123  
111

## Sintaxe

**Sintaxe** é a parte da grammatica em que se estudam as palavras e os grupos de palavras na oração.

Divide-se em *lexica* e *logica*.

**Lexica** é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das palavras umas com as outras na oração.

É a sintaxe *das palavras*.

**Logica** é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das orações umas com as outras no periodo.

É a sintaxe *das orações*.

**Oração** é o enunciado de um juizo por meio de uma ou mais palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras, formamos orações.

Em geral, em cada oração ha um facto de que se trata, é o *predicado*; e o individuo a quem se refere o facto, é o *sujeito*.

Na oração: *Os passaros voam*, o predicado é *voam* e o sujeito é *os passaros*.

Em alguns casos o facto é exclusivamente exercido por

um sujeito que fica occulto e a oração consta de um verbo sem sujeito: *chove*. Dá-se isso com os verbos que exprimem phenomenos metereologicos, como: *chover, gear, orvalhar, alvorecer, anoitecer*.

Em outros casos quando não se quer, não se sabe, ou não se póde declarar o sujeito, fica este occulto e o verbo é empregado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular ou do plural: *CONSTA que rebentou uma revolução. DIZEM que a revolta venceu. CUMPRE observar os factos. FAZ calor*.

Em qualquer desses dois casos, o verbo apparece sem sujeito, ou se diz que o sujeito é indeterminado.

São orações *impessoaes*.

A's vezes o verbo é acompanhado do pronome — *se* — que representa a indeterminação do sujeito: *VIVE-SE bem no Recife. ESTUDA-SE muito neste collegio*.

Ha verbos de predicação incompleta que, para exprimirem o facto de que se trata, têm junto de si um adjectivo ou palavra equivalente. Neste caso o predicado é expresso por um verbo com um *completivo* que tambem se chama *atributo* ou *predicativo*. *O sol é LUMINOSO. A lua FICOU DESMAIADA.*

Os verbos que exigem esse completivo, são: *ser, estar, parecer, ficar, andar, continuar, etc.*

Quando a significação geral de qualquer dos termos se especializa, a elle se junta um *modificativo*, que póde ser uma palavra, um grupo de palavras ou uma oração: *Os animaes DA AUSTRALIA têm fórmãs extraordinarias. Cão QUE LADRA não morde.*

Este modificativo tambem se chama *apposto*, que deve ser da mesma natureza da palavra a que estiver modificando, isto é, o seu fundamental.

**Apposto**, é todo substantivo ou expressão equivalente que se junta a um nome para determina-lo ou caracteriza-lo com mais precisão ou individuação: *D. Pedro 2.<sup>o</sup>, EX-IMPERADOR DO BRAZIL*. O nome modificado pelo apposto, chama-se *fundamental*.

O apposto que se colloca depois de outra palavra exprime com esta a mesma pessoa ou cousa.

A's vezes o apposto é representado por uma oração inteira e vem modificando o sentido geral de outra oração: *Pernas delgadas e nervósas*, INDICIO DE GRANDE LIGEIREZA, *movimentos rapidos e bruscos*, SIGNAL DE FORÇA PRODIGIOSA. Rebello da Silva. *As velas tremulavam no mastro*, SIGNAL CLARO DE NOSSA VICTORIA.

Assim a oração consta de dois termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos.

Além dos elementos essenciaes e modificativos, ha os *elementos connectivos*, que unem as orações e partes das orações e os *elementos absolutos* que, por si sós, valem orações.

São elementos connectivos: as *preposições*, as *conjunções* e os *relativos*.

São elementos absolutos: a *interjeição* e o *vocativo*.

**Vocativo** é um sujeito de 2.<sup>a</sup> pessoa a quem chamamos, invocamos ou exortamos, acompanhado de interjeição clara ou occulta. Representa a pessoa a quem o discurso se dirige.

**Sujeito** é o termo de que se affirma uma acção, qualidade ou estado. Representa o objecto principal de que se fala e exercita o significado do verbo.

E' expresso:

1.º por um substantivo: O GATO *mia*.

2.º por um pronome: NÓS *pensamos*.

3.º por qualquer palavra substantivada: O SIM *agrada*.

TRABALHAR *é necessario*.

4.º por uma oração: E' *inegavel* QUE A TERRA GIRA.

O sujeito póde ser modificado:

1.º por um adjectivo: *Desfez-se a nuvem* ESCURA.

2.º por um apposto: O Amazonas, RIO CAUDAL, *nasc*  
*no Perú*.

3.º por um substantivo com preposição: *Praças SEM FIM cobrem o solo.*

4.º por uma oração: *Divina guarda QUE OS CÉUS, O MAR E TERRA SENHOREAS.*

**Predicado** é o termo que exprime acção, qualidade ou estado que se refere ao sujeito.

E' representado:

1.º pelo verbo predicativo simplesmente: *Os animaes VIVEM.*

2.º por um verbo de predicação incompleta com um completivo ou atributo: *Deus É ETERNO. Elle PARECE DOENTE. Eu ESTOU ALEGRE.*

**Atributo** é um adjectivo ou qualquer palavra ou oração que representa qualidade ou maneira de ser.

Póde ser representado:

1.º por um adjectivo ou locução adjectiva: *O Tejo era SERENO. Sua voz era DO CÉU (celeste). Elle está COM SAÚDE (sadio).*

2.º por um substantivo: *O homem é ANIMAL.*

3.º por um pronome: *Si tu fôras EU.*

4.º por uma oração: *Morrer é PERDER A VIDA.*

O *atributo* ou *predicativo*, tambem se póde chamar *adjunto predicado* ou *completivo*, e se divide em: *completivo subjectivo*, quando modifica o *sujeito*: *João ficou RICO*; e *completivo objectivo*, quando modifica o *objecto*: *D. Pedro tornou o Brazil NAÇÃO LIVRE. Eu chamei-o HERÓI. Julgo-o PREPARADO.*

Esse *atributo*, *completivo*, ou *predicativo*, se junta a verbos intransitivos, exprimindo effeito da acção ou transformação do sujeito, ou a verbos transitivos na voz passiva, como: *ser, continuar, andar, ir, vir, apparecer, estar, ficar, parecer, jazer, nascer, morrer, sair, tornar-se, manter-se, sentir-se, etc.*: *Elle continúa BOM; elle anda DOENTE; elle vai ASSUSTADO; elle foi eleito GOVERNADOR; elle foi julgado CAPAZ; elle se tornou NOTAVEL.*

Alguns apparecem regidos de preposição: Nós o *havermos* POR PERDIDOS; *elle se appellidava* de SALVADOR; *elle está* COM SAÚDE.

O **predicado** póde ser modificado:

1.º por um substantivo ou pronome directamente regido: *Os homens povoam* A TERRA. *O sol* NOS *aquece*.

2.º por um substantivo ou pronome regido de preposição: *Os corações desfallecem* DE SUSTO. *Venha* A NÓS o *vosso reino*.

3.º por um adverbio: *Entra* ASSIM *no reino d'agua* o *Deus do vinho*.

4.º por uma oração: *Disse o mestre rijamente*: ALIJA TUDO AO MAR.

**Modificativo** é o termo que especializa, completa, ou explica a significação de outro termo.

Tambem se chama *complemento* ou *adjunto*.

O modificativo póde ser *concordado* ou *regido*.

**Concordado** é o que se liga ao modificado por identidade de fôrma.

Póde ser:

1.º o adjectivo: *Trombetas* SONOROSAS *vão tocando*.

2.º o apposto: *O Amazonas*, RIO CAUDAL.

3.º o pronome pessoal: *Deu-me* na *cabeça* (*minha cabeça*). *As lembranças que n'alma* LHE *moravam* (*na sua alma*).

**Regido** é o que se liga ao modificado directamente pelo sentido ou por intermedio da preposição.

No primeiro caso é *directo*; no segundo, *indirecto*.

Póde ser representado:

1.º pelo substantivo: *O raio de teu genio illumina* o *HORISONTE da patria*.

2.º pelo pronome: *Thetis divina canta* LHE *as luzas glorias no Oriente*.

3.º pelo adverbio: *O peito heroico generoso perdão JAMÁIS recusa.*

4.º pelo verbo no infinitivo: *O vapor estava preparado PARA SAIR.*

5.º por uma oração: *Nem a gazella timida receia QUE ALGUEM A PAZ LHE QUEBRE.*

Estes modificativos se chamam *atributivos* ou *adverbiaes*.

**Atributivos** são aquelles que modificam o substantivo.

**Adverbiaes** são aquelles que modificam o adjectivo, o verbo ou o adverbio. Expressam uma circumstancia.

O adjunto attributivo toma o nome especial de *complemento determinativo* ou *restrictivo* quando é regido de preposição: *O mouro despreza o poder DOS CRISTÃOS.*

O adjunto adverbial toma os nomes especiaes de *objecto directo* ou *objecto indirecto*.

**Objecto directo** é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai immediatamente a acção indicada pelo verbo: *A bondade de Deus premeia O JUSTO.*

O objecto directo não é geralmente regido de preposição. Casos ha, porém, em que esta preposição se torna necessaria; taes são:

1.º Para evitar confusão no sentido, quando o objecto podér praticar a acção: *A LAVINIA Enéas furtou. Lia Alexandre A HOMERO.*

Costuma-se, ás vezes, neste caso, não empregar a preposição, mas repetir o objecto representando-o por uma variação pronominal correspondente, para maior clareza, principalmente quando o objecto vem antes do verbo: *Emquanto O MAR cortava-O a armada. A NOTICIA não A trouxe o jornal hoje.*

2.º Em casos especiaes de construção vernacula: *Pu-*

cha DO PUNHAL. Arrancam DAS ESPADAS de aço fino. Cum-  
pre COM O TEU DEVER. Chamou POR ALGUÉM.

3.º Quando é representado por um verbo no infinitivo precedido de verbos como: *acabar, aprender, cessar, começar, ensinar, findar, principiar, etc.* Acabei DE ESTUDAR; cessou DE ESCREVER; começaram A FALAR; ensinou A TRABALHAR etc.

4.º Quando é representado pelas variações pronominaes, menos *lhe, lhes, comigo, contigo, consigo, conosco, convosco*: Eu ME visto. Elle TE apresentou á sociedade.

**Objecto indirecto** é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai, por meio de preposição, a acção indicada pelo verbo: *Os nobres corações DE SUSTO desfallecem.*

Qualquer dos termos de uma oração póde ser *simples* ou *composto*.

**Termo simples** é o formado de um só termo, unico na especie: *Deus existe.*

**Termo composto** é o formado de dois ou mais termos da mesma especie, coordenados: CABEÇAS, BRAÇOS, PERNAS, *pelos ares vão saltando.*

O termo *simples* ou *composto* pode ser *complexo* e *incomplexo*.

**Termo complexo** é o que tem modificativo: A LUA QUE NOS ILLUMINA *é um satellite.*

**Termo incomplexo** é o que não tem modificativo: *Tudo morre.*

Póde ser tambem: *logico e grammatical.*

**Termo logico** é o termo com seus modificativos.

**Termo grammatical** é qualquer um dos termos distintos, separados de qualquer outro.

As relações que as palavras têm entre si, são:



1.<sup>a</sup> *relação predicativa* que é a que existe entre o sujeito e o predicado.

Os passaros  
O homem  
O Gama e o Catual  
Um velho

voam  
é um animal  
falando entravam na sala  
lhe dava a verde folha

2.<sup>a</sup> *relação atributiva* a que modifica o substantivo:

O  
Amazonas  
Livro  
Análise  
Grammatica

livro  
rio caudal  
encadernado  
que copiei (copiada)  
de Julio Ribeiro.

3.<sup>a</sup> *relação adverbial*, a que modifica o adjectivo e o verbo:

Elle fugiu  
Gosto  
Comi  
Casa feita

vergonhosamente  
de estudar  
como um alarve  
a capricho

4.<sup>a</sup> *relação objectiva*, que é um caso especial da relação adverbial, modifica tambem o verbo de acção transitiva:  
*Quero estudar PORTUGUEZ. Comi DUAS LARANJAS.*

**Periodo** ou **oração logica** é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações grammaticaes. As orações se dividem em *simples*, *compóstas* e *complexas*.

**Simples** é a que contem sómente um termo de cada especie.

É por sua natureza absoluta e tem o verbo no indicativo ou no imperativo: +

*Inda murmuram do Mondego as aguas  
Os maviosos ais de Ignez de Castro.*

B. de Paranapiacaba.

As orações simples se subdividem em:

**Declarativa** (affirmativa ou negativa) é aquella que narra, conta ou assevera um facto:

*Não se contenta a gente portugueza.*

Camões.

**Imperativa** é aquella que exprime um facto ordenado ou pedido:

*Foge, Lusitano, da cilada do rei.  
Dai-me uma furia grande e sonora.*

Camões.

**Interrogativa** é aquella por meio da qual se pergunta, indaga ou interroga:

*Quem te trouxe a est'outro mundo  
Tão longe de tua patria lusitana?*

Camões.

**Exclamativa** é aquella que indica um sentimento de admiração, de entusiasmo:

*No mar tanta tormenta e tanto damno,  
Tantas vezes a morte apercebida!*

Camões.

**Optativa** é aquella que exprime o desejo que um facto se realize :

*Bons ventos te conduzam ao porto de salvamento.  
Deus seja nesta casa.*

**Composta** é a oração que contem mais de uma preposição com a mesma função.

Estas preposições se dividem em *asindeticas* ou *collateraes* e *sindeticas* ou *coordenadas*. Tambem se pódem chamar *coordenadas por juxtaposição* e *coordenadas por conjunção*.

**Asindeticas** ou **collateraes** ou **coordenadas por juxtaposição**, são as preposições que não têm termos que as liguem, não têm connectivos; ligam-se pelo sentido: *O de Luso rompe, corta, desfaz, abola, talha.* (Camões.)

**Sindeticas** ou **coordenadas por conjunção**, são as preposições que têm termos que as liguem, têm connectivos: *No jogo se perde o amigo e se ganha o inimigo.*

Os connectivos que ligam as preposições sindeticas ou coordenadas, são as conjunções de coordenação :

**Copulativas**: *O tempo vai a passo E não descança.  
Os velhos hão de morrer, TAMBEM os moços pódem morrer.*

**Adversativas**: *O cão póde correr, MAS não sabe trepar. Estudei a lição, ENTRETANTO não soube decora-la.*

**Disjuntivas**: *O vento ajunta, OU dispersa as nuvens. ORA chove, ORA faz sol.*

**Conclusivas**: *Penso, LOGO existo. Estudo, PORTANTO hei de aprender.*

**Complexa** é a oração que contem duas ou mais preposições com dependencia reciproca.

A que rege as outras tem o nome de *principal*, que deve ter o verbo no indicativo ou no imperativo.

A outra ou outras têm o nome de *subordinadas* ou *clausulas*.

As clausulas se acham ligadas umas ás outras pelo sentido ou pelas conjunções de coordenação.

Dividem-se em *substantivas*, *adjectivas* e *adverbiaes*.

**Substantiva** é aquella que equivale a um substantivo. Serve de sujeito ou objecto a uma outra oração e geralmente começa pela conjunção integrante *que*: LOUVAR ESFORÇO ALHEIO *é cousa desejada*. O capitão disse: DAI VELAS AO LARGO VENTO. Sou bem informado DE QUE EMBAIXADA É FINGIDA. (Camões.)

**Adjectiva** é aquella que equivale a um adjectivo. Modifica um substantivo e começa geralmente por um pronome relativo:

*Ergue a virgem os olhos QUE O SOL NÃO DESLUMBRA.*  
(Alencar.)

**Adverbial** é aquella que equivale a um adverbio. Exprime circumstancias e modifica um adjectivo ou um verbo.

Tempo:

*Não eram os traquetes bem tomados,*  
QUANDO SE DÁ A GRANDE E SUBITA PROCELLA.

Camões.

Fim:

*Falar ao rei gentio determina*  
PORQUE COM SEU DESPACHO SE TORNASSE.

Idem.

As orações podem ser :

**Contracta** ou **abreviada** é a oração que se fórma de varios termos da mesma especie, subordinados ao mesmo sentido; isto é, póde ter o mesmo sujeito ou o mesmo predicado, ou o mesmo objecto, etc.:

*De Duarte foi breve o reinado  
E curtido de grande afflicção, isto é:*

*De Duarte foi breve o reinado, e de Duarte foi o reinado curtido de grande afflicção.*

As orações contractas são divisiveis em duas ou mais orações. Não são, assim, contractas, orações como : *Pedro e Paulo são parentes. A casa é branca e amarella. Elle juntou ovos e espetos, alhos e bugalhos.*

Estas orações não podem ser desdobradas, separadas ou divididas.

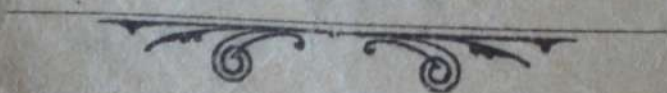
**Eliptica** é a oração que tem um ou alguns de seus termos occultos, que com facilidade o espirito subentende :

*Honra ao cantor dos lusitanos fastos!  
Joelho em terra! A Universal Historia  
Leve aos vindouros de Camões o nome  
Como eterno padrão da lusa gloria!*

(B. de Paranapiacaba).

**Implicita** é a oração cujos termos principaes deixaram de ser expressos.

Formam orações implicitas, por exemplo, os vocativos, as interjeições e os adverbios empregados em fórma absoluta: *Queres estudar? NÃO. Queres passear? SIM. EI-LO.*



### Orações impessoaes

Há muitas orações que se constituem de verbos sem sujeito porque indicam um facto completo e delle não precisam.

Casos outros há em que o sujeito tem função indeterminada, sem se referir a um dado ser.

Os casos mais importantes desses verbos que formam *orações impessoaes*, são :

1.º Verbos que exprimem phenomenos naturaes, meteorologicos, como: *chover, gear, orvalhar, nevar, trovejar, anoitecer, escurecer*, etc.

2.º Certos verbos transitivos — *contar, dizer*, etc., empregados na 3.ª pessoa do plural: *DIZEM que nasceu Jesus. CONTARAM-me que apparecerá o Anti-Christo.*

3.º O verbo — *fazer* — acompanhado de certos substantivos como: *calor, frio, annos* e semelhantes. Neste caso há quem lhe dê para sujeito o substantivo — *tempo*.

4.º O verbo — *haver* —: *HÁ traidores em toda parte.* Esta frase admite uma analyse que lhe dá para sujeito um substantivo accommodado ao sentido. No exemplo poderia ser — *o mundo* ou equivalente.

5.º Os verbos — *acontecer, succeder, constar* e outros semelhantes.

6.<sup>o</sup> O verbo — *ser* — em expressões como: ERA ao surgir da manhã. ERA a hora em que todos dormiam.

7.<sup>o</sup> O verbo — *ir*: VAI em dois dias que partimos.

8.<sup>o</sup> O verbo — *passar*: PASSAVA de dois annos quando parti.

9.<sup>o</sup> Os verbos — *dar, tocar, soar, bater* — em frases que se referem a *tempo, hora, etc.*

10.<sup>o</sup> Certos verbos em locuções communs, familiares e já feitas: PESA-me de vos haver offendido. Não se me dá de esquecer-te.

Palavras há também que figurando de sujeito, se não referem a pessoa alguma determinada.

Entre estas se podem citar:

1.<sup>o</sup> A gente, equivalente ao pronome — *nós* — e de uso em Portugal e no Brazil: Si faz andar A GENTE com o coração agastado. (Herculano). A GENTE se está confortando. (Garrett). O encanto dos livros em que A GENTE põe a sua alma. (O. Martins).

2.<sup>o</sup> O substantivo — *pessoa*: Sem PESSOA perguntar (Gil Vicente).

3.<sup>o</sup> O substantivo — *homem*: Ou por segredos que HOMEM não conhece. (Camões). Tediosa e impolida cousa é falar HOMEM. (Castilho.)

4.<sup>o</sup> Pelo indefinido — *um*: Regra é geral que não deve UM louvar-se a si proprio. (M. Bernardes.)

5.<sup>o</sup> O pronome — *se* — que é um grande representante da indeterminação do sujeito:

A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde SE SAI da vida, outra de diamante por onde SE ENTRA para a eternidade. (Vieira). Por tudo isso SE ADMIRA a Vieira; a Bernardes ADMIRA-SE e AMA SE. (Castilho). Quando SE ERA poeta como Castilho, quando SE ERA fidalgo ou desembargador. (Latino Coelho).



## IV

### Substantivo

A syntaxe do substantivo se refere especialmente á sua collocação e concordancia na oração, e á mudança de significação que póde ter pela mudança de genero ou de numero.

Em geral o substantivo se colloca antes do adjectivo. *Mão direita. Deus Padre. Estrella fixa.* Exceptuam-se certos casos consagrados pelo uso.

Em outros casos a mudança de lugar do substantivo altera seu significado:

*Altos céus — céus altos; certa manhã — manhã certa; nóvos homens — homens nóvos.*

*Um principe estrangeiro . . . bem poderá ser nosso rei; mas vai grande differença de ser NOSSO REI ou ser REI NOSSO. (Vieira.) MEU DEUS quer dizer que Deus me possue a mim; DEUS MEU quer dizer que eu o possúo a elle. (Idem.)*

A mesma mudança se dá com a variação do genero e numero:

*Madeiro — madeira; bago — baga; honra — honras; letra — letras.*

O substantivo usado como apposto deve, sempre que fôr possível, concordar em genero e numero com o nome a

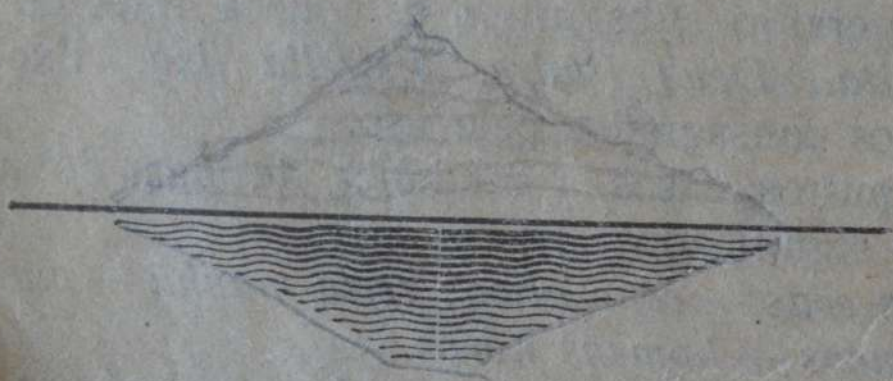


que estiver apposto, isto é, com o seu fundamental: *As ninfas, filhas do Oceano. Eduardo, rei de Inglaterra.*

O substantivo empregado como apposto é muitas vezes ligado ao seu fundamental pela preposição — *de* —, que figura de simples expletivo: *A cidade DO Recife; Rua DO Barão da Victoria.*

Si o substantivo fizer as vezes de atributo póde dispensar a concordancia: *As piramides do Egypto são UM ENIGMA para os viajantes. Os barbaros foram o TERROR do universo. O mundo são HOMENS. Aquella criança é UM BOBO.*

O substantivo empregado epitetivamente em referencia a um substantivo masculino toma, na linguagem popular, o genero deste: *João é UM BANANA, é UM PAMONHA.*



## Adjectivo

## I

## COLLOCAÇÃO E CONCORDANCIA

Os adjectivos determinativos geralmente se collocam antes dos substantivos.

Dos qualificativos, o restrictivo se colloca depois, o explicativo pôde ser collocado antes ou depois.

Os adjectivos concordam em genero e numero com os substantivos a que se referem: *Casa BRANCA*; *homens SA-BIOS*; *ESTE livro*.

A's vezes, o adjectivo na terminação masculina se refere a um substantivo feminino, pois se acha empregado no genero neutro, cuja flexão, ao desaparecer, se confundiu no Portuguez, com o masculino: *E' BOM toda CAUTELLA* (Castilho). *E' NECESSARIO uma DETERMINAÇÃO* (Rebello da Silva). *Tem sido PRECISO MUITA ENERGIA* (C. C. Branco). (Apud Mario Barreto).

Esta construção é mais usada com as expressões: — *ser preciso*, *ser necessario* e outras semelhantes.

Si o adjectivo fizer as vezes de adverbio, fica invaria-

vel: *Que a NEVE está CONTINO pelos montes* (Camões).  
*Corria a GENTE RIJO para a praia* (João de Barros).

Há exemplos de adjectivos empregados adverbialmente tomando flexão de genero e de numero: *Oh! que CAROS me custaram meus deleites!* (Bernardes). *Vamos a falar SERIOS.* (Camillo).

O adjectivo — *todo* —, apesar de empregado adverbialmente na accepção de *totalmente, completamente*, toma flexão de genero e de numero: *Via-se no quadro a deusa TODA ornada e enriquecida de joias.* (Vieira). *A santa mulher chega ao marido TODA envergonhada.* (Castilho).

O vocabulo *meio* póde ser empregado como adjectivo e como adverbio.

Quando significar *quasi* é adverbio e, portanto, invariavel; quando significar a *metade* é adjectivo e, portanto, variavel: *Porta MEIO ABERTA*, isto é, *QUASI aberta* (adv.). *Porta MEIO ABERTA*, isto é, *aberta pela METADE* (adj.). *Minha MEIO rural, MEIO urbana parochia* (Herculano). *E assim nascem as chronicas, MEIAS novellas MEIAS historias* (Herculano).

Alguns exemplos que se encontram dos adverbios *meio* e *todo* variaveis, pódem ser explicados por eufonia ou por atracção: *Edifícios MEIOS cobertos de areia.* (João de Barros). *Aquelles ossos MEIOS descarnados.* (Vieira). *Uns caem MEIOS mortos.* (Camões). *Por notarem indecencia em elle e seus filhos irem MEIOS despedidos.* (Fr. A. Brandão). *E, que faz a mesma natureza TODA movida e governada pelo mesmo Deus?* (Vieira). *Duas mulheres TODAS entregues a seus labores.* (Castilho). *Ella era TODA judaica, TODA arabe.* (Garrett).

Sobre o adjectivo *meio*, empregado como adverbio, são interessantes as considerações de Silva Tullio em seus *Estudinhos da Lingua Patria*.

«Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio* sem lhe darem construcção adverbial que lhe compete em phrases taes como: — *casa meio feita, pessoa meio morta, porta meio aberta* — *Uma casa póde estar meia feita e meio feita.*

Na primeira hypothese affirma-se que a *casa está feita até me-*

tade, por exemplo, da altura que deve ficar; na segunda que a *feitura da casa está em meio*.

Na primeira phrase o vocabulo — *meia* — é rigorosamente adjectivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda-emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O seguinte excerpto de Vieira (Sermão 10, 163) tira todas as duvidas, porque nos dá exemplos de ambas as hypotheses: . . . *Eram linguas partidas, não só, porque eram muitas linguas, sendo porque eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava. Meias linguas porque eram meio européas e meio indianas; meias linguas porque eram meio politicas e meio barbaras; meias linguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.*»

E' verdade que se encontram em Fernão Mendes Pinto, Lucena, João de Barros, Camões, Herculano, Castilho e outros, expressões em que *meio* empregado como verdadeiro adverbio toma as fórmas de feminino e plural, mas isto se pôde explicar por uma lei de syntaxe, chamada *atração*.

E' por esta lei que André de Resende diz: *E avendo MUITOS POUCOS dias que el-rey era doente em vez de MUITO POUCOS.*

A regra de concordancia do adjectivo com o substantivo soffre excepções:

1.<sup>a</sup> Quando concorrem substantivos do singular, de genero e significação differentes, o adjectivo vai para o masculino plural: *Esforço e arte HUMANOS.*

Há exemplos de classicos fazendo a concordancia com o mais proximo: *De que céu e TERRA é CHEIA.* (Sá de Miranda). *O espirito e CARNE é PRONTA.* (Camões).

A concordancia com o mais proximo se dá principalmente si o adjectivo preceder os substantivos: *Que assim mereça ETERNO NOME e fama.* (Camões). *A autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunaes sobre CUJO CONSELHO e consciencia se costumam descarregar as dos reis* (Vieira). *Escolhestes MÁU LUGAR e hora para renovar a requesta* (Herculano).

2.<sup>a</sup> Quando os substantivos são de significação semelhante, o adjectivo concorda com o mais proximo: *Pesar e DÔR AMARGA. Dôr e PESAR AMARGO.*

3.<sup>a</sup> Quando os substantivos são do mesmo genero, o adjectivo vai para o plural: *A boca e a face* RETORCIDAS. *Tres lapis e um tinteiro* ESTRAGADOS.

4.<sup>a</sup> Quando os substantivos estão no plural e de genero differente, o adjectivo concorda com o que está mais proximo: *São muito* CONHECIDAS AS PESSÔAS *e os animos.* (Vieira).

5.<sup>a</sup> Quando os substantivos são de genero e numero differentes, o adjectivo concorda no masculino plural, ou com o mais proximo si este estiver no singular: *Um mez e duas semanas eram passados*, ou: *Era* PASSADO *um MEZ e duas semanas*, ou: *Era* PASSADA *uma semana e dois mezes*, etc.

6.<sup>a</sup> Quando o substantivo é um collectivo, no singular, ás vezes o adjectivo toma a fórma plural: *A causa de el-rei mandar lançar esta* GENTE *por toda aquella costa* VESTIDOS *e bem* ATAVIADOS. (J. de Barros).

*Logo todo o* RESTANTE *se partiu*  
*Da Lusitania* POSTOS *em fugida.*

(Camões).

7.<sup>a</sup> Quando o substantivo é nome de titulo feminino, o adjectivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos: *V. Senhoria é* SERVIDO (sendo homem). *V. Alteza está* ADMIRADA (sendo rainha). *V. Reverendissima parece* DESEJOSO (sendo padre), ou *parece* DESEJOSA (sendo freira).

E' defeituoso o emprego de um substantivo no plural fazendo concordar com elle dois ou mais adjectivos no singular: *O primeiro e segundo* LIVROS; *as* LINGUAS *portugueza e franceza.* Deve-se dizer: *O primeiro e o segundo livro; a lingua portugueza e a franceza.* Entretanto Camões empregou: *O quarto, o quinto* AFFONSOS *e o terceiro.* Bernardes: *As* VIDAS *intellectual e espiritual.* Mui versado *nas* LINGUAS *grega, hebraica, siriaca, caldaica.* Castilho:

Os MUNDOS *velho e novo*. Ruy Barbosa: As CLAUSULAS *terceira, quarta e quinta*.

Lembra João Ribeiro um caso muito excepcional em que a concordancia se faz com cada elemento de um sujeito composto: *Deus e a sua justiça é O MESMO e A MESMA*. (Vieira).

II

GRÁU

Os adjectivos qualificativos têm grãos: comparativo e superlativo. Muitos, porém, apresentam a forma augmentativa e a diminutiva que pertencem aos substantivos: *toleirão, espadaúdo, bonitinho, esfarrapadinho, pobretão*, etc.

Assim também o superlativo, que é grão que pertence ao adjectivo, se applica, na linguagem familiar ou popular, aos substantivos: *COUSISSIMA nenhuma*.

Escritores de valor usam de formas enfaticas, uso, aliás, não digno de imitação: um adverbio junto ao adjectivo no grão superlativo para indicar maior intensidade: *tam altissima* (Gil Vicente), *tam grandissimo* (Lucena); *tam pessima* (F. Elysio); *muito reverendissimo, tam minimo* (Vieira); *tam perigosissimas e tão gravissimas* (Bernardes); *tam acerrimo* (Castilho); *mais sacratissima, tam pessima* (Castilho).

Adjectivos há que no grão superlativo absoluto tomam a forma de superlativo relativo: *de todas a optima, a bellissima* (Castilho); *deste nobilissimo, deste generosissimo de todos* (Garrett).

A Lingua Portugueza possui também adjectivos comparativos e superlativos syntheticos que perderam o valor do grão e são considerados simples adjectivos positivos: *junior, senior, prior, exterior, posterior, anterior, minimo, infimo, intimo*, etc.

E' por isso que estes adjectivos admittem n6vos comparativos ou superlativos: *muito intimo* (F. Mendes); *mais anterior* (F. Elysio); *tam minimo* (Vieira); *mais superior*, & *mais intima*, *mais infima* (Garrett); *mais infima* (Castilho).

Os antigos escritores usavam de um modo especial para indicar o superlativo — a repetiç6o de um vocabulo: *mataram delles MUI MUITOS* (Azurara). *Gente de pé MUI MUITA sem conta* (F. Lopes).

*Que dos MUI MUITOS ciúmes  
Nasce o MUI MUITO amor.*

Gil Vicente.

Nos *Cancioneiros* ha: *tam muito*.

N6o s6o usuaes as f6rmas *mais grande*, *mais pequena*, *mais boa*, etc. Casos h6, entretanto, em que se n6o p6de empregar a f6rma sintetica: *maior*, *menor*, *melhor*, etc., e se usam d'aquellas, quer para dar maior f6rça 6 express6o, quer para indicar uma immediata correlaço no modo de apresentar varias qualidades de um mesmo substantivo, empregando sempre o comparativo analitico. *O moço mais garrido*, *mais amavel*, *MAIS BOM dar-se ia por ditoso* (Castilho). . . . *V. A. h6-de adquirir nome de MAIS ou de MENOS GRANDE principe* (Vieira). *Mas os quarteis passam sem eu receber a MAIS PEQUENA somma* (Garrett). . . . *no concerto das redes e das velas, ou no embalar e guardar o irm6ozinho MAIS PEQUENO* (Castilho).

Quando a comparaço 6 feita, n6o entre dois substantivos, mas entre duas qualidades do mesmo substantivo, duas qualidades do mesmo individuo, n6o se emprega o comparativo sintetico, por6m o analitico: *MAIS BOM do que m6u*; *MAIS M6U do que bom* e nunca *MELHOR do que m6u*, *PEOR do que bom*. Garcia de Rezende usou: *El-rei D. Jo6o era homem de muito bom parecer. . . por6m MAIS GRANDE que pequeno*.

Regras especiaes h6 sobre o emprego do superlativo

relativo que convem saber para se não imitar, sem necessidade, a construção franceza:

1.<sup>a</sup> Si o adjectivo vier posposto ao substantivo já precedido de artigo, é dispensado o artigo que acompanha a forma superlativa: *A cousa MAIS FACIL* (e não *a mais facil*) *do mundo é dar conselho a outrem* (Vieira). *E' a joia MAIS PRECIOSA* (e não *a mais preciosa*) *que vai ter a corôa ducal* (Garrett).

2.<sup>a</sup> Si o substantivo não vem determinado pelo artigo ou está empregado indeterminadamente, a forma superlativa conserva o seu artigo: *O homem, CRIATURA RACIONAL, A MAIS NOBRE, A MAIS VIVA, A MAIS SENSITIVA de todas* (Vieira). *Destas três conclusões tirarei uma abominação do peccado A MAIS ENTRANHABEL que puder* (Bernardes).

III

POSSESSIVOS

Os possessivos concordam em genero e numero com os substantivos, e em regra se collocam antes delles. Exceptua-se no verso: *Da terra TUA o clima e região*; ou quando o substantivo é precedido de outro adjectivo: *Formosa filha MINHA não temais*. (Camões); ou por elegancia ou realce: *O pão NOSSO de cada dia*.

O emprego de *Vosso* nos tratamentos não exige os possessivos ou as variações pronominaes correspondentes: *Muito tenho que agradecer a v. m.<sup>ce</sup> occorrer-lhe meu nome ao formar um catalogo dos portuguezes eruditos*. (Alex. de Gusmão). . . . *que convem mais ao decoro e majestade de v. a. e SEUS gloriosos progenitores* (Vieira). *Novo genero de chronica offerece a v. m. minha religião por mim neste volume que a SEUS reaes pés ponho* (Fr. Luiz de Sousa). *Nada extranho LHE direi, de certo v. ex.<sup>a</sup> conhece. De*



v. EX.<sup>a</sup> sei que o *anima o amor de SUA patria* (Garrett).  
*Em testemunho de regalada leitura que v. EX.<sup>a</sup> me deu com*  
*o SEU Minho, lhe offereço uma das novellas de cá* (Camillo).

Emprega-se muitas vezes o pronome pessoal em lugar do possessivo: *Doi-ME a cabeça*, — por — *doi MINHA cabeça*.  
Em Camões: *Converte se-ME a carne em terra dura* — por —  
*converte-se MINHA carne em terra dura*. Em Camillo: *Não*  
*TE chegam em fidalguia AOS CALCANHARES* — por — *aos*  
*teus calcanhares*.

E' uma construcção que se encontra em bons escritores de todas as epochas e que concorre para a elegancia da frase.

A Lingua Portugueza possui o que Pacheco e Lameira chamam *possessivo pleonastico* e *possessivo perifrastico*.

O 1.<sup>o</sup> consiste no emprego claro do possuidor: *Os SEUS feitos DELLE*. E' emprego popular e, ás vezes, util para evitar ambiguidade. Vieira escreveu: *A gloria do filho é gloria do pai e mais SUA DO PAI que do mesmo filho*. Garrett: *Não se espera a vingança da bella judia: dá lhe dinheiro SEU DELLA que sua mãe lhe deixára*.

O 2.<sup>o</sup> é formado com os verbos *ter* e *haver*: Em Camões: *A fama das victorias QUE TIVERAM* — por: — *a fama das SUAS victorias*.

Os possessivos têm, na linguagem familiar, o valor de indefinidos: *Elle é bom mas tem os SEUS defeitos*, isto é, *tem ALGUNS defeitos*.

Outras vezes indicam um numero aproximado: *Homem de SEUS 30 annos*. *Tem os SEUS 20 contos*.

Não se deve empregar o possessivo com referencia a partes do corpo ou do espirito. Assim se deve dizer: *Quebrei a cabeça* — e não — *minha cabeça*; *cortei o dedo* — e não — *cortei meu dedo*; *perdeu o juizo* — e não — *perdeu seu juizo*.

IV

DEMONSTRATIVOS

Os demonstrativos concordam com os substantivos e a elles se antepõem: *ESTE livro.*

Exceptua-se quando a frase é exclamativa: *Que menino ESTE!*

Os demonstrativos simples se empregam para distinguir uma pessoa ou um objecto em diversos lugares. Os demonstrativos compósitos distinguem diversas pessoas ou objectos collocados no mesmo lugar.

Além dos casos mais communs do emprego dos demonstrativos *este, esse e aquelle*, há alguns especiaes. Assim *este* indica o tempo presente: *esse* ou *aquelle* se emprega nos appósitos; *aquelle* se emprega nas definições.

Falando-se de dois substantivos, *este* se refere ao segundo e *aquelle* ao primeiro: *João e Pedro são primos: ESTE (Pedro) seguiu a carreira das armas, e AQUELLE (João) a das letras.*

*Este* se refere a uma ideia que se vai enunciar; *esse* se refere a uma ideia já enunciada.

Para se mostrar mais precisamente uma pessoa ou uma coisa, é commum juntar-se ao demonstrativo o indefinido *mesmo*: *ESTE MESMO estudante; AQUELLA MESMA casa.*

Os demonstrativos, quando pronomes, são, ás vezes, substituidos pelos artigos — *o, a, os, as*: *Todos escutavam o que o sublime Gama contaria.*

O pronome demonstrativo — *o* — é empregado invariavel com referencia a um substantivo, a um adjectivo ou uma oração inteira: *Sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noute? Sabia-o, senhor, antes de o caso succeder. (Alex. Herculano). Honrai as viúvas que o são verdadeiramente (Castilho). Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? (Camillo).*

V

RELATIVOS

Dos relativos notamos:

QUAL vem acompanhado dos artigos *o, a, os, as*. Sem artigo tem função de indefinido, principalmente quando é repetido:

QUAL *do cavallo vôa que não desce,*  
QUAL *co'o cavallo dando em terra, geme.*

Camões.

Sem artigo é também correlativo de tal:

QUAES *para a cova as próvidas formigas,*  
TAES *andavam as nymphas...*

Camões.

A's vezes a — *qual* — se segue o substantivo a que elle se refere, repetido por-clareza: *Os altos muros de Babylonia...* OS QUAES MÜROS *tinham um circuito de 60000 passos* (Heitor Pinto). *Outras respostas semelhantes, pelas QUAES RESPOSTAS...* (Vieira). *A carta que escrevera, era sobrescritada á baroneza, da QUAL CARTA se dá o texto vi-ciado.* (Camillo). *No alto do monte foi posteriormente levantado um arco triumphal de pedraria, ao QUAL ARCO se não chegou a abrir o letreiro* (Castilho).

Que se refere á palavra antecedente e é substituído por — *o qual* e suas variações, quando o nome a que se refere, está distante e há necessidade de clareza: *A penna que me deste. A penna da Livraria Contemporanea A QUAL ontem se perdeu.*

Tem função de indefinido quando significa — *qual,*

quanto, que cousa: QUE faz o lavrador na terra cortando-a com o arado? (Vieira). QUE cousa é uma águia grande senão um gigante entre as aves? (Idem). Não sei QUE tempos nem QUE desgraça é esta nossa (Idem).

Empregado como interrogativo, ou exclamativo iniciando uma oração, não admite artigo: QUE seria si se mudassem palavras? (Vieira). QUE tem com isto a moral publica? (Alex. Herculano). QUE havemos de comer, QUE havemos de beber, QUE havemos de vestir? (Castilho).

Ruy Barbosa que sustenta a bôa doutrina, tráz innumerous exemplos que firmam esta regra, citando escritores antigos e modernos, taes como D. Duarte, Gil Vicente, Fernão Lopes, Bernardim, Garcia de Rezende, Camões, João de Barros, Duarte Nunes, Frei Luiz de Souza, Antonio Ferreira, Bernardes, Jacintho Freire, Vieira, F. Elysio, Herculano, Castilho, C. Castello Branco, Julio Ribeiro, Gonçalves Dias, Machado de Assis.

Os exemplos enchem 12 paginas de sua *Replica ás defezas da Redação do projecto da Camara dos Deputados* sobre o Código Civil Brasileiro.

Nos raros casos em que se encontra o artigo precedendo a *que*, ha sempre uma oração eliptica, o artigo concorda com um nome occulto.

O pronome *que* não inicia mas continúa ou completa a oração. Quando a syntaxe assim não poder ser explicada, ha um solecismo que não deve ser imitado.

Si quizermos, diz Ruy Barbosa, tirar a prova real, é usarmos do mesmo interrogativo, anteposta a elle alguma das preposições *a*, *em*, *de*, *para* ou *por*.

Como diríamos? AO QUE *vens*? Não: O vernaculo é A QUE *vens*.

Como diríamos? NO QUE *pensas*? Tam pouco. Não se diz senão: EM QUE *pensas*?

Como se dirá: DO QUE *tratas*? Nunca. Diríamos sempre: DE QUE *tratas*?

Poderíamos escrever: COM O QUE *contas*? Não. A construção grammatical é: COM QUE *contas*?

Diríamos acaso: PARA O QUE *foges*? Não. Diríamos, sim: PARA QUE *foges*?

Semelhantemente ninguem diria: PELO QUE *tardas*? PELO QUE *roubas*? PELO QUE *te matas*?

A construção portugueza é: POR QUE *te matas*? POR QUE *roubas*? POR QUE *tardas*?

Não importa, termina elle, que na vasta literatura dos classicos

um ou outro deslize pareça favorecer a regencia. O QUE? Nem sempre alguns exemplos de bôa procedencia bastam para autorizar uma syntaxe. X

O pronome QUE era muitas vezes repetido como para indicar maior subordinação que assim ficava mais clara: *As náus QUE pouco havia QUE ancoravam* (Camões).

QUEM se refere a pessôas ou a cousas personificadas. Nos classicos, porém, não faltam exemplos deste pronome referindo-se a cousas: *Um TIRO de fogo, contra QUEM não valem forças* (Souza). *Aquelles poderosissimos VASOS A QUEM os estrangeiros* (Vieira). *A soberba EUROPA A QUEM rodeia* (Camões).

Assim tambem disse Garrett: *Era um ramallete sobre QUEM...* e Castilho: *O DINHEIRO é QUEM vivifica a agricultura.*

QUEM empregado com a preposição *sem* por escritores como Camões: *Esposa SEM QUEM não quiz amôr*, é substituido actualmente por *o qual* e suas variações.

QUEM tem valor de indefinido: *QUEM se afoga nas aguas encurvadas, QUEM bebe o mar e o deita juntamente* (Camões). *QUEM tudo quer, tudo perde* (Adagio).

CUJO concorda com o subsequente que vem sempre claro, e se refere ao antecedente.

Antigamente era empregado como interrogativo, adoptando-se a construção latina.

Diz Julio Ribeiro que o emprego de *cujo* sem antecedente e subsequente immediatos si bem que classico é arcaico: *CUJAS são estas arvores? Eu sei CUJO é o gado.* Garrett empregou: *Que se ha de elle atrever contra o bispo CUJO é? E a perguntar CUJO é?*

O emprego de CUJO por *de que* ou *de quem*, embora não sendo de uso commum, é autorizado: *CUJAS são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes.* (S. Romero). *Dos povos CUJAS filhas são.* (J. Verissimo). *Entrou na reunião da Casa dos Bicos CUJA era o dono.* (R. Ortigão). *Mandou por dois dos nossos visitar e convidar para a festa as amaveis senhoras CUJA é a lapa* (Castilho). CUJO

*fôra o anel.* (C. C. Branco). *Porque diz o mesmo Satomão CUJAS são estas palavras* (Vieira). *E porque tudo quadre, os monjes de S. Bento CUJA é a casa e convento, são gente que vive em notavel observancia.* (Fr. Luiz de Souza).

Admitte preposição quando o nome com que concorda tem de servir de complemento a outra palavra: *Ali está a hervazinha humilde DE CUJA propriedade necessita a vida do rei para livrar-se.* (Bernardes).

O relativo ONDE se não deve confundir com o adverbio ONDE.

O relativo tem antecedente a que se refere e inicia a clausula adjectiva.

O adverbio não tem antecedente e inicia a clausula adverbial.

## VI

### NUMERAES

Os adjectivos numeraes precedem os substantivos: *Cem livros.* Exceptua-se no verso.

São invariaveis, com excepção de *um, dois, duzentos* e seus compósitos: *Uma, duas, duzentas, novecentas e noventa e nove, tres mil e quinhentos,* etc.

Ligam-se entre si pela conjunção *e*: *Vinte e nove; duzentos e quarenta.*

Entre — *cem* e *duzentos* — os numeros se expressam por — *cento*: *Cento e vinte, cento e noventa e nove;* precedendo immediatamente a — *mil* — se emprega — *cem*: *Cem mil livros.*

Os ordinaes, quando distinguem personagens de alta gerarquia, são empregados depois do nome: *Pedro segundo.*

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos pelos cardinaes: *Livro quarenta e dois.*

Quando os cardinaes substituem os ordinaes, sempre

se collocam depois do substantivo, na fôrma invariavel: *Página VINTE E UM. Folhas QUARENTA E DOIS.*

Quando um numero cardinal se encontra com um ordinal pôde-se indifferentemente collocar em primeiro lugar qualquer um delles: *Os dez primeiros livros ou os primeiros dez livros* (Diez).

Na cronologia empregam-se os numeræes cardinaes, com excepção do primeiro dia do mez que é expresso pelo ordinal: *Mil oitocentos e noventa e quatro — Primeiro de Maio.*

Empregando a palavra — *seculo* — o cardinal pospõe-se e o ordinal antepõe-se: *Seculo dezenove. Decimo nono seculo.*

Alguns numeræes cardinaes se empregam com valor de indefinido, indicando uma quantidade incerta, com a significação de *muitos*: *As lagrimas QUATRO E QUATRO se impelliam umas ás outras.* (Bernardes). *MIL arvores estão ao céu subindo...* (Camões).

O mesmo se dá com certos substantivos que exprimem numero: *centenas, miriades, milhares, etc.*, semelhante ao que se observa no Latim que, para o mesmo fim, emprega: *sexcenti, mille, millia, tricenti, etc.*

O numeral — *ambos* — que alguns grammaticos chamam *dual*, exige depois de si os artigos: *Comprei AMBOS OS livros.*

Camões empregou sem artigo: *De ambas partes se move a primeira ala.*

Não são dignas de imitar as expressões pleonasticas: *ambos e dois, ambos os dois, ambos de dois*, ainda que tenham escrito: *DE AMBOS DE DOIS a fronte coroada.* (Camões). *AMBOS OS DOIS residiam na poisada.* (Castilho). *O certo é que AMBOS OS DOIS monges caminhavam juntos.* (Herculano).

No Brazil, a não ser no falar popular, estas frases não são empregadas. O povo emprega *ambos e dois, ambos a dois, ambos de dois.*

Ruy Barbosa empregou-a na sua *Replica*:

*Ambas as fôrmas são grammaticæes? São-no AMBAS AS DUAS* e cita exemplos a favor destas expressões, colhidos em Filinto, A. Herculano, Castilho e Camillo Castello Branco.

Já Manuel de Mello na *Revista Brasileira* apresentara exemplos classicos dessas construções que não têm encontrado seguidores entre os literatos brasileiros.

Julio Mõreira nos *Estudos da Lingua Portugueza* faz notar que o *d* que apparece em *ambos de dois* não é propriamente preposição. Representa um caso de fonetica sintatica. Foi a influencia do *d* do numeral *dois* que fez apparecer junto da conjunção — *e* — uma articulação igual. É uma especie de *prolepse fonetica*, isto é, a antecipação do fonema seguinte.

## VII

### INDEFINIDOS

••••• Dos indefinidos, ALGUM substitue *um* e tem as fórmulas *algo* e *alguem*.

Posposto ao substantivo, *algum*, tem valor negativo e significa *nenhum*: De MODO ALGUM *falarei sobre este assunto*.

Encontram-se, porém, exemplos nos classicos de seu emprego com valor affirmativo: *Desta gente REFRESCO ALGUM tomámos*. (Camões).

ALGUEM — póde ser substituido pelo substantivo — *homem* — indicando uma indeterminação: *Onde HOMEM nunca chegou* (Diez). *Tediosa e impolida cousa é falar HOMEM* (Castilho). *Por segredos que HOMEM não conhece* (Camões).

Corresponde ao pronome — *on* — dos francezes e ao — *se* — indeterminado dos portuguezes.

MESMO — se usa pleonasticamente junto aos pronomes pessoases para dar mais força á expressão: *ELLE MESMO esteve aqui*.

NINGUEM — no estilo familiar significa individuo sem importancia: *E' um NINGUEM*; ALGUEM — ao contrario, significa pessoa de valor, de consideração: *Cuida que é ALGUEM*.



NINGUEM, — vindo antes do verbo não admite outra negação, mas depois d'elle não a exclue: NINGUEM *póde dizer desta agua não beberei.* NÃO *vejo* NINGUEM (Freire, *Grammatica*).

Há exemplos de escritores portuguezes em que as suas negativas apparecem juntas antes do verbo:

Gil Vicente:

*Contra a morte e contra o amor  
Que NINGUEM NÃO tem valia.*

Castilho:

*Que NADA vêr NÃO queria  
Nem o céu não lhe acudia.*

OUTRO — tem as fórmãs *outrem* e *al*, e se emprega pleonasticamente junto dos pronomes *nós* e *vós*: *NÓS OUTROS sem a vista alevantarmos.* (Camões). *Si VÓS OUTROS soubesseis a conta deste deus forte.* (F. Pinto).

TAL — serve para designar uma pessoa hipotética, que se não nomeia porque não existe: *Um TAL Gonzaga* (Diez).

Tem valor comparativo e é correlativo de — *qual*: *TAES para a cova...* *QUAES andavam as nymphas.* (Camões).

*Tal* — tem ás vezes função de adjectivo qualificativo quando posposto ao substantivo, ou empregado em fórmula de correlação: *COUSAS TAES nunca direi.* *TAL pai TAL filho.*

A — TANTO — corresponde: — *quanto, que e como*: *TANTAS cabeças QUANTAS sentenças* (Adagio). *Dá-me TANTA dôr QUE ando após elle pelo que me deve.* (Camões). *As lagrimas eram TANTAS QUE faziam cegar.* (Garrett). *Nuno Vaz mostrou TANTA parte de prudencia, COMO tinha de cavalleiro.* (J. de Barros).

Quando — *quanto* — é correlativo de — *tanto* — póde ser substituído por — *que de*.

Exprime, ás vezes, o resto de uma quantidade: *Vinte e TANTOS soldados; mil e TANTAS casas.*

TUDO — exige, quando no plural, os artigos: *TODOS OS dias, TODAS AS classes*; excepto quando se segue adjetivo possessivo: *De sorte que TODOS MEUS pensamentos. Aqui vos mostro TODAS MINHAS chagas. Repousam com TODOS SEUS affectos.* (M. Bernardes).

No singular, seguido de artigo, significa a totalidade, a cousa em sua generalidade: *TODA A casa ardeu; TODO O homem era uma chaga.*

Sem artigo significa *qualquer*: *TUDO cidadão deve defender sua patria.*

Tem valor de adverbio, significando *totalmente*: *TUDO é olhos para conhecer, TODO mãos para obrar* (Bernardes).

Apesar de ter função de adverbio, encontra-se empregado variavelmente: *E que faz a mesma natureza TODA movida e governada pelo mesmo Deus?* (Vieira).

UM — contem idéia de pessoa incerta e equivale a *al-gum*.

Há exemplos de seu emprego com o valor de — *on* — francez ou — *se* — portuguez: *Regra é geral que não deve UM louvar-se a si proprio.* (Bernardes).

Era empregado pelos antigos escritores com valor pleonastico: *O homem é UM animal.*

UM E OUTRO quando se referem a pessoas ou cousas de genero differente, conservam a fórma masculina: *Assim a ALMA e o CORPO quando unidos vai UM para onde vai O OUTRO* (Bernardes). *Nesta vida ha MORTE, na outra IN-FERNO, e ainda é peor que UM e OUTRO o esquecimento de ambos.* (Vieira). *Repousavam bem perto UM DO OUTRO, A MATERIA E O ESPIRITO.* (Herculano).

UM (Baccho) *pela infamia que arreceia*  
E OUTRO (Venus) *pelas honras que pretende.*

(Camões).

A's vezes a exigencia do sentido da frase requer a flexão de genero ou de numero, dando-se a concordancia com os nomes a que se refere :

*As MULHERES e os FILHOS se queixavam  
Que UNS têm os pais e OUTRAS os maridos.*

Usa-se de OUTREM, ALGUEM, NINGUEM, com adjectivos na fórmula masculina ou na feminina, segundo o sexo das pessoas a que elle se refere: OUTREM *mais* PRENDADO ou PRENDADA *do que eu*. *Aqui não ha* ALGUEM *tam* ISENTO ou ISENTA *de vaidade*. *Aqui não ha* NINGUEM *que não fique* SAUDOSO ou SAUDOSA *do Sr*.

Devem ser incluídas na classe dos indefinidos as fórmulas: *alguma cousa, um não sei que, seja quem fôr, fosse quem fosse, o que quer que seja* e semelhantes, que indicam pessoa ou cousa desconhecida, incerta.

A locução pronominal indefinida — *alguma cousa*, — exige o adjectivo no masculino: *Alguma cousa* MIRACULOSO, *alguma cousa* DIVINO, *alguma cousa* INFINITO *deve de haver*. (Ruy Barbosa).

Tem tambem valor de adverbio: *Elle está* ALGUMA COUSA *doente*.

O mesmo se póde affirmar a respeito da expressão — *a gente*, com o valor do pronome *nós*.

Alguns escritores julgam que o emprego da expressão — *a gente* é especial ao Brazil, constitue o que se chama um *brazileirismo*. Isto não é verdade.

Além dos exemplos seguintes, em que se vê *a gente* (indefinido) usado por notaveis escritores portuguezes.

*Mas eu não o quereria para meu padre espiritual, si faz andar assim* A GENTE *com o coração agastado* (Herculano). *Que aonde* A GENTE *põe sua esperança* (Camões). *A GENTE se está confortando* (Garrett). *O pão da* GENTE (Castilho). *Já se a* GENTE *admira* (C. C. Branco). *Com as malas da* GENTE (R. Ortigão). *A GENTE não mais esquece*. (F. de Almeida). *Vai a* GENTE *por estas ruas* (J. Leite de Vasconcellos). ... *o encanto dos livros em*

que a GENTE põe a sua alma. (Oliveira Martins), vê-se que a expressão — *a gente* — é de frequente uso no sul de Portugal, onde o fazem concordar com um verbo na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural: *a gente vamos* (literariamente diz-se hoje *a gente vai*); e na lingua antiga encontra-se *a gente vão*, como no-lo affirma J. Leite de Vasconcellos no seu livro *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*.



## VI

### Artigo

O artigo emprega-se para determinar a significação de um substantivo, para substantivar qualquer parte da oração ou uma oração inteira: *O homem. O chorar das victimas. O «faça-se a luz». O «não posso» dos negligentes.*

Tem função de pronome de 3.<sup>a</sup> pessoa: *Amei-a*; e de demonstrativo: *Os do Brazil. Os que estão presentes.*

Emprega-se nos seguintes casos especiaes:

1.<sup>o</sup> Antes dos nomes proprios no plural: *Os Almeidas.* No singular serve para distinguir uma pessoa com mais precisão: *O Camões*; ou no estílo familiar: *O José.*

2.<sup>o</sup> Antes dos nomes de cidades, mares, etc., em summa antes dos nomes geograficos.

Muitas são as excepções a esta regra.

Em geral levam artigos os nomes proprios que se usam como appellativos.

3.<sup>o</sup> Antes dos nomes de *Sr. Sr.<sup>a</sup>*, de titulos, epitetos e cognomes: *O Sr. Antonio, O Visconde do Rio Branco, O Leão Coroado, Isabel, a Catholica.*

Exceptua-se antes das fórmulas *dom, donã, frei, soror, são, santo.*

4.<sup>o</sup> Antes dos pronomes possessivos e, ás vezes, antes dos adjectivos possessivos quando se quer exprimir veemen-

cia, enfase, determinação: *Este é o meu filho e aquelle é o teu. Sim, são meus filhos, mas não é o meu filho.*

5.º Antes dos adjectivos numeræes ordinaes quando estão precedendo o substantivo: *O 1.º Affonso.*

6.º Antes das horas: *Ao meio dia.*

7.º Antes dos antonimos: *A lua e as trevas; a modestia e o orgulho; os grandes e os pequenos.*

8.º Antes das enumerações gradativas: *O sol, a luz, o calor, como vivificam a terra!*

Não se deve empregar o determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, ou quando o substantivo estiver tomado em sentido indeterminado: *Este livro. Vereis amor da patria não movido.*

E mais nos seguintes casos especiaes:

1.º Antes dos termos principaes de um adagio, tomados em sentido geral: *Ouro é o que ouro val. Falar é prata, silencio é ouro.*

2.º Nas enumerações sem idéa de gradação: *Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvai no tumulo.*

3.º Antes dos dias da semana e dos nomes de mezes.

4.º Antes dos substantivos que formam com o verbo uma idéa unica: *Ter fome. Falar verdade. Dizer adeus.*

5.º Antes de *Sr.*, *Sr.ª*, quando a estes nos dirigimos sem lhes darmos titulo ou outro nome: *Sr. F. como vai?*

6.º Antes do nome que vai ser definido: *Linguistica é a sciencia dos factos da linguagem.*

7.º Nas apostrofes, vocativos ou frases exclamativas: *Avante! Mancebos. Filho, aqui está vosso pai. Oh! pai, esperai por mim!*

8.º Antes do pronome *que* nas frases interrogativas e exclamativas absolutas: *Que quereis? Que me dizes!*

9.º Antes dos sinonimos: *O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.*

Além dos artigos — *o, a, os, as* — a Lingua Portugueza possui o artigo — *el* —, antigamente *ello*, commum ao Portuguez e ao Espanhol e usado na expressão — *el-rei*.

Há ainda uma outra fôrma do artigo denominado *partitivo*, muito usada no Portuguez antigo popular: *E deitar DO JUNCO nella* (Gil Vicente). *Deixaram os teus passados DO GADO e vinhas de renda* (Sá de Miranda). *E lá vão comendo DO BACALHAU* (Arte de furtar). . . . *pedir que lhe quizessem dar DO ÓLEO que traziam* (Vieira).



## VII

### Pronomes pessoaes

#### I

Os pronomes pessoaes exercem na oração as funções de sujeito, attributo e objecto.

EU e TU servem exclusivamente de sujeito ou de attributo: *Si EU fôra TU. Elle é EU e EU sou elle* (Vieira).

Não pôdem, assim, representar o papel de objecto, sendo substituidos neste character pelas suas variações *me, mim, te, ti*.

Há exemplos em que estes pronomes conservam a fôrma nominativa — *eu* e *tu* apesar de regidos de preposição desde que esta não os precede immediatamente: *Que me ufano de ouvir que ENTRE elle e EU existe separação final* (Castilho).

As fôrmas *ti* e *mim* são, porém, mais communs.

Não mudam de fôrma quando regidos das preposições accidentaes, como: *segundo, conforme, salvo, excepto*: *segundo EU, conforme TU*, etc.

Ruy Barbosa pensa que se deve dizer *entre mim e elle* como *entre elle e mim*, sustentando que os pronomes devem sempre mudar de fôrma desde que sejam regidos de preposição. *Como a compa-*



ração não é mais que ENTRE meu Pai e MIM (Vieira). Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe falleci ou quero fallecer no que ENTRE elle e MIM é posto (F. Lopes).

ELLE, ELLA, ELLES, ELLAS, NÓS, VÓS, pódem servir de sujeito, de attributo ou de objecto com preposição clara.

NÓS e VÓS, apesar de serem pronomes do plural, têm valor de singular, quando se referem a uma só pessoa: NÓS, o principe D. Pedro. VÓS, poderoso rei.

O pronome — nós — substitue algumas vezes o pronome — eu — por modestia ou por delicadeza da pessoa que fala, ou quando quem fala o faz em nome de uma associação, de uma collectividade: Sem nos apartarmos da historia de José, mostrarei... (Vieira). Apesar da extrema benevolencia com que fomos acolhido, disseram-me... (Castilho). Nós é que não sei si o fazemos (Herculano).

Neste caso o verbo vai para o plural, mas o adjectivo em relação attributiva com esse pronome fica no singular: Antes sejamõs BREVE que PROLIXO (João de Barros). Apesar da extrema benevolencia com que fomos ACOLHIDO... (Castilho). CHEGADO, porém, á conclusão deste livro, PÔR-LHE-EMOS remate com uma reflexão. (Herculano).

Encontram-se, porém, exemplos com o adjectivo no plural: Por fim deste anno FOMOS OBRIGADOS a dar conta do que nelle passou (Souza). SOMOS CHEGADOS aos escrupulosos da terceira especie (Vieira). E' debaixo da impressão destas doutrinas e CONVENCIDOS de sua importancia que VAMOS escrever (Herculano).

No Brazil empregam-se os pronomes elle, ella, elles, ellas, servindo de objecto directo: Eu vi ELLE.

Ruy Barbosa em sua memoravel *Replica*, confessa ter até bem pouco tempo pensado que só os brasileiros usavam de tal construção. Verificou depois que bastantes casos se deparam nos classicos antigos:

Que em tal caso houvessem ELLA por sua rainha e senhora (F. Lopes). ... e degradou ELLE e os filhos (Idem). ... dizendo que culpava ELLES (Idem). Mas assim de longe os ordena ELLES a ventura (B. Ribeiro). Elles falou por mim ELLES só ouve (A. Vieira).

Depois de uma comparação se usam dos pronomes nominativos, sujeitos de uma oração elíptica: *Mais bella que TU (és bella); mais instruido que EU (sou instruido).*

MIM, TI, SI, exigem sempre clara a preposição que os rege: *A mim, de ti, para si.*

ME, TE, O, A, OS, AS, NOS, VOS, servem de sujeito ao verbo infinitivo. *Mandou-ME ENSINAR ao artista, isto é, mandou que EU ENSINASSE ao artista. Ouvi-O CANTAR, isto é, ouvi ELLE CANTAR. Faço-TE ESTUDAR, isto é, faço que TU ESTUDES.*

Neste caso essas variações têm dupla função: servem de objecto ao verbo finito e de sujeito ao verbo infinitivo.

ME, TE, SE, O, A, OS, AS, LHE, LHES, NOS, VOS, servem de objecto sem preposição, e, collocados depois do verbo, a elle se ligam por um traço de união: *Deu-me. Amo-te. Quero-o. Falo lhe. Contou-nos.*

As fórmulas *o, a, os, as*, substituem o pronome *elle, ella, elles, ellas*, quando exprimem a pessoa ou objecto sobre que se exerce a acção do verbo, isto é, quando servem de objecto directo.

Têm as fórmulas *lo, la, los, las*, empregadas por eufonia quando seguem certas fórmulas verbaes terminadas em *r, s, z*: *amá-lo* (amar lo), *tem-la* (tens la), *tra-lo* (traz lo); ou depois dos pronomes *nos, vos*: *NO LO disse, VO-LO prometteu*; ou ainda depois do adverbio *eis*: *ei-lo*, e da preposição *per*: *pelo*.

Por eufonia também se emprega *no* por *lo*, com as fórmulas dos verbos terminadas em voz nasal: *Traziam NA os horrificos algozes* (Camões).

O mesmo se dá com o adverbio *não*: *NÃO NO são* (Castilho). *NÃO NO largava uma pobre velha* (J. de Souza). *NÃO NA estima* (Camões).

Com o adverbio *bem*: *O porque BEM NO sabem* (Castilho).

Com a preposição *sem*: *SEM NA olhar ou SEM NA entender* (Castilho).

Com o pronome *quem*: *QUEM NA quer?*

Observa-se que se dá essa mudança quando a palavra anterior ao pronome termina em som nasal, que assim se prolonga influenciando sobre a voz seguinte.

«Os que dizem que o *l* é simplesmente euphônico, explicam a permuta de *r* — *l* em *amar-o* — *amal-o*. Mas como admittir permutas com *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as leis da phonetica? Houve, pois, quêda da letra precedente *r*, *s*, etc. e conservação do artigo *lo* (JOÃO RIBEIRO — *Grammatica*).

De acordo com esta opinião, e justamente por ella, ortografamos as fórmulas *ama-lo*, *dize-lo* e semelhantes, e não *amal-o*, *dizel-o*.

A favor desta opinião damos a palavra a Adolpho Coelho (*Glottologia*) e a Gonçalves Viana (*Ortografia Nacional*).

Diz o primeiro:

«Nas fórmulas verbaes do infinito e da 2.<sup>a</sup> pessoa, em certas outras palavras como *todos*, *sober* (sobre) — dava-se a modificação do som final *r* ou *s*, por influencia do *l* do artigo; dizia-se assim: *amal-los homens* por *amar los homens*; *amal-las mulheres* por *amar las mulheres*; *sobo los rios* por *sober los rios*; *todo los dias* por *todos los dias*.

Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da 3.<sup>a</sup> pessoa: *amá-lo*, *áma-lo*.

Diz o segundo:

«Desde 1850, começou-se a dividir do verbo o seu completo objectivo da 3.<sup>a</sup> pessoa, considerando este como tendo as fórmulas *o*, *os*, *a*, *as*, unicamente, e essa divisão defeituosa é geralmente adoptada hoje.

E' pois, urgente emendar as fórmulas errôneas *matal-o*, *matal-o*, *tem-n'o* etc., substituindo-lhes corretas: *matá-lo*, *máta-lo*, *tem-no* etc.

Examinemos estas expressões: *lo* é a antiga fórmula do artigo — pronome, que se mantém depois de fórmulas verbais e pronominais em *r*, *z*, *s*, suprimindo-se estes; *no* é o mesmo pronome-artigo, que se modificou, transformando-se o *l* em *n* por assimilação parcial do *l* á vogal ou ditongo nasal que termina certas fórmulas verbais: assim *matá-lo*, (dantes escrito MATAL-LO), *máta-lo*, *tem-lo*, *di-lo*, *fá-lo* estão por *matar-lo*, *matas-lo*, *tens-lo*, *fáz-lo*, *diz-lo*; *tem-no*, *dizem-no* estão por *tem-lo*, *dizem-lo*; *dá-vo-lo* por *dá-vos-lo*.»

O pronome LHE apparece nos classicos com fórmula invariavel:

*Entre a bôa doutrina que LHE davam* (aos filhos) (Ant. Ferreira). *Os padres LHE diziam a elles as cousas da fé;* (Lucena).

*Tornaram outra vez ás nossas naus a LHE lançar dentro alguma chuva de settas (João de Barros).*

*E porque o caso leve se LHE faça.*

*Põem uns poucos diante por negação (Camões).*

SE, SI e COMSIGO, empregados como reflexivos, se referem ao sujeito da oração.

Assim são incorrectas frases como as seguintes:

*Falei comsigo; falei de si; este livro é para si; significando: falei com Vossê ou com o Sr.; falei de Vossê ou do Sr.; este livro é para Vossê ou para o Sr.*

Correctamente se diz:

*João falou de si, isto é falou DE SUA PROPRIA PESSÔA.*

*Traga o dinheiro COMSIGO, isto é, traga o dinheiro COM VOSSÊ.*

Camillo Castello Branco violenta e energicamente bradou contra o tratamento da 2.<sup>a</sup> pessoa representada pelo pronome *si*, que tem a seu favor Francisco Manuel de Mello: *Quando Vossa Mercê nos der aquella occasião de alegria que desfaça em SI e em nós os pezares presentes.*

Assim também Alex. Herculano: *A carta que me dirige tem um sabor acre, queimei-a. Não é por mim: é por SI. Há dois periodos na sua carta que me affligem, não é por mim mas por SI.*

MIGO, TIGO, SIGO, NOSCO, VOSCO são empregados sempre com a preposição *com*, clara: *comigo, comtigo, comnosco*, etc.

Diz-se, entretanto, *com nós, com vós*, quando estes pronomes vêm acompanhados de um indefinido: *com ambos nós, com vós todos*. Camões empregou:

*No povo, COM NÓS outros quasi mudo.*

Quando concorrem dois pronomes antes do verbo, o que serve de sujeito é collocado em primeiro lugar: *EU TE contarei as minhas máguas.*

Na syntaxe antiga adoptada pelos classicos, o pronome sujeito era collocado depois: *Como SE ELLES chamam* (Sá de Miranda).

Esta syntaxe tem encontrado imitadores na actualidade: *Como se ME ELLE antolhava* (Camillo). *Que ME ELLES dei-*

*xaram* (Idem). *Que TE ELLE pague* (Garrett). *Porque LHE ELLE tinha a irmã* (Idem). *Quanto a que LHES NÓS levamos* (Castilho). *Que ME EU mato* (Ruy Barbosa).

Quando se encontram duas variações pronominaes, a que serve de objecto directo (acusativo) deve ter a fôrma simples, e a que serve de objecto indirecto (dativo) deve ter a fôrma compôsta: *A TI ME ligo, pobre menina...* (Camillo).

E' um meio de evitar a confusão, pois si ambas as fôrmas fossem simples, ambas podiam ser objectos directos e indirectos.

Pódem-se empregar as duas fôrmas simples quando uma dellas fôr o pronome — *o, a, os, as* — que se combina com os outros pronomes: *eu T O prometto, mostrou-M'AS*, etc. E a razão é que — *o, a, os, as* — só pódem ser objecto directo e se não dá, portanto, a confusão que se procura evitar.

Muitas vezes, por enfase, se repetem as variações pronominaes em varias fôrmas: *EU admira-ME. EU ME parece. EU parece-ME que não* (Garrett). *Que LHE importa A ELLE a majestade do throno?* (Herculano). *Como O amava A ELLE* (Camillo). *Castiga-ME A MIM* (Idem). ... *de LH'os dizer A ELLES* (Garrett).

Essa repetição se faz necessaria quando há uma coordenação: *Deu-TE A TI e a teu irmão. Herculano uscu: Maldiz-SE A SI e á Providencia.*

Outras vezes apparece o pronome referindo-se a um termo claro na oração: *Cada SACERDOTE LHE cumpre estudar* (Gil Vicente). *Ao DOENTE não se LHE há de fazer a vontade* (Sá de Miranda). *Ao AVARENTO não LHE peço nada; ao DOUDO não LHĒ atalho a furia; ao POBRE não LHE devo* (Lobo). *Para que ao PORTUGUEZ se LHE tornasse* (Camões). *A um PRINCIPE virtuoso tudo se LHE rende; a um PRINCIPE vicioso parece que a terra se LHE levanta* (Vieira). *Os SINOS já não há quem OS toque* (Herculano). *ORAÇÕES recita-AS a voz da adulação* (L. Coelho).

Nos adagios essa repetição é commum: *AQUELLE a quem Deus quer bem o vento LHE apanha a lenha. QUEM pouco tem, pouco LHE basta.*

As variações pronominaes, sem preposição clara (pronomes atonos), quando collocados depois do verbo, devem ser repetidos junto de cada verbo: *Recebe-o, guarda-o, generoso Amazonas* (Garrett).

Há em Portuguez varias expressões que Diez denominou de *pronomes de reverencia*; taes são: *V. Mercê, V. S., V. Ex.<sup>a</sup>, V. Alteza, Vossê*, etc.

A de uso mais commum é *Vossê*, fórmula contracta de *Vossa Mercê*, com as fórmulas intermediarias *Voss'mercê* e *Voss'messê* e que é considerado como um verdadeiro pronome.

E' de emprego popular e substituiu completamente o pronome *vós*, tam usado nos tempos antigos.

Este pronome, apesar de representar um sujeito de 2.<sup>a</sup> pessoa, exige o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa: *Vossê (2.<sup>a</sup> pessoa) quer?* (3.<sup>a</sup> pessoa).

Esta construção é semelhante á franceza, em que o criado fala na 3.<sup>a</sup> pessoa: *Monsieur, vent-il.*

No Allemão, diz Pott, faz-se tudo para não empregar o pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa, e quando se tem de faze-lo, recorre-se ao methodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo.

Na linguagem familiar junta-se commummente uma das variações pronominaes ao verbo como para exprimir que a pessoa a que o pronome se refere tem interesse na acção: *Não ME pratiques esta falta. Não ME saias d'aqui.* E' uma particula expletiva ou de realce.

As variações pronominaes se combinam com as fórmulas *se* e *o, a, os, as*. O pronome — *se* sempre se antepõe: os pronomes — *o, a, os, as*, sempre se pospõem.

*Sem que t'ó merecesse nem te errasse.*

*Tornar-SE-LHE amarello de enfiado.*

Camões.

As variações — *se* — e — *o* — nunca se combinam entre si. E' incorrecto dizer-se: *Quando SE O esperava. Não SE O diz.*

Quando se combinam — *lhe* — e — *o, a, os, as,* — a primeira fórma nunca tem plural: *conta lh'o* — e não — *conta-lhes-o*.

Com os pronomes *me, te, lhe,* dá-se a figura sinalefa: *m'o, t'o, lh'o*.

Com os pronomes *nos, vos,* empregam-se *lo, la, los, las,* em vez de *o, a, os, as,* caindo a letra — *s* — por eufonia: *no-lo, vo-la*.

Póde-se dar a combinação de tres variações pronominaes: *DÊ-SE-LH'A*

## II

As variações pronominaes, sem preposição clara, não têm acentuação propria; ficam, assim, sujeitas á acentuação de outra palavra junto da qual se acham.

A collocação dessas variações pronominaes (pronomes regimes ou casos obliquos) póde ser feita antes dos verbos: *próclise*; depois dos verbos: *énclise*; no meio das fórmulas do verbo: *mesóclise*.

Os pronomes tomam, por isto, as denominações de: *proclíticos, enclíticos, e mesoclíticos*.

A questão sobre a collocação dos pronomes regimes ainda não está resolvida, ou porque, como diz João Ribeiro, o fenomeno não tem sido observado perfeitamente ou porque não é susceptível de disciplina exacta e positiva.

O grammatico de Salamanca, Nebrija, em 1492, observou em sua *Grammatica* o fenomeno da collocação dos pronomes, sendo seguido pelo grammatico do Funchal, Francisco Ferreira de Andrade Junior, em 1850, na sua *Grammatica das Grammaticas*.

José Feliciano de Castilho nas *Questões do Dia*, J. A. Teixeira de Mello no periodico *Luz*, de Campos, Gama e Castro no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, nos annos de 1871 a 1874, Arthur Barreiros na *Revista Brazileira* de 1880 e ultimamente Said Ali na mesma *Revista* de 1895, discutiram largamente a materia.

As regras sobre a collocação dos pronomes se chocam entre si, ou não têm apoio nos classicos.

Vejamos :

Diz Teixeira de Mello : Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes vêm depois.

Entretanto diz Gama e Castro : Quando a frase começa por uma conjunção os pronomes vêm antes.

Com o imperativo há posposição. Mas Luiz de Camões empregou : *Agora tu, Caliope, ME ensina.*

Diz Paranhos da Silva : Ha quem pense que só nas orações incidentes se pôdem collocar antes dos verbos os pronomes *me, te, se, etc.*, entretanto, na oração seguinte que não é incidente, o pronome vem antes : *No gesto natural SE converteu.* Camões.

Assérta José de Castilhos : Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente o verbo antepõe-se ao pronome ; no entanto :

*Eu ME arranco d'aqui com magoa e dôr.* A. Vieira.  
*Ella LHE prometteu vendo que a amavam...* Camões.

Affirma Arthur Barreiros : Depois das palavras *a, e, mas,* o pronome é enclítico ; entretanto : *Fé que aprouve a Deus de o levar para si e LHE succedeu,* etc.

*Em Madrid tambem se recitaram poesias e SE fez a festa,...* P. Chagas.

Diz Teixeira de Mello : Nas fórmãs de gerundio, nunca se deve antepôr.

João Ribeiro : Nas frases de gerundio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello : No infinito dos verbos manda a regra collocar os pronomes depois ; entretanto em Camões :

..... e começa os olhos bellos  
*A LHE beijar, as faces e os cabellos.*

Adolpho Coelho dá na *Revista Lusitana* a seguinte regra que reconhece não ser necessaria :

Attráem o pronome regime para antes do verbo :

Os pronomes indefinidos	} precedendo o verbo.
Os pronomes interrogativos	
Os pronomes relativos	
Os adverbios em geral (excepto os compóstos com <i>mente</i> )	
As conjunções em geral	
As preposições com infinito	

Entretanto Said Ali é de parecer que essa attracção é illusoria. E' evidente, diz elle, que não basta o facto de se achar a palavra *A* ou *B* antes do verbo para produzir a anteposição ou proposição do pronome.



E' preciso indagar quaes as condições, em que a mesma palavra *A* ou *B* se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclitico e quaes as condições, em que ella apparece seguida do verbo com o pronome proclitico

E' regra absoluta que se não deve começar frases pelas variações, entretanto Castilho disse: *Me melem se eu percebo o tal conluio*, e o Padre Vieira: *Me avisam em muito secreto que a Hespanha tem resoluta romper a guerra com a França*.

Baptista Caetano nos seus *Rascunhos sobre a Grammatica da Lingua Portugueza* assérta:

Uma das regras mais rigorosas da syntaxe é a que exige o pronome anteposto aos verbos em todas as orações de *que* relativo ou conjunção.

Os classicos, entretanto, não obedecem a esta regra; por exemplo, Vieira: *De sorte QUE Christo defendeu-SE do diabo com a escriptura*; e Sá de Miranda: *Ordenam-lhe o que faça antes QUE VÃO-SE*, e Castilho: *Sente-se QUE eu tire-LHE*.

João Ribeiro affirma como obrigatoria a regra da anteposição com a conjunção *porque*.

Mas vemos Alex. Herculano escrever: *PORQUE a decisão da maioria estribava-SE nesta distincção*, e Camillo: *PORQUE o pensamento ROJA-LHE*.

Os adverbios de lugar e tempo, para outros grammaticos, ordenam a anteposição.

Mas Manoel Bernardes disse: *ALI São Pedro teve-SE com Malco*. E Vieira: *AGORA dá-SE quando está immortal e glorioso*. *LÁ come-SE Deus exposto e descoberto*, *AQUI come-SE coberto e encerrado*.

Outro preceito, considerado absoluto, ordena a anteposição nas orações negativas; mas nos *Lusiadas*, Camões disse:

*Não sendo seu soldado experimentado  
NEM vendo-se num cerco duro e urgente.*

Da mesma fôrma Vieira: *Viu que NÃO conservando-SE...*

E afinal até a regra aceita por todos os grammaticos de não se posporem os pronomes obliquos ao participio passado, não é observada por Filinto Elysio:

*O veado não chorou. Que tinha a rainha  
ENGAANDO-LHE a esposa; o filho...*

Nem por Bernardo de Brito: *Depois de ter sacrificado aos Deuses e DADO-LHE graças pela victoria*. Nem por Bernardes: *... porque ainda não tinha encarnado na nossa natureza nem SACRAMENTADO-SE no nosso pão*.

Modernamente Paulino de Brito estabelece o seguinte: Com o futuro e o condicional o pronome deve ser proclítico ou mesoclítico; nos tempos compósitos o pronome nunca deve ser ligado ao particípio passado; evite-se a posposição do pronome quando com este acrescimo o acento tonico da palavra venha a ficar antes da antepenultima sillaba.

Resumâmos, para terminar, com o eminente Ruy Barbosa: «A todas as regras, pois, concernentes à inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapor alguns exemplos autorizados de bons escritores.

Nenhum canon existe na sintaxe, inclusive até os mesmos que estabelecem a concordancia inevitavel do verbo com o sujeito a que não contradigam, na litteratura dos mestres da lingua, anomalias, mais ou menos raras, mais ou menos frequentes, devidas umas a incorreções de officina, outras a negligencias dos proprios escritores.»

E mais adiante, em sua *Replica*, novamente affirma: «No que respeita a collocação dos pronomes complementos, não ha, talvez, um canon, dentre os mais strictos que resista a essa prova: a do consenso unanime e invariavel dos bons autores.

80  
119 Resumem-se nas seguintes as regras sobre a collocação dos pronomes obliquos:

DEVE-SE COLLOCAR ANTES DO VERBO, isto é, **o pronome é proclítico**:

1.º NAS ORAÇÕES NEGATIVAS:

NÃO LHE *era facil, porém, diagnostica los* (L. Coelho).

NUNCA LHE *ouvi nem disse palavra* (Camillo).

SEM ME *lembrar NEM ME importar mais nada* (Garrett).

Mas NÃO LHE *sucedeu como cuidava* (Camões).

NADA LHE *pode resistir* (Vieira).

2.º NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS DE QUE (pronome ou conjunção, simples e composta: *porque, para que*, ou mesmo occulta), QUAL, QUEM, CUJO e ONDE.

Os cabellos QUE os trabalhos do mundo LHE *branquearam* (Bernardes).

Comparou ás andorinhas AS QUAES LHE *pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista* (Vieira).

Nós fomos QUEM no berço o embalamos (Filinto Ely-sio).

Uma dessas especies extinctas CUJO desmarcado tamanho NOS *assombra* (R. Barbosa).

*Parece QUE a natureza inteira LHE estava dando uma festa* (Camillo).

*A pouca distancia do valle ONDE SE viam as ruinas* (Herculano).

*Ordenou Deus (que) LHE chegassem novas* (Vieira).

*Temo (que) SE não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade* (Fr. A. Chagas).

A's vezes quando o vocabulo — *que* — é conjunção ou faz parte de uma locução conjuntiva, a variação pronominal deixa de ser proclitica e se torna enclitica si o verbo não vem logo após: *PORQUE, como disse S. Agostinho, este mundo RI-SE de todos os que se riem delle.* (Bernardes). *O peor é QUE no meio destes campos onde Troia fôra... a minha querida e bemfazeja tranquitana ABANDONOU-ME* (Garrett).

3.º NO GERUNDIO COM A PREPOSIÇÃO *em*, NO PARTICIPIO PASSADO, NO FUTURO E NO CONDICIONAL:

*EM OS OUVINDO, tudo vai em uma poeira* (D. Francisco Manoel de Mello).

*EM SE AVISTANDO sitio tão feliz se descobrem as suas largas muralhas* (Vieira).

*Tenho-TE AMADO muito.*

*Oh! Não TE CHAMAREI ingrato: sou filho teu* (Garrett).

*Tu ME falarias assim si me estimasses.*

No futuro e no condicional o pronome póde tambem ser *mesoclitico*.

*Dize-me com quem andas e DIR-TE-EI as manhas que tens* (Adagio).

*O tempo TER-LHE-IA faltado para a fazer executar* (A. Herculano).

Muitos escritores fazem, sem razão, apparecer a letra — *h* — da primitiva terminação — *hei, hia* (havia), do futuro e condicional: *amar-te-hei, amar-te-hia*.

Fazem-no sem razão, pois já estando consagrada a fórma simples — *amarei, amaria*, apenas se dá a separação das sillabas — *amar, ei; amar, ia*, sendo intercaladas as variações pronominaes entre as duas partes.

Mais natural seria, como fazem alguns escritores modernos portuguezes, disjuntar completamente a terminação — *hei, hia: amar-te hei, amar-te hia.*

4.º Em certas orações optativas e imprecativas: *Deus ME livre. A terra LHE seja leve. Diabos TE levem. Bons ventos VOS conduzam ao porto de salvamento.*

DEVE-SE COLLOCAR DEPOIS DO VERBO, isto é, O PRONOME é ENCLITICO:

— NO COMEÇO DOS PERIODOS.

DISSERAM-ME *que ontem chegaste* — e não — ME DISSERAM *que ontem chegaste.*

Raros são os exemplos classicos em contrario a estas regras, e a tendencia moderna é observa-las restritamente.

São dignas tambem de serem adoptadas, pelo uso commum que dellas fazem os bons escritores, as regras seguintes:

HA ANTEPOSIÇÃO OU POSPOSIÇÃO:

1.º QUANDO OS ADVERBIOS, PRINCIPALMENTE OS DE TEMPO E QUANTIDADE, SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

HOJE LH'O *dão*, AMANHÃ LH'O *tiram.* (F. Manoel).

ASSIM O *entendem* graves doutores... (Vieira).

MUITO ME *conta*, Sr. Patrão. (A. Herculano).

QUANTO *menos* NÓS *resta de vida* tanto mais devemos *procurar seja honesta.* (Bernardes).

*Leva-me para* ONDE TE *aprouver.* (Herculano).

*Expediram-se* EMFIM *ordens e instruções ao arcebispo de Funchal.* (A. Herculano).

*Compraz-se* MUITO *com a vida solta que leva.* (Vieira).

A' *benevolencia dos adulares*, dá LHE LOGO *as costas.* (Idem).

2.º QUANDO OS INDEFINIDOS SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

Na MESMA *chaga* ME *feriste.* (M. Bernardes).

A *quem não tem bens* NINGUEM LHE *quer mal.* (Vieira).

*Embora* TODOS TE *reneguem* eu *nunca te renegarei.* (Garrett).

*A um principe vicioso TUDO se LHE rende.* (Vieira).

*AMBOS OS regimens SE divorciaram da liberdade.* (R. Barbosa).

*Davam-LHE MUITA (honra) os que sem razão falavam.* (Fr. Luiz de Souza).

*Nasce e alegra-SE TUDO o hemisferio.* (Bernardes).

*Contente SE CADA UM de crescer dentro da esfera do talento que Deus lhe deu.* (Vieira).

3.º QUANDO O SUJEITO, PRONOME PESSOAL SE ACHA ANTEPÔSTO OU POSPÔSTO.

*ELLES NOS ensinaram a dilatar a investigação.* (L. Coelho).

*EU VOS fiz rei, EU VOS fiz governador, EU VOS fiz pai de meu povo.* (Vieira).

Nestes tres casos ha verdadeira attracção destas palavras sobre os pronomes obliquos. E' assim que, si os adverbios e indefinidos se acharem collocados antes dos verbos, os pronomes são *procliticos*, si se acharem collocados depois, os pronomes são *encliticos*.

HÁ POSPOSIÇÃO :

NAS FÓRMAS DO IMPERATIVO :

*VEDE-O no vosso escudo.* (Camões).

NAS FÓRMAS DO INFINITIVO PRESENTE quando figuram em orações interrogativas :

*Como RESOLVE-LA?* (Herculano).

*Como COMPREENDER-SE a sabedoria e a profundeza dos decretos do Altissimo?* (Camillo).

Os antigos usavam da *próclise*, afastando mais do verbo as variações pronominaes, isto é, collocavam uma ou algumas palavras entre o pronome e o verbo :

*Pois NOS Deus aqui AJUNTOU.* (Heitor Pinto).

*... vim aqui com sós as letras de que ME a fortuna não PÓDE roubar.* (Sá de Miranda).

*... dois vintens que LHE hoje o cura EMPRESTOU.* (Gil Vicente).

*... como SE na Cronica de El Rey dom Affonso quinto CONTEM.* (Damião de Góes).

Onde os elle, quando chegaram já ESTAVA ESPERANDO.  
(Lucena).

As novas da victoria que ME Nosso Senhor DEU contra os capitães de el-rei de Cambaya. (D. João de Castro).  
Sem que alguem LHE ali AJUDASSE. (Luiz de Camões).

Igual construção se encontra em:

Camillo C. Branco: Que ME elles DEIXARAM.

Garrett: Si ella ME não amava. Que LHE ella PARECEU.

Castilho: O que ME ontem ABORRECEU.

L. Coelho: As sciencias do poeta, si AS ali HOUVERA.

Esta syntaxe já está sendo usada em linguagem literaria, pelos brasileiros, principalmente para evitar algum som desagradavel: Os motivos QUE ME AGORA appareceram, em lugar de QUE AGORA ME APPARECERAM.

Francisco de Moraes disse: . . . logo aventuraria perder esse que VOS AGORA mandei.

Castilho escreveu: Por isso tambem reina por essas duas obras uma não sei que monotonia e peso QUE ME AGORA CANÇA.

III

Pronome — Se

O pronome *se* fórma tambem na Lingua Portugueza a voz passiva que é representada pelo verbo *ser* e o particípio passado dos verbos transitivos: *Fazem-se casas*, ou *casas são feitas* ou *estão para ser feitas*.

Em Camões:

. . . o mar remoto navegamos.

Que só dos feios focas SE NAVEGA, isto é, É NAVEGADO pelos feios focas.

Exercendo o pronome *se* a função apassivadora, exige

o verbo no plural quando o objecto que recebe a acção, estiver no plural.

E' erro dizer: *Vende se casas; elege se commissões.*  
A verdadeira construção é: *Vendem-se casas; elegem-se commissões;* isto é, *casas são vendidas ou estão para ser vendidas; commissões são elegidas ou estão para ser elegidas.*

E' verdade que disse João de Barros:

SE NOTA *pelos mareantes* OS PERIGOS *do mar.*

Existe ahí por certo, na opinião geral, erro tipografico: *se nota* por *se notam.*

A este exemplo, citado em geral pelos grammaticos, Ruy Barbosa acrescenta mais alguns outros de D. Diniz, Camões, Vieira, Fr. Luiz de Souza, Couto e Castilho sem que aconselhe tal construção.

Algumas vezes, em que não convem, se não póde ou se não quer determinar o sujeito que pratica a acção, emprega-se o pronome — *se* — indicando uma indeterminação: *Por tudo isto SE admira a Vieira; a Bernardes admira SE e ama SE.* (A. F. Castilho). *A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde SE SÁI da vida e outra porta de diamante por onde SE ENTRA a eternidade.* (Vieira). *No baluarte de S. João SE RESISTIA á violencia do ferro sem temer a do fogo.* (Jacintho Freire). *A graciosa estancia e retrato de uma camara subterranea, a que SE DESCE por alguns degraus.* (Fr. Luiz de Souza). *Quando SE ERA poeta como Castilho, quando SE ERA fidalgo ou desembargador.* (Latino Coelho).

O verbo adquire o caracter de impessoal.

Em outros casos essa indeterminação se acha incluída no verbo que é empregado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular ou do plural: *PARECE que nasceu Jesus. DIZEM que houve um grande incendio.*

Bem affirmava Adolpho Coelho:

«A lingua tem perdido muito a consciencia do carácter de passividade dessas construções; d'ahi vem o emprego do verbo no sin-

gular com o sujeito no plural: *sabe-se noticias, conta-se casos*, etc. por *sabem-se noticias, contam-se casos*, tão frequentes no falar usual e na linguagem descuidada das folhas periodicas.

Nestas phrases incorrectas *se* adquire quasi o valor de indefinido empregado como sujeito da proposição e corresponde apparentemente ao francez *on*.

E' assim, continua elle, que as linguas se alteram e que as monstruosidades (o nome convem á cousa) nascem nellas do esquecimento da função primitiva de seus elementos.»

Alem desta função, o pronome — *se* — tem outros usos importantes, como diz João Ribeiro.

Dá ao verbo um sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção: *Elle se partiu, se foi embora* (isto é, por vontade propria e espontanea) *obligou-o a que se fosse morar na cidade*. (Fr. Luiz de Souza). *E porque elle se parte segunda feira*. (Vieira). *Alegremente se partia*. (Camões). *Tinha-se ido a Roma ao estudo de direito*. (Castilho).

Esta função desempenham tambem os pronomes *me, te, nos, vos*. *Subo me aos montes* (Camões). *Alma minha gentil que te partiste*. (Idem). E' um pronome expletivo.

O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente serve para designar fenomenos naturaes: *A agua evapora-se* —, que differe de — *a agua é evaporada* (podendo se-lo nesse caso artificial e propositadamente por outro agente).

Em resumo o pronome — *se* — 1.º representa a indeterminação do sujeito: *Vive-se e morre-se*; 2.º indica a acção reflexa: *Elle se vestiu*; 3.º indica a acção reciproca: *Elles se feriram*; 4.º indica espontaneidade na acção — é um pronome expletivo: *Partiu se; foi-se embora*; 5.º fórma a voz passiva: *A casa queimou-se*.

Muda-se a voz activa para a passiva do seguinte modo:  
O objecto directo da activa passa para sujeito da passiva;  
o sujeito da activa passa para agente na passiva represen-



tando um objecto indirecto regido de preposição; o verbo na activa é substituido pelo verbo — *ser* — na mesma pessoa, tempo e modo do verbo da activa, acompanhado do participio passado deste: *Deus criou o mundo* — na passiva fica: *O mundo foi criado por Deus.*

Alem desta lingua, o pronome — se — tem outros usos importantes, como de João Ribeiro. Da se verbo em sentido de esportividade no agente, propriamente de colaborar na accão. *Elle se parou, se foi embora* (isto é, por vontade propria e espontanea) *contou-me a que se fosse* (isto é, na lingua de Luiz de Souza). E porque elle se parou segundo se diz (Victor). *Alguns se se parou* (Castel). *Timoteo se parou a fazer de conta* (Castel).



Esta lingua... O uso de se experimentado a colaborar e esportivo... A agua evapora-se — que differença — a agua é... (podendo se-lo nesse caso artificial e propositalmente por outro agente).

Em resumo o pronome — se — 1.º representa a indicaçao do sujeito: *Vive-se a terra*; 2.º indica a accao reflexiva: *Elle se vestiu*; 3.º indica a accao reflexiva: *Elle se feriu*; 4.º indica esportividade na accao — *Elle se parou*; 5.º indica a voz passiva: *A casa quebrou-se*.

Muda-se a voz activa para a passiva do verbo... O objecto directo da activa passa para o subjecto da passiva.

1929

VIII

Verbo: concordancia; emprego dos modos, correspondencia dos tempos e dos modos

I

O verbo concorda com o sujeito da oração em numero e pessoa.

Devemos notar:

1.º Concorrendo sujeitos de 3.ª pessoa no singular, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural: A PALHOÇA, O SOBRADO E O PALACIO ESTÃO *habitados*.

Muitas vezes, por enfase, fica no singular, ou porque se quer representar os sujeitos formando um todo, ou porque se quer fazer sobresair só um dos sujeitos: *E já sómente o CÉU E O MAR SE VIA* (Sá de Menezes). *A DEVASIDÃO E A CONTUMACIA em as culpas CEGOU os judeus e os ENDURECEU tanto em seus errores.* (A. Arrais). *O VENTO E O CÉU te FAVORECE* (Camões). *Onde o MEU NINHO E O SOL no mar se BANHA* (Idem). *O SILENCIO, MODESTIA, HUMILDADE, PENITENCIA E PRESENÇA de Deus é sómente para os religiosos ou monges.* (Bernardes). *O MODO E A RAZÃO é manifesta* (Vieira). *A LUZ E A SCIENCIA só VEIO ao mundo em nossos dias* (Herculano). *A DESGRAÇA E A OPULENCIA é de todas as gerações e de todos os tempos* (Camillo).

Si o verbo fôr enunciado primeiro, póde ficar no singular, ainda que os sujeitos sejam substantivos propios: *Até aos brutos animaes CHEGA A DOÇURA E O CONHECIMENTO da musica* (João de Barros). *Não ESPANTA menos A FIRMEZA, NUMERO E GRANDEZA de outras vidraças que dão luz á igreja e cruzeiro* (Fr. Luiz de Souza). *FALTA me o TEMPO E O ALENTO para escrever* (Vieira). *PINTAVA-SE O DESCONTENTAMENTO E A INCERTEZA* (Herculano). *TENTOU PERITHOO E THESEU, de ignorantes o reino de Plutão* (Carmões). *O que era necessario e util para a vida e conservação dos homens NOTOU SENECA, DEMOCRITO e ainda o mesmo EPICURO* (Vieira). *Onde ESTÁ mettido o SR. VISCONDE E A PIEDADE?* (Camillo).

Mesmo que um dos sujeitos esteja no plural, o verbo póde concordar com o sujeito mais proximo, no singular: *AS PRAIAS E A NAVEGAÇÃO de toda a costa ESTÁ livre e melhorada com o seu commercio* (Vieira). *Por este signal SABERÁ MINHA MULHER e FILHOS o estado em que vim a parar* (Bernardes). *E' tua MULHER e teus FILHOS* (Camillo). *D'ahi a pedaços DESABOU O TECTO e AS PAREDES da capella e lá ficaram enterrados todos* (Idem). . . . *CUJAS FUNÇÕES E CUJA EVOLUÇÃO não PÓDE ser comprehendida* (Latino Coelho).

Si o verbo estiver intercalado, fica no singular: *Talmanho O ODIIO FOI e A má VONTADE* (Carmões). *Que o LIBERO VIU e O TEJO amedrontados* (Idem).

2.º Muitos sujeitos estando comprehendidos ou individualizados por uma palavra collectiva ou no singular, como: *tudo, nada, cada um, cada qual, ninguem, isto, etc.*, exigem o verbo na 3.ª pessoa do singular. *A noz, o burro, o sino, o preguiçoso, sem pancada NENHUM FAZ o seu officio.* (Bernardes). *O ouro, os diamantes, as perolas, TUDO é terra e da terra* (Vieira).

3.º Si estes sujeitos fôrem substantivos sinonimos ou exprimirem uma enumeração gradativa, o verbo fica no singular: *O RISO, O PRAZER, A ALEGRIA, FAZIA A mais formosa.*

4.º Si os sujeitos forem representados por orações, o verbo fica no singular: *Serem os homens uma cousa e parecerem outros é facil.* (Vieira).

Exceptua-se o caso em que haja opposição ou contração entre as idéias representadas pelos sujeitos: *O não posso dos negligentes e o não quero dos contumazes VALEM quasi o mesmo.* (Bernardes).

5.º Si concorrerem muitos sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural: a 1.ª tem prioridade sobre a 2.ª, e esta sobre a 3.ª: *EU E JOÃO SOMOS jovens; TU E PEDRO SOIS ricos.*

Póde, por excepção, o verbo concordar com o mais proximo: *O que me resta da felicidade passada és TU e ELLES.* (Camillo). *Acuso-vos disto EU e TODO O POVO de Santarém* (Garrett). *... que SERÁS TU E OS TEUS que metteis a pique as almas no inferno?* (Bernardes).

Muitas vezes a influencia é exercida no plural pelo pronome mais proximo: *Não há sobre a terra um lugar onde CAIBAM ELLE, EU e o meu odio.* (Herculano).

Si um dos sujeitos não fôr um pronome pessoal e estiver no plural, o verbo soffrerá a influencia deste e com elle concordará: *E assim tu agora sacrificas, para que NÓS e OS DEUSES te HONREM.* (Bernardes). *TU e OUTROS VELHACOS da tua laia ESTORREARAM na cara lixo e terra.* (Herculano).

6.º Quando o sujeito é colectivo seguido de um nome plural regido da preposição *de*, o verbo fica no singular si o colectivo é geral, vai para o plural si o colectivo é partitivo: *O REBANHO DE OVELHAS ERA dirigido por um lobo.* (Fr. Luiz de Souza). *A MAIOR PARTE DAQUELLAS ARVORES REMOÇARAM.* (Castilho).

Devemos, porém, notar que, quando quizermos attender mais á quantidade que significa o colectivo partitivo do que á qualidade do substantivo, o verbo concorda no singular com o colectivo — *Um inverno se ajuntou a maior parte delles em casa de um antigo morador daquelle lugar.* (Rodrigues Lobo).

Tambem com o colectivo geral, si attendermos mais á quali-

dade das pessoas ou cousas expressas pelo substantivo do que á quantidade que significa, o verbo vai para o plural concordando com o substantivo: — *A cavallaria dos mouros que vieram a seu chamado.* (João de Barros). (Apud. Silva Tullio).

A's vezes o colectivo no singular, sem estar acompanhado de preposição e nome nò plural, admite o verbo no plural, não se fazendo a concordancia logica: *Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou O EXERCITO... e, chegando aos muros, COMEÇARAM em torno da fortaleza a arvorar escadas* (J. Freire). *Simão Mago appellidou um dia todo o POVO para o VEREM subir ao céu* (Vieira). *Si esta GENTE... não queres que PADEÇAM vituperio.* (Camões).

*Porque saindo A GENTE descuidada  
CAIRÃO facilmente na cilada.*

(Idem).

*TOMARAM refeição leve a nobre COMPANHIA*

(Garrett).

7.º Quando os sujeitos estão unidos pela preposição *com*, equivalendo a conjunção — *e* —, isto é, quando todos praticam a acção conjuntamente, vai o verbo para o plural:

*Que EU CO'O GRÃO MACEDONIO E CO'O ROMANO  
DEMOS lugar ao nome lusitano.*

(Camões.)

Em caso contrario vai o verbo para o singular: *MANUEL DE SOUZA DE SEPULVEDA COM AS da sua companhia FOI SEGUINDO o caminho do rio Manhença* (Diogo do Couto).

8.º Quando os sujeitos estiverem ligados pelas conjunções *ou*, *nem*; pelas conjunções comparativas *tanto...*

como, não só... mas também e semelhantes, ou si forem as expressões *um e outro*, *nem um nem outro*, o verbo irá para o plural si a acção se referir á totalidade dos sujeitos. Em caso contrario, ficará no singular: O TEMOR OU O PEJO destas palavras FEZ então aquietar a todos (J. Freire). A RUA OU A PRAÇA SÃO campo estreito para as suas carreiras (Castilho). Emquanto UM OU OUTRO se não CORROMPIAM (Bernardes). Mas nem a sua ARTE NEM a sua FORTUNA o LISONJEOU de maneira que não antepuzesse o conselho a ambas (Vieira). Todavia NEM A NECESSIDADE de attender... NEM A DOR que o atormentava, PUDERAM afasta-lo do intentado proposito (Herculano). TANTO uma COMO outra explicação se PÓDE admittir. (Herculano). TANTO o pai COMO o filho SÃO inteligentes. (C. de Figueiredo). NÃO SÓ os hebreus hespanhães, MAS TAMBEM aquella parte da população portugueza... ou FUGIRA ás occultas ou PADECERA perdas irreparaveis (Herculano). NÃO SÓ A NAÇÃO MAS TAMBEM O PRINCIPE ESTARIAM pobres (Herculano). UM E OUTRO banquete É para todos. (Vieira). UM E OUTRO SERVIÇO EXIGE maiores cuidados (Castilho). UM E OUTRO LUGAR ERAM mais altos (Vieira). NEM UM NEM OUTRO te AGRADECE o zelo. (Castilho). NEM UM NEM OUTRO SOUBERAM dizer mais (Vieira).

E' bom notar que si os sujeitos forem de varias pessoas ou numeros, o verbo vai para o plural concordando com a pessoa que tem prioridade: OU EU OU TU SEREMOS presidente.

9.º Quando o sujeito fôr a expressão *um de*, *um dos*, *uma de*, *uma das*, seguida do pronome *que*, o verbo vai para o singular ou para o plural, conforme a acção fôr praticada por um um só sujeito ou por todos: Na Asia foi UM DOS GOVERNADORES QUE mais IMPULSIONOU a queda do imperio indico (Camillo). O Vouga é UM DOS RIOS de Portugal QUE ENTRAM no mar (Leão). Esta cidade foi UMA DAS QUE mais se CORROMPEU da heresia (Fr. Luiz de Souza). UMA DAS QUE mais se CELEBRAVAM então.

pela cristandade (Idem). *Era este Catual UM DOS QUE ESTAVAM corraptos* (Luiz de Camões). V. Ex.<sup>a</sup>, como *UM DOS QUE TIVERAM a direcção do movimento naval* (Ruy Barbosa).

A fôrma no plural é considerada mais pura.

10.<sup>o</sup> Si o sujeito fôr a expressão *mais de um* o verbo irá para o singular: *MAIS DE UM RÉU OBTEVE a liberdade a troco de peitas* (Herculano). Exceptua-se o caso em que haja reciprocidade: *MAIS DE UM SOLDADO SE FERIRAM*.

11.<sup>o</sup> Quando o sujeito é o pronome *que*, o verbo concorda com a palavra a que esse pronome se refere: *Eu sou um estrangeiro QUE lhe FALA uma linguagem sem significação* (Camillo).

Si o sujeito fôr o pronome *quem*, o verbo concorda na 3.<sup>a</sup> pessôa do singular: *Eu, o Silencio e a Solidão eramos QUEM ESTAVA aí* (Herculano). *Não sendo só vós QUEM PADECE* (Bernardes).

A's vezes os pronomes *que* e *quem* soffrem a attracção do vocabulo anterior, principalmente quando é um pronome pessoal e com elle vai concordar: *Fui EU o primeiro QUE CHAMEI?* (Herculano). *VÓS sois os QUE ESMOLAIS, EU sou o QUE MENDIGO* (Castilho). *Não foram ELLES só QUEM vos MATARAM* (Diogo Bernardes). *E's TU QUEM GANHAS para sustentar a casa* (Coelho). *EU SOU O QUE PAGO a sua prisão* (Fr.<sup>co</sup> M. de Mello).

12.<sup>o</sup> O verbo — *ser* —, como fôrma com o attributo o predicado grammatical, soffre a attracção do attributo e com este concorda e não com o sujeito, principalmente quando o sujeito é: *tudo, isto, isso, aquillo* ou um termo que indica uma idéia de collecção: *Tudo SÃO INSTRUMENTOS necessarios ao meu officio* (Lobo). *Tudo o mais SÃO perpetuas OCCUPAÇÕES e CUIDADOS* (Fr. Luiz de Souza). *Tudo nelle SÃO MUDANÇAS* (Camões). *ERAM tudo MEMORIAS de alegria* (Idem). *Cuja gente ERAM CHRISTÃOS* (Idem). *O mundo SÃO HOMENS* (Bernardes). *Tudo SÃO BOSQUES cerrados* (Vieira). *O que adquiristes FORAM*

as INVEJAS dos amigos. (Idem). *Uma nação NÃO SÃO QUATRO LINHAS onduladas traçadas num mappa geografico para a separar de outras nações.* (L.<sup>o</sup> Coelho).

Encontram-se, entretanto, exemplos em contrario, sendo a concordancia feita com o sujeito, segundo a regra geral, principalmente quando o sujeito é um nome de pessoa: *O maior trabalho que tenho é OS PASTORES com quem trato.* (Lobo). *Cada um é as suas OBRAS* (Vieira). . . . *o que nos falta é EXEMPLOS de bons costumes* (Camillo). *A chuva é CATARATAS.* (Castilho). *O homem já é CINZAS.* (Bernardes).

13.<sup>o</sup> Si o sujeito fôr um verbo no infinitivo seguido de um objecto no plural, o verbo concorda com este infinitivo, e não com o objecto que o precede; *Os dias que foi forçoso gastar* (*gastar os dias* — sujeito) *que* (objecto directo com referencia a *dias*.) *Os conselhos que seria bom aceitar* (*aceitar que* (os conselhos) *seria bom*).

14.<sup>o</sup> O verbo *parecer* umas vezes é empregado pessoalmente e tem por sujeito uma palavra clara, outras vezes é empregado impessoalmente, sem sujeito: *OS MARES PARECIAM RECORDAR-se ainda do rugido harmonioso do estio.* (Herculano). *O mar. . . e com tal braveza vinha quebrar-se em terra que PARECIA QUEREREM o mar e o vento sovete-la.* (Souza). *PARECIA VIREM elles mais a folgar que a outra cousa.* (João de Barros). *Os mouros PARECIA ESPERAREM firmes o encontro.* (Rebello da Silva).

III

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto enunciado pelo verbo é certo; e que o subjuntivo mostra que o facto é duvidoso, hipotetico.

Para sabermos qual devâmos empregar, é preciso que atendâmos á oração principal, isto é, aquella que representa



a idéia primordial, mais importante, e ás orações subordinadas que a ella se acham ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma cousa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo; si aquelle exprime alguma cousa de incerto, este fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal significa *pensar, crêr, saber, parecer, affirmar, dizer*, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa *receio, admiração, duvida, surpresa, vontade, desejo, ordem, alegria, tristeza*, o verbo da subordinada fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal é impessoal ou usado impessoalmente, como as expressões: *ser possível, ser necessario, ser raro, ser justo, ser crível, ser difficil*, etc., o verbo da oração subordinada irá para o subjuntivo.

Nas frases optativas e imprecativas usa-se o verbo no modo subjuntivo: *QUEIRA Deus que isto aconteça. Diabos te LEVEM. Deus ESTEJA nesta casa.*

As conjunções ou locuções conjuntivas *embora, quer... quer, como si* e em geral as compóstas da conjunção — *que* — exigem o subjuntivo. Algumas compóstas de — *que* — admittem o indicativo: *AINDA QUE a nobreza e o entendimento lhe FAZIAM força. (Fr. Luiz de Souza). POSTO QUE não é esta a maior utilidade. (Vieira). Vinha do occidente um grande marulho SI BÊM QUE o vento SOPRAVA de estio. (Camillo).*

### III

A noção de tempo não é bem firmada em nossa Língua.

Em primeiro lugar se diz que não existe presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se este momento

com o immediatamente posterior, reduz-se aquelle a *passado*.

Além disto possuímos muitos modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo passado ou pelo futuro.

Do 1.º caso temos: *Napoleão Bonaparte diz a seus soldados*. É o chamado *presente histórico*.

Do 2.º caso: *Vou amanhã*.

O presente do indicativo substitue o futuro do subjuntivo: *Si me ATRAIÇOAS, mato-te. Si os olhos VÊM com amor, o corvo é branco*. (Vieira).

O futuro é empregado pelo imperativo: *HONRARÁS pai e mãe*.

O presente do subjuntivo é usado em lugar do imperativo nas faces negativas: *NÃO FAÇAS a outrem o que não queres que te façam*. (Adagio). *Formosa filha minha NÃO TEMAIS*. (Camões). *O' voadores... NÃO QUEIRAIS voar, pois sois peixe*. (Vieira).

O futuro substitue o presente do subjuntivo: *Não me parece que HAVERÁ nenhum homem tão enganado*. (Vieira).

O infinitivo é empregado pelo imperativo: *DEIXAR falar modernos e modernices*. (Garrett). *Companheiros, DESPEDIR esta noite da montanha e APPARELHAR para amanhã me seguides*. (Castilho).

É muito commum a substituição do condicional pelo imperfeito do indicativo: Castilho, por exemplo, escreveu: *Eu, si fosse a Sr.ª, ATIRAVA paixões para trás das costas*. Bernardes empregou: *Si Damão não tornasse, PERDIA Pythias a vida*.

O mais que perfeito substitue também o condicional: *... nesta só palavra digo a V. A. mais do que PODERA em largos discursos*. (Vieira). *Que MOVERAM de um tigre o peito duro*. (Camões).

O presente do indicativo é empregado pelo imperfeito do subjuntivo: *Si eu ADIVINHO*.

O subjuntivo substitue o condicional: *Que para um cavalleiro HOUVESSE cento*. (Camões).

Os *tempos* se correspondem entre si.

Ao *presente* do indicativo correspondem: todos os tempos quer do indicativo, quer do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

Ao *imperfecto* do indicativo correspondem: o imperfecto, o mais que perfeito, o condicional do indicativo; o imperfecto e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *aoristo* correspondem todo o indicativo; o imperfecto, o mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *mais que perfeito* do indicativo correspondem: o imperfecto e mais que perfeito do indicativo, o condicional; o imperfecto e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *futuro* do indicativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito perfeito e o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *condicional* correspondem: todo o indicativo; o imperfecto e mais que perfeito do subjuntivo, e o infinitivo pessoal.

Ao *imperativo* correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito imperfecto e o futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal.

Aos tempos do *subjuntivo* correspondem: os do indicativo e do infinitivo e elles proprios.



Dois ou mais verbos não devem ter um complemento commum de natureza differente. Não se emprega, por exemplo: *ia e voltava da rua*, mas *ia para a rua e voltava della*.

Desse modo escreveram Vieira: . . . A DEIXARAM e se SAIRAM DELLA os deuses; Bernardes: . . . *excepto o ponto de ENTRAR o homem NA COVA e SAIR DELLA*.

\* Em construções contrarias a esta regra nota-se que a preposição compete ao verbo mais proximo :

NUM rio que ali sai ao mar aberto  
Bateis á vela ENTRAVAM e SAIAM.

Camões.

Antes se viu naquella uniforme conversão uma singular maravilha ao ENTRAR e ao SAIR DO mesmo theatro. (Vieira).

Não faltam, porém, exemplos em contrario áquella regra, reproduzida pelas Grammaticas. A preposição convem sempre ao mais proximo.

Mario Barreto em seus *Novos Estudos da Lingua Portugueza* apresenta varios: ... *te hospedarei na minha cabana, NA QUAL PÓDES ENTRAR sem temor, dormir sem perigo e SAIR sem saudade* (Lobo). ... *todas as vezes que ENTRAMOS e SAIMOS DO nosso aposento.* (Bernardes). *Quem viu hoje ENTRAR ou SAIR alguem DA porta aqui defronte?* (Garrett). *CONHECI e TRATEI COM um Paroco.* (Castilho). *Tenho-o visto ENTRAR e SAIR DO collegio de S. Paula.* (Herculano). *Resta-me acrescentar que ainda me não DECHIDO CONTRA nem A FAVOR DOS JESUITAS.* (Camillo).



## IX

### Fórmulas nominaes do verbo

As fórmulas nominaes do verbo são: o *infinitivo*, os *participios* e o *gerundio*.

O *infinitivo* presente dos verbos em Portuguez tem duas fórmulas: uma *pessoal* e outra *impessoal*.

O emprego do infinitivo pessoal constitue um *idiotismo*: o Portuguez é a unica Lingua que o admite.

No dialecto gallego se encontram fórmulas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada: Para sairen e entraren* (Apud Diez e Julio Ribeiro).

O infinitivo pessoal que tanta clareza traz ao sentido da frase, é de data antiquissima.

De seu uso se encontram exemplos no *Livro das Linhagens*, em varios *Cancioneiros* e em um foral de Lisboa de 1179.

«Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva Tullio, por que nos autores apparecem alguns destes erros, é devido á influencia que a literatura hespanhola exerceu na Lingua Portugueza. Porque não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal.»

Adolpho Coelho julga da mesma fórma que: «as construcções do infinito com pronomes, nas orações chamadas de modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realisado da funcção verdadeira do infinito, a analogia, explicam-nos perfeitamente este

facto peculiar do Portuguez. As outras linguas romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe.»  
Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinito pessoal.

D'entre ellas uma, sobre que em geral estão os grammaticos de acordo, é a seguinte:

«*Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio.*»

Julio Ribeiro em sua *Grammatica* protesta contra esta regra e entre duas indicações diz:

«Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio.»

Si aquella regra fosse absoluta, Camões, o mestre da lingua, errára quando nos *Luziadas* escreveu: *E folgarás de VERES a policia.*

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano: *As aves PARECIAM nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rapidos, FOLGAREM com os primeiros dias da estação dos amores. SORRIAM ao OUVIREM estas palavras.*

Tambem o Padre Vieira: *E' necessario para se CONSERVAREM nesta nova representação e para GOVERNAREM como DEVEM, que se APARTEM de suas proprias raizes.*

E Camillo Castello Branco: *..... bufarinheiros PREGOAM no intuito de FAZEREM sua cumplice á nobilissima neta de Platão.*

Fr. Luiz de Souza: *... que ao pé de Santa Engracia se QUEIXAVAM os visinhos de VEREM sahir á meia noute.*

E Ad. Coelho: *... trabalhos taes... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientifico.*

Julio Ribeiro, de acordo com Diez, dá duas listas de frases, em que ora o infinitivo é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.

Sujeito differente: *E' tempo de PARTIRDES. Viu NASCEREM duas fontes.*

O mesmo sujeito: *Não TENS vergonha de GANHARES a tua vida tam torpemente. Todos ESTÃO alegres por TEREM paz.*

E' preferivel empregar o *infinitivo pessoal*:

Quando o finitivo tiver sujeito proprio, isto é, differente do sujeito do verbo infinitivo:

*VIMOS as Ursas, apesar de Juno,  
BANHAREM-se nas aguas de Neptuno.*

Camões.

Embora os sujeitos do finitivo e do infinitivo sejam identicos, emprega-se geralmente a forma pessoal, por ne-

cessidade de clareza, quando é preciso determinar o sujeito: *Assombram-se as Nereidas de AVISTAREM o bosque.* (Castilho). *Não te espantes de Baccho no teu reino RECEBERES.* (Camões). *E's nascido para nos ALEGARES.* (Bernardes).  
E' também a clareza que exige o infinitivo pessoal ou flexionado nos casos seguintes:

1.º Quando o infinitivo estiver distante do finitivo: *... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientifico.* (Adolpho Coelho). *Foram dois amigos a casa de outro afim de PASSAREM as horas de sésta.* (Bernardes). *Elles VINHAM deitar-se mansamente uns ao pé de outros para DORMIREM.* (Herculano).

2.º Quando o infinitivo estiver antes de qualquer outra fôrma finitiva:

*Para se CONSOLAREM, os infelizes DORMIAM tranquilos em seus leitos macios.* (Herculano). *E para mais VERIFICARMOS isto FAREMOS uma parabola imitando Aquelle que, para todos, se fez unico exemplar.* (J. de Barros). *Virtude sem TRABALHARES e PADECERES não a VERÁS tu jamais com teus olhos.* (Bernardes).

3.º Quando entre o verbo do modo finitivo e o infinitivo houver alguma palavra que possa ser sujeito deste: *TEMOS PODER para nos CONSERVARMOS inteiro.* *TEMOS AUTORIDADE para nos MANTERMOS em nossos postos.* (Carneiro Ribeiro).

4.º Quando o infinitivo fôr sujeito do verbo finitivo: *E' triste DEFINHARES com tão pequeno pezar.* (João Ribeiro). *E' consolador PENSARMOS que não podemos ser indifferentes ás pias almas* (Camillo). *E não é justo DEIXARMOS em silencio.* (L. de Souza).

O infinitivo impessoal é usado:

1.º Quando fôr empregado como substantivo: *AMAR é proprio da humanidade.* *ESTUDAR é util.*

2.º Nas linguagens compósta com os verbos *fazer, mandar, poder, tornar, estar, costumar, começar, deixar, continuar, vir, cessar, etc.* (na enumeração de Said Ali) a não ser que venha o infinitivo distante do verbo auxiliar:

DEVIAM-NO TRÁZER *todos vocês nas palmas das mãos.* (Castilho).

COMEÇARAM *tambem a* ESPALHAR *se vozes em desabono do arcebispo.* (Fr. Luiz de Souza).

Muitos... VINHAM *a elle e á morte* OFFERECER-SE. (Camões).

Entretanto:

DEVIAM-no... *dar mil graças aos céus e* ACABAREM *de crêr.* (Castilho).

*Mas a selva já* COMEÇA *a* RAREAR *e os ginetes a* RES-FOLEGAREM *com mais violencia.* (Herculano).

Os *exercitos allemães* PRECISAVAM *de* PASSAR-lhe *por sobre o corpo, afim de* CHEGAREM *a Paris nas duas semanas aprazadas.* (Ruy Barbosa).

3.º Quando servir de objecto a um outro verbo, a não ser quando o realce ou a enfase exigir a fôrma pessoal: VI BRILHAR *duas lanternas.* (Garrett). SENTIAM RANGER *e* ESTALAR *as vigas de um simples* (Herculano), VERÃO os *cafres asperos e avaros* TIRAR *á linda dama seus vestidos.* (Camões). Não nos DEIXEIS CAIR *em tentação.* (Oração dominical).

Entretanto: VIRAM os *castelhanos* SAQUEAREM (Herculano). VIAMOS AGITAREM-SE *entre as arvores as luzes das lanternas e* MIRAREM-SE *as sombras dos bosquezinhos.* (Garrett).

O *participio presente*, simples adjectivo, não admite flexão de genero, e sim de numero e de gráu: *Amante, amantes, amantissimo.*

No antigo Portuguez conservava a força participial: *Cegou* ENTRANTE *á lida.* Os *quaes* TEMENTES *Nosso Senhor.* *Chama a nós a Santa Escriptura de Deus* DIZENTE (Apud. Ad. Coelho). Camões empregou: *IMITANTES á côr da Aurora.*

O *participio passado*, considerado como adjectivo, concorda com o sujeito da oração, quando o verbo é *ser, estar, parecer* e outros semelhantes; e fica invariavel quando o verbo é *haver* ou *ter*:



*As artes são ESTIMADAS. Os vícios estão DESCOBERTOS. As ondas pareciam AGITADAS. Temos ESTUDADO bastante. Havemos VENCIDO as dificuldades.*

Antigamente esta regra era vacillante:

*Quebrar as treguas que tinha FEITAS. (D. Nunes). Outras muitas que tinha OUVIDAS. (B. Ribeiro). Que tanto mar e terras tem PASSADAS. (Camões). Entre muitas mercês que Deus me tem FEITAS. (Lucena). Tendo os soldados de Julio Cesar SITIADA a cidade de Dyrrachio. (Vieira).*

Alguns participios passados têm significação activa: *arriscado* (que se arrisca), *calado* (que se cala). Outras vezes indicam acção, ora activa ora passiva: *acreditado* (que tem credito ou recebe credito de alguém).

Como lembra Pacheco da Silva Junior nas suas *Noções de Semantica*, no Portuguez antigo, o participio concordava com o sujeito do verbo em genero e numero quando vinha construido com os verbos *ter* e *ser*. Tanto se dizia *estamos convencidos* e *convencido, somos errados, leal nos serviços que lhe tinha feitos* (Fernão Lopes); *votos que tinha feitos; quantas culpas tinham commetidos*, (Fern. Mendes).

Desde muito cedo, porém, manifestou-se a tendencia para a invariabilidade do participio passado; *maravilhas que deixou feito* (Caminha); *deixou-lhe queimado a cortina* (P. Per.); *deixando descoberto 350 leguas*. (Barros).

O *participio do futuro* desapareceu da conjugação portugueza e só é usado como adjectivo ou substantivo: *vindouro, casadeira, matadouro, iracundo, reverendo, immorredouro, doutorando, venerando*.

O *gerundio* fórma as linguagens dos verbos perifrasticos, é invariavel.

Emprega-se com a preposição — *em* — e indica que uma nova acção se vai seguir, ou é um facto que costuma succeder: *EM nascendo já fazem a um clerigo, a outro frade, a outro soldado*. (Souza). *EM se RECOLHENDO foi recebido de todo o povo*. (Idem).

O gerundio regido desta preposição é de uso latino e hoje pouco usado.

Antigamente se usava tambem com outras preposições:  
 SEM HAVENDO *esperança de poder fugir.* (Ineditos da Hist.  
 Port.). *Com toda a deleitação da vontade,* SEM RESGUAR-  
 DANDO *ser bem feito.* (D. Duarte). *E estas dansas eram*  
*a som dumas longas que então usavam* SEM CURANDO *dou-*  
*tro instrumento.* (Fernão Lopes). ENTRE LENDO *se verão;*  
 SEM SENDO *resistidos;* DE ACCRESCENDO *o desejo ao pedido.*  
 (Idem). *Si vos parecerem mal, desculpai-me* COM CALANDO.  
 (Sá de Miranda).

Conjugação do verbo haver

O verbo haver pôde ser considerado como verbo auxiliar e passivo. Os tempos e modos são os seguintes: Presente, Pretérito, Futuro, Infinitivo, Gerúndio, Participio, e Substantivo. O verbo haver é usado em muitas locuções e frases, e sempre com o sentido de existir, durar, e passar o tempo.



Como se vê, o verbo haver é usado em muitas locuções e frases, e sempre com o sentido de existir, durar, e passar o tempo. O verbo haver é usado em muitas locuções e frases, e sempre com o sentido de existir, durar, e passar o tempo. O verbo haver é usado em muitas locuções e frases, e sempre com o sentido de existir, durar, e passar o tempo.

## Sintaxe do verbo «haver»

O verbo *haver* pôde ser considerado como verbo *activo* e *auxiliar*; é verbo perfeito, isto é, conjuga-se em todos os tempos e pessôas: *Os inimigos, como o successo da minahes HAVIA ABERTO para a victoria uma tão larga porta.* (J. Freire).

Como *impessoal*, com o sentido de *ter*, *possuir* é verbo defectivo, só sendo conjugado na 3.<sup>a</sup> pessôa do singular: *Não HAVERÁ missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam.* (Vieira).

Tem varios significados como verbo de acção: SENTIR, EXPERIMENTAR: *HEI grande medo que o meu fraco batel se alague cedo* (Camões); ADQUIRIR: *Donde HOUVESTE este rugido teu?* (Gonçalves Dias); TRATAR: *HAVIA-O com honra e respeito* (F. Alvares); SUPPÔR: *Não HAJAS que te aggravo.* (F. Alvares); SER POSSIVEL: *Assim foram caminhando para a igreja, mas não HAVIA poder romper pelo grande numero de povo.* (Fr. Luiz de Souza); PROCEDER, PORTAR-SE: *HOUVE-SE em tudo a natureza como mãe.* (Vieira).

Em alguns escritores se encontra o pronome — *elle* — representando o sujeito indeterminado do verbo — *haver*: *Não que ELLE tambem HÁ muita desavergonhada por esse mundo de Christo.* (Camillo).

O verbo impessoal — *haver* — confunde-se actualmente com o verbo — *existir*, na sua significação.

A's vezes, em certas expressões, o verbo — *haver* — no presente do indicativo apparece regido da preposição — *de* —: *A architectura DE HA cem annos.* (Camillo). *Ouve pela ultima vez o rir que responde ao teu riso DE HÁ dez annos.* (Herculano). *Sermões DE HÁ sessenta annos.* (Idem).

Alem da preposição — *de* — póde-se empregar com a mesma função as preposições — *até e desde*.

A construção do verbo — *haver* — impessoal, sempre no singular, se applica a qualquer outro verbo que na qualidade de auxiliar venha a constituir linguagem compôsta com elle. A linguagem compôsta com o verbo *haver* no infinitivo só póde, assim, ser empregada na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

Deve-se dizer sempre: *HÁ DE HAVER festas; VAI HAVERENDO progressos; TERÁ DE HAVER eleições; COSTUMA HAVER exercicios;* etc. Antonio Vieira: *Desenganem se os idólatras do tempo passado que tambem no presente PÓDE HAVER homens tão grandes.* F. R. Lobo: *Não DEIXA DE HAVER muitas (cartas) tão bem escritas.* M. Bernardes: *Nas outras escrituras profanas tambem COSTUMA HAVER acentuações erradas.* Ruy Barbosa: *Leis há e não PODERÁ DEIXAR DE HAVER.*

—\*—

Varios têm sido os modos de interpretar a syntaxe do verbo *haver* impessoal.

Uns grammaticos dizem que o verbo *haver* não necessita sujeito claro: sua syntaxe é similhante á dos verbos *chover, trovejar*, etc.

Outros dizem que o verbo *haver* é empregado no sentido de *existir*; usa-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja de terceira pessoa do plural.

Explicam a discordancia incluindo essa construção na classe dos *idiotismos*.

Outros sustentam que o verbo impessoal *haver* tem a significação de *existir*, e emprega-se ordinariamente com um sujeito grammatical occulto: *classe, genero, numero, especie, porção, quantidade, numero, espaço*, etc., e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de* tambem occulta.

Assim nos versos de Camões:

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes.*

a syntaxe regular é:

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes* NUMERO DE  
TRAIADORES HOUVE *algumas vezes.*

Finalmente, outros dizem que o verbo *haver* significa *ter, possuir* e tem como sujeito uma palavra occulta que será indicada pelo sentido. E' a melhor analyse.

Assim na frase: *Haverá lances*, o sujeito será *a vida* ou *o tempo*, sendo *lances* o objecto directo.

Na frase: *Ha homens*, o sujeito será *a sociedade*, ou *o mundo* e — *homens* — o objecto directo.

Diversas são as provas a favor da interpretação que dá ao verbo *haver* o significado de *ter, possuir*.

A etimologia do verbo *haver* indica a fôrma latina *habere* que significa *ter*.

A analyse da frase franceza: *Il y a des hommes* — em Portuguez — *Ha homens* — considera *hommes* como objecto e *il* (*indeterminado*) como sujeito.

No Portuguez antigo o verbo *haver* era empregado por *ter*:

... *Elle HAVIA nome Antão.* (Apud. João Ribeiro).

Em Gil Vicente:

*Como HAS nome cavalleiro  
Eu HEI nome todo o Mundo*

O povo conserva puras as primitivas fôrmas das palavras. Vemos que são populares as frases :

*Hoje TEM missa* — por — *Hoje HA missa.*

*TEM dias que não são* — por — *HA dias que não são.*

O substantivo verbal *haveres* é sinonimo de *teres, possuidos* (*posses*).

O adverbio *eis* é para o geral dos grammaticos uma fôrma do verbo *haveis, heis, eis*: *EIS aqui mil e quinhentos marcos de prata* (Bernardes) equivale a *Aqui TENDES mil e quinhentos marcos de prata.*

Como ultima próva a que apresenta o Dr. A. Freire da Silva em sua *Grammatica* :

«Na maxima seguinte: *Ha fanfarrões de sciencia como os ha de valor e nobreza*, o Marquez de Maricá não substituiu na segunda proposição o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como devera si fosse sujeito, mas sim pelo pronome — *os* — que neste caso tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo a que se refere, complemento objectivo do verbo *ha*.»

*Ha-os nesta collecção de todas as especies.*

Neste exemplo — *os* — não pôde ser sujeito, é, sim, objecto, estando o verbo *haver* na significação de *ter, possuir*.

Sintaxe analogá á do verbo *haver* no singular com o sujeito occulto e o objecto directo claro, no plural, é a do verbo *fazer* em certas construções: *FAZ 10 dias que te não vejo.*

O sujeito nestas orações vem a ser geralmente o *tempo*. Não faltam exemplos nos bons éscritores :

*Oito dias FAZ hoje que Christo o ressuscitou* (Vieira). *Quatrocentos e vinte e sete annos FAZ hoje que S. Antonio foi tomar posse do eminentissimo lugar que tem na côrte do céu* (Idem). *Tres annos FAZ agora que eu recebi uma carta sua e ainda a não abri.* (Bernardes). *FAZ agora tres annos e um dia* (Herculano). *FAZ agora seis mezes.* (Castilho). *FAZ agora quatro annos que teu nome era como um ferro.* (Garrett). *FAZ hoje quatro annos que Vieira abriu uma sepultura.* (Camillo).

## Palavras invariáveis

## I

## ADVERBIO

O adverbio póde ser representado por um adjectivo:  
*Comprou BARATO. Casa MEIO feita.*

A grande classe dos adverbios em *mente* é formada pela junção deste suffixo á fôrma *feminina* do adjectivo: *sabiamente, humana mente*. Exceptuam-se *portuguez* e *francez* e outros terminados em — *ez* —, dantes invariáveis, que conservam a fôrma masculina: *portuguezmente, francezmente: Carta escrita em portuguez e PORTUGUEZMENTE. (Castilho). Quem come FRANCEZMENTE, cria alma; corpo é que não. (Camillo).*

Até ao seculo 17, a fôrma — *mente* — não tinha adquirido a função de suffixo e era escrita separada do adjectivo. Tinha o valor de substantivo feminino: *De bôa mente; á bôa mente.*

O emprego dos adverbios em *mente* não é arbitrario. Quando concorrem dois ou mais adverbios desta especie, só o ultimo, em geral, toma esse suffixo: *Santa, justa e correctamente.*

Esta construção não era usada pelos classicos quando queriam dar mais ênfase á frase ou mais força á significação do adverbio: *Vivamos neste mundo SABIAMENTE, PIAMENTE e JUSTAMENTE* (Vieira). *V. Exc.<sup>a</sup> ... te lo-ia feito DIRECTAMENTE, FRANCAMENTE, LEALMENTE* (Herculano). *... se pretende SINCERAMENTE, NOBREMENTE e PATRIOTICAMENTE* (Castilho). *Lutava SILENCIOSAMENTE, FRIAMENTE, PACIENTEMENTE* (Garrett).

O mesmo já acontece com alguns escritores modernos.

Convém notar, com Darmesteter, que o velho francez empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et dulcement*, como é construção actual.

*Mui, tam e quam*, fórmulas contractas de *muito, tanto e quanto*, só se pódem empregar como adverbios, modificando adjectivo ou adverbio. As fórmulas completas *muito, tanto e quanto*, pódem-se empregar como adverbios ou adjectivos: *Elle é MUI ou MUITO sabio. Desejo MUITAS honras.* Vieira: *... e com TANTAS e TÃO desiguaes batalhas e com TANTAS e TÃO vantajosas victorias defenderam gloriosamente a patria.* Castilho: *QUAM bôa vontade, QUANTO zelo, QUANTA prudencia.*

A negação em Portuguez póde ser simples ou reforçada.

Negação simples: *não quero; nunca vi.*

Negação reforçada: *não quero nada; não vi boia.*

Neste genero a Lingua é rica de palavras que são empregadas como reforço negativo: *boia, nada, pitada, patavina, nem nada, migalha, ceitil, ponto, vintem, gota, dez réis, passo, pataco, etc.*: *Triste pranto até Belém, nem PASSO não se esquecia* (Gil Vicente). *A quem não deve dar nem MIGALHA* (Leal Conselheiro). *Aquelle só será ditoso, quem sem ti não espera nem crê NADA* (Dr. A. Ferreira). *Que VINTEM não me ficasse* (Gil Vicente). *A antiguidade não sabia PATAVINA* (Castilho). *Não se enxerga PATACA, isto é, não se vê nada* (Dicionario de Fr. Domingos). *Mandou a Luiz da Silveira que, sem dar mais PONTO*



no requerimento, se recolhesse para o reino (Fr. Luiz de Souza). Não valer uma PITADA de tabaco (Dic. Aulete). Finalmente morreu Christo sem ter uma GOTA d'agua para matar a sede (Bernardes).

Muitas vezes a negativa — não — é empregada sem força de negação, tendo simples valor enfatico: *Si tantos deleites há na terra, que NÃO será no céu? Que linda voz que NÃO tinha* (Castilho). *Que exquisitos e atrozes tormentos NÃO soffreram os martyres!* (Bernardes). *Que poeta que NÃO era de D. Ignez o cantor!* (Palmeirim).

Este adverbio com valor expletivo era usado muito acompanhando verbos que exprimem idéia de proibição, como: *impedir, estorvar, obstar, deixar:*

*Para ESTORVAR que a armada NÃO chegasse  
Aonde para sempre se acabasse.*

Camões.

Esta construção que herdámos do Latim, é muito usada pelo povo: *Não deixe de NÃO vir. Não póde deixar de NÃO vir.*

O emprego da negativa obriga o verbo do modo imperativo a se mudar para o subjuntivo: *NÃO FAÇAS a outrem o que não queres que te façam* (Adagio). *Oh! meu amado Senhor, não me FALEIS já pelas vossas criaturas... falai-me por vós mesmo.* (Bernardes). *O' voadores, contentai-vos com o mar e o nadar e não QUEIRAIIS voar.* (Vieira). *Formosa filha minha, não TEMAIS* (Camões). *Não VACILLEIS, não TREMAIS, não RECUEIS, não CEDAIS* (Ruy Barbosa).

A negação também póde ser expressa:

Pela preposição *sem*;

*SEM ACHAR resistencia nem defeza* (Camões).

Por — *algum* — depois do substantivo:

*Em nenhuma flôr pódem os maiores sabios emendar  
coisa ALGUMA.* (M. Bernardes).

Por — *nunca jamais* :

*NUNCA JAMAIS naquelles claustros se experimentou*

*nem sentiu ar contaminado.* (Fr. L. de Souza). NUNCA JAMAIS a segurança das vidas e fazenda dos cidadãos foi menos violada. (Castilho). NUNCA JAMAIS *nem uma só vez, recebi ou solicitei uma nota, um nickel, um cobre.* (Ruy Barbosa).

Pela locução adverbial — *no mais* — por *nom mais*: NO MAIS *que só sessenta de cavallo.* (Camões). NO MAIS, *Musa*, NO MAIS . . . (Idem).

Ha quem pense haver ahí uma oração eliptica:

NÃO ERAM MAIS *do QUE 60 cavalleiros.* NÃO POSSO FALAR *no mais.*

Pela expressão — *não . . . que*, á similhaça da construção italiana e franceza:

*As nossas cousas NÃO têm outro mal QUE serem verdadeiras.* (Garcia d'Orta). *Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, NÃO quer dizer outra cousa QUE bons christãos.* (Vieira). *NÃO faltou QUE uma só pedra.* (Castilho). *E NÃO sentirá QUE um desejo.* (R. Ortigão).

Não se deve empregar a negativa *não* depois de outra palavra de força negativa. São erradas construções como as seguintes: NINGUEM NÃO *me ama*; NUNCA NÃO *viu*. O adverbio *não* deve, nestes casos, preceder sempre a outra negativa: *Não me ama ninguem; não vi nunca*, ou então desapparecer: *Ninguem me ama; nunca vi*.

Os adverbios terminados em — *mente* — soffrem a flexão de gráu como os adjectivos de que são formados: *Escreve MAIS CORRECTAMENTE* ou *MENOS CORRECTAMENTE que Ruy.* *Escreve CORRECTISSIMAMENTE*; O MAIS CORRECTAMENTE *que todos.*

Os adverbios *bem* e *mal* têm os comparativos *melhor* (mais bem) e *peor* (mais mal), que se não devem confundir com os adjectivos *melhor* (mais bom) e *peor* (mais máu).

Os adverbios se pódem usar sinteticamente ou analiticamente: *Estudou MELHOR ou PEOR que o irmão a lição de Portuguez.* *Ella está MAIS BEM empregada ou MAIS MAL empregada que o irmão.*

Os adjectivos só se pódem usar sinteticamente — *melhor e peor e nunca — mais bom e mais máu.*

As fórmulas analíticas — *mais bem e mais mal* — são empregadas especialmente antes dos participios passados: *Póde haver resolução MAIS MAL ENTENDIDA que lançar a pique o navio em que sou embarcado, só para que meu inimigo se afogue?* (Vieira). Nesta singular abundancia, *Lisbôa não só a MAIS BEM PROVIDA mas também a mais deliciosa terra do mundo.* (Idem). Entretanto Vieira escreveu: *Tambem levou seu premio MELHOR LOGRADO; Castilho: Mal mantido e PEOR ALBERGADO; F.<sup>co</sup> de Moraes: ... que por ser menos dextro andava PEOR TRATADO.*

Não se devem confundir os adverbios *onde e aonde.*  
+ *Onde* se emprega com os verbos que exprimem quietação: *Onde estás? Onde moras?*

*Aonde* se emprega com os verbos que exprimem movimento: *Mas AONDE caminha este meu discurso? E AONDE o leva a verdade desta altissima providencia?* (Vieira).

A distincção fica bem clara no seguinte trecho de Alexandre Herculano: *Lá no céu AONDE ella SUBIU e ONDE nosso pai ACOLHEU no seio a sua infeliz filha.*

Entretanto Vieira empregou: *Deus meu, ONDE me MANDAIS.* Camões: *AONDE as náus ESTAVAM temerosas.* Garrett: *ONDE LEVAS tuas aguas, Tejo aurifero?* Castilho: *ONDE te VAIS D. Rodrigo?* Rebello da Silva: *Volto á casa AONDE FICARAM esperando. AONDE ESTÁ o inferno?*

## II

### PREPOSIÇÃO

+ As preposições são, em geral, de origem latina, mas conforme as relações indicadas, correspondem a esta ou aquella preposição latina, como: *a* — que se originando da

preposição *ad* corresponde, pelas relações expressas, a — *ab* e *apud*.

A preposição *por* tem duas origens: *pro* e *per*.

A pouco e pouco, a forma *pro* substituiu completamente a forma *per* e *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*; venceram no seculo XVII a *polo*, *pola*, *polos*, *polas*: Não *POLO* eu merecer, mas faço todavia *POLO* não desmerecer. (Sá de Miranda).

A forma *per* se usa em composição: *pelo*, *percorrer*, *perlucido*, e nas frases *de per si*, *de per meio*.

*Per* empregava-se indicando lugar por onde, duração, meio, instrumento, espaço: *PER* dedos é seu contar. (G. de Rezende). *Pereceram PER* espada e *PER* fome. (João de Barros). *PER* noites de inverno se ouviam gemidos. (F. Mendes).

*Por*, indicando troca, preço, parcialidade, opinião, causa, motivo.

As preposições derivam-se também de participios: *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante*, *passante*, *tirante*, *segundo*, *conforme*, *visto*, *obstante*, *salvante*, que se tornam invariáveis.

Algumas, entretanto, se apresentam como adjectivos, variáveis, de que se acham exemplos em autores de nota:

... todos os livros que andam em nome das Sybillas, *EXCEPTAS* algumas autoridades. (Manoel Bernardes). *Tudo* chegou a salvamento, *EXCEPTAS* as partes liquidas. (Vieira). *Não* *OBSTANTES* os epigrammas e commentarios. (Castilho). *Póde* a miseria ser tanta que não *OBSTANTES* todas as diligencias ainda resvalamos. (Bernardes). *EXCEPTOS* os dictionarios de Aulete e Adolpho Coelho. (Ruy Barbosa).

As expressões *VISTAS* as razões, *SALVOS* os motivos são de uso commum.

As preposições compóostas da preposição *de* exigem a repetição desta antes do nome, o que não acontece com as preposições em que não entra esse elemento: *Ante Deus* — *diante de Deus*. *Após a chuva* — *depois da chuva*. Vieira escreveu: *A morte corre APÓS* de nós.

A preposição *de* é, muitas vezes, simples particula de realce, expletiva, empregada por ênfase: *E' muito DO meu agrado. Pobre DO menino. Desgraçado DE mim.*

Tem valor de partitivo, como nas expressões: *Dê me DAQUELLE bolo; venda-me DESSA carne. Camões: Assás DE mal lhe quero. Gil Vicente: Cortai-me DESSA rama. Sá de Miranda: Comem trigo e nós D'AVEIA. Rodrigo Lobo: Còmerás DO leite, ouvirás DOS contos e partirás quando quizeres.*

A preposição *até* póde vir ou não acompanhada da preposição *a*: *Vão os annos descendo e já do estio há pouco que passar ATÉ o outono. (Camões). . . . se formou uma numerosa procissão ATÉ o sepulcro dos outros quatro martires. (Bernardes). . . . que lhes assistem ATÉ AO fim. (Vieira). A Virgem das virgens serve no templo de Jerusalem desde os 13 ATÉ AOS 14 annos de sua idade. (Castilho).*

*Até* — é adverbio quando significa — *mesmo* — e exprime que o que se quer affirmar, abrange pessoa ou facto determinado: *ATÉ a noute o favoreceu no crime.*

As preposições *a* e *para* se distinguem, no seu emprego, quando empregadas com os verbos que exprimem movimento.

*A* — indica lugar onde, direcção, tendo a pessoa animo de pouca demora.

*Para* — indica lugar onde, direcção mais remota e definitiva, tendo a pessoa animo de não voltar em breve.

Assim quando digo: *Vou ao Recife* indico o meu desejo de demorar-me pouco, de voltar em breve.

Mas quando digo: *Vou para o Recife* tenho idéia de ahí fixar residencia, demorar-me por longo tempo.

A preposição — *a* — em certas expressões indica o que se vai fazer: *Vou Á aula.*

A preposição — *para* — indica termo de movimento: *Vou PARA a aula.*

Costuma-se repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéias diferentes: *Pelo rei, pela lei, pela pa-*

*tria.* Vieira: COM *lagrimas*, COM *suspiros* e COM *colloquios amorosos*.

A clareza, a enfase, a eufonia melhor determinam a repetição, sendo mais commum repeti-las antes dos pronomes pessoas monosillabicos.

Com as locuções prepositivas só se repete o segundo elemento: DEPOIS DE *mim* e DE *ti*.

Certas preposições se combinam e contráem com outras palavras, principalmente com os artigos.

★ Observa-se: 1.º Até o seculo 17 havia a fôrma — *ó* — por *a + o*, semelhante a — *á* — por *a + a*: *Pergunto ó mar, ás plantas, ós penedos, como, quando, por quem foram criados.* (Fr. Agostinho da Cruz). . . . *se foi offerecer como réu com uma corda ó pescoço.* (Fr. Antonio Brandão). *Aqui, grumetes, aqui, vá ó mar esta arca, vá.* (Gil Vicente).

2.º Não se usa a contracção *no, na, nos, nas*, por eufonia, quando a palavra seguinte começa por som nasal: EM A NOUTE seguinte, é fôrma eufonica, preferivel a — NA NOUTE seguinte. A preposição — *em* — não soffre tambem a contracção si os vocabulos *o, a, os, as* figurarem de variações pronominaes: EM O avistando e não—NO avistando.

3.º Não se faz tambem contracção quando a preposição não reger o vocabulo seguinte: *E' tempo DE OS patriotas er-guerem-se.* (Vieira). *Muitas vezes chegam A OS açoitar.* (Bernardes). *Invoca o tempo DE OS pagar com as sombras.* (Castilho). *Mal houvera ella bastado A O trazer tão longe.* (Idem). *Para que não continuem A O ser.* (Vieira). *Quando os inglezes se rirem DE ELLES terem muito dinheiro.* (Herculano). *Desaire real seria DE A deixar sem premio.* (Garrett).

Exceptua-se desta regra a preposição — *per* — que se contrai apesar de não reger o vocabulo seguinte: *Forcejam PELO explicar.* (Castilho). *Um momento depois PELO não ter ouvido.* (Garrett). *Levam as crianças ao rio mais PO-LAS cortir que para as lavar.* (Lucena). . . . *Davam infi-nitas graças a Deus PELOS ter escolhidos dentre os seus*

condiscipulos. (Vieira). . . . e diz que lhe faz esta POLLO  
haver bem servido. (Fr. Antonio Brandão).

Entretanto A. Arraes escreveu: *E nestes uma verdade dita acaso ou POR O não entenderem, encobre mil grandes mentiras.*

Duas preposições de natureza differente não devem reger o mesmo nome. Convem evitar construções como: *Com e sem razão.* A construção mais natural é: *Com razão e sem ella* ou repetir o substantivo. Manuel Bernardes: *Jonathas COM RESGATE e SEM RESGATE sempre havia de perecer.* Castilho: *COM FUNDAMENTO e SEM ELLE achei essa filiação.*

E' defeito dizer-se por exemplo: *antes, durante e depois do facto*; deve ser: *antes do facto, durante o facto e depois d'elle.* Não se diga: *Contra ou a favor dos francezes,* mas sim: *Contra os francezes ou a favor delles.*

### III

#### CONJUNÇÃO

A conjunção — e — em serie de vocabulos se emprega antes do ultimo:

*Mas o de Luso arnez, couraça e malha  
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.*

Camões.

A repetição da conjunção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso; dá-lhe movimento e graça produzindo bello effeito: *E eu que existo e penso e falo e vivo.* (Herculano).

Vieira empregou a repetição: *E andava e comia e bebia e batalhava e vencia e triumphava.*

No estilo biblico e poetico é frequente o emprego da conjunção — e — no principio sem relação immediata com a oração antecedente.

Póde ser completamente suppressa para tornar a frase mais animada :

*Picam de esporas, largam redeas logo,  
Abaixam lanças, fere a terra fogo.*

Camões.

Póde ter o valor de — inclusive —, por imitação do Latim :

*Pois pelos doze Pares dar-vos quero  
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço.*

Camões.

Conserva a fôrma arcaica — a — em — dez-a seis.

Alguns grammaticos explicam esse — a — dizendo ser equivalente de *junto a*.

A conjunção — que — é muitas vezes repetida como para indicar maior subordinação :

*Sabia bem QUE si com fé formada  
Mandar a um monte surdo que se mova  
QUE obedecerá logo á voz amada.*

Camões.

*Eu sou bem informado QUE a embaixada  
Que de teu rei me déste QUE é fingida.*

Idem.

Outras vezes desapparece por elegancia : No fim da carta me manda V. M. (que) diga o meu parecer. (Vieira)  
Temo (que) se não extinga antes recresça em nós mais forçosa esta maldade. (Fr. A das Chagas).



Tem, outrossim, a função da conjunção copulativa — *e*:  
*Uma hora cái a casa QUE não cada dia. Dize-me com quem andas QUE eu te direi as manhas que tens.* (Proverbios). *Qual do cavallo vóa QUE não desce.* (Camões).

Diz João Ribeiro que a fôrma *ende* (ainda, inde) permanece na Língua com a fôrma *em* nas seguintes expressões: *Em que pese a F. — ende que pese a F. — ainda que pese a F.*

«A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, porém originariamente era reiterativa. Por isso mesmo nas expressões *não só... , mas também* e outras equivale exactamente a *mais* e talvez assim se devesse orthographal-a.»

«Não sendo de todo adversativa, é facil que a deparemos conjunctamente com *porém*, nos escriptores da idade classica:

*Mas porém quando as gentes mauritanas.* Camões.»

«E Castilho e quasi todos d'entre os antigos». (João Ribeiro — *Gram. Portugueza*).

E' commum encontrar-se a reunião de duas conjunções quando o sentido da frase exigia apenas uma. Essa repetição, que só se dá entre conjunções coordenativas, se encontra em escriptores de todas as épocas: *O miolo ficára do tamanho de um grande marmelo E PORÉM de parecer diferente.* (J. de Barros). *MAS COMTUDO foi-se contra sua vontade.* (Bernardim Ribeiro). *MAS PORÉM sempre deixa uma duvida lá na crença.* (Idem). *Senhor, grande; MAS PORÉM si a tal é virtuosa.* (Camões). *MAS COMTUDO não nego que Sampaio...* (Idem). *E COMTUDO os mosquitos já fizeram fugir a cavallaria.* (Bernardes). *E, si, TODAVIA ainda contra isto há que dizer, não está longe o remedio.* (Fr. L. de Souza). *MAS ENTRETANTO não se descuidava da cura.* (Idem). *E TODAVIA o objecto da conversação era assás importante.* (A. Herculano). *E ENTRETANTO vê e tolera-se.* (Castilho). *E MAS é o italiano.* (Idem).

A não ser a locução — *mas porém* — que actualmente repellida, embora de uso popular, as demais são communs se deparam em bons escriptores modernos.

Há algumas conjunções que se pódem empregar, por elegancia ou enfase, depois de uma ou algumas palavras da oração, taes são: *porém, no entanto, pois, comtudo, portanto, entretanto, todavia*, etc.

*Assim, POIS, acontece aos soberbos que... andam a buscar o applauso do mundo.* (Bernardes). *Sei, COMTUDO, que deseja muito esse retrato seu natural.* (Vieira) *Foram inventores destes jogos Hercules, Pytho, Theseu e outros heróes... sendo, PORÉM, o principal premio não o dinheiro, sinão a honra e a fama.* (Idem). *Fizeram, TODAVIA, os nossos em tal sossobro mui preclaras acções.* (F. Elisio).

São chamadas *conjunções pospositivas*,

... algumas condições que se podem empregar, por  
... depois de um ou algumas palavras da  
... etc.

## XII

### Ordem grammatical. Figuras

1929  
1930  
MCM

I

**Ordem grammatical** é a maneira por que se dispõem as orações no periodo e as palavras na oração.

A ordem grammatical póde ser *directa* ou *inversa*.

**Directa** é aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento e da successão dos factos.

A ordem natural e logica exige geralmente em primeiro lugar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos juntos ás palavras a que modificam, isto é, o sujeito com as seus adjuntos e o predicado com os seus adjuntos.

O objecto directo deve vir antes do indirecto, excepto si este fôr representado por uma variação pronominal, sem preposição clara, caso em que deverá precede-lo: *Deu* UM LIVRO A ANTONIO: *deu* UM LIVRO A TI e OUTRO A MIM. *Deu-me* UM LIVRO, *deu-te* UM livro.

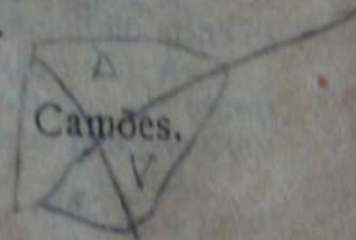
Em ultimo lugar vão os adjuntos adverbiases do predicado. Si, porém, modificarem algum termo do sujeito ou do objecto, ou qualquer outro, devem vir juntos a elles, quanto possa.

Quanto as orações: As sindeticas e as assindeticas vão umas após outras na ordem do pensamento; as subordinadas junto dos termos a que modificam.

**Inversa** é aquella em que se acha alterada a ordem natural da precedencia.

Ordem inversa:

*Eram estes antigos mercadores  
Ricos em Calecut e conhecidos.*



Ordem directa:

*Estes eram antigos mercadores, ricos e conhecidos em Calecut.*

Em regra geral o sujeito colloca-se antes do verbo, Deve, comtudo, ser collocado depois:

1.º Nas frases interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas:

*Póde VOSSÊ falar-me?*

*Que prazer sentiu A CRIANÇA!*

*Alija, PILOTO, tudo ao mar.*

*Podera EU torna-la feliz e alegre!*

2.º Quando se referem palávras de outrem ou ha citação de um trecho:

*Bradou EL-REI D. HENRIQUE: Olá gente de minha guarda!*

*O remorso é o bom pensamento dos máus, disse GARRETT.*

3.º Quando a frase começa por algum adverbio ou circumstancia:

*Melhor mereceis VÓS OUTROS TODOS a morte do que este pobre homem. (Garcia de Rezende).*

*Quando fazem OS MINISTROS o que fazem. (A. Vieira).*

4.º Nas orações em que o verbo está no gerundio:

CRESCENDO *co'os successos bons primeiros*  
*No peito* AS OUSADIAS...

Camões.

As regras de collocação relativas aos substantivos, adjectivos, etc., já foram expendidas nos respectivos lugares.

A Lingua portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a Lingua abusava das inversões aproximando-se muito da construção latina; hoje a bem da clareza, a ordem directa vai vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno rejeite a ordem inversa; casos ha em que ella se torna necessaria; como nas frases emocionaes, imperativas, na poesia, etc.

II

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios; não devem ter palavras demasiadas; devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario se póde dar quando a necessidade o exige, para clareza, harmonia ou elegancia da frase.

Daí decorre a divisão da sintaxe em: *natural* e *figurada*.

**Figuras** são as alterações que as frases soffrem.

São modos de dizer apartados das fórmulas communs.

As figuras são de *concordancia* e de *construção*.

As de concordancia são: *Zeugma* e *sillepse*.

**Zeugma** é a concordancia de uma palavra não com todas a que modifica, mas com uma só:

*Em vós esperam ver-se RENOVADA  
Sua memoria e obras valerosas.*

Camões.

Tem-se, pois, de subentender uma palavra occulta, que, entretanto, já foi expressa, com genero, numero e pessoa diferentes.

Alguns grammaticos definem *zeugma* a supressão do sujeito.

**Sillepse** é a concordancia de uma palavra não com uma ou algumas palavras a que modifica, mas com o nome generico que as comprehende. A concordancia não se faz com o termo claro, porém com um imaginado.

A sillepse póde ser de:

*Genero*: VOSSA REVERENDISSIMA é ILLUSTRADO.

*Numero*: A GENTE da cidade concorria SAUDOSOS na vista e DESCONTENTES.

*Pessoa*: João e Pedro SÃO bons estudantes.

As figuras de construção são: *Elipse*, *pleonasm*, *hiperbat*, *enalage* e *anacolutia*.

**Elipse** é a supressão completa de palavras que o sentido entende facilmente:

(Vós) *Vistes que com grandissima ousadia*

(Elles) *Foram já commetter o céu supremo.*

Camões.

**Pleonasm** é a repetição de palavras ou o emprego de palavras diferentes com o mesmo sentido.

1.º caso:

ABRI, ABRI *estas entranhas*, VÊDE, VÊDE *este coração*.  
(Vieira).

*Para o céu cristalino alevantando  
Com lagrimas os OLHOS piedóssos  
Os OLHOS, etc.*

Camões.

2.º caso:

*Vi com estes OLHOS que a terra ha de comer.* (Popular).

**Hiperbato** é a transposição dos termos da proposição.

O *hiperbato* toma o nome especial de *anastrofe* quando a transposição é ordenada: *Para do mundo a Deus dar parte grande.* (Camões).

Toma o nome de *sinquese* quando a transposição é desordenada, dando lugar á obscuridade:

*Estas obras de Baccho são por certo,  
Disse.*

Camões.

*... que em terreno  
Não cabe altivo peito tão pequeno.*

Idem.

*Em pesada caiu melancolia.*

F. Elísio.

**Enallage** é o emprego de palavras com significação de outras:

*Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as ROSAS e perdida  
A branca e viva côr co'a doce vida.*

Camões.

*Por mais que enfeiteis, um NÃO sempre amarga.*  
(Vieira).

**Anacolútia** é a interrupção da construção já começada, por outra de nexos diferentes:

*EU que cair não pude neste engano,  
ENCHERAM-ME com grandes abundanças.  
O peito de desejos e esperanças.*

Camões.

*Oh! TU, nós outros te AVISAMOS.*

Idem.

*Vereis ESTE... TREMER DELLE Neptuno*

Idem.

OS TRES REIS ORIENTAES *que vieram adorar o filho de Deus recém-nascido em Belem é tradição da igreja que um era preto.* (Vieira). *Busca, filho, outros reinos que ESTE de Macedonia, não CABES NELLE.* (Bernardes). *E o DESGRAÇADO TREMIAM LHE as pernas, suffocando-o a tosse.* (Garrett).

Entre as várias figuras — conhecidas pelo nome de *figuras de estilo* — proprias para ornar o pensamento e deleitar o assunto, se podem destacar:

*Anáfora*, é a repetição de uma palavra no começo de orações consecutivas: *TUDO passa, TUDO esquece, TUDO morre.*

*Anadiplóse*, é a repetição, no começo de uma oração, de uma palavra com que terminou a oração anterior: *Com os olhos lhe acendi no peito O FOGO, O FOGO que sempre ardeu e ainda arde agora.* (A. Ferreira).

*Asindeto*, é a supressão de conjunções entre orações ou partes de orações: *A chuva, a neve, o vento, a tempestade.* (Durão).

*Climax* ou *gradação*, é a repetição de termos, fazendo passar a última palavra de uma oração para primeira palavra da segunda oração, a ultima da segunda para primeira da terceira e assim por diante: *Da perda nasce O CONHECIMENTO; do CONHECIMENTO a ESTIMAÇÃO; da ESTIMAÇÃO a dôr.* (Vieira). *Das intemperanças do comer nascem as CRUEZAS; das CRUEZAS a confusão e a discordia dos HUMORES; dos HUMORES discordantes e descompostos a DOENÇA; das DOENÇAS a morte.* (Idem).



*Diácope* ou *separação* é a repetição de uma palavra, pondo outra ou outras de permeio: *DAI velas, disse, DAI ao largo vento.* (Camões).

*Epizeuxe* ou *reduplicação*, é a repetição de uma palavra seguidamente: *Mercurio disse: FUGE, FUGE, Lusitano.*

*Epístrofe*, é a repetição de uma ou algumas palavras no fim de varias orações: *Tudo acaba com a MORTE e tudo se acaba com a MORTE, até mesmo a MORTE.* (Vieira). *Os ministros superiores entram POR SANGUE; os familiares POR SANGUE; os inferiores POR SANGUE e os réus POR SANGUE.* (Idem).

*Epanalepse*, é a repetição de uma palavra no começo e no fim da mesma frase: *TROVEJA mortes, damnos TROVEJA.*

*Epánodo*, é o emprego de varias palavras que se retomam passo a passo para desenvolver a idéa contida em cada uma d'ellas: *A prudencia é filha do TEMPO e da RAZÃO; DA RAZÃO pelo discurso, DO TEMPO pela experiencia.* (Vieira).

*Poliptoto*, é a repetição de palavras com fórma grammatical differente: *Á LANÇA A LANÇA oppõem, O PEITO AO PEITO.*

*Polisindeto*, é a repetição de conjunções: *Suspira E chora E cansa E geme E sua.* (A. Ferreira).

*Prosopopéia* ou *personificação*, é a introdução na oração de pessoas mortas ou ausentes, animaes mudos, seres inanimados. Póde ser — *prosopopéia* propriamente dita, quando a invocação é feita aos seres inanimados ou animaes mudos; e *idolopéia*, quando é feita a deuses ou mortos.

*Simplece*, é a repetição de palavras no começo e no fim de orações seguidas: *QUE FAZ o lavrador? BUSCA PÃO. QUE FAZ o soldado? BUSCA PÃO. QUE FAZ o navegante? BUSCA PÃO.* (Vieira).



### XIII

## Alterações grammaticaes e lexeologicas

As alterações que as Linguas soffrem são de duas especies: grammaticaes e lexeologicas.

As *grammaticaes* subdividem-se em *foneticas* ou *prosodicas*, *morfologicas* e *sintacticas*.

As alterações *foneticas* consistem não só na mudança que soffre a pronuncia das palavras pela falta de instrução do povo — erros de pronuncia — como tambem na mudança que soffrem as palavras na passagem do Latim ou de outra qualquer Lingua para o Portuguez.

Do 1.º caso podemos contar:

*estauta* — *estatua*

*blazão* — *brazão*

*coresma* — *quaresma*

*barguilha* — *braguilha*

*descarrilhar* — *descarrilar*

*diecese* — *diocese*

*quarar* — *corar*

*zanolho* — *zarolho*

A acentuação errada de certos vocabulos: *Míope*, *regíme*, *oceáno*.

Do 2.º caso temos a mudança do *e* em *i*: *tecum*, *tigo*;

*au* em *ou*, *oi*; *causa*, *cousa*, *coisa*; supressão da vogal inicial: *Olisipona*, *Lisbôa*, etc.

As alterações *morfologicas* muitas vezes dependem das alterações foneticas. Assim, si pronunciarmos: *reptil*, *projectil*, *textil*, como palavras agudas, o plural será: *reptis*, *projectis*, *textis*; mas se forem graves, o plural será: *repteis*, *projécteis*, *téxteis*.

As alterações *morfologicas* são produzidas por analogia — tendencia que têm as Linguas para reduzir a tipos únicos o maior numero possível de palavras: *jouve* antigo preterito de — *jazer*, analogo a — *houve*, *soube*, etc.; *despeço*, *despeça*, *impeço*, *impeça* — em lugar de *despido*, *despida*, *impido*, *impida* — por analogia com — *peço*, *peça*.

Por analogia as crianças pronunciam *dizi* — por *disse*, *fazi* por *fiz*, *trazi* por *trouxe*, semelhantes a *comi*, *bebi*.

Como os substantivos augmentativos em — *ão* — são masculinos, conserva esse genero, por analogia, o substantivo positivo mesmo feminino: *a faca*, *o facão*, *a marquezã*, *o marquezão*. Entretanto os diminutivos são todos femininos: *faquinha*, *marquezinha*.

As alterações *sintacticas* dependem das alterações *morfologicas*.

Chamam-se alterações *sintacticas* as mudanças que sofre a Lingua nos varios periodos de sua existencia. Altera-se a forma, sem se alterarem as relações entre as palavras.

A perda dos casos do Latim modificou a forma da syntaxe correspondente em Portuguez, trazendo o emprego das preposições.

Nota-se: O emprego do verbo — *começar* — seguido da preposição *a*, da preposição *de*, e mesmo sem preposição: *COMEÇOU a fazer grão pranto*. (F. Lopes). *COMEÇOU DE lhe perguntar*. (J. de Barros). *COMEÇOU GANHAR terras*. (Idem). *COMEÇOU elle ENTENDER nas cousas de sua obrigação e officio*. (Idem).

Hoje é mais commum a preposição *a*.

O emprego da preposição *em* antes do gerundio, subs-

tituida actualmente por — *logo que, apenas*: EM se RECO-  
LHENDO *foi recebido de todo o povo.* (Fr. L. de Souza); o  
emprego da preposição — *sem* — antes do gerundio que hoje  
não mais se encontra: SEM CURANDO *doutro instrumento.*  
(Fernão Lopes); *lhe* por *lhes*: *Entre a bôa doutrina que LHE*  
(aos filhos) *davam.* (A. Ferreira); o uso do partitivo: *semeia*  
DO *junco, emprestai-me DO azeite.* (Gil Vicente); o verbo —  
*haver* seguido de infinitivo sem preposição: *hei trabalhar,*  
*hei morrer de dôr*; as expressões *fazer noute, fazer resposta*  
*fazer esmolos,* hoje substituidas por — *anoutecer, responder,*  
*esmolar.*

Nas construções com o verbo — *haver* acompanhado  
de infinitivo, o pronome que os deve seguir ficava interca-  
lado: *Há SE de avaliar o voto pelos merecimentos; hão SE*  
*de abrir e manifestar.* (Vieira).

Os escritores antigos empregavam depois de uma com-  
paração o pronome no caso objectivo: *Porque mataste*  
*aquelle mouro que era melhor QUE TI?* (Livro de Linha-  
gens). *Si não fosse COMO TI.* (Azurara). *Porque sois maior*  
*QUE MIM.* (Camões).

Actual e conjuntamente existem, por exemplo, as fór-  
mas: *O rebanho de ovelhas foi ou foram; mandou lêr*  
*e mandou que lesse; mais que e mais do que; saber tudo*  
*e saber de tudo; estou certo que e estou certo de que; cum-  
prir com o dever e cumprir o dever; fazer que elle venha e*  
*fazer com que elle venha; as povoações parece terem sido*  
*habitadas e parecem ter sido habitadas,* etc.

E' o que geralmente se denomina *tipos syntacticos di-  
vergentes.*

As alterações *lexeologicas* consistem no arcaismo e no  
neologismo.

«A luta do arcaismo e do neologismo, a oscillação no uso ou  
desuso de uma palavra é um dos phenomenos mais interessantes a

estudar na vida literaria duma Lingua e que nos faz comprehender como esta não póde considerar-se nunca fixada.» (Ad. Coelho).

As Linguas se alteram no espaço e no tempo tendo de passar pela fase moderna e pela arcaica, sujeitando-se ás variedades dialectaes.

**Arcaismo** é a palavra ou construção que deixou de ser usada na lingua.

Póde, assim, ser *lexico* e *sintactico*.

As causas do desaparecimento das palavras são multiplas.

A mais simples e commum é o desaparecimento da palavra pelo desaparecimento da pessoa ou do objecto que ella significava: *adail*, *almotacel*, *alcaide*, *polé*.

Podemos considerar mais como causa dos *arcaismos lexicos* o sentido obsceno ou torpe que, em virtude da corrupção do sentido, adquire uma palavra: *chifre* ou *ponta*, *feder*, *rabo*.

A sinonimía tambem concorre para o arcaismo:

*Substantivos* e *adjectivos*: *hereu*, herdeiro; *lidimo*, legitimo; *cuidança*, cuidado; *segre*, seculo; *soffrença*, soffrimento; *avença* (vivo em *desavença*), *concordia*; *arteirice*, astucia; *incrêu*, incredulo; *abisso*, abismo.

*Verbos*: *endurentar*, endurecer; *attender*, esperar; *emprir*, encher; *geitar*, (vivo em *rejeitar*, *sujeitar*), lançar; *aprisoar*, prender; *cavidar*, acautelar; *conquerer*, conquistar.

*Particulas*: *adur*, apenas; *ajuso*, baixo; *entonces*, então; *aramá*, em má hora; *samicas*, por ventura; *car*, porque; *chus*, mais; *cras*, amanhã; *pero que*, ainda que; *ende*, daí; *azinha*, depressa; *acá*, cá.

Entre os *arcaismos de construção* ou *sintacticas* se podem citar: *começou dizer*, *uma peça de tempo*, *fazer uma demanda* (pergunta), etc.

As palavras tornam-se arcaicas da seguinte maneira:

«Uma geração de homens em um momento dado começa a abandonar tal palavra, a idéia que ella significa sendo representada por uma outra palavra, a geração seguinte conhece-la-á menos ainda e

um momento virá em que não é mais conhecida senão dos velhos que, por sua vez, a levarão para o tumulo.

E' desta maneira que desapparecem as linguas: assim o *Cornico*, dialecto bretão que florescia em Cornualha, desappareceu com a ultima mulher que o falava, no anno de 1821.» (Darmesteter).

**Neologismo** é a palavra nova que começa a ser usada numa Lingua, ou a palavra já usada na Lingua mas com sentidos novos.

«Para os descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos dias, claro está que não pôde supprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram prophetas.

Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem exprimir.» (Castilho).

Ha, pois, duas especies de neologismos: *neologismo de palavra* e *neologismo de significação*; isto é, palavras novas e sentidos novos.

O neologismo pôde ser tirado de elementos proprios da Lingua, pôde ser formado de linguas estrangeiras pelas combinações dessas Linguas e pôde ser finalmente introduzido de outras Linguas modernas. (Ad. Coelho).

São *neologismos de palavras*:

Do 1.º caso: *carambolar, bilontra, praieiro, setembristas, telefonar, revolver, abrilada, sabinada, velivolo, solipismo.*

Do 2.º caso: *barometro, telegrafo, termometro* (grego), *quermesse* (hollandez), *caroba* (tupi).

A formação d'estas palavras, como já vimos, dá nascimento, ás vezes, ao *hibridismo*.

Do 3.º caso, os neologismos francezes: — *bouquet, soirée, matinée, adresse, atelier, carnagem, debutar.*

Neologismos inglezes: — *clube, whist, juri, rail, goal. rosbife.*

Italianos: — *soneto, allegro, etc.*

O emprego desses neologismos, que ainda não estão consagrados pelo uso, dá lugar ao vicio que, conforme a

origem, tem o nome de *gallicismo*, *hellenismo*, *anglicismo*, etc. de que particularmente trataremos.

Ao Dr. Castro Lopes, devemos muitos neologismos: *convescote* em lugar de *pic nic*; *preconnicio* em lugar de *reclame*; *concião* em lugar de *meeting*; *nasoculos* em lugar de *pince-nez*, etc.

São *neologismos de significação*, os *tropos*, dos quaes são importantes: *metáfora*, *sinédoque* e *metonimia*.

METÁFORA é o tropo em virtude do qual uma palavra perde sua significação para tomar uma outra figurada.

— Aproxima dois objectos materiaes — *serra* (montanha), *serra* (instrumento), *folha* (de papel) e *folha* (de arvore); um factó moral ou intellectual de um factó material a que dá nome: *ceder a alguém* e *uma porta cedeu á pressão*.

Exprime idéas abstractas por nomes de objectos concretos: *saber* (ter conhecimento) e *saber* (gostar); *pesar motivos* e *pesar uma arroba de carne*.

São casos communs da *metáfora*, as frases: *est. general é um leão*; *esta velha é uma jararaca*; *o fogo do amor*; *raio de esperança*, etc.

Quando a *metáfora* é empregada por necessidade, quando a idéia não póde ser expressa por um termo proprio, toma o nome de *catacrese*: *Pé de mesa*; *andar a cavallo num burro*; *embarcar no trem*; *chumbar um dente a ouro*, etc.

— SINÉDOQUE é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que a abrange ou é abrangida por ella.

Emprega o genero pela especie e vice-versa — *confissão* no sentido de *confissão religiosa*, *homem* no sentido da *humanidade*; o plural pelo singular e vice-versa — *as santas escrituras* — por — *um livro das santas escrituras*; *proteger o orfão* — por — *os orfãos*; o todo á parte e vice-versa — *um quadro* — pelo — *assunto que o quadro repre-*





## Vícios de linguagem

**Vícios de linguagem** são certos modos de dizer contrários ás leis da grammatica e que alteram a clareza, a harmonia e a exactidão das construções.

Estes vícios se dão relativamente á construção da frase, e também relativamente á bôa harmonia.

São causas destes vícios a ignorancia do povo, e o pedantismo e pouco escrupulo dos escritores.

São vícios de construção o *solecismo*, o *barbarismo* e a *anfibologia*.

O *solecismo* é erro, o *barbarismo* e a *anfibologia* são simples vícios que se pódem tolerar mas que se devem evitar, quanto possivel.

**Solecismo** é o vicio resultante da construção errada e má da frase: HOVERAM *mortes* — por — HOVE *mortes*; tu SOIS — por — tu ÉS; PERCA — por — PERDA; HADES — por — HAS DE; não partas sem EU — por — sem MIM; ninguém NÃO fala — por — ninguém fala; muito pessimo, tam

*santissimo*; *eu me lembra de ter visto* — por — *eu me lembro de ter visto*; *púdico* — por — *puído*; *não faze* — por — *não faça*; *sastifeito* — por — *satisfeito*; *vi elle* — por — *vi o*; *proposital* — por — *propositado*; *aluga-se casas* — por — *alugam-se casas*; *descarilhar* — por — *descarilar*; *preferir antes* — por — *preferir*; *pia de sal* — por — *pilha de sal*; *cotoco de vela* — por — *coto de vela*, etc.

A palavra *solecismo* é derivada de Soles, colonia atheniense na Sicilia, onde os habitantes corromperam tanto a lingua que a expressão: — *falar como um habitante de Soles* — era o mesmo que cometer um erro de grammatica. (Barata).

**Barbarismo** é o vicio que consiste no emprego desnecessario de palavras ou frases tiradas de outras Linguas.

Os barbarismos tomam o nome de *gallicismos*, *latinismos*, *germanismos*, *hellenismos*, *anglicismos*, etc., conforme têm origem no francez, latim, allemão, grego, inglez, etc.

Destes os mais empregados no Portuguez são os *gallicismos* e os *latinismos*.

Os gallicismos pódem ser *lexicos* e *sintacticos*.

**Lexicos**, são os que se referem ao emprego desnecessario de palavras francezas: *bouquet* (ramalhete); *comité* (sociedade, junta, commissão); *chefe d'obra* (obra prima); *toilette* (toucador); *bonomia* (sinceridade, ingenuidade, bondade); *complacente* (obsequioso, attento); *deboche* (devassidão); *desabilhado* (desataviado); *étagère* (prateleira, cantoneira); *constatar* (comprovar, documentar); *successo* (triunfo, bom exito); *detalhe* (minudencias, pormenores); *aclimatar* (aclimar); *debutar* (estrear); *assassinato* (assassinio); *adresse* (endereço); *croquis* (esboço); *supercheria* (velhacaria); *coquetismo* (garridice); *nuanças* (cambiantes).

Para substituir alguns gallicismos, o dr. Castro Lopes

apresentou palavras formadas regularmente na propria Lingua ou com o fundò latino:

<i>Avalanche</i> — runimol.	<i>Cachenez</i> — focale.
<i>Menu</i> — chardapio.	<i>Enveloppe</i> — sobrecarta.
<i>Abat jour</i> — lucivelo.	<i>Robe de chambre</i> — rocló.
<i>Charivari</i> — peniludio.	<i>Calembourg</i> — anciverbio.
<i>Carnet</i> — choribel.	<i>Matinée</i> — festimana.

**Sintacticos**, são os que se referem ao emprego desnecessario de construções francezas.

Os mais conhecidos são os seguintes:

O abuso dos pronomes pessoases antes dos verbos:

*Si EU conseguir o que EU desejo EU ficarei contente.*

O emprego de frases como: *abordar uma questão* — por — *abeirar-se d'ella, toca-la de leve; não se o diz* — em vez de — *não o dizemos; a moça a mais bonita da cidade* — por — *a mais bonita moça da cidade; um livro contendo 20 folhas* — por — *um livro que contem 20 folhas; vem de publicar-se* — em vez de — *acaba de publicar-se; é por isso que os moços erram* — em vez de — *por isso é que os moços erram; respeito pela opinião alheia* — em vez de — *respeito á opinião alheia; me dizia eu* — em lugar de — *dizia eu comigo mesmo, dizia eu para mim, dizia eu entre mim.*

Outros há referidos no *Glossario* de D. Francisco de S. Luiz:

O uso da preposição *a* — por — *de: desprezo ás formalidades legaes* — por — *desprezo das formalidades legaes; ameaçado a perder a vida* — por — *ameaçado de perder a vida.*

O uso da preposição *de*: *vêr-se obrigado até de implorar a desgraça* — por — *vêr-se obrigado até a implorar; rogou de a deixar* — por — *que a deixassem.*

O uso da preposição *por*: *juramento de fidelidade pelo principe* — por — *juramento de fidelidade ao principe; inclinação pelas letras* — por — *inclinação ás letras.*

O uso da preposição *em*: *falar em filosofo* — por — *falar como filosofo*; *disse em mim mesmo* — por — *disse comigo mesmo*; *movel em castanho, imagem em barro, vestido em seda* — por — *movel de castanho, imagem de barro, vestido de seda*.

O uso da preposição *sobre*: *tribunal fundado sobre o modelo dos tribunaes do Egypto* — por — *segundo a forma conforme o modelo*; *ganhar terreno sobre o inimigo* — por — *ganhar terreno ao inimigo*.

✶ **Latinismo** é o emprego desnecessario de palavras ou construções latinas.

São, portanto, *lexicos e sintaticos*.

Entre os latinismos LEXICOS podemos contar:

*Gleba* — por — *torrão*; *temulento* — por — *embriagado*; *mesmeidade* — por — *identidade*; *incapilado* — por — *calvo*; *jugular* — por — *degolar*.

Os latinismos SINTACTICOS consistem nas inversões pouco compreensiveis das palavras na oração; e mo nos muito conhecidos versos de Mousinho:

*Entre todos com o dedo eras notado*

*Lindos moços de Arzila em galhardia.*

Era commum essa inversão no seculo 16.

**Anfibologia** é o vicio resultante do emprego de construções com duplo sentido, que se tornam por isso obscuras:

*Ama o povo o bom rei e é delle amado.* (Ferreira).

... *quê em terreno*

*Não cabe altivo peito tam pequeno*

Camões.

Leonardo...

*A quem amor não déra um só desgosto  
Mas sempre fôra delle maltratado.*

Idem.

II

Os vícios referentes á bôa harmonia das palavras na frase são:

**Cacofato** ou **cacofonia** é o vício resultante do concurso de sillabas que fórmam um termo rude ou obsceno: *Quem ME JÁ déra.* (Castilho). *COMO ELLA TINHA.* (Camillo).

*ALMA MINHA gentil que te partiste.*

Camões.

**Hiato** consiste no concurso de vozes iguaes, principalmente abertas: *Mandou o AIO Á AULA.*

**Eco** consiste no concurso de sons identicos: *De longe VENHO porque TENHO EMPENHO de te vêr.*

**Collisão** consiste no concurso de sons asperos ou sibilantes, como: *rr, ss, zz:* *De modo que dali si só se achára.* (Camões). *Zunindo as azas azues. Rebrama o trovão tetrico.* (Castilho).

Raivoso o rato roía  
O rabo do revalho.  
E Rita Rosa Ramalho  
Do rato roer se ria.

(Popular).

A collisão deixa de ser um vicio e antes se torna uma  
belleza, quando propositadamente se reuñem certas palavras  
para imitar a propria cousa ou o acto por ellas significado.  
E' o que se chama *onomatopéia*.

Idiotismos

Idiotismos são factos peculiares a uma lingua  
Em muitas vezes os idiotismos não são susceptiveis de analise  
por serem propositadamente contrarios de certas regras  
grammaticas.  
Os terminos de linguagem que se conservam fora do  
dominio da grammatica.  
Podemos enumerar como idiotismos portuguezes  
o uso do infinitivo pessoal o emprego do artigo antes  
dos adjectivos possessivos a locução eu pareço-me em lu-  
gar de quero a mim parece, empregada por Garrett: A s  
aparadas quando os periodos eu pareço-me.  
E tambem idiotismo o emprego do plural de certos  
nomes com significação differente do singular: liberdade  
liberdade: gratia, gracas, etc.  
Dize Vieira Si quavis a minho GRACA e as meninas  
GRACA, ou as lanchas assignadas por mim. Si corporibus  
nos humani accipitis em lugar de verdade a mentira, com  
bondade de paz guerra, com capa de zelo, etc.

De fato, pois se tem.  
E. Rita Rosa Ramalho  
O modo do redovallio  
Rativos e into roia

A colisão deixa de ser um vicio e antes se torna uma  
belleza, quando proposadamente se temem certas palavras  
para imitar a propria coisa ou o acto por ellas significados.  
E' o que se chama onomatopoeia.

XV

Idiotismos

I

**Idiotismos** são factos peculiares a uma Lingua.

Muitas vezes os idiotismos não são susceptiveis de analyse pelos preceitos grammaticaes. São anomalias syntaticas, construções especiaes, quasi sempre contrarias ás regras da grammatica.

Há phenomenos de linguagem que se conservam fóra do dominio da grammatica. (Sweet).

Podemos enumerar como idiotismos portuguezes:

O uso do infinitivo pessoal; o emprego do artigo antes dos adjectivos possessivos; a locução *eu parece me* em lugar de *quanto a mim parece*, empregada por Garrett: *A's apalpadelas quanto aos periodos EU PARECE-ME.*

E' tambem idiotismo o emprego do plural de certos nomes com significação differente do singular: *liberdade, liberdades; graça, graças*, etc.

Disse Vieira: *Si quereis a minha GRAÇA e as minhas GRAÇAS ali as tendes assignadas por mim. Si confiardes nos homens achareis em lugar de verdade a mentira, com bandeira de paz, guerra, com capa de ZELO ZELOS.*

Além destes casos há certos modos de falar usados commummente na Lingua que se pódem classificar de idiosmismos.

Em outros casos apparecem palavras que são verdadeiros expletivos:

*Não cair por um triz. Está na tua mão minha felicidade. Dada que foi a occasião. Tomar a peito. E' muito do meu agrado. Desgraçado de mim. Eu é que disse. A's escondidas, ás cégas. Ditosa della. Feliz de quem morre. Vós é que fostes. O bom do amigo. Quasi que morria. Era a mim que os soldados procuravam. Desde ontem que vos procuro. Eu é que não estou para isso. Eu cá me arranjo.*

II

**Provincialismos** são certos vícios especiaes a uma provincia, a uma circunscricção territorial.

— No Pará onde a pronuncia é muito acastelhanada, há o vicio da troca do *ô* por *u*: *Canua, pupa*, etc., por *canôa, pôpa*.

— Os Maranhenses tambem dizem: *murrer, curro, churar*.

— No Ceará as sillabas — *al, el, il, ol, ul* — são pronunciadas valendo — *u* — *o* — *l* — final: *sáu* (sal); *papéu* (papel); *aniu* (anil); *lençôu* (lençol); *azúu* (azul).

— Em Pernambuco — *l* — é trocado por — *r*: *carçada* (calçada).

— Na Bahia: *muler, coler* — por — *mulher, colher*.

No Rio de Janeiro há o vicio portuguez de se dizer: *inclino* por *inquilino*; *imp'rador*, *exc'llencia*, *imp'rial*.

Em S. Paulo as sillabas são pronunciadas abertamente; o *lh* não sôa na pronuncia: *teiado*, *miio* por *telhado*, *milho*; *g* — vale — *djê*: *djente* (gente).



No Rio Grande do Sul dizem: *dê noite, dêpressa, dê longe.*

Muitas dessas pronuncias se observam mais nas classes baixas, atrazadas.

Relativamente a Portugal notamos:

Em Lisbôa o *s* final tem o som de *x*: *Achaxtex e tumaxtex extex cuxtumex la por ond'andaxtex*; e pronunciam: *fichar, ristante, isame, tod'ó dia, menza*. Fazem ditongo em *rio, frio, Rocio*.

No Porto pronunciam: *cravão, baim, laite, baijo*.

Na Beira dão ao *ch* o som de *tch*: *A tchave de tchumbo caiu no tchão*.

Costumam também, como diz Soares Barbosa, juntar um *i* ao *o* fechado: *coive, oivir* em lugar de *couve, ouvir*, e mudam o *b* pelo *v* e vice-versa como os Minhotos.

No Algarve pronunciam *ei* como *ê*: *lête, azête*; trocam o *e* pelo *i*: *pidir, pidaço*.

Em Coimbra há a intercalação de um — *i* — para evitar o hiato: *a-i alma* (a alma); *a-i agua* (a agua).

Nas provincias do Norte de Portugal o som nasal nas sillabas tonicas é aberto: *óntem, solénne, léme, fóme*.

Nas ilhas dos Açores e da Madeira mudam o — *o* — tonico em — *u* —: *bum, flur, amur*, (bom, flôr, amor); o ditongo — *eu* — é pronunciado — *ei*: *mei pai*.

Para maior elucidação deste ponto, consulte-se o *Idioma do Ho-dierno Portugal com o do Brasil, por um brasileiro* (Paranhos da Silva) e o recente trabalho *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, de J. Leite de Vasconcellos.

**Brazileirismos** são modos de falar peculiares aos brasileiros. Pódem se dar não só nas palavras como nas frases. Os 1.<sup>os</sup>, chamados *lexicos*, se referem aos termos de origem tupi-guarani, africana e propios do Brazil. Podemos enumerar:

VOCABULOS BRAZILEIROS

<i>Aipim</i> — mandioca	<i>Jacá</i> — cesto
<i>Amolador</i> — massante	<i>Muxoxo</i> — estalo com os labios
<i>Amolar</i> — enfadar	<i>Pereba</i> — feridinha
<i>Arrelia</i> — birra	<i>Pinho</i> — viola
<i>Cogote</i> — cachaço	<i>Quicé</i> — faca pequena
<i>Calombo</i> — caroço	<i>Temero</i> — temerario
<i>Caia</i> — vasilha	

VOCABULOS TUPIS-GUARANIS

<i>Capim</i> — herva	<i>Jacaré</i> — réptil
<i>Caipora</i> — ser fantastico	<i>Pucuman</i> — fuligem
<i>Goiaba</i> — fruta	<i>Taba</i> — aldeia

VOCABULOS AFRICANOS

<i>Batuque</i> — dança	<i>Muxinga</i> — açoute
<i>Carimbo</i> — marca, signal	<i>Quijila</i> — antipatia
<i>Malungo</i> — companheiro	<i>Senzala</i> — choupana para escravos

Os 2.<sup>os</sup>, chamados *sintacticos*, se referem ás frases, ás construções especiaes empregadas pelos brasileiros.

Entre as mais notaveis, podemos citar os modos de dizer do povo:

*Beber um trago de aguardente.*

*Levar taboca* ou *de tábua* (não conseguir o que deseja).

*Tomar chá com alguém* (zombar).

*Bater a bota* ou *esticar a canella* (morrer).

*Com pouco* (pouco tempo depois).

*Crescer para* (aggreidir).

*Cigarrar* (fumar — em Minas).

*Cascar um boi* (esfolar — no Ceará).

*Melar* (derrubar uma arvore para tirar o mel do cortiço — na Bahia).

*Havia um despotismo de gente* (quantidade).

*Um par de laranjas* (quantidade — S. Paulo).

*Já estava lá velho* (tempo).

*Elles estão fala falando* (Norte).

O uso da preposição — *em* — quando os Portuguezes empregam — *a*: *Andar no sol* — *Andar ao sol*.

O emprego do gerundio pelo infinitivo empregado em Portugal: *Saiu a correr* — *Saiu correndo*.

*Emprestar de alguém* — em lugar de — *tomar emprestado* ou *pedir emprestado*, usado em S. Paulo, Minas e Matto Grosso.

A construção: *O homem que estive com elle* — por — *com que*, etc. Gonçalves Viana cita Camões: *Que como a flôr que a terra lhe nega seu nascimento* — em lugar de — *a que a terra*.

E' construção popular dos Portuguezes. No *Auto da Ave Maria* de Antonio Prestes se encontra o seguinte: *Sempre nestes choupos ha um rato que o queijo é d'elle*. (Revista Lusitana).

O emprego de — *mais* — por *já*: *O doente não fala mais* — por — *o doente já não fala*.

O emprego do pronome — *lhe* — como objecto directo: *Amo ll:e* — por — *amo-o* (Norte).

A collocação indevida dos pronomes complementos:

*Me parece; que disseram me; quando viu-se perdido; não conheço-os.*

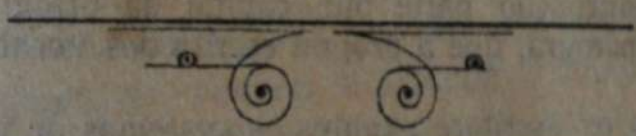
A regencia para mim, para ti: *Para mim ver por para eu ver (Sul).*

A preferencia das construções: *Estou com fome, estou com sede, ás fórmãs: Tenho fome, tenho sede.*

O emprego da preposição em por a: *Chegou na janella por chegou á janella. Vou na loja por vou á loja.*

São essas as variantes que cada vez mais profundamente vão cavando o sulco que separa a Lingua portugueza da falada no Brazil, fazendo crêr formar esta um dialecto.

Handwritten note: *Portuguez e o ... de 1912*



## XVI

### Pontuação

**Pontuação** é o conjunto de signaes ou simbolos que auxiliam a compreensão do sentido do texto quando reduzido a escrito.

Determinada principalmente pela respiração de quem lê ou, como quer Cicero, originada pela necessidade de se tomar folego, não pôde a pontuação estar sujeita a regras rigorósas; antes o arbitrio reina muitas vezes como soberano.

«E' a pontuação parte mui capital da orthographia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos, affirma-o Castilho.

«Quantos os escritores, tantos os systemas de pontuação; não digo tudo: o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente.»

*Os signaes de pontuação, tambem chamados notações sintaticas, são: virgula, ponto e virgula, dois pontos, ponto e alinea que determinam as divisões da parte do discurso; pontos de reticencias, ponto de interrogação e ponto de admiração que exprimem movimentos d'alma; hifen, aspas, parentese que se destinam á clareza dos manuscritos.*

*Nota.* As regras sobre a pontuação foram deduzidas da GRAMMÁTICA PORTUGUEZA de João Ribeiro que, por sua vez, declara ter seguido para seu desenvolvimento a GRAMMÁTICA de Delboenf e Ruerich.

**A virgula** emprega-se:

1.º Para separar os termos de uma serie, ainda quando ligados por conjunção, excepto — e —: *Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.*

2.º Para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é extenso: *O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.*

Esta regra não é absoluta.

Por motivo identico pódem ser separados os adjuntos não essenciaes: *O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de Agosto de 1850, em uma terça-feira.*

3.º Nas inversões: *Dos homens de má fé, não quero occupar-me.*

4.º Quando a preposição é eliptica: *A verdade é clara; a mentira, escura.*

Collocam-se entre duas virgulas:

1.º A apostrofe, a invocação:

*Tu, ó CATILINA, conjuraste.*

*Vinde, SENHOR, soccorrer os pobres*

2.º As palavras intercaladas, as conjunções pospositivas e as clausulas adjectivas quando são explicativas: *Napoleão, o PRIMEIRO, venceu a Europa. Deixemos, PORÉM, as narrações para depois. O sol, QUE TUDO ALUMIA, tambem alumia as choupanas.*

Quando forem restritivas levam apenas uma virgula: *O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

**O ponto e virgula** emprega-se:

1.º Para marcar series de series e opposição de idéias: *Amor, indifferença; odio, respeito; veneração e culto; sobriedade, abstinencia e moderação.*

*A riqueza que se herda, dura pouco; a riqueza que se adquire, é mais estavel.*

2.º Para separar as proposições coordenadas extensas: *O jornal é um producto de civilização moderna; dá as no-*

*ticias de todos os pontos do globo; guia e fortalece a opinião publica.*

Os **dois pontos** empregam-se:

Antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento: *As virtudes teologaes são tres: Fé, Esperança e Caridade.*

O **ponto** emprega-se:

No fim do periodo para indicar o sentido concluido.

A **alinea** emprega-se:

Para distinguir os diversos grupos de idéias do assunto. Consiste em mudar a escrita para linhas novas quando os factos são distintos:

*Trataremos de tres estudos:*

1.º *Da psicologia.*

2.º *Da logica.*

3.º *Da moral.*

As **reticencias** empregam-se:

Quando o pensamento é interrompido em meio da frase:

*Mas morra, emfim, nas mãos das brutas gentes*

*Que pois eu fui... E nisto de mimosa*

*O rosto banha em lagrimas ardentes.*

Camões.

O **ponto de interrogação** emprega-se:

No fim de uma interrogação, excepto no discurso indirecto:

*Queres ir?*

*Perguntado quem era, respondeu que era um prelado.*

O **ponto de admiração** emprega-se:

No fim de uma exclamação:

*O' gloria de mandar, ó vã cubiça*

*Desta vaidade a que chamamos fama!*

Camões.

Alguns escritores costumam empregar invertidos, no começo da oração que vai interrogar ou exclamar, os signaes de interrogação ou admiração:

*¿ Que cousa é a gloria? ¡ Como és bella!*

O **hifen** emprega-se:

1.º Para separar sillabas, vocabulos juxtapóstos e quaesquer grupos de palayras:

*A-mi-za-de.*

*Contra-mestre.*

*Dir-te ei.*

*A velhice — periodo de desengano — tem a sabedoria da experiencia.*

2.º Com maiores dimensões, para indicar a frase de um interlocutor:

*— Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.*

O **parentese** emprega-se:

Para separar uma proposição intercalada que não mantém relações syntacticas com a frase:

*Eu só com meus vassallos e com esta  
(E dizendo isto arranca meia espada.)*

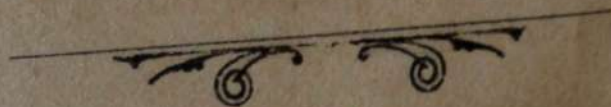
Camões.

As **aspas** empregam-se:

Para indicar um trecho citado, quando é textual, isto é, quando se citam as proprias palavras do autor:

Os *Lusiadas* começam por este verso:

*«As armas e os barões assignalados.»*





CLASSIFICAÇÃO

DAS

LINGUAS

ORIGEM, HISTORIA E FORMAÇÃO DA LINGUA  
PORTUGUEZA

Periodos da Lingua Portugueza

SEMANTICA

## Classificação das Linguas

Varias são as classificações a que os sabios têm submettido as Linguas.

As mais communs são: a classificação *geografica*, a *etnologica*, *literaria*, *psicologica* e *morfologica*.

Pela classificação *geografica* imagina-se que cada raça dominasse em um certo e determinado territorio e tivesse uma só Lingua primitiva: attende á sua distribuição geografica: *Linguas da Europa*, *da America*, etc. E' uma classificação defeituosa porque o dominio de uma Lingua não se limita a um territorio e se pôde estender a varios continentes, como acontece com o *portuguez*, o *arabe*, o *grego*, etc.

A classificação *etnologica* aproxima a Lingua da raça ou, pelo menos, do povo que a fala. Para se vêr a deficiencia dessa classificação basta attender a que as Linguas não coincidem com as raças.

A classificação em *linguas literarias* e *populares*, *linguas cultas* e *incultas* não abrange a Lingua em sua estructura intima, mas se funda num factu inteiramente exterior, na existencia ou não de uma literatura.

A classificação *psicologica* em *Linguas formaes* e *sem forma* firma-se na maneira por que as Linguas exprimem as operações psicologicas.

A classificação hoje mais commum e geralmente aceita é a classificação *morfologica*, proposta por Fredico Schlegel, e que tomou por base a estructura das Linguas.

Assim temos:

*Linguas monosillabicas*, em que a frase se compõe de raizes simples, monosillabicas. A posição da palavra na frase indica as suas variadas funções. As palavras são monosillabos que se juxtapõem. O tipo dessas Linguas é o *chinez*.

*Linguas aglutinantes*, em que as raizes perdem a sua independencia, modificam-se e se unem a outra raiz mais importante que fica

inalteravel, intacta e que exprime a idéia fundamental. Os tipos dessas Linguas são: o *basco*, o *turco*, as *dos indigenas da America*.

*Linguas de flexão*, em que as raizes indicam varias relações e, juntas, ambas se modificam e soffrem alteração, como: as *Linguas indo-européas*, as *indo-asiaticas*.

As *Linguas indo-asiaticas* abrangem: o *hebreu*, o *arameu*, o *caldeu*, o *siriaco*, o *assirio* e o *arabe*.

As *Linguas indo-européas* abrangem: o *sânscrito*, o *zendo*, o *persa*, o *celtico*, o *lituano*, o *germanico* e o *slavo*, o *grego*, o *latim*.

Ao *latim* se ligam as Linguas denominadas: *novo-latinas* ou *romanicas*: *italiano*, *provençal*, *francez*, *espanhol*, *laduio* ou *grisão*, *valaquio*, *portuguez*.



a - 2 -

## Origem da lingua portugueza: o Latim

A lingua portugueza pertence á classe das linguas indo-euro-  
péas e ao ramo italico.

A's linguas d'este ramo dá-se o nome de novo-latinas ou roma-  
nicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de accordo  
que resultaram de uma mistura intima de elementos mais ou menos  
heterogêneos, e jamais pôdem ser comparadas ás raças germanica,  
slava, etc., affirma-nos Adolpho Coelho.

Os primeiros habitantes da Espanha foram, segundo opinião  
geral, os iberos, de origem misteriosa, que se achavam situados numa  
região á margem do Iberus, hoje Ebro.

Os segundos não se pôde bem determinar, ainda que alguns  
julguem que foram os persas.

Após, como diz Estrabão, vieram os fenícios, 2000 antes de  
J. C.

Depois os celtas se espalharam por todo o espaço aquem dos  
Pirineus, constituindo não centros que podessem ter alguma força,  
porém tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida  
barbara.

Os celtas juntaram-se aos iberos e formaram o povo chamado  
— celtibero.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo occuparam os gregos  
grande parte da Espanha e mantiveram estreitas relações com a pe-  
ninsula.

D'ahi vem o alfabeto fenicio communicado pelos gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia cartagineza dos Bar-  
cas, oriunda dos fenicios dominou na Espanha para aquem do rio  
Ebro, não indo mais além a conquista, pelo tratado que os Romanos  
fizeram com Asdrubal. A quebra do tratado de paz por Annibal le-  
vou os romanos á Espanha, sob o commando de Cneu Scipião e Publio  
Scipião que, após alguns incidentes de guerra, estabeleceram defini-  
tivamente a influencia dos romanos na Iberia.

Como diz Leite de Vasconcellos, «os romanos vieram para a Península no seculo III A. C., os mais antigos testemunhos historicos das lutas delles com os Lusitanos datam do anno de 193 A. C.»

Dois seculos de guerra foram necessarios, porém, para que a Espanha soffresse completa sujeição dos romanos.

Exemplos de valente resistencia nos dão Viriato e Sertorio.

Tendo, pois, os romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, era natural que tivessem *romanizado* aquella região, porque seus habitantes eram homens simples, sem uma civilização consistente e capaz de lutar com a romana.

Perderam, assim, seus usos e costumes e conseguintemente sua lingua, o que logo começou a verificar-se, como informa Estrabão, quando diz que «os Turdetanos, mórmente os ribeirinhos do Betis, adoptaram de todo os costumes romanos, e até nem já se lembravam da propria lingua.»

A Lingua latina popular, vulgar, com facilidade se espalhou como já o fizera em outras terras conquistadas.

Quando os godos entraram na Espanha nenhuma differença havia entre iberos e romanos; antes, adoptados por aquelles, os costumes, a religião e a lingua destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos nòvos invasores para reger a Espanha visigotica. (Leoni).

O grande segredo da politica romana residia na perfeição de seu modo de colonização. Quando uma provincia era conquistada empregavam dois meios para conserva-la: o meio militar consistia em cercar a porção conquistada por meio de legiões collocadas á frente; uma vez isolado o paiz conquistado de toda a influencia exterior, instituiam no interior uma administração energica que esmagava em pouco tempo as resistencias locais, impunham aos vencidos a lingua e a religião dos vencedores, exterminavam ás portas fechadas e vendiam os recalcitrantes, que eram substituidos por colonos ou libertos vindos de Roma. (Aug. Brachet).

Roma, sacudindo da península iberica o dominio cartaginez, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introdução da propria linguagem; as migrações recresceram á proporção que mais rareavam os indigenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e cresce que celtos, celtiberos e turdetanos se identificaram com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças se juxtapozeram gradualmente, cohabitaram e se fundiram, o que era tanto mais facil quanto havia certa unidade ethnica entre celtas e os povos da Italia Central.

Acham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adopção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420

Baixa Nubia perderam sua lingua materna; os negros de Haiti adoptaram o Francez; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Espanhol e Portuguez; os indigenas de S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida, Baradero, Quilmos, Calchaguy e Chiloé adoptaram o Espanhol; os indios do Rio de Janeiro o Portuguez. (Latham Humboldt e Bonpland, Azara, King e Fitzroy e Von Eschwege. *Apud* Sayce).

O sistema de colonização dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus proprios actos, contribuiu de modo inevitavel para a latinização da peninsula. E, segundo diz Alexandre Herculano na *Historia de Portugal*, Rénan na *Origine du Langage*, Littré no *Dictionnaire de la langue française*, Fauriel na *Histoire de la poésie provençale*, Diez na *Grammatik*, os romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o Latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros donde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o Latim como a lingua patria de um espanhol. A Espanha foi segunda patria da literatura latina.

Lucano, Marcial, os dois Sénecas, Columella, Porcio Latro e Quintiliano eram todos espanhóes.

Estes e outros factos nos mostram quanto profundamente se arraigára a civilização romana na peninsula e em nenhuma outra parte, depois da Italia, os seus effeitos foram tam intensos.

Ou fosse porque a dominação romana por mais tempo se enraizasse no solo peninsular, ou pela deçura de sua facil pronunciação, é certo que a portugueza possui da Lingua romana grande numero de termos. (Barata).

No tempo de D. João I grande era o sabor a Latim que ella mostrava.

Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro:

*Hæc est notitia de partiçõ e de divison que fazemos entre nós dos erdamentos que foram de nosso padre.* (*Dissert. Chronol. e Crit. Doc. LXI.*)

E mais o seguinte epitafio que vem em João Franco Barreto:

*Hic jacet Antonius Perez, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos misso, Occidit omnes que quiso.* (*Orthographia da Lingua Portugueza*).

E mais o seguinte excerpto dos *Discursos varios politicos de Severim de Faria*.

*O' quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingoa lusitana, cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e inflammas, quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas.*

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera e outros.

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na península, attestara-nos seu predomínio pacifico e de muitos seculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construção romana, ossadas de sepulturas e lapides miliares, templos e theatros derrocados, fontes, aquedutos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscripções, etc. (Leoni.)

Os romanos não obrigavam directamente os povos vencidos a aprenderem sua Lingua, nem mesmo faziam opposição a que elles empregassem a sua lingua propria.

«Esperavam até que os povos subjugados lhes pedissem permissão de usar o Latim nos documentos publicos.»

Mas era em Latim que se celebravam as solennidades do altar, era em Latim que os generaes falavam ás legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão de imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a lingua necessaria.

O que prova mais ser a lingua portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjunções, palavras elementares, provirem immediatamente do Latim.

As particulas são uma especie de palavras cujo sentido só se alcança com o uso e frequencia de falar a Lingua.

Terminamos com Leoni ainda:

«A nossa primitiva organização social é toda romana, o caracter distinctivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas igrejas tam lastimados por Manoel Bernardes, os asylos, a reverencia á meza, o fechar dos olhos e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras nos vieram das instituições romanas.

As festas do carnaval são as saturnaes de Roma; muitas superstições, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, as figas penduradas pelas mãos ao pescoço das creanças para livra-las do quebranto, tudo nos veio dos Romanos.»

A Lingua latina tinha em Roma duas fórmulas: a *classica* em que foram escritas as obras literarias dos poetas e dos prosadores romanos, a antiga Lingua do Lacio; e a *vulgar*, falada pelo povo, alterada pela pronuncia e de um vocabulario mais restricto.

Assim, pois, é filha do Latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitania — *sermo quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris* — a Lingua portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor: a pronunciação da latina, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares.

Mas foi sómente no reinado de D. Diniz que a Lingua portugueza adquiriu os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido Latim da época, diz-nos Antonio Ennes: antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, écos longinquos da lira provençal.

*Uma lingua tam dura como as armas, na frase de Filinto Elisio, é, diz Antonio Vieira, rica e bem dotada, como filha primogenita da latina.*

E' uma lingua de que, bem o affirma o immortal Camões :

*«Com pouca corrupção creê que é latina.»*





## Ligeira noticia da formação do lexico portuguez

*Lexico* ou, vulgarmente, *dicionario*, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma Lingua.

A Lingua portugueza se originou, como está hoje claramente provado, da Lingua latina vulgar e são latinos quasi todos os seus termos.

Póde-se dizer com maior verdade que o Portuguez é a transformação do Latim popular.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás fórmãs e talvez aos tipos syntacticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o dominio de nossa Lingua, depois de ella constituida, no seculo XIII, palavras francezas, italianas, allemãs, gregas, inglezas, etc., sendo que, antes de sua constituição, adquirimos muitos termos do arabe e do germanico por causa da dominação destes póvos na peninsula espanica.

Sucintamente daremos algumas palavras cuja origem pertença a estas Linguas, servindo-nos de guia neste trabalho a *Glottologia*, de Adolpho Coelho.

Temos palavras originadas de Linguas faladas na peninsula antes do Latim e que se pôdem considerar espanicas: *brisa* (brisa), *cervesia* (cerveja), *gurdus* (gordo), *canthus* (canto), *cuniculus* (coelho).

Do elemento fenicio parece só nos ter ficado a palavra *barca* e alguns nomes de lugares.

De elementos gregos podemos affirmar que em geral nos vieram por intermedio do Latim, ou posteriormente, durante o dominio romano: *anco* (canto, angulo), *bolsa* (pelle preparada), *ermo*, *sumo*, *taleiga* (saco), *calma*, *chata*, *cara*, *caravella* (especie de navio).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outro do arabe: *alcaparra*, *quilate*.

De origem euscara enumeramos: *aba*, *charco*, *esquerdo*, *man-drião*.

Das linguas celticas, cuja análise é muito obscura, há: *Alpes, dolmen, druida, bardo, fenian, bojo, bico, tona.*

Depois do dominio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

Destacam-se como principaes: os elementos germanicos e os arabes.

A. Coelho dá uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introdução moderna.

Dentre ellas citaremos: *albergue, bahú, braza, canivete, doudo, droga, escravo, estribo, fita, forro, ganso, garfo, gaz, jardim, loja, malandro, marechal, nuca, piloto, rato, rima, sala, vaga; sul, norte, leste, oeste.*

De introdução moderna temos: *bismuto, caparoza, quartz, valsa, zinco.*

A lingua arabica muito enriqueceu nosso lexico, mórmente em termos referentes á vida fisica, aos usos domesticos, ás instituições politicas, civis e militares, á tecnologia de construção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado dessa Lingua e que o artigo arabe *al* se acha prefixado a grande numero de palavras. Enumeram-se: *acepipe, alambique, alcatifa, almocreve, alviçaras, armazem, ataudé, azeviche, borzeguim, fatia, fulano, jarra, oxalá, tarrafa, xadrez, zagal, etc.*

Temos em terceiro lugar palavras de origens diversas, dentre as quaes destacamos as de origem espanhóla.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de terem o Portuguez e o Espanhol um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar: *boléro, espadilha, eldourado, fandango, seguidilha, zarzuela.*

Do elemento cigano: *calão, pirar* (andar).

Por intermedio da Lingua franceza que fórma uma parte importantissima do nosso lexico, vieram palavras celticas e germanicas.

O elemento francez actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer, em geral, que é por intermedio do Francez que possuímos muitos neologismos inglezes, gregos e até italianos.

Assim, encontra-se em o nosso lexico grande cópia de termos francezes, como: *chapéu, chaminé, chefe, espirito* (graça, chiste), *etiqueta, fichú, sangue-frio.*

Os termos mais recentes conservam a ortografia da Lingua: *crayon, bouquet, boudoir, mise-en-scene, soirée.*

Dos elementos italianos possuímos os que se referem á arte, á literatura: *adagio, bagatella, bandido, bussola, cavatina, cupula, dilettante, faiança, girandola, soprano, tenor, violão.*

Do inglez há termos relativos ao commercio, caminhos de ferro,

marinha, cosinha, como: *cheque, clube, crupe, dandi, joquei, juri, paufeto, revolver, tunnel, rosbife, esporte.*

Das linguas escandinavas: *fiord, saga, niquel.*

Do russo: *csar, esteppe, rublo, cosaco.*

Do hungaro: *hussardo, sabre.*

Do polaco: *polca, mazurca, caleça.*

Do turco: *horda, odalisca, turbante, quiosque.*

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural: *ananas* (tupi), *caipira* (tupi-guarani), *carioca* (idem), *condor* (quichua), *cotia* (tupi), *furacão* (caraiba), *pirão* (tupi), *tapioca* (tupi).

Das linguas africanas encontramos: *banza, batuque, cacimba, macaco, mandinga, marimba, muleque, senzala.*

Das linguas asiaticas: Do persa: *caravana, chacal, divan, pagode, paraíso, magica.*

Do indiano: *tufão, nababo, pária, cachemira.*

Do malaio: *bambú, beliche, orangotango, sagú, manga* (fruto).

Do sânscrito: *carmesim.*

Do hebraico: *alleluia, amen, hossana, pascoa, rabino, sababo, serafim.*

Do japonéz: *bombo, bonzo, catana, chavena.*

Além destas palavras, tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como: *arminho* (da Armenia); *baionneta* (de Bayonna); *bohemio* (da Bohemia); *parati* (aguardente feita em Paraty); *cajurubeba* (de cajú e jurubeba); *cambraia* (de Cambray); *catilinaria, gualhotina, maquiavelismo, verrina*, e os formados modernamente por meio de prefixos, suffixos, etc.

Possue também muitos termos de ficção literaria: *Quixote, tartufo, polichinello, harpia, utopia*; de mitologia e crença: *argos, homerico, vulcanico, marcial, amoniaco, hermetico, bacanal, auto-medonte, adonis, labirinto, mausoléu.*

De tudo quanto acabamos de dizer, se conclue que a maior parte do nosso lexico é compôsta de grande numero dos elementos referidos, acrescendo a estes os termos propriamente brasileiros, sobrepujando a todos o Latim.

Bem diz o illustre filologo Ad. Coelho: Si do vocabulario portuguez tirarmos todos os vocabulos que não provêm de palavras, temas ou raizes que se encontram no Latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas differenças apesar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura: As linguas italiana, franceza, espanhola e portugueza, são irmãs, e fazem uma familia, que descende da latina em tam grande parte, que se lhe tirarmos o fundo que desta receberam, restará muito pouco.

## Lexico portuguez; o Latim

O lexico ou dicionario portuguez é um amálgama de termos de origens diversas, adquiridos quer antes do dominio do povo romano, quer no seu dominio, quer depois que o povo da peninsula se constituiu, formando uma nação independente.

Assim, em nosso lexico encontramos elementos provenientes das Linguas faladas na peninsula anteriormente ao Latim: espanicas, fenicias, gregas, celticas, euscaras; elementos das Linguas dos conquistadores depois da dominação romana: elementos germanicos, arabes; e elementos de origens diversas: espanhóes, ciganos, francezes, inglezes, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiaticas. (Vide A. Coelho — *Obra citada*).

Mas, apesar de a maioria das palavras serem de origem latina, grande é a differença (separados os termos de outra origem) entre o lexico desta Lingua e o da portugueza.

Em primeiro lugar muitas palavras provenientes do Latim popular não foram empregadas na literatura.

Assim encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz dizermos que a sua origem é desta Lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido no Latim: o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores: *pinheiro*, *mangueira*, etc.

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escritores do periodo ante-classico ou post-classico não usadas na bôa latinidade, e que, entretanto, apparecem no Portuguez: *absconsus* (esconso); *dejectare* (deitar); *jejunare* (jejuar); *vacivus* (vazio).

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas foram substituidas por sinonimos na propria Lingua:

*ædes e domus*  
*janua*  
*osculum*  
*fur*  
*uxor*

casa  
porta  
basium  
latronem  
sponsa

Em quarto lugar houve a diferenciação de uma palavra em duas ou mais fôrmas, diferenciação a que os grammaticos dão o nome de fôrmas *divergentes* e alguns, impropriamente, de *duplas*. O nome scientifico é *alótropos*.

Há que distinguir tres casos:

a) Fôrma popular ao lado da fôrma erudita:

Popular	Erudita	Latina
papel	papiro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
prégar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

b) Duas ou mais fôrmas populares com significação diversa:

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulum</i>
corôa e coronha	<i>coronam</i>
frei, freire e frade	<i>fratrem</i>
ilha e insua	<i>insulam</i>
malha, mancha e magua	<i>maculam</i>
todo e tudo	<i>totus, totum</i>

Neste caso as fôrmas provêm de uma anterior que não se conserva em Portuguez como fôrma popular. Ha, porém, casos em que uma das fôrmas populares provem de outra ainda existente:

Popular	Latina
cem — de — centum	<i>centum</i>
dom — de — dono	<i>dominus</i>
grão — de — grande	<i>grandis</i>
são — de — santo	<i>sanctus</i>

c) Fôrmas latinas alteradas em outras Linguas romanicas ao lado de fôrmas propriamente portuguezas:

chefe	fr.	<i>chefe</i>	ao lado de	cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	»	<i>hotel</i>	»	hospital	»	<i>hospital</i>
lhano	esp.	<i>llano</i>	»	chão	»	<i>planus</i>
opera	ital.	<i>opera</i>	»	obra	»	<i>opera</i>
piano	»	<i>piano</i>	»	chão	»	<i>pianus</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desaparecidas. A primeira das fórmulas é morta.

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	geolho, joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	pollegar
<i>civis</i>	<i>civitanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha.

Muitos temas que serviam para designar plantas, receberam o suffixo *ario*, *aria* ficando o tema original para designar partes ou productos destas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castanearia</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim românico.

Em Latim ou não havia distinção entre o nome da planta e o de seu producto: *citrus*, limão e limoeiro; *laurus*, louro e loureiro; ou então a distinção era feita por meio da differença do genero; geralmente o nome da planta era do genero feminino em *us*, e o producto em *um*, genero neutro: *cerasus*, (cereja), *cerasum*, (cerejeira); *morus*, (amora), *morum*, (amoreira).

Tambem se fazia a distinção por meio de um suffixo secundario (caso muito raro): *cæpa* e *cæpula*; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas: *ulmus* e *samera*; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos: *cebola*, *jacinto*, *trigo*, etc.

Porém o uso mais commum é formar-se a distinção por meio do suffixo *ario*, com algumas excepções: *oliva* derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit*; *lande* cuja fórmula actual é *lande*, substituida commummente por *bolóta*, tambem de origem arabica.

Em sexto lugar temos a considerar que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros temas ou raizes, isto é, as cousas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto. Por exemplo, foram substituidas:

*Cervus* por veado, de *venatus*, a caça.

*Vulpes* pelo termo raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

*Porculus* (*porcus lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

*Acetum* por vinagre, *vinum acre*.

Em setimo lugar muitas palavras latinas desappareceram para evitar homonimia: *cabo* do Latim *caput*, e *cabo* do Latim *capulum*; *cento* antigo participio de *cingir*, do Latim *cintus*, e *cento* do Latim *centum*; *preia* do Latim *plena* (preia-mar), e *preia* do Latim *præda*; *incerto* de *incertus*, e *inserto* de *insertus*.

Neste caso, um dos homonimos costuma desapparecer diante do outro, causando por isto a exclusão ou desapparecimento de muitas palavras latinas: *æquus*, diante de *equus* que devia dar *eguo*, deu sómente o feminino *egua*; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello; *jacere*, lançar, diante de *jacere*, jazer; *queri*, queixar-se, diante de *quærerere*, querer.

Finalmente em oitavo lugar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

*Admorsus*, perdeu o sentido de *mordedura* e tomou o sentido de almoço (esp. *almuerso*).

*Affligere*, perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de *atormentar*.

*Apotheca*, que em Latim designava um lugar onde se guardavam provisões, uma adega, adquiriu o sentido de casa pequena, *botica*, *bodega*.

*Ingenium*, que significava natureza, modo de ser característico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na accepção de intelligencia e astucia, e adquiriu o sentido de maquina, maquinismo.

*Rapum*, rabo, em Latim, cenoura, significa em Portuguez *cauda*, talvez pela analogia duma cauda de animal com uma cenoura.

*Talentum* em Latim, barra, peso de 120 libras e em Grego *balança* e *peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendencia*, *vocação*, *vontade*.

A *seu talante* significava no antigo Portuguez *à sua vontade*. Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parábola dos Talentos.

Na linguagem popular no Brazil tem a significação de força muscular.

*Insultar* não significa mais *pular sobre*, *saltar*, mas *affrontar*, *ultrajar*.

*Angustia* era *espaço apertado*, *estreito*.

*Vianda* era *provisões*, *mantimentos*.

*Pecunia* era *riqueza em gado* (pecus).

*Considerar* era *observar os astros* (sidus).

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é a permanencia da palavra com um significado que não corresponde aos elementos de sua formação.

Assim temos: *volume*, embora não seja um *rolo*, como antigamente; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus*; *gazela* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza); *candidato*, embora não se vista mais de *branco*; *lunatico*, embora não attribuâ-

mos mais a loucura á influencia da *lua*; *planeta*, que não significa mais a estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gira em redor do sol central; *caderno*, mesmo que não indique idéa de *quatro*; *luneta* (lua pequena) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.; *salario* que não é mais o pagamento feito aos soldados para comprar sal.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e acelerados, e os alquimistas deram esse mesmo nome ao mais movel dos metaes.

Assim collocamos o mercurio, num tubo, e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar novas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma cousa; *trivial* é o que se acha atravessando as ruas; uma *ocurrencia* é uma cousa que corre adiante de nós; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, máu agouro. (Whitney).





## Dialectos. Dialecto Brasileiro. Dialectos Portuguezes

### I

Dá-se o nome dialecto á lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada na pronuncia, acentuação, desinencias, lexico e syntaxe, relativamente ao idioma donde proveio.

Assim as differentes fórmãs de linguagem consideradas isoladamente têm o nome de Lingua; si, porém, forem consideradas relativamente á Lingua donde se derivaram têm o nome de dialectos.

O Francez, o Portuguez, o Italiano, etc., são dialectos da Lingua commum latina.

Considerados de per si são verdadeiras Linguas.

Segundo Whitney, cada individuo recebe a Lingua e a modifica de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquer sociedade, qualquer familia, qualquer classe social, todos e cada um possuem um dialecto.

E' com muita razão que Leite de Vasconcellos diz que a certas particularidades que distinguem um individuo do outro, no andar, nos olhos, no cabelo, na estatura, na intelligencia, na sensibilidade, na vontade, correspondem differenças na linguagem, na voz, na rapidez com que fala, na predilecção por certos vocabulos.

Temos, assim, dialectos (com subdialectos e variedades) e individualismos.

A multiplicidade das linguas e de seus dialectos é hoje um facto incontestavel e está provado tambem que é ella muito maior que a das raças.

Pelo menos são aquellas mais susceptiveis de modificações que estas.

Dados esses principios, chegamos á conclusão de que uma Lingua dura mil annos, quando as raças existem por milenios.

Influem para a alteração das Linguas o clima, as relações dos povos entre si, o progresso das artes e das sciencias, os factos politicos e literarios, etc.

Ferrière relata um caso interessantissimo comprobatorio da selecção que exerce o progresso da sciencia: «O poeta Hardy dizia com muita elegancia aos olhos de seus contemporaneos: Sua oração comovia o *estomago* duma rocha.» A descoberta da circulação do sangue arruinou esta metaphora substituindo-a pela unica exacta, pela unica verdadeira: «o *coração* de uma rocha.»

O mesmo facto notamos nas frases francezas: *Soulager le cœur*, que significa *causar nauseas*, *embrulhar o estomago*; *mal au cœur*, *embrulhamento no estomago*.

Camões disse:

*Assi dizia, e todos juntamente  
Uns com outros em pratica fallando  
Louvavam muito o ESTOMAGO da gente  
Que tantos ceus e mares vai passando.*

C. 2.º ESTR. 85.

*Tal do Rei novo o ESTOMAGO accendido,  
Por Deus e pelo povo juntamente.*

C. 3.º ESTR. 48.

A frase portugueza *de cór*, que se traduz em francez por *par cœur*, não significa mais do que *de memoria* e tem origem na palavra latina *cor*, o coração.

Vêem-se por aí as alterações que a Lingua vae soffrendo, os ramos que della se vão desprendendo.

Além disto todos nós temos uma linguagem, um modo de falar quando conversamos familiarmente ou quando discursamos em publico, si estamos num salão ou numa assembléa.

Dizemos, pois, que cada individuo fala *diversos* dialectos segundo as circumstancias, e até mesmo uma *infinidade* de dialectos dos quaes um não é identico aos dialectos dos outros individuos. (Passy).

Plinio diz que na Colchida havia mais de 300 dialectos diferentes e que os romanos eram obrigados a empregar 130 interpretes para tratar e commerciar com esses povos.

Mas não é nesta accepção que se emprega a palavra dialecto. Para haver dialecto é preciso que haja uma certa unidade na Lingua, unidade que não é destruida por differenças individuaes, que por sua vez não impedem a possibilidade da communicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dér, apparece então uma Lingua estranha.

A formação dos dialectos é um phenomeno que obedece ás leis da mesologia glotica. A differença dialectal mostra um poder, uma vitalidade no organismo da Lingua, não é um phenomeno involuntario.

Influem, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura litteraria e as relações sociaes; é, por isso, que o Francez dialecto do Latim, se acha mais afastado deste do que as outras Linguas novolatinas: o Italiano, o Portuguez, etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, apesar das grandes modificações por que passou a Lingua Portugueza no Brazil, ainda não podemos chamar á Lingua falada neste paiz um dialecto.

## II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brasileiro*: «Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica por si fórma a sua individualidade. Mas si os povos vivem em continentes distinctos, sob climas differentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na Lingua que é a expressão destes factos moraes e sociaes.»

E' o que diz tambem Webster:

«Logo depois que duas raças de homens de estirpe commum se separam e se collocam em regiões distantes, a linguagem de cada um começa a divergir por varios modos.»

E' preciso, porém, attender a que as Linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a Lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem se tem transformado, adquirindo termos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e litterarias.

O luso-brasileiro não constitue ainda, diz Sylvio Roméro, um dialecto acentuado do portuguez europeu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. O *criterium* para resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da communicação do pensamento.

A noção do dialecto pôde, na verdade, ser applicada a qualquer sistema de differenciações parciaes e geograficas da Lingua, como diz João Ribeiro.

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fóros de Lingua litteraria e culta nem elle pôde por emquanto rebelar-se contra a Lingua pura e vernacula.

A Lingua falada no Brazil se distingue da de Portugal por diffe-

renças na prosodia, na syntaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupis-guaranis.

O Brazil que, pelo seu desenvolvimento material e intellectual e talvez pelo favor da sorte, pôde libertar-se de quem o amesgueza, ha de futuramente ter uma Lingua differente da portu-

Paiz que se emancipou do jugo portuguez, que abriu ampla-naturalização e a liberdade de culto, estabelecendo a grande fusão do sangue e para o aperfeiçoamento da raça, o Brazil tam novo, que espectáculo admiravel nos apresenta em sua Lingua?

Uma Lingua não pôde ficar estacionaria e desde o momento em que o Brazil deixou de ser uma feitoria de Portugal, ha de augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais, pelo seu progresso e relações commerciaes, o seu vocabulario.

A differença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a Lingua falada actualmente no Brazil e em Portugal, (Vide Paranhos da Silva *O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*).

E é este um fenomeno que, de ha muito, temos apreciado.

Assim bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente differentes nas duas Linguas: *Canastra* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brazil tem a significação de *caixa não abaulada*; *filhote* em Portugal significa *filho*, no Brazil é um *pombo* nascido e não empennado e só figuradamente tem aquelle sentido; *trem* possui em Portugal a significação de *carruagem*, no Brazil é *bagagem* ou conjunto de carros; *rico* em Portugal é sinonimo de *querido*; *chacara*, significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brazil é qualquer veiculo puxado por animaes.

Accresce mais que há em Portugal termos desconhecidos no Brazil, e outros que, apesar de conhecidos, não são empregados: *confeituria* (confeitaria) derivado de *confeitos*; *cambra* (camara); *condeça* (cesta); *lumes propios* (fosforos); *fontinha* (fonte pequena); *camapé* (canapé); *caneco* (barril); *abandonado* (homem devasso); *domestico* (criado); *tratamento* (salario).

Si attendermos á syntaxe verificamos bastantes divergencias entre as duas Linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em lugar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão.

Usam pouco dos possessivos, e dizem por exemplo: a *mamã*, o *papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam, dando lugar á perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brazil.

Têm os Portuguezes tambem grande simpatia pelo emprego de preposição *a*; dizem *A' noite*, *A' tarde*.

Quando o Brasileiro diz: *estou estudando*, o Portuguez diz: *estou a estudar*.

Quando este diz: *já não chove*, aquelle diz: *não chove mais*.

Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime companhia; entretanto para nós exprime também posse: *estou COM o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos então a differença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barbosa: *véstoria, mé-tade*, ou então *v'storia, m'tade*; outras vezes substituem essa vogal pelo *a*: *vaja, jualko* e, pelo que diz um escritor, para escaparem de *e* fechado conjugam o verbo *fechar* do seguinte modo: *Eu fácho, tu fíchas, elle fêcha, nós fíchamos, vos fíchaes, elles fêcham*.

No Brazil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação ou a collocam no fim das terminações em *ar, er, ir, or*: *ampare, vivere, subire*. O povo baixo portuguez substitue por *i*: *andari*.

Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não pronuncia a desinencia, o de Portugal acrescenta um *i*: *doutô; doitori*.

As palavras que terminam em *al* e *ale*, *el* e *ele*, etc., pronunciam os Portuguezes de modo especial *pel, mól, e nós pelli, molli*.

Si elles dizem *jurnale*, nós *jornal*.

Bem se vê o profundo sulco differencial que largo se abre entre a Lingua dos Portuguezes e a dos brasileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões; teremos uma Lingua propria, como já possuímos uma vida social e economica e uma riquissima literatura independentes.

Ainda mais.

A nacionalidade brasileira é o resultado de varios factores fisicos e moraes.

As invasões dos francezes no Rio de Janeiro desde 1555, o dominio da Espanha em 1581, os inglezes em 1597, os francezes no Maranhão em 1608, o elemento indigena, o negro e o cigano, quantos factores ai de envolta com raça-portugueza para alterarem a Lingua falada no Brazil?

Quantas modificações em cada uma daquellas provincias onde mais preponderava este ou aquelle povo?

E actualmente?

A grande emigração allemã ao sul da Republica, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catharina onde há municipios cuja população é na sua maioria dessa raça, a proximidade dos espanhóes nos Estados fronteirios, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o novo sistema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados, não alterarão profundamente para o futuro a Lingua herdada de nossos pais?

A resposta não pôde ser duvidosa.

Portanto concluímos que, si o característico do dialecto é uma arte cultura e literatura proprias, si a possibilidade da communicação

do pensamento ainda é facilima entre Portugal e Brazil, por mais profundas que sejam estas alterações na fonetica e syntaxe da Lingua falada nestes dois paizes, ellas ainda não determinaram a denominação de dialecto á Lingua do Brazil.

III

Os dialectos portuguezes se pôdem classificar em quatro grupos:

- I — *Dialectos continentaes*;
- II — *Dialectos insulares*;
- III — *Dialectos ultramarinos*;
- IV — *Portuguez dos judeus*.

Desses os mais importantes são os primeiros.

(Vide o melhor trabalho no genero: *Esquisse d'une dialectologie portugaise. These apresentada na Universidade de Paris (Faculté de Lettres) por J. Leite de Vasconcellos*).

I — Os caracteres dialectaes do primeiro grupo fazem-no subdividir em:

1.º *Dialecto interamnense*, falado no Alto Minho, Baixo Minho e Baixo Douro.

2.º *Dialecto transmontano*, falado na fronteira, na parte occidental e central e no Alto Douro.

3.º *Dialecto beirão*, falado na Beira-Alta, Beira-Baixa, Beira Occidental (Coimbra e Aveiro).

4.º *Dialecto meridional*, falado nas tres provincias do sul do Mondego: Extremadura, Alemtejo e Algarve.

II — Os dialectos do segundo grupo compreendem o falar dos Açores e da Madeira.

III — Os dialectos do terceiro grupo compreendem o portuguez falado nas antigas colonias de Portugal, algumas das quaes já lhe não pertencem.

Neste grupo se incluem o portuguez falado no:

- 1.º Brazil.
- 2.º Indo-portuguez, compreendendo: Diu; Damão; Norte da Índia; Gôa; Mangalor; Cananor; Mahê; Cochim; Coromandel.
- 3.º Ceylão.
- 4.º Macáu.
- 5.º Malaio-Portuguez (Java, Malaca, Singapura).
- 6.º Timor.
- 7.º Cabo-Verde.
- 8.º Guiné.
- 9.º Ilha de S. Thomé, Príncipe, Anno Bom.
- 10.º Costas d'Africa (Angola e Moçambique).

IV — Aos dialectos do quarto grupo pertence o portuguez falado em Amsterdam e Hamburgo.

Além destes quatro grupos se pódem indicar os codialectos, aqui comprehendidos: o *galiciano*, falado na Galiza, provincia espanhola, o *riodonorez*, falado em Riodonor, pequena villa do concelho de Bragança, na fronteira; o *guadramilez*, falado em Guadramil, tambem pequena villa do concelho de Bragança, e o *mirandez*, falado em Terra de Miranda (Traz-os-Montes).

Os primitivos monumentos da poesia portugueza foram escritos em galiciano.

Esta Lingua e a portugueza se achavam até ao seculo XII perfeitamente unidas. A 1.<sup>a</sup> ficou estacionaria e o Portuguez se tornou culto e literario, devendo-se notar mais que o *galiciano* desaparecerá por fim, repellido pela Lingua espanhola.

O *mirandez*, o *riodonorez*, o *guadramilez*, occupando todos muito pequenos territorios serão naturalmente absorvidos pela Lingua portugueza.

Os *dialectos continentaes* e os *insulares*, differindo pouco da Lingua literaria, continuarão a viver, soffrendo modificações.

Os *falares creolos*, idiomas provisorios e passageiros, serão substituidos pelas Linguas dos indigenas, ou pelas das nações que dominam em suas proximidades.

São essas as previsões bem fundadas de Leite de Vasconcellos.

A Lingua falada no Brazil tende a se emancipar.

E' constituida pela Lingua portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos indigenas (tupis-guaranis, abaenenga, kiriri, etc.) e africanos.

Inumeros são os termos que no vocabulario brasileiro foram introduzidos pelos negros de Angola e Congo (Lingua *Ambundo*, principalmente).



## Periodos da Lingua Portugueza

A nacionalidade portugueza se constituiu nos primordios do seculo XII, com a fundação da monarchia de Leão, Castella, Navarra e Aragão, em 1139.

Organizado o *Condado Portucalense*, compreendido entre o rio Minho e o Douro, tornou-se estado independente do reino de Leão e revoltado mais tarde contra a gerencia de D. Tereza, o Condado é reconhecido monarchia em 1143, sob o governo de D. Affonso Henriques.

A Lingua Portugueza, originada do *Latim popular*, falado, bem distinto do *Baixo Latim*, Lingua escrita, pôde-se dividir literariamente em quatro epochas:

1.<sup>a</sup> EPOCA. *Latim barbaro*. Desde a fundação da monarchia até D. Diniz. Nessa Lingua foi redigida a primeira Constituição das Cortes de Lamego em 1143 e della usavam as classes mais elevadas da sociedade. O povo usava, porém, do *Gallego*. Os monumentos literarios mais conhecidos dessa epocha, são: a *Canção de Gonçalo Hermiguez*, o *Traga-Mouros*, lamentando a morte de sua mulher, a moura Oriana, duas *Cartas* de Egas Moniz Coelho á sua dama *Violante*; a *Canção do Figueiral*.

3.<sup>a</sup> EPOCA — A Lingua Portugueza entra em luta com a Gallega e se vai tornando independente, sob o influxo de D. Diniz, o fundador da Universidade de Lisbôa, em 1390.

O Latim foi banido de vez.

E' a epocha dos trovadores, dos *Cancioneiros* de que são mais conhecidos, o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* e o de *D. Diniz*; é a influencia da poesia provençal. D. Duarte escreve o *Leal Conselheiro*; apparecem os cronistas e historiadores Fernão Lopes, Azurara, Ruy de Pina, Garcia de Rezende, autor do celebre *Cancioneiro Geral*.

Portugal tem em 1470 o seu primeiro estabelecimento tipografico, em Leiria, que faz com que as letras se desenvolvam e a Lingua se cultive e cresça.



3.<sup>a</sup> EPOCA. *Idade de ouro*. E' a epoca dos *quinhentistas*, influenciados pelo renascimento do Grego e do Latim. Apparecem os grammaticos Fernão de Oliveira, João de Barros, Pedro de Magalhães Gondavo. Jeronymo Cardoso publica um *Diccionario latino-lusitano e lusitano-latino*, em 1570. Surgem os cronistas e historiadores: Damião de Góes, Fernão Lopes, Fr. Amador Arraes, Heitor Pinto, Francisco de Moraes, Duarte Nunes Leão, João de Lucena. A Lingua adquire grande polidez e a maior pureza.

Atravessam os seculos a *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro; as *Comedias*, de Gil Vicente e de Sá de Miranda; o *Cioso e Bristo* do Dr. Antonio Ferreira e fulgindo brilhantemente, acima de todos, *Os Lusíadas*, de Luiz de Camões.

Há um periodo de enfraquecimento na literatura portugueza correndo parellas com a sua decadencia politica. A derrota de D. Sebastião, na Africa, o dominio da Espanha e estabelecimento da Inquisição em Portugal que proibia a publicação de certas obras ou a demorava, tudo isso trouxe quasi a completa decadencia das letras em Portugal. Salvam-no tres nomes: Fr. Luiz de Souza, Padre Antonio Vieira e Padre Manuel Bernardes.

O estudo da Lingua mereceu, entretanto, algum carinho: Amaro Reboredo publica o *Methodo Grammatical*; Alvaro Ferreira de Vera os *Breves Louvores da Lingua Portugueza* e a *Orthographia ou modo de escrever certo na lingua portugueza*; o Padre Bento Pereira, em 1647, o *Thezouro da lingua portugueza*; e João Franco Barreto, em 1671, a *Orthographia da Lingua Portugueza*.

4.<sup>a</sup> EPOCA. E' a epoca das *Academias literarias* e vai até nossos dias. A *Arcadia Lusitana*, a *Academia dos Generosos*, a *Academia Real de Historia Portugueza*, a *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, a *Nova Arcadia*, com as idéias de aperfeiçoar a Lingua, organizar um dicionario, modificar a direcção da poesia, estando á frente dessa falange de Academicos Corrêa Garção, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Francisco José Freire, Bocage, José Agostinho de Macedo; o grande grupo dos que não quizeram entrar para as academias, o grupo dos conhecidos *Dissidentes*, como Filinto Elysio, Nicoláu Tolentino de Almeida, tudo indicava o valor das letras portuguezas.

Surge o romantismo em Portugal e delle são maximos representantes Almeida Garrett, Herculano e Castilho e vêm os ultra-romanticos, á frente, Camillo Castello Branco.

Há a dissolução do ultra-romantismo e apparecem Julio Cesar Machado, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, João de Deus, Anthero de Quental, Eça de Queiróz, Oliveira Martins, Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e tantos outros.

O Brazil, passado o periodo de formação, inicia a sua literatura, concorrendo para a riqueza da Lingua e desenvolvimento da literaturaportugueza.

Já, em 1601 o pernambucano Bento Teixeira Pinto publicára a *Prosopopeia*, que, si na verdade não tem grande merito poetico, deve ser lembrado como primeiro poema brasileiro.

Logo após este figura o verdadeiro fundador da literatura brasileira o bahiano Gregorio de Mattos, de genio satirico, zombando dos homens e da sociedade de seu tempo; Antonio José, o reformador do teatro portuguez; os poetas da Escola Mineira, os epicos José Basilio da Gama, autor do *Uruguay*, Santa Rita Durão, autor do *Caramuru*, e os liricos Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, o poeta da *Marilia de Dirceu*, Alvarenga Peixoto.

Como orador o franciscano Fr. Francisco de Mont'Alverne é inimitavel; como historiador J. Francisco Lisboa, autor da *Vida do Padre Antonio Vieira*; Sotero dos Reis escreve uma *Grammatica Portugueza* e um *Curso de Literatura*; Odorico Mendes traduz varias obras gregas, latinas e francezas; Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Victoriano Palhares, Tobias Barreto encantam pelos seus versos sendo que este ultimo era tambem jurista, filosofo e critico; José de Alencar, Macedo, Machado de Assis são os romancistas mais notaveis, ao lado de Julio Ribeiro, Aluizio de Azevedo, Coelho Netto e tantos outros.

E cada vez mais o movimento literario se vai acentuando e tomando aspectos proprios e originaes.

E a Lingua se aperfeiçoa, se opulenta e é a representante de uma literatura nova eminentemente brasileira.



## Ligeiras noções de Semantica

O vocabulo — *semantica* —, de criação de M. Bréal, filologo francez, quer dizer o estudo do sentido das palavras e de suas varias mudanças no decorrer dos tempos.

É sciencia nova, em vias de se constituir completamente e já merecera em 1839 a designação de *semasiologia* que não logrou vida longa.

Não sendo possivel haver tantas palavras quantas são as nossas idéias de maneira que a cada idéia correspondesse uma palavra, nem podendo mesmo haver intelligencia humana que conservasse tam grande numero de palavras, acontece que cada vocabulo corresponde a mais de uma idéia ou tem mais de um sentido.

Coube á semantica reunir em principios geraes essa multiplicidade de sentidos, essa variedade de significados que os vocabulos adquirem.

II Esses principios pôdem-se resumir nos seguintes :

*Analogia.* A idéia de *vista penetrante da aguia* se estendeu a *vista intellectual*, á *penetração aguda* do espirito do homem.

Os verbos — *medir*, *despedir* e *impedir* — fazem — *meço*, *despeço* e *impeço*, diferentes da forma primitiva, unicas verdadeiras — *mido*, *despido* e *impido*, por causa da analogia com o verbo — *pedir* que não tem nem o mesmo etimo, nem significado identico.

Como os substantivos terminados em — *ão* — são masculinos, substantivos há que, apesar de seu positivo ser feminino, o augmentativo é masculino : *marqueza*, *marquezão* ; *faca*, *facão*.

Entretanto o diminutivo conserva o genero feminino : *marquezinha*, *faquinha*.

*Multiplicidade de sentido.* *Raiz* — termo de agricultura se applica á matematica e á linguistica ; *ascensão*, festa religiosa, é a elevação de um aeronave ; *faculdade* é edificio, talento e capacidade ; *nó*, laço, é applicado a certa parte dos vegetaes e ao ponto difficil de um negocio.

Há como que uma irradiação de sentidos. Assim, pela apparencia de fôrma, o *crescente da lua*, deu origem ao estandarte dos musulmanos e a diversos instrumentos de arte; a *cabeça*, por ser a parte superior, criou a *cabeça da ponte*, a *cabeça do alfinete*, a *cabeça do dedo*. E' o que se chama *polisemia*.

**IV** *Restrição ou extensão do sentido*. *Esquartejar*, dividir em quatro partes, hoje é dividir em pedaços.

*Apetite* perdeu o sentido geral e se applica restritamente ao *desejo de comer*.

*Rival* que tinha relação com os habitantes que se serviam do mesmo rio, se alargou, tomando o sentido dos que desejam a mesma coisa, e afinal o *competidor*.

*Mariola* não é mais o homem de recados; *tratante*, não é o negociante; *libertino* não é o escravo liberto.

Quem dirá que *candidato* é o pretendente vestido de branco, o *candido*; que *rosto* é o bico da ave; que *esquisito* é apurado, excelente?

Que multiplicidade de sentidos tem o verbo — *dar*? *Dar esmola aos pobres*; *dar de comer*; *dar em sêco*; *dar ás de Villa-Diogo*; *dar em pantanas*; *dar pancada*!

**V** *Caderno*, etimologicamente um grupo de *quatro* cousas, alargou seu sentido, e a idéia de numero desapareceu.

*Ressurreição de palavras*. Ao lado de palavras novas inteiramente, ou formadas por derivação ou composição, há palavras com que se dá um phenomeno interessante. Não são palavras que morreram de todo, mas que voltam á vida activa, muitas vezes com significação alterada; são palavras que ressuscitam, que deixaram de ser arcaicas, como se poderá lêr na lista dos 128 tam conhecidos vocabulos, citados por Duarte Nunes Leão e votados á morte.

Quem acreditará que tivessem morrido — *falha*, *estugar*, *lidar*, *passamento*, *queixume*?

*Aliviar*, *assomo*, *despeito*, *embair*, *sandeu*, *andrajo* eram arcaicas, tinham desaparecido no seculo 18, segundo affirmativa de Francisco José Freire.

Com a morte de uma palavra apresenta-se muitas vezes um facto digno de registo: morre a palavra mas fica vivo o seu derivado. Por exemplo: *quisto*, participio do verbo — *querer* — só usado em — *bemquisto* e *malquisto*; *conteúdo*, cuja fôrma *teúdo* desapareceu; *geitar* vive em *enjeitar*, *regeitar*, *sujeitar*; *nato*, hoje desusado, apparecendo em *innato*.

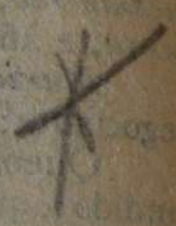
**I** *Abreviação da locução*. Uma *quarta* é a quarta parte de uma *libra*; *decima* é o imposto proporcional á *decima parte da renda*; *capital* é a cidade *capital* de um paiz.

**V** *Sentido pejorativo ou melhorativo*. *Cinico*, por exemplo, deixou de ser o adepto de certa seita filosofica para significar *homem sem pudor*.

*Famigerado* adquiriu o sentido de *celebre por actos delictuosos*.  
*Fortuna* dispensa o qualificativo de *bôa* e significa *bom destino*,  
*riqueza*.

*Méco*, que tinha o significado de devasso, hoje melhorou de  
sentido e vai adquirindo a accepção de *sagaz*, *esperto*.

E' facto commum a alteração dos elementos fonicos de uma pa-  
lavra; não o deverá ser menos a modificação do sentido do voca-  
bulo, quer provenha ella da acção litteraria dos grandes escritores  
oriunda do seu estilo puro e aperfeiçoado, quer provenha da acção do  
elemento popular que é grande força tambem na vida da Lingua.



EXERCÍCIOS DE REDACÇÃO

~~200 - 200~~  
~~210 - 212~~  
- 213 - 215  
- 216 - 217  
~~217 - 218~~  
- 217 - 218  
- 219 - 219  
- 220 - 223  
- 240 - 247  
- 247 - 249  
- 251 - 254  
- 284 - 289

## Cartas

I

João escreve a Luiz dizendo que lhe remette o livro (Grammatica, Geografia, Historia) que lhe fôra emprestado e agradece o favor.

II

Marcos escreve a seu amigo participando que chegou de uma viagem sem ninguem esperar e não pôde fazer uma surpresa com sua visita. Pede desculpa e convida-o para apparecer á noute.

III

José escreve a seu primo pedindo desculpas da grosseria que lhe fizera na aula, levado por conselhos de máus amigos. Pede o esquecimento da offensa.

IV

Francisco escreve a seu collega para não sair á noite, pois precisa falar-lhe para pedir que explique um problema difficil de Arithmetica.

V

Mario communica a seu collega e amigo haver no dia (indicar o dia) uma reunião (dar o motivo da reunião) e convida-o para comparecer. Mostrar a contrariedade que lhe causa o seu não comparecimento.

VI

Pedro escreve a seu pai sentindo estar ausente (no collegio, fóra da cidade, etc.) e felicita-o pelo anno novo promettendo estudar muito e ser bem comportado.

VII

Antonio escreve a sua mãe dando noticias da vida do collegio, e dizendo-lhe estar com muitas saudades.

VIII

Bernardo escreve a seu avô participando-lhe que foi aprovado no exame. Contar os factos principaes do exame; o medo; a alegria pelo bom resultado.

Pede uma recompensa de seus estudos, comportamento e obediencia.

IX

Carlos escreve a um amigo participando-lhe que vai passar as férias no engenho do pai. Referir-se ao cannavial, animaes, ar puro, gente do campo, etc.

Convida-o para acompanhá-lo a passar com elle esse tempo.

X

Alfredo escreve a Pedro pedindo desculpas de não lhe ter escrito por estar doente. Narrar o curso da molestia, o medico, e referir que vai recuperar a saúde no campo.

XI

Luiz teve notícia da nomeação de Carlos (indicar a nomeação). Dá-lhe parabens, principalmente pela figura que elle fez no concurso a que se submetteu.

Elogia as qualidades do amigo e promette no dia seguinte dar-lhe pessoalmente os parabens.

XII

José escreve a seu amigo pedindo uma esmola para uma familia cujo chefe morreu. Descrever o estado de miseria da familia, cheia de filhos pequenos; lembrar-lhe que é um acto de caridade e elogiar o coração generoso e as boas qualidades do amigo.



XIII

João escreve a José dando-lhe os pesames pela morte de seu pai. Envia-lhe palavras de consolo.

XIV

Um amigo escreve a outro pedindo um emprego para sustentar seu pai que, velho, não póde trabalhar.

XV

Antonio escreve a seu mestre participando que se vai matricular na Faculdade. Agradece o trabalho que lhe dera no collegio e as lições recebidas.

XVI

Alexandre pede conselhos a um amigo para poder-se dirigir bem num negocio que vai empreender.

XVII

Um amigo escreve a outro pedindo que lhe compre uns livros que não encontrou na cidade, onde móra. Indicar os livros, dizendo não remetter a importancia por não saber o valor delles, mas péde que a importancia não exceda de certa quantia.

XVIII

José escreve a seu irmão mal comportado, dando-lhe conselhos. Soube que elle gazeava ás aulas, procedia incorrectamente. Não querendo dar desgosto a seus pais occultava delles o que sabia do irmão.

NOTA. — *A todas estas cartas serão dadas as respostas: agradecendo o favor, satisfazendo ou não o pedido, aceitando ou não o convite, etc.*

*Compete ao professor desenvolver-las, conformé o adiantamento do estudante.*



## Enumerações

I

**Material da escola.** Dizer os objectos que se acham na sala da escola, para que servem elles e de que são feitos. Falar dos livros, cadernos, canetas, bolsas, etc.

II

**O homem.** Mencionar a divisão do corpo humano: cabeça, tronco, membros; onde se acham situados, qual a função dos orgams.

III

**O vestuario.** Classificar as peças mais conhecidas do vestuario: calças, palitot, camisa, collete, gravata, meias, etc. Dizer de que são feitos e para que servem; a qualidade da fazenda e que partes do corpo cobrem.

IV

**A nossa bebida.** Que é bebida; a agua, diversas qualidades de agua. Indicar as outras bebidas: leite, vinho, cerveja, donde provêm, como se produzem e como se usam. Vantagens e desvantagens de cada uma dellas.

V

**O quarto de dormir.** Dizer que é quarto de dormir; indicar os móveis que nelle se acham. Onde está a cama, de que é feita, si tem ou não cortinado. Como é alumiado.

VI

**Uma mesa de jantar.** Indicar os objectos mais communs de uma mesa de jantar. A toalha muito branca nos convida á refeição. Flôres, jarras, talheres limpos; no centro um bello jarro com palmeira. Tudo em ordem, denota o cuidado da dona da casa.

VII

**Uma estante.** Dizer o que é uma estante. Enumerar os livros que possui. Escolher um delles e dizer o numero de folhas, o assunto, suas divisões principaes, sua utilidade, etc.



## Descrições

### UMA PAIZAGEM CAMPESTRE

Da janella de minha casa descortino uma bella vista: uma immensa planicie como se fosse um largo e verde mar.

O sol se põe. Divulgo ao longe bois que voltam do trabalho, guiados por dois vaqueiros, etc. A pouco e pouco se vai a paizagem escurecendo e mal distingo as arvores que se confundem na escuridão da noute.

### INCENDIO

Ouve-se apitos; o povo corre; labaredas saem de uma casa; a Companhia de Bombeiros começa o serviço; uma mulher numa janella pede soccorro, e é salva; a casa fica reduzida a cinzas.

### NAUFRAGIO

Dia escuro; nuvens carregadas; vento rijo; o navio parece uma casca de noz no meio do mar; estoura a maquina; o navio está quasi perdido. Procedimento do capitão e dos marinheiros; choros, gritos; um vapor salva alguns passageiros que sabiam nadar.

### NATAL

Alegria em toda a parte; a festa no campo; o que comemora a festa; reuniões dansantes; como se diverte o povo.

### NASCER DO SOL

Terminou o reinado das trevas; amanhece; pequena claridade; o horizonte vermelho; augmenta a claridade; apparece a pouco e pouco o sol. Os passaros cantam; os animaes saem do curral; o lavrador sai para o campo; tudo se agita e trabalha.

### TEMPESTADE

Nuvens carregadas; ar abafado; arvores vergadas pelo vento que sopra com violencia; folhas caem no chão e voam. Os animaes procuram abrigo; os barcos navegam em direcção ao porto. Há tristeza e medo em tudo. Prejuizos causados pela tempestade.

### O BOM MENINO

Conducta na rua, procedimento de um menino bem educado. Deveres para com seus pais e seus mestres: amor, carinho, dedicação, principalmente quando estão doentes.

### O MAR

As ondas se movem brandamente e vêm beijar a praia. Mas o vento se enfurece e luta com o mar que eleva suas vagas parecendo montanhas liquidas. Os barcos, jangadas e grandes navios brincam à flôr d'agua e levam a riqueza e a vida a varios pontos do globo.

### UM JOGO ESCOLAR

Dizer as peipecies de um jogo, como: a cabra-cega, os quatro cantos, o *foot-ball* ou qualquer outro conhecido. Em que consiste, quantas pessoas brincam, o resultado do jogo, etc.

### UMA CAPELLINHA

Alva e muito limpa; com uma só porta e uma pequena torre ao lado; um pequeno sino que chama os fieis á oração. O crucifixo brilhante no alto do altar-mór, em outro altar a imagem de N. Senhora enfeitada de flôres artificiaes. Uma mulher, ajoelhada, reza. E' mais bella a capellinha singela que as maiores catedraes.

### A VIDA NO CAMPO :

Frutas em abundancia; ar puro; o horisonte largo a se perder de vista. A vida é calma, o somno é tranquillo. Acordar cedo e cedo se deitar. O gado, os camponezes no trabalho. O perfume das flôres, das ervas embriaga. A natureza se expande em toda a pujança de vida.

### UMA CASA

Começar falando sobre o terreno, os alicerces, as paredes, a cumieira, etc. A caiação e a pintura. Referir-se aos pedreiros e mais artistas que estão empregados. Descrever a casa depois de concluida, habitada; o seu aspecto, divisão, andares, cosinha, etc.

### O CÉU

A noute é clara. O céu brilha apesar de a lua não ter ainda apparecido, mas as estrellas luzem e não há nuvens escuras. Cada estrella é um mundo novo que o homem não pôde comprehender.

### UMA INUNDAÇÃO

Cairam grandes chuvas durante o dia e á noute. O rio ficou cheio e transbordou. Os campos mais proximos ficaram submersos. O rio corre com grande violencia e invade a aldeia. Os animaes fogem amedrontados e as pequenas arvores caem. Objectos flutuam, arrastados pela corrente que afoga os velhos e as crianças que não podem fugir. São as victimas do desastre.



1480

## Narrações

### A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra canta todo o verão e não trabalha: no inverno fica sem comida; pede uma esmola á formiga que lh'a nega. (Analise o procedimento de uma e de outra).

### A NÓZ

Dois amigos brigavam por causa de uma nóz, que tinham encontrado.

Um outro passando resolveu a duvida; partiu a nóz, deu metade da casca a um, metade ao outro, e comeu o miolo. (Explique a inconveniencia da falta de harmonia e mostre os prejuizos da desunião).

### UM BURRO

Um burro, carregado, caiu no rio e salvou-se porque o sal se dissolveu. De outra vez, vindo carregado de esponjas deixou-se cair de proposito e morreu porque as esponjas ficaram mais pesadas. (Mostrar os prejuizos que póde trazer a ignorancia).

### MENINO DESOBEDIENTE

Trepou um menino numa arvore contra a vontade do pai; desraiu-se; quebrou-se um galho; elle caiu e quebrou uma perna. (Realtado da audacia e da desobediencia).

### O VELHO E OS FILHOS

Um velho estava para morrer; chamou os filhos; mandou que elles partissem um grosso feixe de varas; nenhum pôde; o velho então, foi quebrando as varas uma a uma para mostrar que si os filhos fossem juntos e unidos seriam sempre fortes. (Explicar o preceito: A união faz a força).

### UM MENINO DISTRAIDO

O menino não presta atenção ás recommendações de sua mãe e se distrae de suas obrigações. Uma vez ficou olhando, distraido para uma loja de brinquedos, foi atropelado por um homem que passava apressado, caiu, feriu-se na testa e perdeu uns remedios que trazia para seu irmãozinho doente.

### UM MENINO GULOZO

Nada satisfaz o menino. Tinha jantado bem e mais não tinha comido porque seu pai não deixára. Acontece que passa um homem com um taboleiro de bolos e o menino compra grande quantidade. Come tudo e tem uma formidavel indigestão que o põe de cama, uma semana.

### UM BOM CORAÇÃO

+ O rapaz encontra na rua um cão faminto e magro; leva-o para casa e trata-o bem. Infelizmente annos depois cega e o cão que lhe era muito afeiçoado, vem a lhe servir de guia. +

### O MENTIROSO

O menino gosta de pregar mentiras e todas as vezes que ia tomar banho no rio, gritava, fingindo que se afogava. Um dia em que estava morrendo afogado, ninguem foi em seu soccorro, julgando ser mentira, e o menino morreu abandonado.

### ACÇÃO HEROICA

Na guerra a bandeira nacional tinha ficado em mãos do inimigo. Um soldado se offerece para ir retoma-la. Contar as peripecias da



viagem para chegar até junto do batalhão inimigo. Apodera-se da bandeira, mas é alvejado pelas balas e morre, mal podendo entregá-la a seus companheiros.

#### FIDELIDADE DE UM CÃO

Tratado e mesmo amimado pelo seu dono, segue-o por toda a parte, deita-se aos seus pés, junto da cama em que elle dorme. Seu dono morreu e o cão vai-se deitar sobre sua catacumba e nada há que o possa fazer afastar dali, onde morre de fome e sede.

#### UM NINHO

O rapaz gostava de caçar passarinhos. Um dia fazia pontaria para um passaro, quando descobre um ninho e vê dentro delle duas avezitas que de bico aberto esperavam a comida. O menino fica contemplando aquella scena. O passaro vóa para o ninho e começa a alimentar os filhos. O menino commove-se e promette não mais caçar.

Narrar, por escrito, após a explicação do professor, a historia de:

— OVO DE COLOMBO

— O PEQUENO POLLEGAR

— CARAMURÚ

— O BARBA-AZUL

Inventar uma historia para explicar qualquer um proverbio como:

*Palavra é prata, silencio é ouro.*

*Em boca fechada não entra mosca.*

*Mais vale um bassaro na mão que dois voando.*

*A justiça deve começar por casa.*

*De grão em grão a gallinha enche o papo.*

*Roma não se fez num dia, etc., etc., etc.*

# INDICE

	PAG.
Noções geraes . . . . .	5
Letras vogaes e consoantes; acentos . . . . .	11
Grupos vocaes e grupos consonantaes . . . . .	10
Algumas regras ortograficas . . . . .	22
Sistemas ortograficos . . . . .	24
Sillabas — Acentuação . . . . .	28
Alteração de sons; figuras de dicção . . . . .	31
— Morfologia — Taxinomia . . . . .	37
Substantivo . . . . .	41
Adjectivo . . . . .	44
Verbo . . . . .	51
— Palavras invariaveis . . . . .	55
— Campenomia . . . . .	63
Substantivo — Flexão de genero . . . . .	66
Substantivo — Flexão de numero . . . . .	73
Substantivo — Flexão de grau . . . . .	79
Adjectivo — Flexões de genero e numero . . . . .	83
Adjectivo — Flexão de grau . . . . .	85
— Pronomes pessoaes . . . . .	90
Verbo . . . . .	91
Terminações dos verbos . . . . .	96
Conjugação regular . . . . .	98
Verbos auxillares . . . . .	102
Conjugação completa . . . . .	105
Conjugação perifrastica . . . . .	107
Conjugação — Voz passiva . . . . .	109
Conjugação — Verbo pronominal . . . . .	110

	PAG.
Conjugação — Verbo impessoal	
Observações — Verbos regulares	
Verbos irregulares	112
Verbos defectivos	113
Verbo passivo	115
Etimologia	122
Formação por meio de composição — Juxtaposição	122
Formação por meio de composição — Prefixos	126
Formação por meio de derivação — Suffixos	133
Declinação	135
Etimologia do substantivo	139
Adjectivos	140
Pronomes pessoais	154
Etimologia verbal — Pessoas, Modos, Temas <i>Subjunctivi</i>	157
Etimologia verbal — Temas compostos, Voz passiva	179
Palavras invariáveis	186
Sintaxe	195
Substantivo	209
Adjectivo	211
Artigo	230
Pronomes pessoais	233
Verbo — Concordância — Correspondência dos tempos e modos	251
Fórmulas nominaes do verbo	262
Sintaxe do verbo «haver»	268
Palavras invariáveis	272
Ordem grammatical — Figuras	284
Alterações grammaticaes e lexológicas	291
Vícios de linguagem	298
Idiotismos	304
Pontuação	310
Classificação das Linguas	317
Origem da Lingua portugueza: o Latim	319
Ligeira noticia da formação do lexico portuguez	324
Lexico portuguez: o Latim	327
Dialectos, Dialecto Brasileiro, Dialectos Portuguezes	332
Periodos da Lingua Portugueza	336
Semantica	340
Exercícios de redacção — Cartas	352
Enumerações	352
Descrições	354
Narrações	